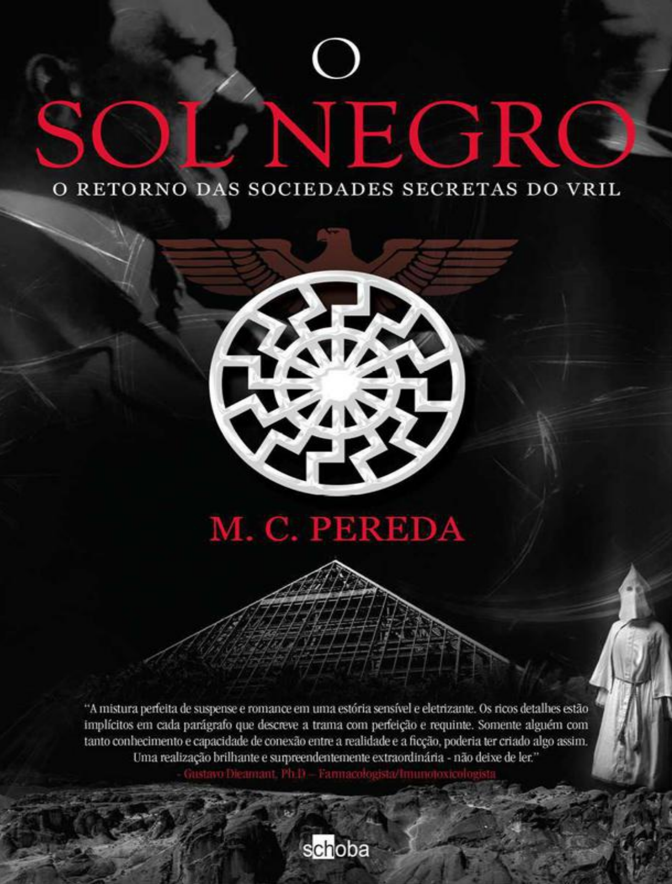
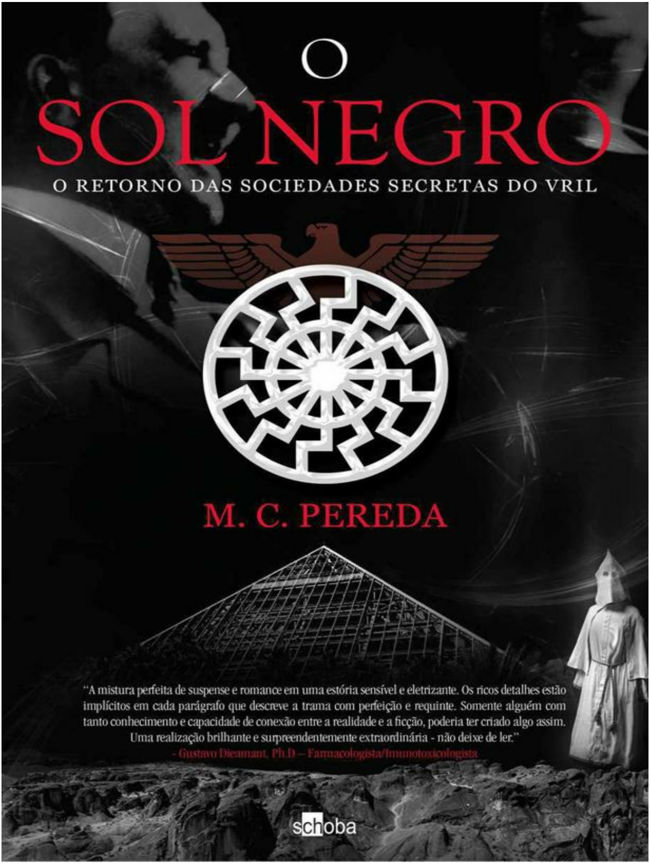

O
SOL NEGRO
O RETORNO DAS SOCIEDADES SECRETAS DO VRIL
M. C. PEREDA
"A mistura perfeita de suspense e romance em uma estória sensível e eletrizante. Os ricos detalhes estão implícitos em cada parágrafo que descreve a trama com perfeição e requinte. Somente alguém com tanto conhecimento e capacidade de conexão entre a realidade e a ficção, poderia ter criado algo assim. Uma realização brilhante e surpreendentemente extraordinária - não deixe de ler."
- Gustavo Dieamant, Ph.D – Farmacologista/Imunotoxicologista
schoba


O
SOL NEGRO
O RETORNO DAS SOCIEDADES SECRETAS DO VRIL
M. C. PEREDA
"A mistura perfeita de suspense e romance em uma estória sensível e eletrizante. Os ricos detalhes estão implícitos em cada parágrafo que descreve a trama com perfeição e requinte. Somente alguém com tanto conhecimento e capacidade de conexão entre a realidade e a ficção, poderia ter criado algo assim. Uma realização brilhante e surpreendentemente extraordinária - não deixe de ler."
- Gustavo Dieamant, Ph.D – Farmacologista/Imunotoxicologista
schoba

"O SOL NEGRO"

O RETORNO DAS SOCIEDADES SECRETAS DO VRIL

M. C. PEREDA

EDITORA SCHOBA
Rua Melvin Jones, 223 - Vila Roma - Salto - São Paulo - Brasil
CEP 13321-441
Fone/Fax: +55 (11) 4029.0326 | 4021.9545
E-mail: atendimento@editoraschoba.com.br
www.editoraschoba.com.br

APRESENTAÇÃO

A história da humanidade e a das sociedades secretas sempre chamou a minha atenção. Tendo vivido uma infância de recursos financeiros escassos, em vez de brincar de bonecas, as quais eram poucas, eu optava por brincar com uma lata de leite em pó vazia, onde guardava remédios velhos, vencidos, que a minha mãe me permitia ficar, já que ela sabia ser eu uma criança madura e responsável e, portanto, não correria risco de ingestão. Eles eram o meu tesouro. Tinham cores diferentes, vinham em frascos dos mais diversos modelos e, com eles, perdia a consciência, por horas, misturando-os, usando conta-gotas e vendo a maravilha que seria poder criar o elixir da juventude ou a fórmula da cura de todas as doenças. A primeira coisa de que me recordo, quando esta conexão começou a mostrar possíveis caminhos para o meu futuro, foi a grande atração pela história da alquimia e dos alquimistas, o que ocorreu quando eu ainda era uma garota de doze ou treze anos. Nessa época, diferentemente de adolescentes da minha idade, eu me isolava no meu quarto e lia livros sobre este tema, indo da "Tábua Esmeralda" a histórias de Cagliosto e seu mestre, o Conde de Saint Germain, que aparece na história oficial, desde a época de Luís XIV a Luís XVI, sempre relatado com os seus aparentes trinta e poucos anos, demonstrando suas criações que beiravam a magia, para os que não compreendiam como podiam ser geradas. Certamente, naquela época, eu pouco aproveitava do que lia, mas continuava, procurando por dados que me levassem a essa compreensão e tendo paciência, baseada no saber que, um dia, eu entenderia, pelo menos, uma parte do que lia. Sem dúvida alguma, esta atração foi consolidada pela formação universitária no curso de Química e posteriormente a obtenção do título de farmacologista. Aparentemente, continuei misturando conteúdo de tubos, fazendo as cores e aparências mudarem e trabalhando na busca da fórmula ou elixir da juventude, na área da química cosmética. Passados mais de vinte e cinco anos fazendo o que me levava a manter o mesmo padrão de criação, inventividade, ciência com inovação e, por que não dizer, alquimia, em paralelo aos estudos de sociedades secretas e escolas espiritual-filosóficas, novos eventos conspiraram para abrir as portas às novas realidades que me acompanhavam desde a mais tenra idade, a capacidade de estudar, entender, relacionar fatos, gerando novas hipóteses, possíveis de serem comprovadas, ou cerca disso. Assim, lancei-me ao meu segundo mundo paralelo, o da história do homem, aliando dados aceitos academicamente aos ainda considerados mera ficção e, até, sem sentido. Descobri que sentido faz, quando voa a imaginação e tudo pode ser, então, ligado de uma maneira que se torna arrebatadora e nos faz crescer, ainda mais, na busca pela realidade vivida mas não compreendida na sua totalidade. Eu creio que a história da origem do homem, academicamente contada, está prestes a sofrer um colapso e, dentro de alguns anos, vários dados escondidos virão à tona, fazendo com que parte da ficção seja aceita como realidade científica. Mas, enquanto isso não ocorre, sobram os contestadores e os escritores, que como eu encontram uma excelente fonte para a criatividade, com geração de novas hipóteses, ou apenas boas estórias.

A trama desenvolvida em O Sol Negro está baseada nos dados existentes da real Sociedade Thule e Sociedade Vril, que se formaram, cada uma em sua linha do tempo, exploradas no livro, logo após a Primeira Guerra Mundial e avançaram com sua configuração ampliada durante a Segunda Guerra Mundial. Os seguidores e descendentes destas sociedades migraram para vários

países; no livro, uma facção de cada se estabeleceu no Brasil, envolvendo-se em parte nos mesmos atos perigosos que ocorreram com seus membros em épocas anteriores. Na trama, na cidade de São Paulo, uma jovem e atraente cientista, dotada de grande intuição e coragem, colide com estas sociedades secretas, conhecendo então o grande amor de sua vida e envolvendo-se com ele em misteriosos crimes e eventos perigosos. A partir de então, a vida da Dra. Maya Angel não seria mais a mesma, transformando uma existência pacata de uma cientista da área de cosméticos em uma aventura cheia de perigos, mistérios, ação e perseguições ferozes, e, durante estes momentos, os dados históricos de hipóteses sobre a origem da humanidade são apresentados de forma provocantemente embasada. Os personagens que fazem parte da trama são seres humanos normais que sofrem, amam e se divertem, tendo um senso de responsabilidade gerado pelo seu saber e entendimento de algo maior, o mesmo fator que os guiou a estas descobertas. A trama é apresentada em um constante movimento, levando seus protagonistas a várias cidades do mundo, todas fortemente inter-relacionadas aos fatos sincrônicos que aparecem, mantendo a eterna luta entre o bem e o mal presente, ligando-a aos fatos históricos apresentados e desenvolvidos.

Com a intenção de entreter e trazer ao público novas possibilidades de conhecimento e quebra de paradigmas, dados não facilmente disponíveis foram usados e formatados para gerar questionamentos, por parte do leitor, apresentando, assim, uma intrigante e movimentada estória na qual cada um poderá manter a sua atenção e se divertir, adentrando em um mundo ora de possibilidades reais, ora apenas imaginário.

Boa leitura!

M.C. Pereda

1.

“Deixem que o futuro diga a verdade e avalie cada um de acordo com o seu trabalho e realizações. O presente pertence a eles, mas o futuro pelo qual eu sempre trabalhei pertence a mim.” Nikola Tesla, cientista e inventor.

LATITUDE 44° 31’00” N
LONGITUDE 64° 17’ 57’ W

Nova Escócia. Quinta-feira, 11 de maio de 1577. A data correta, conforme as severas instruções dadas e exaustivamente calculadas por Lord John Dee. A lua está oculta pelas nuvens escuras e parcialmente descarregadas por uma forte tempestade noturna. Não há mais tempo. É necessário arriscar-se na ida à praia. No meio da madrugada, ainda resta alguma chuva e a forte ressaca atrapalha as três pequenas embarcações que são baixadas dos navios ancorados próximos à ilha. As cento e cinquenta toneladas do maior navio balançam na água, fortemente impulsionado pela ressaca, e de vez em quando, a luminosidade consegue aparecer por trás de algumas nuvens, permitindo ler os nomes gravados: o Pelican, um majestoso galeão inglês, com dezoito canhões preparados para disparar a qualquer momento. Sua madeira escura é decorada com bandeiras e fitas amarelas e vermelhas. As velas brancas foram baixadas, impedindo que o vento conduza-o caoticamente ao seu prazer. O líder de todos os galeões se impõe, com arrogância. Ao seu lado direito, o Elizabeth, dezesseis canhões em oitenta toneladas de um ágil e potente galeão. À esquerda, o Marigold, dez canhões em trinta toneladas e, logo atrás, o pequeno e pesado Swan, com cinquenta toneladas, carregando as provisões da viagem que ainda levará dois anos até o estimado retorno. Este era o primeiro ponto estratégico do roteiro. Uma encomenda severa e muito importante para o futuro de muitos. As três pequenas embarcações a remo chegam à praia contendo quinze homens no total e duas caixas de madeira, uma pesando aproximadamente vinte e cinco quilos e a outra por volta de cem quilos. O capitão Drake, líder da expedição, chama a atenção do grupo para que protegessem as caixas com suas próprias vidas. Na praia, vários outros homens já esperavam este reencontro. O capitão Drake atraca e sua embarcação é amarrada a troncos de árvores, mantendo-se parte na água e parte na terra. Os outros dois barcos alcançam o mesmo ponto e descem carregando as caixas com cuidado. Os capitães Doughty e Winters, comandantes do Elizabeth e Marigold, respectivamente, pareciam surpresos ao ver uma destacada obra de engenharia à sua frente, tendo no centro o que parecia ser um poço. Os dois capitães demonstravam conhecimento superficial sobre o motivo daquele desvio do objetivo principal da viagem, o único no qual tinham interesse: o tesouro inca.

“Vamos! Carreguem as caixas para o alto da ilha, onde estão as luzes. Temos pouco tempo e sairemos antes que o sol apareça no horizonte”, disse o capitão Drake, mostrando-se completamente confiante nos comandos dados.

“Francis e Walter, fiquem o tempo todo ao meu lado. Ainda não sabemos se os túneis são seguros, até que desçamos as caixas e fechemos o sistema”, continuava a ordenar o capitão Drake.

Francis Drake, um grande e fiel aliado da Rainha Elizabeth I, mantinha ao seu lado, com muito cuidado, dois jovens. Francis Bacon tinha dezesseis anos, parecia estar surpreso e maravilhado com o que ocorria à sua frente. O mais velho, Walter Raleigh, com vinte e dois anos, apresentava um semblante mais sereno e certo de estar participando de algo com fundamento maior do que a aparência permitia. Por algum motivo, estes dois jovens estavam relacionados às caixas que John Dee havia preparado em Londres, junto à rainha, decidiram enviar para a América seus maiores segredos. As caixas foram sendo baixadas, uma a uma, com a ajuda de um tipo de guindaste improvisado, montado com cordas e roldanas apoiadas em um enorme e forte tronco de uma árvore, a qual pendia convenientemente na direção do poço. A construção foi feita ao longo de dois meses por doze homens e um engenheiro, o qual consultava o projeto constantemente. “Poucos poderiam saber do segredo e guarda-lo para sempre”, pensava Bacon, jovem e muito consciente da importância do tesouro destes dois irmãos, que, juntos, observavam a obra de engenharia em seu processo final.

A largura da abertura era o suficiente para dois homens descerem ao mesmo tempo, suspensos por uma plataforma. Junto a eles, desciam as caixas, parecendo ir bem fundo, ao encontro de uma câmara secreta, onde elas seriam escondidas para um dia, no futuro, serem encontradas. “Quando o mundo precisasse delas... Quando o momento chegasse”, pensava Raleigh.

Um pouco antes do nascer do sol, a equipe consegue terminar o trabalho, fechando o último estágio do poço. Os homens retiram os vestígios da obra e os destroem para não serem identificados. A chuva havia parado e tudo funcionara, corroborando para que o resultado fosse um sucesso. O capitão Drake coordena a volta aos navios e o Pelican zarpa na frente, seguido pelo Elizabeth, e mais atrás o Marigold e o Swan deslizavam apontando uma rota para o Brasil, uma importante parada antes de tentarem passar pelo estreito de Magalhães e buscarem o tesouro dos incas.

No continente da Nova Escócia, Mahony Bay, a centenas de metros de lá, um homem vigiava aquelas luzes com sua luneta durante toda a noite, por vezes, com a ajuda da iluminação da lua, havia avistado as intrigantes embarcações inglesas. *“O que eles estavam escondendo?”*

2.

> *"Nada acontece por acidente. Cada acontecimento isolado é parte do que precisa acontecer agora."*
> *David Bohm, físico.*

SÃO PAULO, CAPITAL, 14 DE JULHO DE 2011.

"Minha vida tem um propósito... Sinto que há algo que preciso fazer, mesmo que ainda não saiba o que é. É maravilhoso perceber que, após tantos anos de estudos e dedicação, seja lá a que área me refiro, tudo está se conectando, ficando sincrônico, abrindo novos despertares, os quais importam só para mim, pois foram feitos pelo meu eu interior, superior, seja lá o nome que se deve dar para isso, o qual me projetava em direções que eu nem mesma entendia, ou melhor, não captava na totalidade a mensagem que recebia, entretanto, o que eu sabia era que tinha que estocar estas informações e que elas faziam parte de um contexto mais completo, um quebra-cabeça, formando em si um corpo, o qual finalmente teria uma expressão e comunicação de uma mensagem especial", assim falava a

Dra. Maya, olhando para cima, para seu lado esquerdo, mantendo a expressão vaga e curiosa ao mesmo tempo, típica de quem foi para outra dimensão, pendendo a cabeça para a direita e mantendo-se assim por alguns minutos, querendo lembrar muitas coisas, sempre a analisar, comparar, validar fatos. De repente, ela sai do transe e diz a uma de suas três colegas de equipe de uma grande indústria farmacêutica: *"uma coisa me incomodava, desde pequena, a necessidade de entender o que me levava a sentir que não estava realmente conectada, ligada a algo, fazendo com que eu pensasse ser alguém sem real importância, perdida por aí. Por outro lado, sabendo que tinha que buscar, não sei o quê, mas que acharia e, neste momento, viria a revelação. É, eu sei que é complicado, mas como a Ana perguntou..."*. Elas estavam no horário do café, no hall, sentadas em poltronas cor turmalina verde, a mesma do logotipo da empresa, com suas xícaras de café expresso, brancas, com uma listra verde sutil e fina, e duas bolachinhas de nata, pequenas, amanteigadas.

"Quando eu comecei a estudar essas coisas, sempre estive buscando e arquivando dados e, agora, mais do que nunca, comecei a processá-los. Na verdade, no ano passado foi a grande virada, justamente quando eu comecei a entender essa conexão. Deve ser a idade da razão que chegou", todas riram da frase e da expressão facial engraçada que ela fez.

Maya Angel completou trinta e quatro anos em 2011, precisamente em 25 de março. Ela tem uma aparência suave, delicada, cuidada elegantemente nos mínimos detalhes. Cabelos louros curtos, corte moderno com a franja mais comprida caindo até a altura das orelhas, as quais ficam à vista, pele alva, olhos castanhos médios puxando para o tom mel esverdeado e corpo magro, mas não tão magro, manequim 42, para a altura de um metro e setenta, bem contornado, lembrando as latinas, a qual era a origem de sua família espanhola. Solteira, sem nenhum relacionamento sério neste momento, o que não era o seu objetivo principal, já que estava com "essa busca que não se aclara e que a angustia, por vezes". Trabalha fazendo o que realmente gosta, seu best excitement ou parte dele, como diretora científica em uma divisão de

dermocosméticos de uma grande indústria farmacêutica multinacional, de capital misto, germano-americana, localizada em São Paulo, capital. O seu mencionado best excitement pode ser explicado pelo fato de ter que descobrir e relacionar/correlacionar coisas, perfeito para uma mente científica e, como diria Pitágoras, o perfil de um fidedigno sete! No caso dela, o sete a persegue! Isso poderia ser parte da explicação do seu jeito enigmático e carismático de ser. Atraente para uns, enigmática para outros, irritante para alguns outros e maluca para uma minoria que vive no comum e que só procura pelos fins, sem se interessar em desbravar de onde as coisas vêm e por que elas são o que são. Com ela trabalha um grupo de vinte e cinco pesquisadores, focados em um pequeno nicho caprichoso de uma indústria que é forte e grande na área de medicamentos. Provavelmente por isso, seu departamento não é considerado o mais respeitado por aqueles que procuram status na National Pharmaceuticals, e sim, é atraente para os que querem trabalhar com algo que beira a perfeita mistura da ciência com o mundo das percepções, inventividade e emoções, criando inovações com velocidade, visualizando o que se chama de "onda" ou tendência de mercado: a área cosmética. Aqui, a mera visão cartesiana não leva a patamares mais altos.

A equipe da Dra. Maya é composta por um grupo de Ph.Ds., mestres e pesquisadores diversos nas áreas de fitoquímica, farmacologia, toxicologia, físico-química, sínteses orgânicas e alguns manipuladores de fórmulas cosméticas, os quais deveriam aplicar as moléculas criadas pela equipe de novos ativos e excipientes em possíveis linhas de tratamento antienvelhecimento, dirigidas ao consumidor final. Destes vinte e cinco pesquisadores, doze eram mais próximos, pelos seus cargos de liderança e necessidade de contato constante para tomada de decisões ou pelo mesmo nível de energia radiante e positiva que dispersavam no ambiente, a mesma da Dra. Maya. Era neste horário de café ou após o trabalho, na casa de algum deles, restaurante ou bar, que Maya os levava para outro mundo, o dos novos horizontes, novas dimensões de realidade, juntando a ciência do que via claramente ao que julgava digno de análise e aquilo que vislumbrava como sendo a verdade ou, pelo menos, o que considerava ser uma grande possibilidade, dentro de um n! (n fatorial) de eventos.

Durante estes minutos de café, ela e suas mais próximas colegas discutem vários assuntos e, neste dia, a história de Francis Bacon era o foco.

"Eu li sobre Francis Bacon, Maya, conforme você indicou, e achei realmente fascinante e intrigante. A origem dele não está clara, ou melhor, há muita controvérsia a respeito de ser ou não filho da Rainha Elizabeth I. Até faz sentido, pois ele teve o tipo de educação que somente um príncipe, ou alguém pertencente à nobreza, teria, e a família Bacon era próxima da rainha, mas não de sangue azul. Tampouco eram muito ricos, para os padrões da época, além do que, sendo ela ambiciosa e poderosa, poderia ter filhos, escondê-los e ninguém se meteria no assunto", esclarecia Lurdes, como sempre certeira em sua posição, determinada em seu ponto de vista e focando o mundo material como seu principal ponto de apoio. Ela é uma das gerentes do departamento responsável pela área de estudos clínicos de segurança e eficácia para produtos finais, cosméticos terminados, e conselheira no grupo de desenvolvimento de matérias-primas, com ênfase na avaliação toxicológica, sob o parâmetro de risco cosmético. Morena, alta (um metro e setenta e cinco), trinta e cinco anos, cabelos compridos, presos em um rabo de cavalo baixo, razoavelmente bonita, noiva de um simpático engenheiro mecânico e amigo de todas as quatro. *"Mas, por outro lado, isso era bem injusto para o Bacon, saber que era o príncipe herdeiro e não poder assumir o trono. Deve ter gerado uma raiva contida dentro de si mesmo"*, continuava Lurdes.

"É, de fato, é essa a questão que iremos abordar em alguns encontros. Quem realmente ou quais personagens famosos se devem a este enigmático ser chamado primariamente de Francis Bacon",

disse Maya, *"só que neste exato momento, temos que voltar ao mundo real, tempo presente e resolver outros enigmas, o do nosso laboratório de pesquisas! Ao tempo presente!"*, esta última sentença parece ter virado um slogan para o dia a dia, ajudando a voltar ao foco do trabalho.

3.

As amigas chegam ao laboratório de extração e identificação de ativos vegetais (LabFito), o qual é responsável pela geração de novas moléculas ou concentrados de frações de plantas para aplicação em dermocosméticos e/ou nutricosméticos. Havia vários estudos preliminares de eficácia a serem avaliados baseados em diferentes processos de extração. Uma nova planta, obtida por cultivo orgânico, era o foco da pesquisa deste centro no momento. Aqui, além de Ana, que ocupava o cargo de cientista principal, três pesquisadores trabalham com paixão e afinco, de forma a separar e concentrar uma molécula, apontada como a geradora do principal efeito buscado e estudado primariamente, por meio de um extrato concentrado que continha o ativo. Ana apresentava a Maya os dados que tinham encontrado e, ao seu lado, estava Paulo, um Ph.D. especialista em fitoquímica, Luís, com mestrado em farmacognosia, formado primariamente em Química, e Valéria, também química, ambos trabalhavam como a dupla designada para fazer a maior parte das extrações e análises em associação com a equipe do Laboratório Instrumental.

"A planta do gênero Bidens é amplamente encontrada no Egito, como em outras regiões do mundo, inclusive no Brasil. Além dos relatos de publicações científicas quanto à sua composição fitoquímica e do trabalho vencedor apresentado pela equipe brasileira de Gustavo Dieamant et al., em congressos científicos, tanto o brasileiro de 2010 quanto o latino-americano e ibérico de químicos cosméticos mostram que tem um grande potencial antienvelhecimento, gerando uma super-resposta de produção das fibras da derme, potencializada, assim como a densificação e renovação da epiderme. Encontraram vários mecanismos genéticos que envolvem as histonas e o equilíbrio da cromatina. Isto foi exatamente o que pudemos validar aqui. Na verdade, isto poderia ser utilizado para o câncer. A equipe brasileira de pesquisa, junto com o Prof. L. C. Di Stasi da UNESP de Botucatu, que apresentou o trabalho nesse congresso, não encontrou a molécula principal responsável pelos efeitos, afirmando que todos os excelentes resultados encontrados vinham do extrato como um todo. O que é correto, sob aquele ponto de vista. Baseando-nos nos objetivos de nossa companhia, estamos fazendo um processo de extração diferenciado e buscando um composto que possa nos dar a pista, como sendo o mais importante gerador destes efeitos e, ao mesmo tempo, localizar uma nova molécula para ser patenteada", dizia Ana, com a fisionomia séria e direta, a qual lhe é peculiar, nestas horas. *"Vamos estudar todos os dados e ver o que devemos fazer, a seguir"*, continuava ela.

Ana e Maya aprofundaram o olhar nos dados da documentação, apresentados na forma de relatório, ora no computador, ora nos enormes cadernos que continham uma coletânea de estudos compilados. Após duas horas de avaliação, chegando o final do expediente, Maya e Ana se entreolham, tendo uma mesma ideia: *"temos ainda a cultura de células tumorais da pele humana?"*, pergunta Maya. *"Sim"*, responde Ana, *"entendi e também acho que temos algo a elucidar, um provável efeito"*. Durante alguns instantes, as duas estavam se olhando, sem falar e sem que estivessem exatamente vendo uma a outra. Na verdade, estavam dominadas por uma coisa que somente um pesquisador que vai fundo na ciência entende. *"Como bem diria Aristóteles: estamos em uma grande catarse, só que esta, científica"*, disse Maya, gerando o

despertar de ambas do estado anterior e levando-as ao riso. *"Imagine só se a possibilidade existir... Se de uma planta que tem baixo custo de cultivo, cresce de qualquer maneira em qualquer lugar, com muita água ou pouca água, conseguíssemos encontrar um efeito extremamente positivo para cura, vamos dizer de forma mais humilde, para atenuação do câncer... WOW! Isso seria demais! Teríamos dado uma grande contribuição para a humanidade!"*, disse Maya, e ambas expressam surpresa com olhos arregalados, continuando: *"temos que testar todas as frações extraídas e descobrir qual tem o maior potencial para o que estamos vislumbrando".* O tempo passou tão rápido que elas nem perceberam que todos já tinham saído e que restavam apenas as duas no laboratório.

"Nossa, mas o que aconteceu com o relógio?! Como já são sete da noite?!", exclamou Maya. *"Acho que estamos pirando com essa pesquisa"*, ria Ana, exclamando com as mãos para cima e dando de ombros, como uma típica italiana, coisa de sua família paulistana, mas com origem, por parte de mãe, na Calábria.

"Deve ser por isso que gosto de futebol... A Calábria é bem a ponta da bota Italiana!", dizia Ana seriamente e fazendo Maya, que apanhava a sua bolsa e apagava as luzes, rir novamente.

"Que tal a gente comer alguma coisa no restaurante italiano, já que você falou da Itália?", pergunta Maya. "Eu acho ótimo!", responde Ana, *"vou pedir um penne ao molho de tomate com linguiça calabresa!".*

"Vish! Para com esse bairrismo italiano! Parece o meu pai, para quem tudo da Espanha é melhor: frutas, peixes, tudo espanhol!", exclama Maya. E saem rindo novamente.

Quando a luz do laboratório central se apaga e a porta se fecha, no fundo do enorme conglomerado de áreas de pesquisa, separadas por divisórias brancas com vidros transparentes da metade para cima, uma luz discreta em uma escrivaninha se acende, e o som de folhear papéis é ouvido.

4.

“A diferença entre o passado, o presente e o futuro é só uma ilusão persistente.”
Albert Einstein, físico.

“Primavera de 1578, costa do Brasil. O Pelican é rebatizado pelo capitão Francis Drake de Golden Hind. O imponente galeão é então abençoado com uma nova gravação, para representar a esperança de confundir ainda mais as embarcações espanholas, que tanto o temiam. Drake era um pirata mais nobre, intitulado de corsário, com as bênçãos reais, embora ele dissesse que atuava por conta própria, todos sabiam que ele era o protegido da Rainha Elizabeth e muito fiel a ela”, conta Maya, durante o jantar com Ana e Lurdes, as quais a tinham encontrado direto no restaurante. Lurdes chegara um pouco atrasada, pois teve que visitar o noivo no trabalho. Ele precisava ficar até tarde hoje. *“Isso até soa romântico”*, diz Lurdes, *“eles não tinham alguma coisinha extra não?!”*, pergunta Ana, referindo-se a toda lealdade de Drake a sua Rainha. *“Bom, foi a primeira coisa que pensei, pois Francis Bacon... Bem, ele chamava Francis também e cheguei a cogitar esta teoria, mas estudando mais e levantando dados, de fato, Francis Bacon era filho de Robert Dudley, nascido três anos depois de ela ser coroada rainha e já ter um filho, nascido quatro anos antes de ser coroada, cujo pai, tudo aponta, era o próprio Dudley, o único amor de Elizabeth... É realmente romântico, mas triste ter que esconder os filhos, dar para outros cuidarem deles, por nunca haver se casado, e acompanhar o seu crescimento, de perto, mas não tão perto assim”*, exclama Maya com ar lacônico, uma ruga na testa, e dando mais uma garfada na sua lasanha vegetariana, já que não comia carnes vermelhas, apenas peixes e frango, às vezes.

“Outro filho escondido?!”, pergunta Lurdes, *“no filme Elizabeth, com a Cate Blanchet, é mencionado, bem rapidamente, o fato de ela ter um filho secretamente com o Dudley, Earl of Lancester, pós-coroação, mas não antes”*, completa Maya.

“Bom, filmes são filmes, a trama é montada a partir de alguns dados considerados históricos e aceitos, e outros nem tão bem aceitos assim, ou ainda, nada aceitos, e sim inventados. Assim é a ficção”, diz Ana. *“Mas quem é este outro filho mais velho do que o Bacon?!”*, pergunta Lurdes.

“Ah... Alguém que teria roubado o meu coração, se eu o tivesse visto. As pinturas dele mostram um cara galante, lindo de matar, e a história esconde uma das grandes mentes brilhantes do mundo, tendo trabalhado junto com Bacon frente aos planos da fundação dos Estados Unidos da América... Walter Raleigh... Realmente fica confuso saber qual dos dois irmãos era o mais brilhante. Creio que vocês não andaram seguindo os estudos do Sanctum, certo?! Teriam, a esta altura do tempo, aprendido sobre Bacon, sua influência e correlação com a história da América, além dos escritos de William Shakespeare..” Maya nem conseguiu terminar e foi tomada pelas amigas, que praticamente saltaram de suas cadeiras perguntando o que um tinha a ver com o outro.

“Quanto ao Sanctum Celestial”, diz Ana em tom de quem se justifica por ter levado uma

bronca, *"bom, na verdade eu tenho recebido as apostilas para ler, mas é mais legal ouvir de você"*, ela ri timidamente, *"pois quando você conta essas coisas, a gente tem para quem perguntar na hora, e a resposta vem. Aquela coisa de acender as velinhas, por a sainha e ficar na frente do espelho olhando para minha cara, enquanto eu leio em voz alta o que recebi na apostila... Bem, sei lá... É um pouco esquisito"*, explica-se, com certo pesar na consciência.

"Eu também concordo. Andei lendo e acho as informações bárbaras, quando estou lendo, fico empolgada e depois...", suspira fundo e se joga para trás na cadeira, *"acabo largando, e não estou lendo todas as quintas-feiras"*, adiciona Lurdes.

"Queridas, os ensinamentos rosa-cruzes, da AMORC – Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz –, são para aqueles que querem, desejam receber estas informações e que no fundo, não ficam contentes somente com os dados recebidos nas apostilas, e sim procuram por mais. Há muito mais nas bibliotecas da Ordem, em incontáveis livros, maravilhoso acervo, o qual tem muitos destes livros livremente publicados, ao alcance do público. Não existe mais 'o oculto e inexplicável, o mistério escondido pela neblina'... mist, em inglês... Como nas Brumas de Avalon... Etnologia, origem da palavra misticismo. O tempo da Santa Inquisição acabou, pelo menos, de certa forma, e eles não precisam mais se esconder nas brumas, tampouco vejo motivo para tal, já que sempre foram muito mal interpretados. Seus fundamentos são puros, maravilhosos, construídos para o bem maior de todos... Mas tem sempre os que estragam isso. Discípulos como os Anakins Skywalkers que quando se veem frente ao desafio da alma, com um grande poder em mãos, em vez de levantarem ainda mais seu coeficiente de luz, passam para o lado negro da força!", enfatiza Maya, fazendo uma narrativa em tom teatral e ligeiramente engraçado. Maya era assim, graciosa e leve, conseguindo introduzir temas e fazer análises profundas projetando uma energia sutil e atraente. *"Ahaahh, Guerra nas Estrelas de George Lucas! Eu adoro essa série... E entendi, entendi o que quis dizer, ou melhor, disse... OK, vou continuar treinando com Mestre Yoda"* , diz Ana, o que faz todas rirem, com compreensão mútua. Nunca havia julgamentos.

"OK, eu confesso que não vou conseguir seguir com esse lero-lero de Sanctum para ler e estudar... Mas a gente pode continuar assim, e quando você fala, a gente pesquisa e se torna mais legal. Poderíamos escrever isso, ou melhor, começar gravando, para depois digitar tudo", Lurdes nem bem tinha acabado de falar, quando Maya a interrompeu: *"se você não consegue ler os livretos que recebe, imagina se vai escrever, digitar tudo o que a gente tem falado"*. As amigas continuam rindo. *"Imagino como é que conseguiu escrever a tese para a defesa, deve ter esbravejado por uma semana inteira, até começar e depois por meses, até terminar"*, exclama ironicamente Maya, e continua: *"eu aconselho que leiam os Manifestos Rosa-Cruzes, compostos por três livros intitulados 'O Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz' ou 'Fama Fraternitatis R.C.', 'O Testemunho da Fraternidade da Rosa-Cruz ou 'Confessio Fraternatis R.C.', e 'As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz' ou, novamente em latim, 'Chymische Hochzeit Chistiani Rosenkreutz Anno 1459'. Esses nomes foram dados e os livros escritos pelo homem apontado como o criador da ordem, Christian Rosenkreuz, o qual tem um nome muito sugestivo e tudo leva a crer que, bem, foi um nome inventado para novamente, esconder uma das mentes mais brilhantes que a história já teve... Sir Francis Bacon!"*.

"Como assim inventado novamente?! Ele tinha mais nomes, além de Bacon?!", pergunta Ana, com cara de desafio.

"Sim, eu já falei disso, mas percebi que vocês estavam dormindo, já que esqueceram... Lembram que um tempinho atrás, quando fomos juntas ao Congresso de Químicos Cosméticos, a feira cosmética, em Londres, passamos pelo museu de cera e lá estava o William Shakespeare, diga-se de passagem 'enceradinho', e eu o chamei de 'laranja'?", pergunta Maya. *"Ahh, sim"*,

exclama Ana. *"Sim, é verdade... Agora eu me lembro do que quer dizer"*, menciona Lurdes, com uma expressão pensativa e balançando a cabeça lentamente. *"Pois então, vamos juntas nesta, me acompanhem."* Maya pega seu inseparável iPad, no qual havia inúmeros documentos salvos para usar e manter como referência, enquanto fazia seus estudos. *"Era Francis Bacon o filho da Rainha Elizabeth, nascido no terceiro ano de seu reinado e em seguida a seu nascimento, entregue à família Bacon, melhor dizendo os nomes, Anne Bacon e Nicholas Bacon. Sir Nicholas foi Lord Chancellor da Inglaterra durante o seu reinado e Anne foi a chefe das damas de companhia da Rainha quando Francis nasceu e, portanto, ficou encarregada de cuidar dele, atestando ser seu filho e de Sir Nicholas. Anne era muito culta, fora do normal para época, cantava, tocava piano, compunha, escrevia lindamente, o que, certamente, influenciou em muito o destino do nosso... Pequeno Shakespeare oculto. A família Bacon mantinha o pequeno Francis sempre às vistas da Rainha, em sua constante companhia."*

"Parece-me óbvio que Bacon sabia quem era... Não acha?! O sucessor ao trono... um Tudor pra valer... Sem direito ao trono", exclama Ana, em total tristeza, e continua: *"to be or not to be, that's the question! Agora entendi a caveirinha nas mãos e o discurso de Hammlet... Achando a mãe malvada... Faz muito sentido! Danado!"*.

As três estavam rindo, ainda com o prato principal na frente, vagamente aproveitando a comida, quando de repente, um homem alto, vestido com um terno clássico de tom azul petróleo, camisa branca e gravata cinza chumbo, com estrutura corporal atlética, cabelos castanhos e lisos, olhos azuis safira, incrivelmente hipnotizantes e penetrantes, pele bem branca, óculos de grau de acetato preto, estilo anos 50, assusta-as. Frente à surpresa e velocidade com a qual apresentou um panfleto com símbolos místicos, bem conhecidos por Maya, ela mesma gelou por dentro, arregalou os olhos e nada saia de sua boca, embora tentasse.

"Com licença e desculpe se as assustei", de forma educada e galante, comunica-se com elas de maneira extremamente direta, de pé, ao lado da mesa, tendo à sua frente três moças pálidas e sem voz.

"Eu não queria ter incomodado, mas ao ouvir toda a conversa, a história de Bacon... E ao mencionar Raleigh, bem, não pude me conter. Pelo que percebo, podem ser as pessoas certas, digo, as que poderiam gostar do que eu vou apresentar e o que o meu grupo oferece. Meu nome é David, parece coincidência, mas talvez nem tanto... Quem sabe... Meu sobrenome é Bacon." Maya faz uma expressão de surpresa e pensativa ao mesmo tempo. *"Meu pai era inglês e minha mãe brasileira, se me permitem esclarecer. Bem, este folheto pertence a uma sociedade filosófica, de estudos místicos aprofundados, eu diria, muito baseada nos ensinamentos de Manly P. Hall... Talvez você…"*, dirige-se a Maya e esta se inclina para trás, em um movimento instintivo, *"... o conheça, quero dizer, seus livros"*.

"É... Na, na... Verdade, eu sei quem é e, fora o tom dos olhos, porque os seus são de um azul mais escuro, você lembra bastante ele, você é efetivamente parecido com ele... Mais bonito!", Maya fala sem pensar e cora. Falar sem pensar não era típico dela e algo neste homem cativou-a imediatamente. *"É parente dele?! Por acaso você se refere a uma loja maçônica ou um templo Rosa-Cruz, quero dizer, qual você frequenta?!"*, pergunta Maya.

"Na verdade, tudo começa assim, ou por aí, depois a gente vai procurando o próprio caminho e deriva para uma nova identificação", diz o enigmático galã de aparentes trinta e seis anos, *"eu deixarei o folheto com vocês, nele consta o meu número de celular e meu nome, David Bacon"*, reforça a memorização, embora fosse impossível esquecer. *"Escrevi a caneta, enquanto vocês falavam... Caso interesse, me liguem. Eu terei um grande prazer em apresentá-las ao grupo. Perdoem-me, novamente pela interrupção."* O enigmático homem sai elegantemente,

desaparecendo tão rápido quanto surgiu.

"Credo, o que foi isso?!", pergunta Lurdes. *"Credo mesmo, acho que ele saiu tão rápido que nem pagou a conta"*, diz Ana. No mesmo instante, um garçom que presenciava tudo, atrás da mesa das moças, responde: *"ele é o dono do restaurante, não precisa pagar. É meio estranho mesmo. Vem com gente estranha aqui o tempo todo. Mas até agora, bom, eu estou aqui há uns quatro meses, parece ser um cara sério e legal, pois cumpre o que promete. É só a gente trabalhar direitinho e não fazer perguntas"*. Nesse mesmo instante um cliente em uma mesa ao fundo chama a atenção do garçom e este deixa-as rapidamente.

Ana ainda estava um pouco branca e confusa. Toma um gole de seu suco de laranja e diz: *"que tal a gente comer uma sobremesa... Fora daqui?"*.

As outras duas concordam com um movimento de cabeça e solicitam a conta.

5.

Na loja de doces e café, a adrenalina das três moças pôde voltar ao normal. Maya estava calada, pensando no encontro inesperado, enquanto Ana e Lurdes não paravam de falar no *"tal cara bonitão que apareceu do nada ao nosso lado e que ninguém tinha sequer percebido, até que se levantou e avançou para nós"*.

"Realmente estranho", foi a primeira frase que Maya soltou, desde então.

"Estranho?! Põe para lá de estranho nisso! O que era aquilo? Você que é da turma dos bruxos, pode começar a explicar!" Ana solta esta frase em voz alta e todo mundo da loja de doces ouve e se vira para olhar para elas, cochichando entre si.

Maya ainda estava séria e em transe, como que analisando tudo aquilo e dizia: *"coincidência ou sincronicidade? David Bacon... David... Bacon..."*, ela falava vagarosamente, encarando o folhetinho do grupo apresentado por David e passando o dedo pelo nome dele e pelo número do telefone.

"Explica logo!", diz Lurdes, *"o que você descobriu?"*. *"Na verdade, nada, ainda nada, só estou na tentativa da interpretação do fato. Sincronicidade quer dizer uma coincidência que ocorreu porque a pessoa atraiu alguma coisa que tinha a ver com alguma outra coisa que, para ela, pode ser importante, e o fato deste aparecimento apenas fortalece este entendimento e o ocorrido em si, não tem importância maior, mas a mensagem sim."* Ana e Lurdes trocam olhares com expressões de não entendimento quanto ao que ela dizia. *"Eu estava, exatamente na noite passada, vendo no YouTube um documentário sobre os mistérios da fundação dos Estados Unidos da América... Um documentário excelente, de vários capítulos, digo, vídeos conectados, e lá, Manly P. Hall é várias vezes mencionado. Por isso mesmo é que, imediatamente, baixei seus livros disponíveis no Kindle da Amazon. Tem alguns, mas não tem tudo. Passei várias horas, até de madrugada, lendo e achando-o muito interessante. Fiquei um pouco confusa, logo no começo, sobre as intenções dele... Se eram mais positivas ou mais negativas e, no final, achei que podem ser sim boas, ou até muito boas, dado o nível da informação... Mas preciso de mais tempo para saber ao certo, estudando e lendo mais amplamente. Embora tenha ouvido falar dele no meio rosa-cruz, não havia estudado com profundidade. Creio que isto não é uma mera coincidência"*, diz Maya, calmamente, em estado meditativo-distante, meio robotizado, do tipo que costuma fazer quando está ligando fatos e levantando dados, *"igualzinho faz no laboratório"*, pensa Lurdes.

"Bom, já passam das nove da noite e temos que ir para casa. Como não temos filhos, ainda, podemos ficar assim, aproveitando as amigas. Entretanto, amanhã temos muito a fazer." Com esta frase, as três se despedem e se dirigem aos carros estacionados na rua, logo em frente à doceria. Ana, ao entrar no carro, com o corpo meio para fora, grita para Maya, a qual estava ajeitando sua bolsa e mala de trabalho, no banco de trás de seu carro, ainda de pé: *"sabe, estou começando a achar que é melhor eu e você arrumarmos um namorado, igual fez a Lurdes, assim a gente vai ter outras coisas para fazer, além de falar de gente que já morreu! É bom fazermos isso logo, antes que fiquemos malucas!"*. Ela liga o carro, saindo com cautela, enquanto Maya fecha a porta, liga o carro, mas permanece por alguns segundos parada, contemplando o som do motor ligado com

uma expressão pensativa. De repente, um golpe no capô do carro gera um susto com sobressalto, então, ela percebe que era apenas o rapaz de sempre, o qual toma conta dos carros na rua, querendo uma gorjeta por ter feito o papel de vigia. Ela dá a gorjeta, agradece e vai para casa, calmamente.

Maya mora sozinha, em um apartamento moderno, decorado em tons de branco com bege, um pouco de cinza e alguns detalhes em tonalidades mais intensas, como roxo e azul. Pode-se considerar um local com muita personalidade, preservando o aconchego. Sendo face norte, o sol é uma presença constante. Ela tem como única companhia um chihuahua branco, que adora. Ao chegar a casa, ele corre e pula alegremente ao seu encontro, por vezes, fazendo uma careta de quem parece sorrir, repuxando a boca em um movimento adstringente, deixando os dentes à mostra.

Após o banho, já de camisola, com o chihuahua Dock no colo, ela reinicia a leitura do que havia encontrado e arquivado sobre Francis Bacon e, ao mesmo tempo, pergunta-se: *"por que isso é tão importante para mim e qual o motivo deste impulso incontrolável de forma a juntar os dados que possam aclarar sua história, ligando-a à fundação da América? Bacon... David..."*. Definitivamente, há muito tempo um homem não chamava sua atenção de forma tão intensa. *"Será que eles se encontrariam novamente?!"*

6.

"Não creio que haja emoção mais intensa para um inventor do que ver algumas de suas criações funcionando. Essa emoção faz com que nos esqueçamos de comer, dormir, de tudo."
Nikola Tesla, cientista e inventor.

Na semana seguinte, seis pesquisadores da equipe estão reunidos na sala de reunião dos laboratórios ligados a pesquisa, desenvolvimento e inovação. Maya levanta dúvidas e pontos importantes a esclarecer, para estarem seguros de serem os dados válidos e reproduzíveis. A qualidade do trabalho é excelente e os resultados surpreendem todos. A equipe de Ana era fundamental nesta reunião, pois são os fitoquímicos responsáveis por isolar e identificar os ativos da planta escolhida, a de origem egípcia Bidens pilosa, mas também encontrada no Brasil, com as mesmas propriedades. Paulo é o mais maduro, tendo por volta de quarenta e sete anos, é o cientista principal deste departamento, trabalhando no laboratório há dez anos. Ana era sua funcionária, quando entrou, há cinco anos, e no final, acabou perdendo o posto de gerente para ela, pois esta tinha mais capacidade de liderança de equipe e coordenação dos projetos que ele, entretanto, a qualidade científica de Paulo era inegável. Por conta de não haver sido promovido, em detrimento de Ana, o seu relacionamento com ela era estritamente profissional, sem nenhum vínculo emocional, pelo menos, sem vínculos pessoais. Fora isso, o trabalho era muito bom. O parecer de Ana e Paulo quanto à molécula isolada e ao processo de obtenção mais eficiente era fundamental, juntamente com o de Lauro e Maria, ambos do laboratório de biologia celular e molecular, onde haviam sido feitos inúmeros estudos sobre o mapeamento do mecanismo de ação dessa droga fitoterápica, a qual se pretendia apenas um uso cosmético. Lauro é um moreno alto, jovem, tendo por volta de trinta anos, já casado com uma farmacêutica que trabalhava em indústria farmacêutica nacional, com dois filhos. Sua preocupação em manter sempre a importância de seu cargo, e, se possível, galgar promoções, era nítida, pois estava sempre tentando fazer algo excepcional que pudesse chamar a atenção. Maria, sua chefe, tinha quase a mesma idade. A afinidade dela com Maya era maior, entretanto, mesmo gostando de ouvir as histórias contadas por Maya, tinha pouco tempo para tal, já que estava sempre às voltas com as necessidades da filha de dois anos e o marido advogado, que viaja muito, sobrando quase nenhum tempo livre para depois do trabalho. Maria é naturalmente gentil, diplomata, está sempre buscando as melhores palavras e frases para convencer as pessoas de seus pontos de vista e conduzindo a equipe, composta por ela e mais três pessoas, incluindo Lauro, para atender aos objetivos da empresa.

Na mesa, ainda estava Lurdes, a qual aguardava a hora de falar, dentro do seu foco, testes clínicos em humanos. Ela teria que montar os protocolos de pesquisa baseando-se em resultados preliminares obtidos pelos estudos in vitro, os mesmos que estavam, naquele momento, sendo avaliados, e projetar o tempo que levaria, aliado ao valor a ser gasto.

"É incrível termos conseguido isolar uma fitoalexina inédita e, ainda por cima, duzentas vezes mais potente que o Pterostilbeno. Vamos patentear imediatamente a molécula e o processo de

extração. Inclua o efeito antioxidante. Passem o que já temos de dados para a equipe de regulatórios. Ela já tem o suficiente para o início do pedido de patente PCT internacional. Em seguida, iremos depositar outras patentes dos novos resultados que encontrarmos. De qualquer forma, iremos repetir tudo novamente, todos os estudos, com novos lotes de produção da planta, controlando o cultivo orgânico, o grau de estresse por ataque patógeno que variamos, dados os fungos já usados, e a concentração de ativo que obtivermos ao longo do ano, segundo a estação da colheita. O número de testes e controles a serem feitos é enorme, solicito o máximo da equipe em cima de cada ponto e ajuda mútua. Essa planta é maravilhosa, pois cresce o ano todo e permite duas a três colheitas, mas não quer dizer que teremos sempre o mesmo nível de ativo. Uma coisa é certa: tem um enorme potencial de ser um sucesso no tratamento antienvelhecimento, certamente, porém também temos que testar em peles doentes, em outras células tumorais e in vivo." Enquanto Maya dava as novas diretrizes para a equipe, lembrou-se de um artigo que havia lido sobre as moléculas que podem ser classificadas como Salvestrols.

"Ana, você se recorda de um artigo que eu te enviei há um ano?", ela procurava nos arquivos do seu notebook, *"aqui, veja: Nutrition and Cancer: Salvestrol Case Studies, Brian A. Schaefer D. Phil, Journal of Orthomolecular Medicine, vol. 22, n. 4, 2007. Essa equipe relata situações de cura de uma variedade de casos de câncer com os Salvestrols, os quais são uma classificação mais genérica das fitoalexinas, pois incluem as lipossolúveis. No nosso caso, nossa molécula inédita tem um coeficiente de partição ótimo, ou seja, é solúvel tanto em óleo quanto em água, o que nos leva a supor que seja muito mais estável. Quero que avaliem isto, o tempo médio de vida dela em diversos sistemas, principalmente no organismo, se ingerida e ao mesmo tempo sua estabilidade em sistemas cosméticos. Quero equipes montadas para cada caso"*. Maya estava muito envolvida no assunto, percebendo que tinham obtido algo que poderia ser muito importante para a humanidade. Isso transcendia sua área, pois ela teria que passar esta descoberta para outra divisão da indústria farmacêutica, seguido de um comitê para aprovação do projeto para o qual trabalhavam neste momento, a divisão de drogas e tratamento para câncer.

Lurdes, que estava pensativa até então, deixa claro que concorda com tudo o que foi falado, mas levanta os cuidados que eles devem tomar: *"o pessoal que trabalha com doenças, principalmente câncer, não vai querer ver resultados em células tumorais, muito menos os que temos em número maior com foco de reversão do relógio biológico, mesmo que tenhamos um resultado maravilhoso. Sem dados em animais, pelo menos em animais com vários tipos de câncer, ninguém vai querer sair do pedestal e prestar atenção em nós, já que bem sabemos que a equipe que trabalha com doenças se considera mais nobre que a que trabalha com cosméticos, a gente sabe o quanto é discriminado no mundo científico. Vão dizer que estamos nos metendo onde não somos chamados. Pode gerar um grande problema para nós"*, ela faz uma careta.

Lauro, que acompanhava tudo o que era dito, sempre consultando os resultados dos testes in vitro que haviam sido feitos, em seu notebook, apoiado sobre a mesa ao lado da equipe, queria ter certeza absoluta do que diria antes de se expor. Enfim, tomando coragem, fala: *"olha, eu entendo e também concordo com tudo, mas quando fizemos os testes com células tumorais, usamos vários controles, alguns químicos e outros vegetais, como o resveratrol e o pterostilbeno, e a primeira coisa a ser citada é que o mecanismo de todos é o mesmo, via Cytochrome P450 1B1 (CYP 1B1), mas a nossa molécula isolada foi mais rápida e mais potente, drenando o tumor sem nenhum efeito citotóxico. E isso é o mais surpreendente, sem efeito tóxico algum. O tumor simplesmente sumiu nos tecidos tumorais testados. Reversão total. Imaginem um tratamento para câncer em que as pessoas não tivessem qualquer efeito colateral! Precisamos trabalhar com o pessoal que tem animais doentes, com vários tipos de tumores, e não somente os da pele. Eu entendo a preocupação, mas, se não tivermos dados mais consistentes para apresentar ao comitê, eles não*

nos darão atenção, e aí sim dirão que nos metemos onde não fomos chamados, por outro lado, com dados consistentes... Imagino que seremos repreendidos, de qualquer forma, entretanto, com alguma chance de a pesquisa ser expandida e fazermos um grande favor ao mundo".

"OK, podemos dizer que, inicialmente, trabalhamos com células tumorais para poder ter mais dados e uma publicação em jornal de impacto, pois como bem citou a Lurdes, a nossa área é muito segregada do mundo científico... Mas algum questionamento de por que realmente fizemos testes em células tumorais, haverá", posiciona-se Lurdes.

"Questionamentos sempre houve e haverá, entretanto, a resposta do que se refere ao que já foi feito é simples: estávamos verificando a total capacidade e o mecanismo de ação da nova molécula. Por sinal, ainda não demos um nome para ela." Ela levanta a sobrancelha esquerda, como era comum fazer quando pensava.

Por alguns segundos, ouvia-se apenas o som da respiração de cada um e, enfim, Maya rompe o silêncio: *"pessoal, só há uma forma de trabalharmos aqui e é com a certeza dos resultados. Vamos reproduzir tudo o que fizemos até agora, desde a planta e seu cultivo até os testes in vitro e ex vivo, e com estes dados reproduzidos, veremos o que fazer e a quem apresentar. OK?! Se necessário, passaremos tudo pelo comitê. É possível fazermos tudo isso entre seis e sete meses?! Temos alguns lotes da planta em estoque, variando o cultivo, certo?!".*

Paulo e Ana estavam bastante animados com uma pesquisa deste nível. Praticamente falavam ao mesmo tempo.

"Sim! É o mínimo necessário para gerar ativo suficiente para aplicar em cultura de células e tecidos animais e reproduzir o que precisamos", termina Ana, e Maya continua: *"então, vamos seguir em frente com os testes cosméticos e com os não cosméticos, simultaneamente. A Lurdes deverá montar os protocolos para avaliarmos os principais parâmetros antienvelhecimento em humanos, e Paulo e Ana deverão extrair mais ativo, entregar para Maria e Lauro reproduzirem os resultados e selecionarem o melhor processo x melhor rendimento da molécula principal x melhor efeito frente ao pterostilbeno x uma famosa droga antitumoral. Temos que selecionar uma que seja potente frente a um tipo específico de câncer que queiramos usar como controle, além do de pele... Vamos pesquisar a respeito".*

Durante sete meses, o trabalho da equipe do laboratório que Maya chefia foi de extrema dedicação. Todos estavam focados em obter o maior número de dados possíveis, no menor tempo. Teriam que submeter os relatórios à comissão científica de forma a oficializar a continuação dos resultados, ou não. *"Às vezes, isso não depende dos resultados. Quando tivermos todos os estudos para análise e conclusão, poderemos chegar a uma decisão sobre o que fazer"*, diz ela à equipe.

7.

"Nossos sentidos nos permitem perceber apenas uma pequena porção do mundo exterior."
Nikola Tesla, cientista e inventor.

Em um final de semana, em uma linda manhã de domingo, aproveitando o sol e o calor, Maya estava de camiseta regata, shorts e boné, patinando no Parque do Ibirapuera, acompanhada pelo chihuahua Dock, o qual corria ao seu lado boa parte do tempo, percorrendo as ruas arborizadas, adequadas para bicicletas e patins, e, por vezes, carregando-o no colo, quando ele se cansava, fazendo com que a cena fosse muito engraçada, pois algumas pessoas olhavam e acenavam com sorrisos para eles. Em uma curva inclinada, de repente, ela ouve o seu nome em alto e bom som: *"Maya! Maya! Aqui!"*, gritava David Bacon, o homem misterioso e atraente que tinham encontrado em um restaurante perto do laboratório e que a tinha impressionado. Na verdade, ela não teve coragem de procurá-lo, tampouco de esquecê-lo. Ao frear os patins, tropeçou e saiu disparada na ponta da borracha do freio, andando sem rolar, até que caiu no gramado, sem se machucar. Depois que caiu, o chihuahua saltou de seus braços e pôs-se a lambê-la no rosto. *"Blah! Para com isso! Que bafo de ração canina!"*, dizia Maya ao se ajeitar em uma posição sentada na grama, quase rindo e sentindo-se um pouco envergonhada pelo tombo que considerou *"ridículo"*. *"Você está bem?! Puxa vida, parece que eu vivo te dando sustos e juro que não era essa intenção"*, disse David, sentando-se ao lado dela, na grama.

"Está tudo bem, eu uso sempre joelheira e cotoveleiras, pois em tombo de patins, essas são as partes que sofrem. Nossa, que coincidência você por aqui! Vem sempre ou veio me perseguir?", ela tenta fazer uma piadinha, já que ele a deixava sem jeito, o que era algo raro na sua experiência de vida, pois geralmente, sentia-se muito segura de si. Aproveitando a pergunta e a posição tão próxima em que estavam, David olha-a bem profundamente nos olhos, fazendo-a gelar e, novamente, ela inclina o corpo para trás, afastando-se dele, com medo. Ele continua sentado ao seu lado.

"Por que não foi até o grupo de estudos que te apresentei? Perguntei a eles quase diariamente se você tinha aparecido ou ligado."

Eles se levantam, David gentilmente a ergue pelo braço direito, segurando na sua cintura. Nesse momento, ela se apoia em seu braço e sente que ele era, além de alto e bonito, muito musculoso.

"Acho que foi por que você me assustou naquele dia... Diga-se de passagem, essa é a segunda vez que você me assusta." Eles estavam muito próximos um do outro, novamente ela se afasta, tomando uma distância que considerava segura. *"Você está sozinha? Só com o cachorrinho?!"*, pergunta Dave. *"Sim, digo, bom, tem bastante gente aqui no parque."*

Maya demonstrava insegurança, ao mesmo tempo em que ele dava um passo em sua direção, comicamente sincronizado com o mesmo passo que ela dava na pontinha dos patins, para trás, evitando a aproximação.

"Maya, você está com medo de mim?! Entendo. Eu gostaria que você me conhecesse melhor para que as más impressões fossem embora. Veja, é hora do almoço, podemos almoçar aqui no restaurante do parque, o do MAM. É muito bom e tranquilo. Conheço o maître, ele pode pôr alguém para cuidar do cachorrinho Dock." Maya se surpreende por ele saber o nome do cão, mas ele aponta para o pescoço do chihuahua.

"Nome na coleira", diz ele e ela acaba rindo da cena e do seu estado de desconfiança, o que realmente não lhe era comum.

"OK, será um prazer acompanhá-lo ao restaurante e descobrir o enigma de sua pessoa e, ainda por cima, poder conversar sobre o meu assunto predileto, acima de qualquer coisa: tudo o que envolveu personagens da história que influenciaram o mundo, teorias de conspiração, lado oculto do que se conta. Manly P. Hall é um dos que muito me intrigam, incluindo outros, como o meu predileto: Francis Bacon. Ops, lembrei que seu sobrenome é Bacon", ela fica quieta, sem ar, olhando profundamente nos olhos dele. Neste momento, ela é quem o deixa sem jeito.

"Como o teu sobrenome é Bacon? Quero dizer... Que coincidência! Bom, a pergunta foi ridícula, mas o motivo você entendeu", ambos dão uma ampla risada e depois de alguns segundos, enrubescem devido aos olhares que se cruzam.

"Meu pai era inglês e, devido a isso, este sobrenome comum, naquele país, veio para mim, e, quem sabe, baseado no fato de ele ser maçom e eu ter crescido ouvindo histórias sobre vários personagens, Francis Bacon acabou se tornando também um dos meus prediletos. Eu praticamente o considerava meu parente." David revelava um lado suave e gracioso, da mesma forma que Maya é no seu interior, quando acha que não precisa se proteger. Em seguida, ela troca os patins por tênis, que estavam dentro da mochila que carregava nas costas, a qual, de agora em diante, ele fez questão de carregar. Ambos deixaram de lado suas pré-considerações e começaram uma longa conversa. Ao chegarem andando ao restaurante, era nítida a sintonia.

O maître conhecido de David leva Dock com ele, o qual, sendo extremamente dócil, amava todos que o acariciassem.

"Fique tranquilo que eu não vou cozinhar você. Te darei um bifinho com bastante fibra e você ficará roendo no vestiário dos garçons! Entrem, a recepcionista os ajudará a achar bons lugares", disse o maître.

Durante o almoço, Maya descobriu que David era, no mínimo, muito interessante, além de provavelmente ser a pessoa que mais entende de teorias de conspiração, enigmas da humanidade e sociedades secretas, o que o tornava extremamente especial, no ponto de vista dela. Os homens que tinha namorado sempre a achavam complexa. No começo, os temas que ela gosta de estudar os atraíam por instilar mistério, por outro lado, ela não podia falar mais que superficialmente sobre isso, caso contrário, geraria tédio. Talvez fosse por isso que ela preferia estar sozinha, pelo menos por um tempo, de forma a poder focar naquilo que chama, de forma simpática, de seu best excitement.

"*Quem sabe ele poderia ser um amigo para trocar informações e conhecimento ou... Alguma coisa a mais"*, pensava ela. Foi tão intenso que ficou preocupada se tinha transparecido.

"Quando encontrei você com suas amigas, falavam dos filhos da Rainha Elizabeth, o que parece ter sido uma realidade. Elizabeth I da Inglaterra teve um filho, quatro anos antes de se tornar rainha, e outro, poucos anos após, ambos de Robert Dudley, seu companheiro e conselheiro constante, por muitos anos. São poucas as pessoas que conhecem este tema ou se aventuram a tocar nele", diz David.

"Isso é tão óbvio, não é mesmo?! Se a história aceita que ela teve um longo romance com Dudley, obviamente, para aqueles tempos, sem pílulas ou métodos contraceptivos eficazes,

crianças teriam sido geradas. Por que evitar o óbvio?! O maior problema são os livros de história que forçam as pessoas a aceitar o que eu chamo de credos, os quais se consideram científicos, sem dados, tanto quanto eles acusam estas 'teorias de conspiração de serem sem fundamentos', mas as consideradas oficiais são a mesma coisa, completamente sem dados suficientes para afirmar uma coisa ou a outra."

"Maya, isso é uma verdade e é um padrão que está disseminado na história do mundo considerada oficial em escolas e livros. Temos que aceitar que o homem após Adão e Eva tem uma história marcada com datas consideradas oficiais e sempre tudo que se descobre gira em torno delas, parecendo até que o teste do carbono quatorze fica travado em cinco mil anos. A grande maioria das novas descobertas de sítios arqueológicos são declarados até cinco mil anos atrás, ou seja, a partir de Abraão, o que seriam aproximados 4000 anos, dependendo da fonte de referência. O que é mais interessante é acompanhar os fatos que temos via órgãos oficiais, ou melhor, eu os chamo de 'os controlados', como universidades de grande referência, algumas americanas e europeias de primeira linha e seus, pelo menos alguns, professores famosos. Eles têm um código a ser seguido, por ordem de outros que os comandam e eles devem falar o que querem que falem. É por isso que eu prefiro seguir cientistas ou historiadores que trabalham de maneira independente, via ONGs ou fundações, ou ainda alguns grupos com relativa independência, pois eles sim terão liberdade para falar. Muito desse trabalho de pesquisa de qualidade real e focando a busca e a revelação da verdade é patrocinado por diversas entidades chamadas de sociedades secretas, nome este que é adequado para o passado da humanidade, e não mais para a vida atual. O que eu quero dizer é que 'as boas sociedades secretas', as que trabalham para o bem, já não são tão secretas assim, e as que realmente trabalham para o mal, bem, estas sim estão muito escondidas e, quando aparecem, mostram uma versão não real, geralmente inocente e com fundamentos nobres 'para o bem maior', sendo este 'bem' focado em vantagens próprias e muito perigosas, como os 'Bilderbergers'. Sobre este grupo perigoso, nada consta na mídia oficial, somente na paralela. Homens como David Icke, Jean Mars, Alex Jones e George Noory, esses dois últimos com seus programas de rádio FM e outros, arriscam a vida para que o público adormecido acorde. Eles têm muita coragem e vontade de ajudar informando e revelando coisas que não seriam reveladas sem esta ação, considerada extraoficial."

Esse era um assunto de que David tinha muito conhecimento e, para poder avançar e esclarecer com detalhes, precisaria de muito tempo de discussão, entretanto, ele acabava de encontrar o seu melhor colega para o tema. Maya dá continuidade, demonstrando empolgação.

"Eu concordo cem por cento com o que você diz e é por isso que faço exatamente a mesma coisa. Eu tenho acompanhado cada um dos que mencionou e acho que são muito corajosos e bem informados. De qualquer forma, como cientista, ouço opiniões clássicas e procuro por opiniões independentes, de excelente referência científica, grupos de preferência, com gente que fala as coisas de forma mais amena e puxa para um lado mais científico, mesmo puramente espiritual, quando o tema permite, como o Gregg Braden. Eu gosto muito do estilo dele, além de ser bonitão!", ela fica encabulada com a própria espontaneidade. *"Bom, isso é uma coisa legal para adicionar ao entretenimento, beleza para os olhos. E agora falando sério novamente, sempre e quando alguém quer conhecer melhor o que eu estudo, falo com as pessoas de acordo com o grau de despertar de cada um e se é um cientista ou não, tomo cuidado para não gerar paradigmas, sendo então o Gregg Braden uma ótima indicação. A grande maioria das pessoas para quem eu indiquei seus vídeos no YouTube e seus livros acabou gostando. Ao usar a palavra 'quando', fica clara a limitação do número de pessoas que concordam e continuam querendo mais dados. Algumas dessas pessoas querem saber mais, e percebo que é possível ir mais adiante. Eu as inicio*

indicando a Ordem Rosa-Cruz. Se a pessoa quer saber sobre a real história do mundo, eu indico, por exemplo, o Graham Hancock. Eu tenho apreciado bastante documentários de grande qualidade feitos pelo History Channel, muitos deles têm como participantes alguns dos que mencionamos. Diga-se de passagem, até sobre o levantamento das grandes descobertas recentes de pirâmides ao redor do mundo os redatores do History Channel foram muito felizes, adicionando pesquisadores com opiniões um pouco diferentes, gerando antagonismo e discussão, mas conseguindo abordar um pouco de tudo", explica Maya.

Era surpreendente ver Maya e David conversando. Eles pareciam ter saído do mesmo meio, pois compartilhavam quase cem por cento dos mesmos conhecimentos. Essa era, sem dúvida alguma, uma força de atração entre eles, a qual ainda não estava bem esclarecida, mas iniciava um processo de conexão. Durante o almoço, as discussões abordaram uma grande diversidade de assuntos. Nenhum deles foi aprofundado, mas serviram para que cada um tivesse uma boa ideia a seu respeito, faltando alguns dados a mais, que, com o tempo, seriam esclarecidos.

"David, qual é a sua formação? Você fez faculdade de quê?"

"Eu sou economista, formado pela USP e em seguida fiz um curso de MBA com extensão internacional, na Universidade da Califórnia. É por isso mesmo que tenho uma pequena rede, em expansão, de restaurantes do tipo comida internacional, mais focada na dieta mediterrânea, o que faz com que, às vezes, as pessoas achem que é um estilo do norte da Itália... Bom, tem também este estilo, mas eu prefiro chamar de dieta mediterrânea."

"Eu achei o nome do restaurante no qual nos encontramos, bem, posso dizer, nada singular e muito elucidativo, agora que eu o conheço... Pelican... Tem até o pássaro no logotipo, e claro que somente agora eu entendo que não foi ao acaso e muito menos por amor aos pelicanos que você colocou esse nome!"

Ambos riem da forma simpática com que ela aborda os assuntos. Maya lança um olhar desafiador a David, quase sem querer, mas a sua mente aguçada e investigativa gostava de levar as pessoas à discussão por meio de perguntas provocativas.

"Creio que você quer que eu diga se o nome Pelican foi dado devido a ser o nome do famoso barco de Francis Drake, o pirata da Rainha." Ele a olha com um olhar maroto, fazendo com que os seus olhos brilhantes e claros causassem uma reação que, na verdade, ela é que queria ter provocado nele, e falhou.

"É, esse nome foi dado por causa disso mesmo... Muito bem observado e concluído. Um dos meus outros três restaurantes chama-se Golden Hind, o nome posterior do Pelican, antes da troca."

"Os outros dois se chamam Walter's e Francis's, respectivamente!" , completa Maya em tom de comédia, fazendo David rir.

Naquele momento, ambos eram alvo de atenção no restaurante. A dupla formava uma visão agradável, nem tanto por serem pessoas bonitas fisicamente, e sim por deixarem no ambiente uma especial energia magnética que atraía as pessoas e as elevava, fazendo-as se sentirem bem. Até mesmo os garçons gostavam de servir aquela mesa.

"Acho que está todo mundo olhando para nós... Que tal cairmos fora?!" Ao consultar o relógio, Maya olha para frente com visão vazia, como se não estivesse mais presente. *"Meu Deus! Estamos aqui há duas horas! Coitadinho do Dock! Pode pedir para seu colega que o traga, assim que sairmos pela porta da frente?!"*

Lá fora, Dock se une à sua melhor amiga com a mais completa demonstração de amor puro e verdadeiro, coisa que somente um cãozinho é capaz de dar, e de graça.

"Olha, foi um prazer e uma surpresa enorme ter tido a chance de te conhecer melhor. Nossa, imagino quantas coisas que você tem para me contar!", diz ela.

"Creio que ambos temos muitas coisas para surpreender e dividir um com o outro e é por isso mesmo que eu gostaria de te convidar para conhecer meu apartamento. Eu tenho muitas coisas, principalmente objetos antigos que eu gostaria de te mostrar. Fique tranquila, eu não sou um cara mal intencionado e você entrará e sairá do meu apartamento como a minha melhor amiga. Além do que, eu estarei convidando o chefe Armando, de um dos meus restaurantes, para cozinhar para nós. Esta semana o restaurante estará fechado para obras necessárias e ele me disse que quer que eu experimente alguns pratos novos, para aprovação. Assim, não estaremos sozinhos." No fundo, Maya não sabia se ficara feliz ou triste, mas chacoalhando a cabeça para tirar certos pensamentos, ela concordou em ir.

"Nossa, fique tranquilo, já senti firmeza." Deram uma risada, olhando um nos olhos do outro, sem pensar em nada, e o tempo parou... Quando retornou... *"A que horas você quer que eu esteja lá?!"*

"Eu faço questão de ir buscá-la. Moramos relativamente perto e um cavalheiro tem que buscar a dama."

"Bem, obrigada pela 'dama' e devo dizer que não estou acostumada a isso."

"Sete horas está bom para você? Temos muitas coisas para conversar."

"Certamente", respondeu Maya.

Eles ainda tiveram mais uma hora inteira para conversar e se conhecerem, até que Maya entrou em sua Pajero TR4 prata-ródio e saiu.

Enquanto o carro se afastava, David ficou olhando, pensativo, deixando escapar uma frase, sem que ninguém estivesse ao seu lado para escutar: *"sincronicidade ou realmente tenho que fazer algo a respeito?!"*. A frase somente poderá ser bem entendida com os acontecimentos que estão por vir.

8.

A SUV X5 BMW preta entra na garagem do prédio onde David mora, próximo ao Parque do Ibirapuera, em Moema. O apartamento de Maya estava situado no Campo Belo, e em um dia de domingo sem trânsito, pode-se dizer que há dez minutos um do outro.

Ao entrar no apartamento de cobertura, dois andares, com quatrocentos metros quadrados de área útil, Maya se depara com uma vista incrível.

"Isso é que é vista boa! Vigésimo primeiro andar!", exclama ela.

"Sim, é linda e com uma visão rara da cidade, sem nada na frente para atrapalhar. De dia é muito bonito por aqui. Eu escolhi este apartamento por causa da luz que penetra por todos os lados. É muito agradável ter luz o tempo todo e, à noite, temos esta vista. A sala de estar foi o ponto principal para minha escolha. Pé-direito de mais de cinco metros e muitas janelas. Lá em cima estão os quartos, que, claro, sendo solteiro, acabei fazendo adaptações para servir a meus hobbies, vou te deixar ver, depois do jantar que teremos na varanda, a continuação da sala", David havia integrado a varanda, fazendo um fechamento de vidros de correr por deslizamento, tendo cortinas solares para inibir o excesso da radiação, quando desejado, pois o sol bate o tempo todo de dia, por ser face norte. À noite elas ficam parcialmente recolhidas.

Neste momento, o chefe Armando aparece, vestido a caráter, com o uniforme de um dos restaurantes, em que se lia *"J. Dee"*. Ao ler o nome, a sobrancelha esquerda do rosto dela se ergue e ela diz uma frase que roubou de um dos seus filmes prediletos, C3P0 em Star Wars: *"típico! Realmente, típico. Você precisava ser tão preciso assim?! É John Dee, certo?! O alquimista, astrólogo, astrônomo e tudo mais da Elizabeth! Por acaso o nome do outro restaurante é "Kelly", o parceiro número um de Dee?!"*.

"Puxa! Acertou! Sabia que iria matar essa charada! Aliás, você é provavelmente uma das pouquíssimas pessoas que poderiam concluir isso. É necessário muito tempo de estudo e não assistir às novelas da TV para tal", elogia David.

Maya nota que Armando ainda esperava pelo cumprimento, olhando para os dois, pacientemente.

"Ops, mil perdões, eu me distraí com o nome gravado no bolso do seu uniforme. Sou Maya, prazer em conhecê-lo Sr. Chef".

"Pelo que percebi, enfim David encontrou alguém que sabe do que ele fala, pois ninguém o entende, exceto quando fala de comidas especiais, restaurantes e coisas similares... Bom, pelo menos no meu caso." Armando era de estatura e peso médios, nem gordo nem magro, ombros largos, embora nada atlético, cabelos e olhos tom de mel. Bochechas fartas e rosadas. Aparentava ter por volta de quarenta e dois anos.

"Ah, meu querido Armando, sempre cheio de elogios à minha pessoa!", todos riem.

"Posso convidá-los a virem à cozinha do chefe? Quero lhes mostrar o que eu estou preparando para o jantar... Por sinal, bela jovem, tem alguma restrição alimentar?!"

"Eu?! Bem, eu apenas evito carnes e derivados de porco, se tiver, eu puxo para o ladinho, e como o resto. Prefiro peixes e coisas do mar a carnes vermelhas. Aves eu gosto, principalmente frango, peru... Mas como de tudo mesmo... Bom, nem tudo. Aquelas coisas horríveis do filme do

Indiana Jones, do segundo filme, quando ele vai para Índia... Bom, não sendo coisa assim, eu como." Armando dá de ombros com uma expressão do tipo *"uhm"*, e os convida à cozinha. Lá ele apresenta pratos maravilhosos de entradas, feitos com legumes, frutos do mar e saladas coloridas, de forma artesanal, cogumelos deliciosos na manteiga, peixes com molhos de manga e maracujá e minissobremesas preparadas para poderem saborear uma diferente a cada garfada.

"E para acompanhar, temos vários vinhos a escolher. Você tem preferência, Maya?!"

"Bom, essa é a parte mais difícil da conversa com o chefe... Bem, eu não tomo nada alcoólico. Eu sei que é meio antissocial, mas eu prefiro água ou guaraná diet, qualquer suco de fruta", fala ela em um tom encabulado.

"Minha cara, hoje em dia as pessoas estão indo para esse lado mais natural, mais leve e não estão bebendo tanto quanto antes, isso ficou claro nos restaurantes do David, embora ainda tenha grande demanda para cervejas e vinhos suaves, mas de forma mais controlada. Fique tranquila que temos guaraná zero, além de sucos. Vou servi-la... Ah, enquanto eu preparo os pratos, aproveite para ver a coleção, posso dizer, meio 'bizarra' de David, mas no fundo interessante. Terão meia hora a quarenta minutos, para ser preciso."

"Sempre o mesmo Armando, sempre o mesmo cara que não entende o valor figurativo dos meus pertences. São todos réplicas, portanto, não arregale os olhos quanto a valores. Vamos!" David pega na mão direita de Maya e a leva escada a cima.

"Sim, senhor!", diz ela com ar jovial e alegre, o que era normalmente o seu tom emocional.

No andar de cima da cobertura, ficavam os quartos e um jardim de inverno no centro do hall para o qual se abriam quatro portas, presumidamente, quatro quartos. O jardim era fechado por vidros, incluído o teto, sendo regado por luz, durante o dia. A natureza estava presente por todo o apartamento, em todos os ambientes, concordando com cada espaço e respeitando o seu estilo.

"Nossa que bom gosto! Sabia que você tem, mesmo, muito bom gosto?! Aposto que tem uma equipe de arquitetos para ajudar a montar estes ambientes bárbaros!"

"É, na verdade, eu precisei de ajuda. Gosto de decorar, mas não sou tão bom assim!" David abre a porta de um quarto e convida Maya a entrar na frente. Era um ambiente grande, de uns cinquenta metros quadrados, as paredes cobertas por folhas de madeira e filetes de alumínio, que amenizava o ar sóbrio e pesado que poderia tomar conta do ambiente. Logo ao abrir a porta, percebia-se, ao fundo, uma mesa, tipo escrivaninha, imponente, toda em madeira e couro cobrindo a parte de cima, na cor preta. A mesa era delicadamente entalhada, cheia de símbolos, lembrando muito a resolute desk. Maya imediatamente se dirigiu a ela, sem reparar na infinidade de objetos que estavam apoiados sobre pedestais ou colocados nas prateleiras do local.

"OK, não é a resolute, mas é bem parecida... Cheia de símbolos... Alguns conhecidos... Ela é nova... Mandou fazer?!"

"Boa observadora e cérebro de investigação! Sim, foi feita há um ano por um grupo de artesões de Itatiba, São Paulo. Eles têm várias marcenarias e um hobby, o de fazer objetos como este. São maçons por tradição e, portanto, sabiam cada detalhe do que foi colocado nela." Maya ouvia David, entretanto, mal conseguia tirar os olhos e as mãos da mesa.

"Linda... É madeira... Vermelha... pau-brasil?! Nossa, é mesmo! Tá escrito aqui. Símbolos judaicos, símbolos assírios, acadianos, olmecas ou similares... Astecas... Nossa, você colocou de tudo... A arca da aliança... E... Zaratustra, o Zoroastro. Só para falar desse aí teríamos que ficar semanas discutindo a antiga religião da Pérsia. E eu diria, um pouco além disso. Esse povo antigo, cheio das asinhas de aves nos símbolos e desenhos. Pelo que vejo, você concorda com a teoria dos Astronautas Antigos propagada por muitos escritores, como Erick Von Danicken, Giorgio Tsoukalos, Zecharia Sitchin, Robert K. G. Temple, David Wilcock, David Hatcher Childress, por exemplo, entre outros... Maravilhosa! Fico com ela quando enjoar!"

Agachada, percorrendo cada canto da mesa, Maya falava passando a mão sobre todas as gravuras, parecendo que recebia dela algum tipo de energia. *"Vimanas!"*

A qualidade dela em avaliar estes dados sempre surpreendia David, o qual pensava: *"há poucas como ela... Deve ser ela e ela terá que saber..."*.

Em seguida, ele a conduz aos objetos que tinha, chamando-os de réplicas, estando sobre pedestais ou nas prateleiras das estantes. Todos os objetos tinham, para maior destaque, luzes do tipo spot focadas. Se o ambiente estivesse todo iluminado por cada uma dessas luzinhas, seriam ofuscados por um excesso de iluminação. Afortunadamente, David havia solicitado que construíssem um controle de luz que atendia ao comando da sua voz, assim, a luz específica sobre cada objeto só era acesa quando ele pronunciava o seu nome. Vimana Seti. Com esta frase, uma luz aponta para um pedestal que continha uma tábua retangular de madeira dourada, cujas imagens de helicópteros e objetos voadores similares eram eletrizantes. Junto com a tábua estava um texto muito interessante, nitidamente impresso de algum artigo obtido na internet:



Foto de domínio público.

"O jornalista espanhol Javier Sierra escreveu sobre a lápide egípcia com inscrições estranhas de helicópteros e naves espaciais o seguinte:

Em 1995, passei um tempo em Abydos recolhendo toda a informação referente a esse relevo, que está em uma das paredes do templo do Faraó Seti I, bem perto da entrada.

Tirei fotos, desenhei esquemas e falei com os arqueólogos locais que não tinham ideia do que se tratava.

Trouxe todo o material para a Espanha e publiquei algo em "Año Cero" num artigo chamado Egito: vestígios do futuro, onde me dei conta dessas inscrições. Consultei um especialista em línguas antigas, o epigrafista Jorge Díaz.

Ele analisou e chegou a resolver o enigma: o que parece um helicóptero, uma arma de fogo e até um submarino não é mais que um resultado de um relevo de Seti I usurpado pelo seu filho, Ramsés II."

"Ramsés fez isso com as inscrições de Abydos, não apagou os textos de Seti, mas escreveu em cima. Portanto, aqueles desenhos foram feitos por antecessores à história egípcia", diz David, acompanhando a leitura em voz alta de Maya.

David observava Maya com curiosidade e com um ar, de certa forma, investigativo.

"O que você acha disto, Maya?! Acredita em um passado para a humanidade diferente do que contam nos livros de história?!"

"Certamente. É por isso mesmo que li livros e vi palestras dos investigadores que mencionei... Nossa, você tem aqui os livros dos Vedas!"

"Sim e neles constam os Vimanas, os quais eram veículos que hoje chamamos de OVNIS. Havia vários tipos. Existiram há milhares de anos e, decerto, foram criados por uma civilização superior à nossa em conhecimentos científicos e tecnológicos. A descrição completa nos Vedas ou textos hindus mais antigos do que a própria Bíblia é indiscutível. Um exemplo é o que se encontra durante o Império Rama, o qual existiu há pelo menos quinze mil anos no norte da Índia, provavelmente com existência em paralelo à civilização atlante, que pelos cálculos de Platão deve ter sido destruída há doze mil anos, antes do grande dilúvio e do cataclismo que a afundou… Interessante notar que os nazistas desenvolveram motores baseados em 'pulsos' ou propulsores para as suas bombas V-8, iguais aos relatados nos textos dos Vimanas. Hitler era especialmente interessado pelos conhecimentos ocultos antigos da Índia e do Tibete e mandava expedições para lá, ainda nos anos 30. Há relatos, inclusive, sobre eles terem conseguido reproduzir um Vimana, e alguns do alto comando fugiram para a Antártida, outros mencionam o Polo Norte, para formar, enfim, o 4º Reich. Felizmente não conseguiram mais do que isso. Há, inclusive, fotos dos esquemas alemães de construção que foram capturados pelos aliados. Eu tenho cópia deste artigo, publicado no jornal Wiener Montag, de 29 de dezembro de 1947. Essas referências completas estão nas pastas dos arquivos, algumas impressas e outras só no computador, ali ao lado." Ele aponta para a mesa que Maya havia gostado, a qual tinha um notebook sobre ela.

"Veja este texto: Vedic Theories of Creation – Vimanas, adaptado por Rui Palmela, o qual encontrei repetido aleatoriamente na internet: 'No Mahabharata, temos a descrição de um ataque do tipo nuclear (ou o mau uso da chamada energia VRIL), lendo-se o que se segue: Gurkha, voando a bordo de um Vimana de grande potência, lançou sobre a cidade um projétil único, carregado com a potência do Universo. Uma coluna incandescente de fumaça e fogo semelhante a dez mil sóis se elevou em seu esplendor. Era uma

arma desconhecida, o raio de ferro, um gigantesco mensageiro da morte, que reduziu a cinzas toda a raça dos Vrishnis e dos Andhakas. Os corpos ficaram tão queimados que se tornaram irreconhecíveis. Os cabelos e unhas dos que sobreviveram caíram. A cerâmica quebrou sem causa aparente, e os pássaros ficaram brancos. Após algumas horas, todos os alimentos estavam contaminados... Uma bela descrição de um ataque atômico, acontecido antes do grande dilúvio universal. É interessante notar que quando Alexandre, o Grande, invadiu a Índia (há mais de dois mil anos) seus historiadores relatam que, em um certo ponto da batalha, foram atacados por 'brilhantes escudos voadores' que mergulharam contra o seu exército e assustaram a cavalaria."

Maya ouvia, quase sem respirar e com total compenetração, o que ele dizia, baseando-se por partes na leitura do texto que salvou no notebook e parte interpretado por ele mesmo. De repente, sua atenção foi atraída para um objeto que era curioso, um eixo metálico com um nó ao centro, estava ligado, em cada ponta, a uma forma de coroa vazada, com aproximadamente vinte centímetros de comprimento. Ela não se conteve e dirigiu-se imediatamente em sua direção.

"Você mencionou VRIL, e tem o gerador!"

Aproximando-se, no momento em que ela ia pegar o objeto com a mão direita, este reluz, fazendo com que David se precipite à sua frente e segure o aparelho, perfazendo uma posição de garra com a mão direita, o polegar ficando para cima e o dedo mínimo para baixo, cada qual apoiado em uma das coroas encontradas em suas extremidades. Os três dedos restantes circundavam o seu aparente eixo central. As duas coroas se sobressaíram e ficaram bem à vista. Imediatamente, para surpresa de Maya, uma luz parecida com um plasma energético foi criada, dentro destas coroas, aumentando a amplitude até que ambas se uniram em um imenso vórtice energético. Ela nota que seu cabelo foi o primeiro a dar sinais de um perigoso campo eletromagnético em expansão. Prevendo o perigo que viria a seguir, David girou o objeto e o ancorou na sua base sobre o pilar onde estava, fazendo com que o campo magnético cessasse. Entretanto, este campo magnético o afetou, desmoronando aos poucos, ficando primeiramente de joelhos e com vaga consciência, na sequência, caindo de frente, completamente desacordado no chão.



Foto por M.C. Pereda: DORJE ou Gerador VRIL.

9.

Inclinando David para frente, Armando faz com que ele cheire ervas fortes amassadas em vinagre, incluindo pimenta em pó, fazendo-o retomar a consciência.

"Eu sempre digo para ele não brincar com essas coisas! E ainda por cima, de estômago vazio! É claro que iria dar nisso! David é muito cabeça-dura! Eu avisei, várias vezes, para não abusar dessa coisa!" Armando estava diferente, mais duro, proferia estas frases e Maya captou que havia muito mais para entender do que simplesmente a luz e o campo magnético gerado pelo objeto.

"Beba isto. É suco de manga! Cheio de carboidratos e minerais que o seu corpo precisa neste momento!", ordena Armando e David obedece ainda com as mãos e o queixo muito trêmulos. Até este momento, Maya estava agachada ao lado deles, segurando a mão esquerda de David e percebendo que sua energia física havia sido como que... Sugada.

"Meu Deus, eu nem sei o que dizer! Eu já tive uma réplica dessas e acabei jogando fora, pois nada acontecia e eu achei bobeira... O que foi isso? E me desculpe, eu nunca imaginei que poderia causar um problema assim!" Maya estava completamente desnorteada, sentindo-se culpada por ter causado problemas.

Após alguns minutos, David consegue se levantar, mas ainda estava trêmulo e fraco. Ele se senta em um sofá de couro preto que estava ao lado, inclina-se para frente, em direção aos joelhos, levantando os braços e levando os cabelos para trás, com as mãos, concomitante a uma forte inspiração e expiração, repetida por três vezes. Ele então fala pela primeira vez: *"esse gerador VRIL está ativado, provavelmente o seu não estava, caso contrário, conheceria o risco... Fique tranquila, você não tem culpa. Não teria como saber, e eu, não te avisei. Agora estou melhor, vamos descer pois precisamos jantar e isso reporá as minhas energias"*.

Enquanto Armando ajudava David a levantar e sair do quarto, Maya olha intrigada o gerador. Seu jeito de ser leve e brincalhão dava lugar ao seu outro lado, uma cientista muito séria, investigativa e que sabia, pelo menos em partes, o que tinha ocorrido ali. Ainda sentindo a atmosfera eletrizada por elétrons que percorriam sua pele, ela nota que os pelinhos dos braços estavam esticados e ao tocar os cabelos ouve um som como se milhares de pequenas coisas estivessem estalando. Ela faz menção de sair e quando gira a maçaneta da porta, uma faísca dispara, levando um leve choque.

"Ai! Tem elétrons por todos os lados aqui", saindo logo em seguida e fechando a porta.

10.

"Acontece que eu descobri uma relação direta entre o magnetismo e a luz, também eletricidade e luz. O campo que se abre é tão grande e rico." Michael Faraday, físico e químico.

David, Maya e Armando jantavam calmamente. A preparação da mesa havia sido feita de maneira informal, ao estilo americano, em que cada qual se servia do que quisesse. David sentia-se bem melhor e conseguiu restaurar as forças, voltando totalmente ao normal, logo após o jantar. Para poderem aproveitar os deliciosos pratos que o chef Armando havia preparado, eles combinaram de conversar sobre o ocorrido, somente após o jantar, tomando café, sentados confortavelmente no sofá. Durante o jantar, Armando tomou a frente nas conversas, focando na arte do preparo dos grandes pratos de cozinha gourmet que o chef criava, o qual, de vez em quando, aparecia em reportagens de alguma revista sobre o assunto.

"Quer dizer que temos aqui alguém que está ficando famoso! Daqui a pouco vou ter que pedir autógrafo e não conseguiremos mais descolar um jantar destes! Ele vai ficar importante!", brinca Maya.

"Para os amigos eu terei sempre o prazer de compartilhar a minha arte! É o que me faz feliz! Quem quer um expresso à italiana?!"

"Eu quero com espuminha de leite... Mas, vamos logo, eu quero saber e agora é a hora: o que foi aquilo? Aquela energia que foi ativada através do gerador vril eletrizou todo o ambiente e ela sugou você, coisa que não deveria, já que o vril é outra interpretação para a energia vital, prana, shi, blah, blah, blah para qualquer nome que se queira dar. É uma energia disponível no Universo, portanto, pode ser canalizada, mas algo ali deu errado e ela jorrou de forma incontrolável! Esse é o problema que quero saber... Por que o descontrole e por que você pareceu estar completamente ciente do que iria acontecer se eu tocasse no gerador?", Maya foi direta e objetiva, dissecando os pontos como era sua peculiaridade, quando algo a inflamava.

"Você está bem familiarizada com a Sociedade Secreta do Vril?" , pergunta David, mostrando-se plenamente energizado.

"Bom, o que eu sei é o que eu aprendi quando comprei um Vril Wand que vendiam na internet, ou melhor dito em português, gerador vril. Foi um dos assuntos que eu estudei por cima, e prefiro que você faça de conta que eu não sei nadinha, e comece do zero."

"OK, vamos desta forma, então. Maya, sempre houve várias sociedades secretas, algumas boas, outras nem tanto. Mesmo dentro das que eram boas, às vezes, existiu ou existe um círculo interno, desconhecido dos que estão na mesma sociedade. Um exemplo é o grau de sigilo, ou melhor, níveis de informações que os funcionários da NASA podem saber. Não é uma sociedade secreta, mas lida com os segredos na mesma construção. Os de nível mais baixo nem sonham com as coisas que os de nível mais alto sabem ou vivenciam. Muitas das vezes, a estas pessoas não é permitido ter contato com hierarquias mais altas, ou ainda, nem têm como cruzar em corredores, pois ficam isoladas. Algo assim é o que ocorre dentro de uma maçonaria, dentro do grupo que frequento e em qualquer outro que escolha proteger, influenciar ou danificar, para obter poder, ou

ainda, salvar outros do poder de alguns, o que é o mais comum no meu meio. Resumindo, o que se intitula sociedade secreta é, na verdade, secreta para todos, inclusive para os que estão dentro dela, sendo que o que é dado a saber, seja por livros escritos, documentários televisivos, reportagens, etc. não são as partes realmente secretas, e sim as que podem ou interessam ser faladas, até certo nível. Um maçom de baixo nível, que frequenta uma loja de pouca importância e poder, frente a outras, não faz ideia do que ocorre nos níveis mais altos, a menos que alguém conte e este é outro problema, tanto para quem conta como para quem recebe a informação. Eu usei os maçons apenas para dar um exemplo, em um grupo conhecido. Ao mesmo tempo, existem sociedades secretas que são formatadas apenas com interesses próprios e escusos, focados no mal mesmo. Em alguns grupos que já mencionamos, como os Bilderberger, a Trilateral Comission, parece haver renascido o que contávamos estar apenas nas cinzas, mas não está: a Sociedade do Vril."

Maya estava imóvel, parecia não respirar para não perder uma palavra. David dá um suspiro, troca de posição no sofá para relaxar e achar a melhor forma de continuar com o assunto.

"O vril nasceu, ou renasceu, pois parece haver sido usado amplamente na Índia dos vedas, e logo após a Primeira Guerra Mundial, foi incorporado com extremo entusiasmo pela Alemanha nazista, sendo que seus membros máximos, oficiais de alta patente de Hitler, como Goering, Heinrich Himmler, Rudolf Hess, entre outros, foram os que demonstraram o interesse total no misticismo e poder paranormal, encontrando uma forma que parecia tornar seu plano de poder, infalível à supremacia ariana. Segundo um documentário muito bem escrito, do History Channel, o vril é apresentado como uma energia intangível, uma força universal que poderia fazer qualquer coisa para quem a manipulasse, e naquela época, era usado para cometer assassinatos políticos, evocar espíritos dos mortos, promover em frenesi, orgias sexuais e o mais macabro, praticado durante todo o período nazista: sacrifícios humanos, especialmente de crianças. Acreditava-se que um sacrifício de uma criança libertaria um poder muito maior do que o libertado com o sacrifício de um adulto... Isso leva a entender o que era feito nos campos de concentração e como 'a desculpa de purificar a raça e dizimar os judeus' se tornou algo além do problema econômico e social, por trás, acreditavam que tinham encontrado uma ótima forma de liberar energia vril em grande quantidade. As crianças judias mortas foram para isso utilizadas e, antes de a Segunda Guerra iniciar, órfãos da Bavária pareciam ser os mais perfeitos para o sacrifício, pois não tinham família para procurar por eles... E pasme, foram mortos centenas destes órfãos até que os judeus tomaram o seu lugar."

Maya estava horrorizada! Esse era um lado da história que ela nunca tinha ouvido falar. Sendo uma pessoa muito sensível, seus olhos se encheram de água e quando ela olhou para Armando, este já limpava as lágrimas. David toma fôlego e continua.

"Há poucos registros sobre esta sociedade. Eles acreditavam que esta energia sobrenatural poderia ser utilizada para obter poder material e o mais interessante é que procuravam canalizá-la por meio da prática sexual, obtendo o que os indianos chamam, de certa forma, de a subida da kundaline. A prática da meditação era usada para o mesmo fim, sem os aspectos de busca espiritual. É uma técnica comumente utilizada por escolas filosóficas ou espiritualistas, que a empregam para que as pessoas aprendam a alcançar a iluminação e não tenham poder de dominação sobre os outros. Daí a dualidade que está em tudo. O vril não é uma energia ruim ou 'do mal'. Nada é do mal, força alguma é, o que as torna negativas é a qualificação que damos, como as usamos. Esse é o caso do vril. O problema é que, esta energia é muito difícil de ser controlada e muitos morrem ou ficam loucos ao tentar. Converter-se ao mal é uma consequência muito comum para aqueles que não estão puros o bastante para controlar a si mesmos, muito menos com capacidade de controlá-la", David toma novo fôlego.

Maya tinha seus pensamentos vagando pelo ar, por alguns segundos, e em seguida, faz uma pergunta.

"De onde surgiu esse conceito, ou seja, por que um grupo achou esse conhecimento perdido por mais de... Vamos dizer, sete mil anos, para ser mais próxima do que se chama conceito acadêmico e eu diria com os meus próprios estudos, mais de quinze mil anos?!"

David se levanta e vai até a biblioteca, buscar um livro.

"Eu queria que você ficasse com este livro. Deve lê-lo o mais rápido que puder para entender tudo o que eu estou dizendo e coisas que irão acontecer", David fala com ar misterioso e faz Maya recuar, jogando-se para trás, recostando-se no sofá, com olhos arregalados pela surpresa.

"Coisas que vão acontecer?! Onde? Quando?! O quê?!"

"Calma, eu vou esclarecer o máximo que puder hoje. Armando, tudo bem com você?!"

"Sim, sim, claro... Eu só fiquei mais que certo que cozinhar é a melhor coisa que escolhi para a minha vida, desde aquele dia..."

Maya olha para Armando mais surpresa ainda e, desta vez, não se atreve a perguntar, ficando apenas com uma gesticulação ao bom estilo italiano, com os braço abertos e palmas viradas para cima do tipo "ma che?!". David interrompe a gesticulação de Maya:

"Veja, este livro é o início da ideia nazista. Chama-se 'The Coming Race", de Eduard B. Lytton, o qual era inglês e o publicou em 1870, aproximadamente. Nele Lytton fala de uma raça superior, chamada Vril-ya, a qual morava em cavernas subterrâneas e tinha acesso a uma energia que provinha de um estranho fluido eletromagnético, chamado vril. O termo pode ter ficado oficial, após esta menção. Só para ter ideia do que contém o livro, ele mostra que uma criança pode usar o vril para destruir uma cidade inteira... Daí a obsessão nazista para obter o seu domínio."

"Eu juro que nunca mais farei pratos alemães no J. Dee!", exclama Armando horrorizado.

"A Sociedade Vril tornou-se o centro do misticismo nazista e termo ideal para descrever uma subcorrente do nazismo, quase religiosa, que se caracterizava pela combinação do nazismo com o ocultismo e o paranormal... Ainda está viva e mais presente do que nunca! Várias sacerdotisas foram treinadas, no mesmo estilo das nazistas mais famosas, como Maria Orsic, uma austríaca que beirava a perfeição do Olimpo quanto à beleza e que encabeçava o grupo de sacerdotisas-médium que utilizavam o poder do vril em benefício do partido nazista."

"What!?", pergunta Maya, saltando do sofá. *"'I beg your pardon.' Me explica isso melhor e como você sabe?! A melhor pergunta é... O que tudo isso tem a ver com você?!".*

11.

TRÊS ANOS ANTES. MEIA-NOITE. CURITIBA, BRASIL

Um homem atraente, aparentando quarenta anos, magro, cabelos e olhos castanhos claros, estava no escritório de sua casa, digitando em seu notebook. A iluminação do ambiente limitava-se a um abajur que estava próximo à mesa onde trabalhava. Ele parecia estar intrigado e muito focado em conseguir alguma coisa em especial.

"Entrei! Te peguei! Agora sim, quero ver o que você está me escondendo! Tentando roubar os dados do meu servidor, hein! Toma essa! Agora eu é que vou baixar tudo o que tem no teu!"

O computador de Pedro havia sido invadido. Por algum motivo ou até sem, alguém localizou o seu IP e iniciou um processo de driblar seu firewall, encontrando a porta de acesso. Em resposta, ele localizou o invasor por um comando do tipo trace route e por vingança, após a localização do IP invasor, inicia uma demorada cópia de arquivos do inimigo. Ao terminar, gerou um DNS, invalidando o servidor do agressor. Durante o tempo que baixava arquivos com nomes que achava interessante, mesmo que não soubesse o que era, divertia-se pela desforra feita. Ele não admitia que invasores danificassem ou roubassem dados. Por isso mesmo, continuava a baixar mais e mais. Por volta das duas horas da madrugada, o sono o vence e ele acaba adormecendo, amplamente amparado pela cadeira de respaldo alto, reclinável e com apoio para os pés.

Ao nascer do sol, os primeiros raios entram pela janela aberta, despertando-o com sobressalto. Eram seis e meia da manhã, segunda-feira. Tinha uma reunião para apresentação de um projeto de customização de um software de gerenciamento para uma famosa rede de lojas. Projeto grande, para o qual tinha que estar em forma, às oito e meia da noite, na sua sede em São José dos Pinhais, próximo ao aeroporto da cidade.

Ao olhar, meio adormecido, a tela do computador, reparou apenas na mensagem "download completo". Sem observar o resto, fechou o notebook e foi direto para o chuveiro. Quarenta e cinco minutos depois, estava elegantemente trajado, terno e gravata, azul marinho com camisa branca. *"Bem clássico! O que tem que chamar atenção é o projeto a ser apresentado e ele está perfeito!"*, pensava ele.

Toca o telefone: *"Pedro? Está pronto? Eu estarei passando na sua porta dentro de cinco minutos. Me espere na porta do prédio. Temos que chegar cedo para preparar a apresentação".*

"OK, estou nos trinques! Descendo!"

Daniel, seu colega de empresa e sócio, para o seu carro, uma BMW X5 na porta do prédio de Pedro. Rapidamente ele entra e animadamente começa a conversar.

"Meu caro, você não faz ideia! Sabe aquele acesso que eu queria conseguir, o dos caras que invadiram o nosso servidor, o que tinha o nome de Vril-ya, que eu achei meio sinistro pelos arquivos que abri, falando de poderes especiais, fonte de energia etc.?!"

"Pedro, Pedro, pare de se meter onde não deveria! Isso pode dar um grande problema! Você não tem noção de que o fato de ser o melhor e mais qualificado programador que já conheci está pondo tudo a perder por essas suas incursões noturnas. Um dia irá preso ou sei lá o quê! Pare com isso!" Daniel fala de uma forma bem enfática para que Pedro entenda que pode se meter em problemas e danificar o sucesso do empreendimento. "Justo agora que tudo está dando certo!",

pensa Daniel.

"Ah, eu sei, eu sei... Eu vou parar, mas foram eles que invadiram o meu computador. Eu estou dando o troco! Eu só queria que soubesse que depois de duas semanas inteiras tentando, enfim entrei neles. Mas lembra que eles é que provocaram, eles é que invadiram o servidor da nossa empresa e bagunçaram tudo, copiaram um monte de coisa. Ainda bem que levaram tudo embaralhado... Sistema de segurança... E pouco iriam aproveitar", justifica-se Pedro.

Chegaram e rapidamente a equipe composta por uma secretária e dois programadores estava à espera.

"Tudo certo pessoal. Vamos instalar o notebook na rede e preparar o programa para rodar. Ainda temos trinta minutos", diz Daniel.

"Vou pegar dois expressos e você prepara a apresentação."

"OK, Daniel. Deixa comigo! Já liguei na tela da TV de sessenta polegadas. Vamos usar a tela grande para poder ver melhor a forma como jogamos os produtos nas páginas do programa. Vai dar um visual muito bom e convence! Olha o Jobs!"

Daniel vai até a copa e volta em cinco minutos com dois espressos macchiatos. Ao entrar encontra Pedro com um rosto aterrorizado e completamente branco. Na tela de projeção, em frente à mesa, havia frases sendo escritas, com uma letra que parecia a imagem de um veio dourado de fogo, criando palavras, e o som, de forma gutural, ia sendo construído, concomitantemente.

"O que é isso?!" Daniel estava aturdido, deixou a bandeja com as xícaras inclinar e um dos cafés virou, caindo no chão. Nesse mesmo momento a secretária entra e, percebendo a sujeira, pega papel toalha e limpa o piso frio. Quando ela se levanta, fita a tela da TV e a do notebook, já que projetavam a mesma imagem. *"Isso é alemão. Misturaram com inglês, e ficou difícil de entender. Era melhor que fosse só alemão"*, exclama Valda, calmamente, já que ela estava bem mais tranquila que Daniel e Pedro.

"Valda, tente traduzir, o que está escrito?!", pergunta Daniel ao lado de um Pedro em estado de choque, provavelmente porque ele imaginava que teria perdido todo o seu HD e a apresentação.

"Eu não liguei na rede! Não liguei na rede, portanto, o problema está somente no meu notebook, o resto está salvo!"

"Morte... Vingança... O sol negro vai destruir quem o incomoda. Qual sol negro?! É um programa de jogo, certo?! É o nome da nossa empresa: Black Sun, mas acho que não se referem a ela. O sol negro é outra coisa para eles, pelo que eu estou entendendo. Pedro aprontou novamente, imagino... Vril-ya... Isso não sei o que é, meus avós nunca pronunciaram essa palavra." Valda não tinha a menor ideia do que se tratava e, como trabalhava com Pedro e Daniel há mais de três anos, sabia que eles se relacionavam com pessoal de jogos eletrônicos, antes de ela entrar, e pensou que isso fosse algo correlacionado. Ela tinha vinte e sete anos e era trilíngue, inglês, alemão e espanhol. Sua família por parte de pai e de mãe era de origem alemã, tendo seus pais já nascido no Brasil, em uma cidadezinha próxima a Blumenau, Santa Catarina.

Daniel toma a frente e desliga o notebook de Pedro. *"Veremos o que é isso depois. O seu notebook não pode mais ser usado. Por sorte, tenho um backup no meu computador e a apresentação está salva. Valda, chame o Luís para instalar o meu e eu vou conversar com o Pedro na minha sala. Pedro, vem..."*, com um gesto enfático de mão, Daniel leva Pedro e, sem sentar, pergunta: *"o que você sabe desses caras que invadiram?! Chegou a ler alguma coisa à noite?!"*.

"Não, digo, quase nada... Eu estava com muito sono e o que vi, que entendia, pois estava em inglês, falava de reuniões em algum lugar em São Paulo, com nome estranho e mencionava vários

nomes de gente, a maioria parecia ser alemã. Esse termo 'vril' que vimos hoje apareceu várias vezes para mim, em arquivos, e eles mencionavam um castelo... Wewe... Wewe..." Pedro não conseguia lembrar o nome completo, mas para a sua surpresa, Daniel o menciona com perfeição: *"Wewelsburg"*.

"Isso mesmo! Quero dizer, acho que é isso."

"Pedro, como bem eu te avisei, você, e por tabela, agora, nós, estamos em uma enrascada..."

"Como assim?!"

Daniel suspira fundo, de forma a relaxar, movimentando os braços e ombros para melhorar a concentração e respiração. Seus olhos azuis pareciam ainda mais iluminados quando a tensão o incomodava. Uma mania de passar a mão direita pelos cabelos castanhos escuros se seguia, enquanto pensava.

"Olha, o que eu vou te contar, de forma rápida, precisa ser mais apurado com os dados que você deve ter no notebook, se é que ele ainda funciona... E..."

"Eles chegaram!" Valda avisa que os clientes estavam se acomodando na sala de reuniões e que a apresentação estava pronta e funcionando bem, segundo o programador Luís.

"Vamos fazer o que temos agora e depois verificaremos este assunto."

Durante aproximadamente duas horas, Daniel tomou a frente, pois ele representava a área de marketing e comercial da empresa, apresentando o software de gerenciamento. O cliente saiu bastante entusiasmado, já com o valor da proposta em mãos, prometendo discutir o projeto no mesmo dia e dar a resposta no dia seguinte, já que tinham pressa em começar a instalação do sistema.

Daniel e Pedro acompanham os dois diretores da empresa até a porta da frente do prédio, de dois andares, e se despedem. Ao fazê-lo, eles se afastam em direção ao carro, parado em frente à porta. Daniel percebe um carro escuro, tipo van, a aproximadamente dez metros de distância, na mão contrária da rua, com dois homens dentro. Um deles tinha uma câmera com uma lente zoom bastante grande, sem a preocupação de estarem sendo vistos, batendo fotos deles.

"Parece que estão tirando fotos nossas. Será que a gente já vai sair em revista de novo? Isso é paparazzo?! A gente saiu na revista Exame... Vai ver que..."

"Pedro, eu acho que estão tirando fotos da gente, mas não é coisa boa, não. Entre logo!"

Assim que entraram, o carro saiu rapidamente, descendo a rua em direção ao aeroporto, sem que os dois ocupantes olhassem para eles ao passar.

Ao entrar, Daniel solicita a Luís e Valda que façam algumas pequenas alterações no projeto, de acordo com a solicitação do cliente e que esta diferença de valor seja enviada, logo após o almoço, para o diretor-geral da empresa visitante. Em seguida, ele puxa Pedro pelo braço, pedindo que a rede Wi-Fi seja desligada temporariamente, por precaução.

"Vamos abrir o seu notebook e ver o que encontramos", diz Daniel.

"Está tudo perdido. Detonaram tudo!" Pedro estava desconsolado. Seu notebook era muito caro e novíssimo. Em seguida, exclama: "acho que ficaremos sem saber o que houve".

"Algo me diz que, muito em breve, saberemos o que houve."

"Daniel, você sabe do que se trata?! Pelo fato de ser um rosa-cruz há tantos anos, mais de dez anos, né?! Isso é algo que você estudou lá?!"

"Pode ser e, se for, é muito perigoso."

Assim que Daniel mencionou isso, a janela da sala, a qual estava fechada devido ao ar-condicionado, abre-se totalmente e de forma abrupta, causando um grande susto em ambos. A sala adquiriu uma aura dourada e cintilante, a temperatura começou a aumentar rapidamente e uma imagem de uma mulher muito bonita, magra, alta, loira de olhos azuis muito claros e cabelos tão longos que se arrastavam pelo chão, começou a se formar. Algumas frases em

alemão, ou o que parecia ser, eram sussurradas.

"Holografia!! Isso é uma holografia?! Valda!" Pedro estava apavorado e perguntava a Daniel ao mesmo tempo em que gritava pela colega, para que traduzisse.

Valda entra de sobressalto e vê a imagem da linda mulher, flutuando, vagando pela sala. A imagem não estava perfeitamente sólida, permitindo visão através dela. Suas vestes pareciam de uma sacerdotisa greco-romana e o vento que soprava na sala de Daniel, interessantemente, interagia com os seus cabelos, ou o contrário.

"O que ela diz?!", pergunta Pedro em frenesi, enquanto Daniel se aproximava dela a título investigativo.

"Ela está dizendo algo como... Vocês vão fornecer o vril para nós, sua morte será nossa força. Credo, o que é isso!? Ela está dizendo o nome de alguém de forma repetida." Valda tenta entender melhor o que a imagem pronuncia, chegando mais perto, percebendo que o som não vinha da imagem, mas de todos os lados, embora fraco.

"O Mestre... Haushoffer... Haushoffer... Hess... Eles virão agora e vamos colher o vril, agora", entendeu Valda do que dizia a imagem holográfica.

Um reflexo de se jogarem para trás, dando vários passos até a parede, é imediato nos três colegas, quando um calor enorme se desprendeu da imagem, a qual tinha em suas mãos um aparelho que aparentava ser de ouro, com o formato de duas coroas vazadas ligadas por um eixo com um nó ao centro. Com os braços esticados à frente, as duas mãos seguravam o aparelho, mantendo-o apoiado nos polegares, enquanto os outros dedos, de cada mão, estavam abertos, como antenas para um submundo. Nesse exato momento, a figura da mulher parece entrar em transe e o vórtice de energia expande, gerando um calor insuportável, fazendo-os sair correndo da sala, antes que queimassem.

O fogo se espalha e Daniel grita para todos abandonarem o prédio, onde outras empresas também trabalhavam. Aproximadamente trinta pessoas estavam na rua, tentando entender o que havia ocorrido. O desastre maior foi amenizado devido ao prédio ser novo e ter um bom sistema contraincêndios. Quando os bombeiros chegaram, foram precisos sete minutos para controlar o problema. Completamente destruídas ficaram a sala de Daniel e a sala de reuniões. O resto do prédio foi preservado, tendo algumas áreas mais próximas sofrido danos menores.

12.

"Quer dizer que o teu nome não é David, e sim Daniel Rodrigues Bacon?!", pergunta enfaticamente Maya.

"Na verdade, como te disse, o meu pai era inglês, e minha mãe brasileira. Ele havia me registrado, conforme a lei brasileira, primeiro com o sobrenome dela e depois com o dele. Eu usava mais o Rodrigues, por ser brasileiro. Então, quando mudei de nome, retirei o Rodrigues e mantive o Bacon."

"No meu caso", esclarece Armando, *"eu inventei tudo novo. Tinha que sumir para dar certo e ficar calmo. Sendo um hacker e tendo muitos amigos, isso não foi difícil. Até atestado de óbito eu arrumei pra gente... Esse foi mais difícil, mas consegui".*

"Nesses três anos que estamos em São Paulo, fui participando, por orientação do pessoal rosa-cruz, de alguns grupos que poderiam me ajudar com o assunto do vril. Assim fui introduzido e estou trabalhando para dominar a sua energia. Essas pessoas que me ajudam não aparecem em lugar algum, pois elas também correm perigo de vida, já que o objetivo deles é o de controlar o vril para o bem, para evitar o seu uso em objetivos malignos, coisa que tem acontecido, desde muito antes da Segunda Grande Guerra. Armando não tentou sequer chegar perto dessa força, mas entende tudo o que estamos falando."

"É por isso que me chamo Armando Silva. Eu pesquisei e achei algumas centenas de milhares de Armando Silva no Brasil. Assim, fiquei com esse nome, e agora cozinho para ter um perfeito disfarce, genial e funciona!" O jeito bufão de Armando encobria a grande inteligência em várias áreas, o que só se conhecia quando a convivência existia. Entretanto, tal genialidade poderia gerar alguns efeitos oriundos de suas atitudes demasiadamente intrépidas, como a que os colocou nessa necessidade de estarem disfarçados.

Maya e David se olham nos olhos sem ter palavras para continuar o diálogo. Esse olhar era mais profundo e esclarecedor do que qualquer palavra. Ela sentia um misto de compaixão, admiração e medo ao olhar para ele, sem mencionar uma sensação fortíssima de atração, o que, evidentemente, era recíproco. Sendo uma pessoa que não tinha medo de deixar as emoções boas virem à tona, seus olhos castanhos claros ficaram marejados por lágrimas que não caíam. Imediatamente, mas de forma gentil e carinhosa, David pega as suas mãos e as aperta. Ainda sem palavras, os segundos pareceram ser minutos para os dois. Armando interrompe, fazendo exatamente o que David havia pedido, que ele cortasse chances de envolvimento pessoal entre os dois.

"Olhe, vamos tomar um chá! Tenho alguns biscoitos de amêndoas, feitos por mim, que são divinos. Vamos levantar e trocar energias!" Ele era sempre simpático em tudo que fazia. David e Maya se separam, levantando para tomar o chá na mesa.

"Eu tenho uma pergunta", diz Maya, enquanto se servia de um biscoito e chá, *"eu acredito que coincidências não existem e as coisas que eu estudo, o que você estuda e o que te aconteceu. Bem, isso tem algo a ver comigo?!"* A perspicácia de Maya faz com que Armando derrube um pouco do chá que estava colocando em sua xícara. Ela olha para Armando.

"Isso já me respondeu a pergunta... E a seguinte é... O quê?!"

David faz a típica expressão corporal de preocupado, pensativo e sob tensão, passa a mão direita pelos cabelos, jogando-os para trás e respira fundo.

"Maya, eu ainda não sei bem ao certo, mas tem alguma coisa que... Para a sua segurança", ele pensa melhor e respira novamente, "*para a sua segurança, eu não vou te contar a menos que as suspeitas estejam certas e você mesma perceba, se é que algo ocorrerá... É que agora, mais do que nunca, se dará conta que deve me dizer. Eu prefiro que continue normal, sem nada que a incomode ou que a induza a tirar conclusões incorretas".*

Armando mastiga uma bolacha com avidez enquanto escuta a conversa com olhos arregalados e com expressão tensa. Esse era o motivo de, nesses três últimos anos, ter ganhado mais de quinze quilos de peso. Em Curitiba, costumava ser magro e atlético. Agora, a ansiedade na qual vive, e o meio cheio de ofertas no qual trabalha, parte do tempo, fez com que sua aparência deixasse de ser tão atraente, mas a simpatia que gerava no ambiente onde entrasse contagiava, fazendo com que tivesse sucesso com as garotas, embora para o próprio bem delas, pelo menos era o que ele pensava como desculpa, não se ligava definitivamente a ninguém. Neste mesmo momento, seu telefone celular toca, ele fala rapidamente com uma mulher chamada Roberta, de maneira bastante interessada, e desliga.

"Bem, agora que todo mundo confia em todo mundo, vou até a casa da minha, quase namorada, e devo dizer que ela estava um pouco brava, já que estou atrasado. Eu deveria estar lá às dez, e já são dez e vinte. Maya, foi um prazer conhecê-la e posso dizer que estou certo de que teremos mais momentos como este! Até!" Ele sai rapidamente, e o silêncio impera.

"Bem, meu caro homem assustador e cheio de suspense, um belo enigma, mas agora haverá a influência, de qualquer forma. Escolha você me dizer ou não, eu estarei o tempo todo achando que estou vendo coisas... Então, é melhor que me conte."

David se levanta da mesa e Maya logo atrás. Ele pega a bolsa dela e faz menção de irem embora.

"Eu acho que já tomei o seu tempo em demasia hoje e amanhã você tem que trabalhar, sendo assim, o melhor para você é... Eu a levarei para casa." Tentava aparentar decisão, mesmo completamente vacilante, já que ele gostaria de ficar mais tempo com ela. David sabia que as coisas poderiam complicar e eles não deveriam se envolver. Ela entende o dilema e, com o mesmo pesar, encaminha-se para a porta da sala.

13.

SEGUNDA-FEIRA, 8H, HORÁRIO DO CAFÉ, NO LABORATÓRIO.

Como era habitual, as amigas estavam reunidas e Maya contou tudo o que havia acontecido para Lurdes, Ana e Maria. Elas mal acreditavam naquela história toda. Tiveram que praticamente cochichar para não serem ouvidas e combinaram de continuar os detalhes no final da tarde, em um restaurante, onde jantariam juntas e teriam mais informações. Entretanto, alguns acontecimentos poderiam acrescentar novos fatos aos seus planos noturnos.

Ao chegarem aos laboratórios de pesquisa e desenvolvimento da área de cosméticos, encontraram um grupinho de pesquisadores, todos com ar de surpresa, ao redor do computador do responsável pelo controle de dados e documentos, Caio, um homem com aparência bem latina, cabelos e olhos castanhos, pele bronzeada, mas naquele momento, nem mesmo seu eterno bronzeado impediria perceber a palidez de sua face.

Assim que nota haver um problema, Maya se dirige a eles, de forma decidida.

"O que houve?! Qual é o problema?! Caio?!" Alguns segundos se passaram até que ele tirou a atenção da tela do desktop e informou o ocorrido.

"Dra. Maya, eu não sei o que houve... Eu realmente não entendo."

"Bem, comece pelo começo e tente me fazer entender", frente a uma situação preocupante, Maya se torna uma pessoa totalmente direta e objetiva. Seu lado mais leve e simpático desaparece por completo.

"OK, ãh... Quando cheguei hoje cedo, às oito e meia, logo percebi que tinha algo errado com o sistema. Havia um superaquecimento sem nenhuma explicação. Isso não acontece, sabe?! Parecia que tinham ligado uma lâmpada incandescente sobre o meu terminal, estava até cheirando a plástico queimado. Frente a isso, dei uma olhada no computador de outros do laboratório, e alguns, não todos, apresentavam o mesmo problema. Fui até o servidor central, o nosso da área de cosméticos, e encontrei o mesmo superaquecimento. Na hora pensei em algum tipo de invasão que gerasse um processamento de dados fora do normal, mas não, tudo estava normal. Entretanto, aquele aquecimento bizarro continuava e quando eu chegava perto demais ou tocava a tela do desktop, levava um choquinho que até dava estalos. Eu conseguia ouvir e ver o estalido. Surreal, eu diria. Foi aí que eu resolvi desligar tudo e reiniciar. Foi quando eu avisei a todos que iriam ficar uns cinco minutos sem terminal, para resetar a operação do sistema. Quando o sistema voltou, parece que estava melhorando frente ao aquecimento, mas algumas mensagens começaram a ser recebidas, como a de falta de arquivos."

"Por que não me avisou na mesma hora?!", pergunta Maya de forma incisiva.

"Eu não saberia o que dizer e queria entender o que havia acontecido e por quê."

"OK, então, continue", Maya continua com uma sobrancelha levantada, gesto comum de quando ela começava a ter ideias ou achar uma possibilidade. O tal superaquecimento e as fagulhas elétricas, após ontem à noite, eram suas conhecidas.

"Então, comecei a rastrear quais arquivos tinham desaparecido e encontrei vários, todos relacionados ao projeto Bidens... Entretanto, o mais fora do normal é que as pastas dos arquivos principais estavam lá, com os seus devidos nomes, mas todas vazias... Isso não acontece. Quando alguém deleta, o que não pode ocorrer aqui sem um código ou assinatura de segurança, deleta-se

o arquivo todo, não apenas seu conteúdo."

"Um vírus poderia ter feito isso?!", pergunta Maya.

"Essa foi a hipótese que levantei. Liguei direto para um amigo meu, o melhor que conheço a respeito dessa possibilidade, o cara sabe tudo sobre isso, e ele me disse que, com as características deixadas no sistema, que eu li para ele poder analisar, ele não tinha nem ideia do que poderia ser. Deletar sim, alguém de dentro o faria, mas pelo nosso sistema de segurança, somente com autorização e identificação... Aqui não tem nada, ou seja, ninguém tentou o acesso aos arquivos de forma a deletá-los. Por outro lado, esse aquecimento e a estática... Não temos a menor ideia do que tenha sido." Caio esfrega os cabelos com ambas as mãos, parecendo que queria acordar de um pesadelo.

"Maya, todos os dados das análises fitoquímicas... Tudo... Sumiu! Perdemos tudo na rede", diz Paulo, o coordenador do Laboratório de Fitoquímica que trabalha com Ana. Esta dispara para os arquivos de papéis, os quais teriam boa parte dos dados analíticos, pois eles eram gerados, muitas vezes, antes de serem digitados no sistema, outras vezes sendo templates dos dados que estavam na rede. Ao localizar os arquivos, Ana começa a abrir gavetas e, retirando algumas pastas, com o rosto branco e de aparência pasma, exclama: *"Levaram... Levaram tudo... Lurdes, Maria, procurem os seus dados na rede e nas pastas!"*.

"Sumiram! Levaram tudo! Alguém entrou aqui e abriu estes arquivos, que ficam fechados a chave, a sala fica fechada a chave... Aqui nos laboratórios só entra quem digita os códigos", exclama Maria.

"Caio, veja com o pessoal da segurança quem entrou e saiu, a que horas, digitando qual código de segurança... Identifiquem tudo. Quero um relatório! Temos câmeras de segurança interna. Quero que os filmes da sexta à tarde até hoje às 8h30 sejam estudados para averiguarmos quem entrou", Maya comanda uma série de atitudes e procedimentos para apurar o ocorrido, antes de envolver o presidente e o vice-presidente da National Pharmaceutical.

"São onze horas... Levantem tudo até as três desta tarde! Quero saber exatamente tudo o que perdemos e o que é possível recuperar. Quero ver os filmes do circuito interno, imediatamente. Vamos acelerar quatro a cinco vezes, de forma a conseguirmos assistir tudo. Os filmes têm que ter gravado quem entrou e fez isso... As pastas não sairiam voando sem serem filmadas! Vamos!"

Três horas depois, a equipe continuava no mesmo lugar, sem almoço, mas dedicada a encontrar e salvar o que pudessem. Entretanto, a avaliação não foi a mais encorajadora. Lurdes, Maria, Caio e Ana estavam juntos, na sala de Maya, todos debruçados em uma planta do laboratório, em uma folha A1, com desenhos da localização dos dados, nome da equipe e escala de cada. Caio tinha em suas mãos um papel enrolado de um metro de comprimento por dez centímetros de largura, com a impressão de todas as vezes que alguém entrou e saiu do laboratório, de sexta-feira até hoje, segunda-feira.

"Segundo este impresso, sem a menor chance de ter sido adulterado, pois o servidor central teria reportado alteração, ninguém entrou ou saiu daqui fora dos horários normais, isto é, ninguém colocou os pés aqui dentro!", exclama Caio, ficando cada vez mais nervoso e começando a coçar a cabeça, ainda mais forte, fazendo com que os seus cabelos, não muito curtos, ficassem completamente bagunçados e sua aparência de nerd ficasse ainda mais evidente. *"A única entrada que temos aqui reportada é da equipe de limpeza, hoje, às cinco e meia da manhã, saindo exatamente às oito."*

"Quem é esse pessoal?! Quero os nomes, endereços e o filme em que eles aparecem limpando, e não roubando pastas... Caio, veja com o RH (setor de recursos humanos) e levante isso. Onde está o filme de sexta-feira até hoje?!", pergunta Maya.

"O pessoal da segurança está vendo para nós e disseram que nos chamariam assim que encontrassem algo pra mostrar." Toca o telefone, e Caio atende: *"são eles e estão nos chamando na sala de vídeo da segurança, no sexto andar".*

Maya, Caio e Ana foram juntos ao sexto andar. Ao entrar no elevador e enquanto este subia, por uma fração de segundo, Maya sente uma estranha sensação de calor e ouve um zumbido nos ouvidos. A porta abre e eles saem. Maya se direciona a Ana, enquanto elas andam, e Caio toma a frente, indo para a sala.

"Você sentiu aquilo?!", pergunta Maya.

"O quê?!", questiona Ana.

"O calor e o zumbido... Por alguns segundos, um calor insuportável, quase queimando a minha pele, e um zumbido..."

"Você deve estar nervosa. Pode ser adrenalina e a lâmpada do elevador, eu achei que estava um pouco mais forte do que o normal. Vai ver que foi só isso." Ana parecia querer convencer Maya e a ela mesma, já que ambas estavam achando que algo fora do normal estava ocorrendo.

Eles entram em uma sala apertada, mas suficiente para acomodá-los junto a mais três pessoas responsáveis pela segurança da indústria farmacêutica, incluindo o chefe da segurança, José Eduardo. Ele é quem explica o que encontraram nos vídeos, mostrando em um monitor as partes selecionadas.

"Aceleramos algumas partes em até dez vezes, pois nada tinham de anormal, até que..."

"Até que...", insiste Maya, com muita impaciência, movendo as mãos e dedos de forma a incentivar a fala de José Eduardo.

"Isto!" Ele aponta para o monitor e sai de perto, para facilitar a visualização.

Em uma TV de LED com vinte e quatro polegadas, a imagem superior da área dos laboratórios era vista no canto esquerdo da tela, visualizando-se uma região retangular central, composta por divisórias baixas contendo duas mesas, uma da secretária Helena e a outra de TI, onde sentava Caio. Logo à frente, tinham como vista a porta central de entrada para os laboratórios de cosméticos, a qual era de vidro e de frente para os elevadores. Dentro desta planta, a primeira porta era a sala de Maya e as outras a seguiam, estando todos conectados em formato de U. Atrás desse formato de U, havia um segundo corredor, que levava a uma saída de emergência. Toda área era de imediata visualização, já que apenas meia parede era de alvenaria ou drywall, o resto fora construído de vidro, permitindo uma fácil visualização de todos trabalhando e mantendo uma excelente iluminação. O pé-direito, de quatro metros, auxiliava na sensação de bem-estar, isso era refletido no ambiente, por todos. Para filmar detalhes, cada laboratório tinha outra câmera interna, no alto da parede, logo acima da porta de entrada, a qual era vista na TV de LED da segurança em quadradinhos menores, à direita da imagem central. Cada um dos laboratórios tinha outra porta, para saída de emergência, que dava para um corredor isolado, saindo do prédio por escada de incêndio. O objetivo destas câmeras era mais o de ser usadas em momento de necessidade, como o que acabara de ocorrer, do que promover uma vigília constante. Isso permitia a privacidade das pessoas em seus trabalhos.

Durante uns trinta a quarenta e cinco segundos, essa era a imagem que podia ser visualizada pelas câmeras, que indicavam também o dia e a hora da filmagem.

Câmera central: Sábado, 23h50.

A imagem projetada ao lado esquerdo da tela, juntamente com a de cada laboratório, começa a ficar amarela, como se o Sol nascesse dentro desses ambientes e iniciasse a sua expansão. Em questão de quinze segundos, a imagem começa a ficar particulada, parecendo que milhões de partículas estavam colidindo com a objetiva da filmadora, até que, logo após trinta segundos, nada mais fosse visto a não ser uma forte luz que parecia mover algo como se fosse uma

tempestade no deserto, sem areia, mas com partículas de luz, que tornavam impossível enxergar, não somente pela intensidade do reflexo gerado como pela turbidez promovida pelas partículas mais sólidas, bloqueando parcialmente a visão de captura de imagem.

"Minha Nossa Senhora! Mas o que é isso?!", pergunta Ana de forma extremamente surpresa, mas tendo Maya completamente focada na imagem da tela.

"Por quanto tempo isso se manteve?! Aposto que até hoje, por volta das cinco e meia, certo?!", pergunta Maya ao chefe da segurança, José Eduardo.

"Exatamente isso. Como sabe?!"

"Elementar. O pessoal da limpeza entrou nesse horário e ninguém reportou anomalia alguma", esclarece Maya. *"Pode colocar para que possamos ver a parte em que a imagem fica normal e tem a entrada da equipe de limpeza?!"*

O chefe da segurança coloca exatamente nesta parte, acelera quatro vezes e eles acompanham a limpeza toda do ambiente, sem que nada fora do normal tivesse acontecido.

Maya e Ana saem da sala junto com Caio e o chefe da segurança.

"Bom, José Eduardo, temos que reportar isso à presidência. Por favor, siga os seus procedimentos e eu irei seguir os meus. Terei que fazer um relatório e colocar os fatos bem resumidamente. É fundamental que enviemos isso ainda hoje. Eu vou copiá-lo neste relatório apenas informativo. O conselho deverá decidir por chamar a polícia ou abrir um inquérito investigativo."

14.

Maya e Ana saíram do laboratório por volta das sete. Estavam com muita fome e queriam continuar o assunto, tanto o do dia anterior como o de hoje, já que algo dizia que estavam relacionados. Chegaram ao mesmo tempo, mas em carros separados, em um restaurante muito calmo e elegante, o *"J. Dee"*.

Escolheram uma mesa para seis, sendo a mais reservada do local, onde poderiam conversar sem serem vistas ou ouvidas. Coincidentemente, no momento exato no qual se ajeitavam na mesa, David liga no celular de Maya, querendo saber se poderiam se encontrar. Ela imediatamente informou onde estavam e ele chegou em menos de quinze minutos.

"Boa noite! É um prazer encontrá-las novamente. Maya, como você está?!" David se senta ao lado dela e a olha de forma profunda.

Mesmo com toda preocupação em sua cabeça, quanto ao ocorrido no trabalho, ela enrubesce e Ana ri discretamente da cena e do fato de ver a amiga perdendo o controle, somente agora, no fim do dia, depois de tudo o que aconteceu.

"Nossa, foi fantástico você vir até aqui, eu estava exatamente a caminho e liguei para convidá-la para jantar... Aqui... Que coincidência feliz!" David demonstra extrema sinceridade ao dizer isso. Ele estava muito atraente e combinando com os trajes das duas, pois estavam vestidos no estilo esporte fino. Maya e Ana estavam sempre muito bem arrumadas e delicadamente maquiadas, enquanto David transbordava classe.

Ana demonstrava inquietude, o que era comum quando tinha fome.

"Gente, o que vamos comer?! Podemos pedir?!"

"David, Ana é assim mesmo, magra de ruindade, já que come muito bem!"

"Ah, ruindade ou não, eu como mesmo e não engordo, pelo menos, por enquanto, depois dos quarenta a gente vai ver. Ainda tenho tempo. Essa é a faixa da prova dos nove da manutenção do peso feminino... Hormônios malvados que mudam o jogo!" Os três riem da forma simpática de Ana fazer comédia de si mesma. Ela era parecida com Maya e muito provavelmente por isso se davam tão bem.

"A Ana também cozinha muito bem. Ela adora inventar na cozinha. Eu sou pura desgraça, não por não saber, e sim por falta de paciência com as panelas. O dia em que ela achar um marido... Ah!" Maya cochicha no ouvido de David dando uma dica: *"ele vai ficar muito bem, pois vai comer do bom e do melhor!"*.

David decide chamar o chef para ter dele as melhores dicas para o jantar. Armando aparece, ainda não trajado com a roupa do J. Dee; estava de jeans escuro e camisa cinza chumbo, muito elegante e discreto.

"Maya e Armando já se conhecem, mas eu gostaria de apresentar a Ana: Ana este é o meu amigo de longa data, grande chef do John Dee e também dos outros restaurantes que tenho. Aqui é o local principal, mas você poderá encontrá-lo, de vez em quando, em algum dos outros."

A sintonia entre Armando e Ana foi imediata, durante a noite acabaram trocando algumas dicas de cozinha, enquanto os pratos que haviam escolhido não chegavam. Armando acabou jantando com elas, mas na hora da sobremesa, precisou ir até a cozinha, dar algumas

orientações, e resolveu levar Ana para que ela conhecesse a beleza e qualidade da arte culinária do J. Dee.

"Maya, eu sei que algo está ocorrendo, mesmo com pouco tempo de contato, sua transparência é muito grande para mim... O que houve? Você está tensa e o tempo todo torcendo as mãos, uma contra a outra."

"Bom, eu ainda não tinha dito nada para não quebrar o clima." Maya desconversa: *"eu achei o Armando um homem muito especial e a Ana precisa encontrar alguém".* David a interrompe: *"todos nós precisamos de alguém e o perigo está em ficar muito tempo sem ninguém. A gente pode acabar se acostumando e ter até medo de estar do lado da pessoa certa".* David se acerca ainda mais de Maya, tocando em seus cabelos curtos e no rosto, ao mesmo tempo. Ela não sabia o que fazer. Seus lábios quase se tocam quando se afasta um pouco. Ele mantém a mão acariciando o seu cabelo e ela aceita. Ao mesmo tempo em que sentia uma imensa atração por ele, algo como um misto de medo sobre quem ele era, de onde havia vindo, o que pretendia, e todas as histórias que contou, juntando ao que acabara de acontecer, mantinham-na um pouco afastada de uma possibilidade de relacionamento. Ele exercia sobre ela uma atração hipnótica e este era um dos pontos de questionamento. Por que ele gerava esta força de atração, chegando ao nível de transe? Seria isso algo vindo de uma fonte positiva ou de algo negativo com o qual ela deveria ter extremo cuidado? A cabeça de Maya estava em looping, entre resistir ou ceder ao desejo de seus lábios entreabertos, querendo encontrar os dele. Somente agora ela percebe como os lábios dele eram perfeitamente bem desenhados e carnudos. Mal sabia ela que na cabeça dele, o desejo de abraçá-la e beijá-la quase ultrapassava o limite do controle de um homem educado ao extremo.

Ana entra no local onde estavam, de maneira muito alegre, acompanhada por Armando, trazendo uma linda sobremesa à base de frutas, estilo português, decorada delicadamente com fios de ovos e mel. Ela carregava o seu próprio prato e Armando, já conhecendo a queda de Maya por doces, trazia um prato especialmente preparado por ele, com trufas de chocolates preto e branco dentro de uma mousse de chocolate branco. Armando pergunta a David o que ele gostaria de ter e Maya oferece dividirem o prato, pois era grande e ela estava totalmente sem fome ou desejo por doces, neste momento. David não tirava os olhos de Maya enquanto pegavam as colheres de sobremesa.

Ao perceber o clima que se formava, Armando convida Ana a comer a sua sobremesa lá na cozinha, junto com ele, dizia ir preparar a sua sobremesa surpresa predileta.

"Adorei! Tô dentro!", diz Ana, em um misto de felicidade por ter mais uma sobremesa para comer e se deliciar e por perceber que Maya e David poderiam estar se aproximando.

"Acho que eles perceberam", diz David.

"O que exatamente?", pergunta Maya, por um misto de ter que dizer algo e um pouco de encabulamento.

"Que eu gosto muito de estar com você e que ontem, eu exagerei."

"Como assim, exagerou?!"

"Eu deveria ter ficado um pouco mais com você. Eu queria te proteger, para que nada te acontecesse, mas quando eu te deixei em seu apartamento e voltei para o meu... Eu percebi." Maya fita-o nos olhos enrubescida pela proximidade e pelo que, sabia, viria a seguir: *"que você é a mulher que eu tanto procurava. Alguém como eu e que entenderá e dividirá o que eu tenho como importante".*

Novamente foram interrompidos, neste momento, pelo maître que veio à procura de David por algum detalhe administrativo do restaurante. Ele precisou se ausentar por alguns minutos.

Ana, que estava olhando de uma janelinha de vidro, da cozinha, já que a mesa escolhida por

elas era próxima, retorna, deixando Armando orientando a cozinha.

"Nossa... Acho que desta vez você embala... Nunca te vi perder o rebolado da forma como você perde com o David... Também, o cara é muito bonito e charmoso! É um pedaço de mau caminho! Nhãm, nhãm."

"Eu realmente estou ficando caidinha por ele... Mas ele me dá medo e não consigo me livrar disso... É esta sensação hipnótica que me incomoda... Acabo travando, sei lá!"

"Já contou para ele? Digo, sobre o que descobrimos hoje? Você acha que pode ter a ver com o que ele iria te contar e não contou? Aquele tal de vril?"

Maya olha para baixo e respira profundamente.

"Você não acha muita coincidência?! O cara bonitão, meu tipo, falando das coisas que eu gosto de falar, me mostra, assim como 'por acidente', uma energia perigosa, que explode em feixe de luz igualzinho ao que vimos naquela gravação de hoje... Você não acha que tem muito mais coisas estranhas acontecendo, fazendo tudo isto forçosamente se encaixar... Coincidência?!"

"Olha Maya, é meio estranho mesmo, mas um cara desses não aparece de graça. Acho que vale a pena você pesquisar melhor, digo, vai ter que deixar rolar para saber. Vamos contar o que houve no laboratório hoje para ele e para o Armando e vamos olhar bem nos olhos deles para sentir o que pode ser. Eu também achei o Armando muito legal. Você disse que ele tem namorada?!"

"Foi o que ele demonstrou ontem, saiu para se encontrar com ela, mas também deixou claro que não era nada de muito sério, parecia mais um ficar que um namorar. Acho que você vai ter que pesquisar também."

"Nossa, e cozinhando assim, a gente vai se dar muito bem!"

As duas amigas estavam rindo quando David e Armando aparecem. O garçom trazia cafés com creme de chantilly, à parte, da forma como Maya e Ana gostam. Os dois se sentam ao lado delas.

"David e Armando, temos uma coisa para dividir com vocês e, obviamente, preciso de sua análise sobre o que pode estar ocorrendo."

Maya decide contar o acontecimento do dia em detalhes. Ana enriquecia com partes que Maya deixava escapar na narrativa e que ela julgava relevantes. Ao terminarem, sem nenhuma interrupção, tinham à sua frente dois homens com expressão fortemente preocupada, mas sem emoção, que se entreolhavam e iniciaram uma conversação enigmática que somente ambos poderiam entender totalmente.

"Você tinha razão. Eles estão ficando mais fortes e perigosos. Vamos precisar de ajuda. Será que já conseguiram dominar totalmente?" Um Armando diferente do comumente encontrado, mais maduro, parecia falar.

"Parece que estão chegando perto, mas se tivessem dominado, não estariam precisando do produto que Ana e Maya descreveram." David toma um gole de café com total ausência de si mesmo, concentrado em algum ponto, como em uma forte lembrança.

"Hello! Estamos aqui! E daria para vocês me explicarem o que estão concluindo, ou melhor, o que vocês sabem que nós não sabemos?" Maya pergunta de forma incisiva, entretanto, engraçada.

David faz seu gesto mais típico. Com uma profunda inspiração, joga o corpo para trás, recostando-se na cadeira e passando a mão direita pelos cabelos escuros, puxando a franja totalmente para trás da cabeça.

"Este ativo dermocosmético de fonte vegetal que descreveram..."

"O extrato de bidens pilosa...", completa Ana.

"Sim, esse extrato de bidens, pelo que entendi, dentro de tudo o que vocês pesquisaram para

várias aplicações, pode reverter o câncer de pele...”

Maya interrompe David no raciocínio.

“Você acha que alguém está tentando impedir o avanço dos testes do produto para aplicação em câncer de pele?!”

“Não exatamente. Acho que alguém que sabia dos resultados achou que seriam muito interessantes para eles, de alguma forma, e por isso sumiram com tudo, incluindo as amostras da planta que tinham em estoque, dados, extrato...”

Maya tenta se manter com a mente exata de cientista, raciocinando de forma exclusivamente lógica.

“Veja bem, para isso servir para alguém, da forma ainda... Eu diria, crua, em que está... Bom, somente serviria se quem pegou isso tivesse condições de continuar os estudos ou se... Se o produto estivesse pronto para dar o resultado desejado em um dos efeitos... Queimadura de pele... Ele se mostrou incrível desde estudos em cultura de células, impedindo e recuperando, quando ocorrido o dano ao DNA celular, até testes em animais e tecidos humanos ex vivo... Impedindo queimaduras, tanto de radiação IR como UVAB. Tem algo a ver com queimadura de pele o que você está pensando?!... Ah... Aquele calor do gerador vril...”

“Sim, Maya. Em maior intensidade, a energia que presenciou, se não imediatamente controlada, pode queimar profundamente em questões de segundos, cegar as pessoas que a presenciam sem proteção e coisas piores... O problema desta energia é quando não é controlada e expande-se exponencialmente... Pode matar e causar explosões similares à de uma ou muitas bombas atômicas.”

“Mas, David, o que isso teria a ver com informações vazadas no laboratório sobre esta pesquisa, ou melhor, vou refazer a pergunta: o que isso tem a ver com o laboratório no qual trabalhamos e por que foi invadido?”

David olha ao redor para verificar se estavam sendo ouvidos por alguém em outra mesa. Como estavam em uma área mais reservada e separada por biombos, falando baixo, da forma como estavam, dificilmente alguém poderia ouvir.

“Vamos cochichar de agora em diante, assim teremos certeza de que ninguém nos ouve, portanto, aproximem-se mais da mesa”, solicita David, no que todos correspondem e ficam muito próximos um dos outros. Ele continua.

“Maya, você se recorda do que aconteceu para virmos parar aqui em São Paulo, certo?!” Maya e Ana, que já sabiam da história, pelo menos o principal, sacodem a cabeça em uníssono, significando sim.

“Pois bem... Depois que nosso escritório foi parcialmente destruído, uma série de fatos estranhos começaram a ocorrer. A sensação de estarmos sendo seguidos foi constante, por mais de um mês. O meu carro e o carro do Armando perderam os freios umas duas vezes, felizmente, a gente conseguiu parar subindo na calçada”, David falava, e Armando interrompe: “me jogando em um jardim cheio de arbustos que pararam o carro antes de bater na casa... Me arrebentei todo! Bom, foram arranhões... Mas doeu muito!”.

“Coisas assim e além, como o telefone celular e o de casa tocar sem parar. Trocávamos de número e tudo começava novamente. Tinha sempre um carro novo com gente dentro, parado em frente às nossas casas. Dia e noite. Era nítido o fato de estarmos sendo intimidados, e visto que o cerco apertava, decidimos que era hora de sumir, pelo menos por um tempo.”

“Daí o gênio da computação criou identidades falsas, mas perfeitas. Sumi com todas as informações sobre nós e até criei um atestado de óbito para cada um”, complementa Armando.

“OK, vocês tiveram que sumir devido a represálias, mas por que parece que tudo isso tem a ver com o que aconteceu hoje?!”, pergunta Maya.

Armando servia um biscoitinho no pratinho de café de Ana e esta sorri para ele.

Apresentando um ar muito sóbrio e pensativo, David baixa os olhos para mesa, lembrando de fatos.

"Quando saímos de Curitiba, meus amigos da AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz) nos puseram em contato com as pessoas certas em São Paulo. Gente que já conhecia e praticava o vril, para o bem, e não para objetivos malignos, como no caso dos alemães de Hitler durante a Segunda Grande Guerra."

Chegando mais perto, Ana pergunta baixinho, no ouvido de Armando: "você também é rosa-cruz?!".

"Eu?! Bem, não exatamente... Digo... Eu não era lá em Curitiba... Achava isso tudo muito estranho, mas respeitava o David. Só que depois do que passamos e das coisas loucas que aconteceram, achei que era melhor estudar isso direito. Daí que não posso dizer que sou um, mas o David tem me dado livros para ler desde então e agora entendo um pouco... E gostei. É coisa para o bem, que pode ser usada para o mal, por gente ruim... O que tem muito no mundo!"

David aguarda compenetrado a conversa entre Ana e Armando acabar, e continua.

"Há um grupo pequeno, secreto, praticamente escondido, necessário para não ser estorvado ou manipulado para o mal, que me submeteu a um árduo treinamento."

"Treinamento?!", exclama Maya, quase sem perceber. David movimenta a cabeça em sinal positivo e segue com a explicação.

"Sim. Eu expliquei o que havia acontecido e com quem estávamos tendo problemas. Eles disseram que não há forma de controlar o poder do vril, a não ser uma: dominando o mesmo poder... Sendo um escolhido... Alguém que está pronto para manipulá-lo e bloqueá-lo, se necessário."

"E você sabe fazer o campo magnético do vril surgir, como pude presenciar, mas ainda não o controla totalmente", novamente Maya fala sem pensar.

"Sim, após quase três anos eu ainda não consegui. Às vezes consigo bloquear um ataque, consigo dissipar a energia enviada contra, mas..."

"Dá blackout e desmaia", Maya ia colocando palavras na boca de David.

"É o que você viu. Às vezes eu apenas fico fraco, e outras, sim, desmaio. Já fiquei apagado um dia inteiro."

"Armando, você também está neste treinamento?!", pergunta Ana, curiosa.

"Eu tentei, mas nada acontece comigo. Eles dizem que é por que... Bem... Por que eu não fico sem... E precisaria para concentrar a energia... Sabe...", Armando fica muito encabulado e com o rosto vermelho. Maya e Ana olham para ele, esperando pela resposta. David tampa o rosto com as mãos, também encabulado e entendendo o desastre que seria a revelação, para ambos, cada um a seu modo.

"Bom, é que o pessoal do treinamento disse que a energia tem que ser concentrada, antes de ser liberada e até que se tenha controle perfeito, o sexo seria proibido. Eles disseram que o sexo é uma forma de liberar o vril, é até bom, mas só poderia ser praticado em certas condições e depois de ter o controle", continuou Armando.

David continuava com as mãos no rosto, deixando apenas os grandes e iluminados olhos azuis aparecendo.

"E o que você fez?", Ana pergunta de maneira muito interessada, fazendo Maya e David se entreolharem e darem uma risadinha.

"Sabe, eu até que tentei. Fiquei uns dois meses no treinamento... Mas as garotas me ligavam e... Eu não consegui ficar assim como o David consegue... Eu não sei como ele aguenta ficar sem sexo por três anos! Ops, desculpe! Foi mal!"

O assunto deixava Armando um pouco nervoso, o que o fez falar alto, de tal forma que uma mesa mais próxima recebe apenas o som desta última frase. O casal sentado nela comenta o que ouviu, demonstrando estarem ressabiados.

Essa revelação faz com que Maya e David se olhem de forma curiosa. Ela estava surpresa, pois era exatamente o tempo que ela também não tinha tido relacionamento algum. Ana imediatamente tem a mesma leitura do fato, mas por respeito a Maya, nada comenta. As duas trocam olhares muito expressivos. David tenta disfarçar, fazendo um gesto de solicitação de silêncio.

"OK, já entendi e vamos falar baixo", solicita Maya, impacientemente.

"Eu tenho feito de tudo e seguido cem por cento das orientações do grupo, mas, por algum motivo, o controle parece que vai ocorrer, e de repente, é como se eu perdesse um fio que manipula o vórtice energético que se forma, após os primeiros dois minutos e... A energia se dissipa", continua David.

"Mas... O que isso tem a ver com o laboratório, especificamente?"

"Maya, trabalhando com o grupo que me treina, recebi a informação que há diversos alemães que fugiram no final da Segunda Grande Guerra, logo quando os aliados começaram a vencer, principalmente, um pouco antes de entrarem em Berlim. Muitos vieram para Argentina e Brasil. Vários da Sociedade Vril, incluindo algumas sacerdotisas, que foram dadas como 'desaparecidas', vieram parar no Brasil. Um dos principais grupos está aqui em São Paulo e, pelo que parece, a maioria que está na ativa são, na verdade, seus descendentes. Para eles, a origem ariana é condição fundamental, ou seja, eles têm que aprovar a linhagem genealógica antes que alguém entre ou substitua um membro da ordem."

"Oh, Oh... A indústria farmacêutica que trabalhamos tem capital germano-americano. Cinquenta e um por cento são alemães, o presidente é alemão, o vice é alemão e o conselho é, na sua maioria, composto por alemães e descendentes. Os que são alemães de nascimento, na grande maioria, são velhinhos que, na Segunda Grande Guerra, seriam crianças de três a cinco anos, em média. E o mais interessante é que todos aparentam ter uns vinte anos a menos e estão em excelentes condições. Pensei que fosse o vinho tinto que fizesse isso!", completa Ana.

"Muito bem observado e, de fato, acreditamos que um desses grupos, talvez o principal, esteja trabalhando no subsolo no laboratório, exatamente no mesmo prédio", complementa Armando. *"Eu localizei mensagens e dados que nos direcionam para lá. É o meu lado hacker, mas desta vez, estou tomando mais cuidados. Eles não têm como me localizar... Pelo menos, facilmente."*

"Por que a gente nunca percebeu isso?!", pergunta Ana.

"Porque eles só se reúnem à noite, por volta da meia-noite, até antes do nascer do sol. Existe uma passagem subterrânea que vem do terreno ao lado da planta, que pertence a eles e parece estar sem uso. De lá eles entram no subsolo do laboratório", complementa David.

"Agora me esclareça por que roubaram nossos dados e produto", diz Maya.

"Eu não sei ao certo, mas creio que tem a ver com os danos que a energia do vril causa no corpo dos que estão tentando dominá-la e os seus achados podem ajudar a reverter isso."

Mal David entrou no assunto, a iluminação do restaurante se apagou por completo. O quarteirão onde o J. Dee se localizava apresentava estado de blackout. O gerador do prédio imediatamente entrou em ação e em menos de trinta segundos tinham as luzes de emergência acesas. O ambiente estava um pouco escuro, mas a iluminação era suficiente para manter o atendimento até que a energia voltasse completamente. O maître pedia calma às pessoas que jantavam e dizia que tudo estava funcionando devido ao gerador. Este mesmo vem conversar com David e fala baixo: *"senhor Bacon, parece que o problema está concentrado apenas neste*

pedaço da rua. 50 metros adiante e para trás, está tudo bem. Já estamos ligando para a cia. energética de São Paulo e informarei assim que souber em quanto tempo teremos o retorno da luz."

"Obrigado, Antônio", agradece David.

Maya estava um pouco agitada e pergunta a David: "Tem alguma chance de esse povo saber onde vocês estão? Já tiveram algum problema aqui em São Paulo?".

"Não. Acredito que eles não estejam mais nos procurando. Após tanto tempo sem a menor conexão."

"Assim é melhor... OK, então está na hora de irmos. Vocês nos acompanham até a porta? São onze horas e amanhã temos que ver o que iremos fazer com todos aqueles problemas", Maya continuava impaciente e nem ela entendia bem o porquê.

"Claro, nós as acompanharemos. Pedirei ao manobrista que traga os carros de vocês, é mais seguro. Vocês tem o ticket do estacionamento?"

Maya e Ana entregam, cada qual o seu, e aguardam David chamar o manobrista. No momento em que Maya se levanta para ir até o banheiro, percebe, no meio da área do restaurante, várias partículas de luz cintilantes, como dançando entre as mesas. Algumas pessoas notaram o efeito e achavam bonito, acreditando virem das luzes de emergência. David estava parado ao lado do manobrista, perto da porta, entregando os papéis dos carros e olhando fixamente para aquela dança sutil de luzinhas. Maya tenta chegar mais perto do centro da sala e, ao tocar no balcão metálico, toma novamente aquele mesmo choque, já conhecido seu, na mão direita, queimando sem danos visíveis o dedo do meio e o anelar. A fagulha foi tamanha que David a percebeu. Pressentindo um problema maior, ele chama Maya e Ana à porta. O manobrista ainda não havia trazido o carro delas, mas o de Armando e David estavam exatamente na frente. David olhou para Armando, o qual já se aproximava, e este imediatamente, mesmo sem palavras, compreendeu que tinham que sair voando de lá, levando as duas.

"Venha comigo, agora!", David segura Maya pelo braço e a coloca dentro de sua X5, quase sem explicação, saindo em disparada.

Armando faz o mesmo, levando Ana, a qual fica aturdida. Enquanto colocava o cinto, pergunta: *"Por que, quero dizer, o que foi?!"*.

"David me olhou e entendi na hora o que ele queria dizer. Se tirássemos vocês de lá e saíssemos, nada aconteceria ao restaurante. Aquelas luzinhas eram as mesmas que surgiram no nosso escritório, três anos atrás, e aí aquilo foi aumentando e esquentando... Até que começou a queimar. A gente aprendeu que, se isso acontece, tem que quebrar a conexão, saindo da área."

Assim que dobraram o quarteirão, a energia elétrica voltou ao prédio e aos cinquenta metros que o rodeavam.

15.

“Por todo o espaço há energia. É mera questão de tempo até que os homens tenham sucesso em mecanismos vinculados ao seu aproveitamento.” Nikola Tesla, cientista e inventor.

A BMW X5 preta chega à casa de Maya. Ela solicita ao porteiro que a deixe entrar na garagem. Ele estaciona na vaga usual.

“Maya, desculpe pelo ocorrido. Eu realmente não tinha tido nenhum incidente com o vril, até quinze minutos atrás. Vou precisar entender o que está acontecendo. Amanhã cedo o seu carro será entregue aqui. A que horas você sai?”

“Às oito, chego ao trabalho às oito e meia, o laboratório fica a algumas quadras daqui, mas você pode subir um momentinho? Venha conhecer meu apartamento... Eu também tenho coisas para te mostrar. Claro, nada como as que você tem, mas são interessantes. Tem também o meu melhor amigo, o Dock. Vocês são praticamente íntimos!” Ela sorri encantadoramente, gerando uma força de atração muito forte em David. Ele tenta resistir.

“Obrigado.” David se comporta de maneira formal. Esse comportamento poderia ser certa proteção a si mesmo, frente ao que estava sentindo e que precisava controlar, devido aos seus votos no treinamento. *“Vou subir e verificar se está tudo bem. O que aconteceu agora pode estar relacionado com vocês. Eles podem estar interessados em vocês, além do produto que sumiu, e não em mim e no Armando. Isso é algo a ser avaliado.”*

Eles sobem e entram no apartamento de Maya. Ao abrir a porta, David percebe a semelhança do ambiente com o seu, embora de menor tamanho, o apartamento de Maya tinha janelas de vidro enormes, pé-direito alto na sala e varanda, com aproximadamente quatro metros de altura, o que, durante o dia, permitiria a entrada de muita iluminação. Havia várias réplicas de objetos egípcios, assírios, incas e olmecas. A Mesopotâmia e a Índia pareciam ser a sua região predileta, apresentando temas védicos por todos os lados do apartamento.

Dock percebeu a presença deles e, como esperado, fez uma enorme festa ao recebê-los. Em seguida, já estava quieto a observar.

Maya dá uma volta pelo apartamento, tendo acendido o mínimo de luzes. Ela mostra o quarto de hóspedes a David.

“Por que você não fica aqui?! Amanhã eu prepararei um café gostoso e sairemos juntos.”

O surpreendente convite de Maya deixou David extremamente feliz, e ele nem percebeu ter deixado isso francamente transparecer.

“Eu acho uma boa ideia. Só que terei que usar a mesma roupa novamente.” David demonstra estar confuso, devido à surpresa. *“Mas, claro, poderei passar em casa e me trocar, logo cedo.”*

“Eu vou procurar uma camisetona que tenho, ela será útil para você dormir. No seu banheiro, há toalhas e tudo o que precisa para banho. Fique à vontade, eu também vou tomar um banho, mas antes vou te trazer a camiseta.”

Assim que ambos estavam prontos para dormir, Maya apareceu de camisola branca rendada, um palmo acima dos joelhos, com um casaqueto também rendado, curto e leve por cima, o qual

não impedia, eficientemente, perceber a transparência dos tecidos. Ela estava perfumada suavemente, sem maquiagem e com ar de frescor. Seus cabelos curtos e loiros ainda estavam um pouco úmidos.

Quando ele a vê, exclama: *"angelical e linda! Um anjinho sensual de óculos!"*.

Maya toca na armação de seus óculos de acetato, parecendo que nem se recordava que eles estavam ali.

"Obrigada! É, eles fazem parte de mim", diz sorrindo.

"Você também está muito engraçado! Esse camisetão parece uma camisola!"

David vestia uma camiseta de manga curta, gola em V, também branca, a qual cobria apenas até a pélvis. Suas pernas e tórax musculosos eram visíveis. Para ela era evidente que ele compensava os impulsos do corpo, fazendo muito exercício. Maya solta um suspiro. Ambos tentam desviar os olhos da atenção inevitável.

"Puxa vida, alguém já te disse que você tem uma forma e tanto? Ops, desculpe! Me entenda como uma grande amiga, ou quem sabe uma irmã..."

Maya sabia que estava falando um monte de frases desastrosas enquanto ele a olhava de cima abaixo, com um sorriso maroto.

"Eu coloquei água para ferver e podemos tomar um chazinho relaxante... Talvez até um calmante, vamos?!" Quando ela faz menção de sair do quarto, ele delicadamente a segura pelos braços, enlaça-a mantendo-a rente a seu peito, acaricia seus cabelos e rosto, como havia feito no restaurante, soltando-a a seguir.

"Eu quero te mostrar uma coisa." Ele se afasta, dois passos para trás, tirando a camiseta emprestada. Nesse momento, ela percebe a gravidade do problema. O peito de David era coberto por marcas, não profundas, mas que claramente demonstravam sinais de cicatrizes de queimaduras, generalizadas.

"Não se assuste. Pode tocar. Elas não doem, não são graves."

Maya se aproxima, com as duas mãos e sem pudor algum, passeia pelo seu peito forte, tocando-o carinhosamente em cada cicatriz. Mantendo as mãos no peito dele, ela ergue o rosto e entende: "foi durante os treinamentos, certo?! É por isso que fez os votos?!".

"Sim, eu não consegui controlar antes disso. Ainda não consigo plenamente, mas fiquei mais forte. Isso não acontecerá mais."

Ela abaixa a cabeça, parecendo pensar. Dá um passo para trás e fala.

"Eu quero te mostrar um livro que tenho, talvez ajude. Vamos tomar um chá e leremos juntos."

Na mesa da cozinha, tendo à frente as xícaras de chá de frutas e flores e biscoitinhos amanteigados, David estava novamente de camiseta.

"Veja, este é um livro que contém vários trechos retirados e compilados de partes de outros livros, escrituras vedantas, como Os Upanishads, Mahabharata, Ramayana, Bhagavad Gita, Anusasana Parva etc. São tantos que eu fico confusa. Existem vários trechos em que a energia que hoje chamamos vril está claramente presente. Nos épicos do Mahabharata e Bhagavad Gita é gritante, como em todos os textos vedantas no geral. Temos, então, a mesma discussão do ovo ou da galinha: se o tantra gerou o vedanta ou vice-versa. Considera-se oficialmente que esse conhecimento nasceu de 5.000 a 7.000 a.C. Como já sabemos, tem muito mais acima de 12.000 a.C."

Maya se aproxima e fica rente à lateral do corpo de David, sentindo um calor ao encostar. Ela salienta um trecho do livro em especial, falando com calma e docemente:

"Se baixar a leitura um pouquinho... Aqui", ela aponta com o dedo indicador, *"verá este trecho, onde fala de por que se manter fora do contato com o sexo oposto é importante para fazer brotar e subir o fogo da serpente torcionada, o despertar da Kundalini, por assim chamar, culminando com*

a geração do vril. Mas ele pode ser gerado, e inclusive de forma mais potente, através do sexo entre um homem e uma mulher. Polaridades unidas, coisa que os alemães da Segunda Guerra distorceram erroneamente para realização de orgias sexuais e perderam o poder real da chama de ignição proveniente do sexo, que, da forma correta, pode ser transformado em uma união além da carnal, pela qual se leva à dupla passagem dos princípios impuros para os puros, em extremo estado de êxtase devido a um profundo amor entre os dois, que se unem e praticam várias interações físicas, por assim dizer, durante o ato, gerando, através do clímax, o vórtice energético, em um dado momento, suficiente para inverter a cabeça da cobra, que representa a energia, a qual apontava de cima para baixo, e então é revertida de baixo para cima, do chacra da base para o chacra da coroa, na subida do fogo iniciativo, promovendo no final, a purificação. Nossa... Estes dois nunca mais serão os mesmos... Aqui diz, a presença do objeto sagrado, o gerador vril, o também chamado dorje, fará a expansão da serpente, gerando o vórtice mais potente da energia pura, não qualificada, ou seja, sem deturpação humana, já que toda fonte é imaculada. O gerador deverá ser segurado pelo homem no momento certo. Aqui tem o desenho da posição sugerida. Este gerador vril é um desses objetos". Maya o tinha ao lado e o levanta à altura da mesa.

David olhava-a, profundamente envolvido no conhecimento dela e no que dizia, sentindo-se queimar e entorpecer ao mesmo tempo. Ele não conseguia mais pensar em nada além das palavras que ela dizia e na imagem do casal do livro, associada ao seu rosto e corpo. Uma aura branca a envolvia, em parte pela luz difusa do local e em outra por ele estar com a sensação de passar de um universo para outro, com certa tontura. Ele respira fundo para se recuperar.

Notando o que se passava com ele, Maya pula umas cinquenta páginas do livro, avançando para um compêndio com fotos.

"Temos aqui adiante vários desenhos e fotos destes objetos, os dorjes, achados em sítios arqueológicos, alguns deles lembram exatamente o que você tem e eu tenho."

"Você quer me dizer que, então, o contato físico poderia criar a polaridade necessária e fazer com que o vril tivesse consistência para manipulação ou, pelo menos, para gerar o quantum de potencial de transmutação, gravando a frequência no nosso campo sutil e podendo reativá-la quando necessário, a título de memória quântica, deste momento em diante?!", pergunta David, quase afirmando.

"Se este contato for feito baseado nos preceitos que acabo de dizer, é bem possível. É necessário termos as frequências das polaridades certas, para gerar a perfeita ressonância e poder sustentar este campo magnético. O sustento e a manipulação só podem ser feitos com a energia de agregação, a mais poderosa de todas, a que mantém o Universo coeso, o amor verdadeiro, e não o amor do ego", completa ela.

Olhando profundamente nos olhos de David, o qual estava imóvel, totalmente dominado e entregue às suas palavras, ela respira e continua.

"O vril pode ser uma fonte de luz aplicável para o bem, se controlado corretamente, e para isso é preciso conhecer o conceito tântrico de Samsara, Karma, Dharma e Maya... Meu nome." Sorri para ele. *"Quando eu cheguei perto do seu gerador, percebi que estávamos conectados. Somente a tua outra polaridade poderia ter aberto a conexão do seu gerador, ninguém mais poderia ter tido poder sobre ele e, pelo que entendi, você previa esse fato, por isso quis evitar imediatamente o meu contato. O interessante é que naquele momento eu já me dei conta de que você sabia..."*

David estava com os pensamentos confusos e não conseguia raciocinar corretamente.

"Você não mencionou que entendia deste assunto, ao contrário, disse que pouco sabia... Por quê?!"

Ela responde com uma voz suave e lenta, respirando profundamente e olhando em seus olhos de forma intensa, tocando o ombro direito dele, com extrema sensualidade.

"Eu tinha medo de você. Não tinha uma ideia clara sobre quem era e, neste momento, eu sinto que sei, e não tenho mais medo..."

Um enorme calor percorre o corpo dos dois. Maya tenta se controlar, respira e se levanta rapidamente, indo direto para o quarto, levando o gerador em sua mão direita.

"Desculpe!", diz ela.

Ele vai atrás. Quando a alcança, pergunta o porquê do pedido de desculpas.

"Por... Quebrar o seu voto...", ela joga o gerador na cama e tira o casaqueto de renda que cobria a camisola de alças finas, revelando, através das transparências, um corpo belo, extremamente desejoso desta união.

A luz do quarto era débil, tendo apenas um fraco abajur aceso, propício para o exercício de concentração na fusão que estava para ocorrer.

Gentilmente, com um olhar intenso e apaixonado, ele desfaz os laços da camisola que a mantinham fechada. A visão do corpo era quase completa agora. Ele toca seu rosto e leva as mãos a percorrer o corpo desejado, suavemente, reconhecendo a área de seus seios, beijando-a apaixonadamente. A roupa que o incomodava é atirada ao chão, com pressa. Novamente admira a figura que tinha à sua frente, livrando-se por completo das partes dela, levantando-a no ar como se nada pesasse, tomando-a no colo e beijando-a, leva-a até a cama, onde a deita ao seu lado. David toca, beija e se apossa de tudo o que via, com amor, calor e ardor...

Durante horas, seguiram, inconscientemente, os ensinamentos vedantas relacionados ao aspecto de atingir o nível mais alto de consciência de união até a fusão em um só, por meio das técnicas tântricas. David procurava manter o controle, o tempo todo, enquanto Maya se soltava para que chegassem ao momento máximo, não mais sendo dois, e sim atados como a um só corpo, atingissem o mesmo grau de consciência cósmica, retornando à mônada. A dança lenta e constante realizada pelos corpos chega a um momento sublime, quando ninguém coordena comandos e as duas mentes se rendem a uma mente maior, sentindo a força que explodirá na subida da Kundalini, do chacra da base até o da coroa, gerando uma perda total de conhecimento de si mesmo para conectar-se à fonte que os unifica. Eles estavam sentados, Maya sobre ele, com os joelhos dobrados e ligeiramente arqueando para trás. Ele a segura, amparando-a com os braços e, neste exato momento, sentindo-se próximo à explosão incontrolável, pega o gerador com uma das mãos, mantendo-a enlaçada, colocando os dois polegares e a base dos indicadores unidos sobre o nó central do eixo. Os quatro dedos restantes abrem-se como antenas, cada mão direcionando-se para um lado, mas ambas frontais, como se fossem liberar energia. Mantendo o ritmo dos corpos em movimento sincronizado, David se posiciona ereto, olhos fechados, respiração profunda. Maya arqueia e as bocas se encontram em um sugar intenso. Os dois soltam o que estavam segurando a ponto de atingirem a sintonia perfeita do momento unificado e sublime.

Neste estado de êxtase total, o gerador vril estala fortemente e uma luz poderosa, de cor branca e dourada, começa a se expandir a partir do interior das coroas, envolvendo-os dentro de um formato oval, rapidamente intensificando, tomando o quarto todo, até que nada fosse visível, devido a tamanha intensidade gerada, explodindo em um novo estalo, acompanhando a saída desta incrível luz pelos olhos do casal, que neste momento, estando abertos, assemelhavam-se ao brilho de uma estrela supernova. Ao final do êxtase prolongado dos corpos atados e inconscientes do aqui e agora, o vril diminui e cessa a vibração. Abraçados, ainda tremiam levemente, devido à eletricidade que haviam conduzido e ainda restava. Aos poucos, voltam ao normal, e o silêncio resgatado é acompanhado de um extremo bem-estar e energia de renovação. Ele larga o gerador para abraçá-la fortemente, sem saírem do lugar. Maya e David, ainda unidos, suados e com o batimento cardíaco a recuperar, beijam-se ternamente, derramando lágrimas de

felicidade e emoção.

Essa, sem dúvida, era a verdadeira prova da fonte de energia divina, o verdadeiro graal, apresentando-se com seu enorme poder e tremenda delicadeza, já que o que foi sentido estava longe de ser o calor que queimava, e que comumente ocorria nos treinamentos de David. Ao contrário, era plena energia eletrizante, como luz líquida abençoada, que percorria o corpo, cada órgão sendo carregado e excitado, cada célula sendo ativada e recebendo uma enorme descarga de energia vibracional fortalecedora e positiva. De fato, não estavam cansados, estavam, ao contrário, felizes e vivificados, como nunca.

16.

"O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer."
Albert Einstein, físico.

8H25, SEGUNDA-FEIRA, NO LABORATÓRIO.

Maya, Ana, Lurdes e Maria não se continham ao ouvir uma narrativa curta, mas com dados suficientes para entender tudo o que aconteceu no apartamento de Maya à noite. As risadinhas, típicas e femininas, eram incontroláveis.

"Psiu... Fiquem calmas... Está quase na hora de trabalharmos. Ana, só eu contei o que houve comigo, mas alguém te levou para casa ontem, e o que houve?"

"Ah, nada de mais... Só um beijinho gostoso de despedida... Boca gostosa... Mas foi rapidinho, afinal, conheci o cara só ontem... Pega leve, né?! Mas se ele for assim como o David, minha mãe do céu! Vou querer o quanto antes!"

As quatro soltam um riso contido e se encaminham para suas áreas. Como sempre, restam apenas Ana e Maya, amigas inseparáveis.

Na sala de Maya.

"Agora, falando de coisas mais mortais, veja se vamos ser recebidas pelo chefão, o presidente. Tem algum correio interno aí confirmando a reunião que solicitou?", pergunta Ana.

Maya checa as mensagens no notebook.

"Nada, estranho isso. Deveria ser algo muito importante, uma grande emergência. Sabemos que, em casos assim, a secretária que lê todas as mensagens internas antes dele costuma informá-lo por telefone. Se não podemos mandar um e-mail pela internet de um assunto assim sigiloso, esse é o jeito. A esta hora, ele deveria ter solicitado minha presença. O carro dele está na vaga, portanto, ele já chegou. Vamos esperar mais um pouco."

Duas horas se passaram até que Maya fosse chamada pela secretária Ingrid. Ela vai até o último andar do prédio, na sala da presidência. Ingrid, uma senhora de cinquenta e cinco anos, tipicamente alemã, alta, loura, cabelos na altura das orelhas, lisos e muito finos, óculos para ler de perto na ponta do nariz, e um pouco acima do peso recomendável para a idade, olha para Maya, por cima dos óculos, quando esta sai do elevador. Fala com um sotaque leve, apropriado para os vinte e cinco anos em que reside no Brasil: *"o Dr. Muller disse que vai recebê-la em alguns minutos. Aguarde, sente-se".*

Ingrid volta a digitar no computador que tinha à frente, cobrindo a visão. No mesmo instante, a porta da presidência abre-se e de lá saem duas moças absolutamente lindas, com cabelos louros platinados, perceptivelmente muito compridos, presos por coque e trança, caindo sobre as costas até a altura dos glúteos, corpos bem magros, lembrando uma modelo de lingerie da Victoria's Secret.

"Neste caso seriam gêmeas modelos", pensa Maya, pois elas eram absolutamente parecidas e poderiam ser irmãs, tendo por volta de dezoito a vinte anos, no máximo. As duas passam pela frente de Maya, de forma decidida, e, ao caminharem, ambas se voltam para olhá-la, como se a

tivessem reconhecido. Elas cochicham algo em alemão ou em alguma língua que Maya não compreendeu.

Ingrid percebe a cena e, quando as moçam se distanciam, entrando no elevador, olha para Maya.

"São as filhas dele."

"Ãh?", volta-se Maya para Ingrid.

"São as filhas dele, do Dr. Muller, do presidente!" , Ingrid volta a digitar e esconder a cara na tela do computador.

"Ahh! São lindas... E... Diferentes!"

Maya, novamente, dirige o olhar para onde foram as moças e, sendo a divisória entre a área da presidência e o corredor do elevador toda de vidro, conseguiu perceber que o elevador parou no S3, terceiro subsolo. Interessantemente, alguns podiam ir até o S2, onde estacionavam os carros do presidente e do vice, entretanto, os diretores de áreas tinham que estacionar do lado de fora, em vagas demarcadas e com cobertura parcial, mas do lado de fora. Na planta geral da indústria farmacêutica, havia dois prédios interligados. O primeiro e maior era a área de produção, almoxarifado de matérias-primas e estoque de produto acabado, com aproximadamente trinta e cinco mil metros quadrados. O segundo era o edifício administrativo, de cinco andares, com cinco mil metros quadrados, onde também estavam alocados os laboratórios da área de cosméticos. Nessa área administrativa, o andar S3 era chamado de área de segurança, e ninguém sabia exatamente o que havia lá, aliás, para descer a esse andar, seria necessário uma chave atada ao painel de controle, caso contrário, o elevador só iria até o S2.

Enquanto pensava, foi chamada pela secretária Ingrid.

"Dr. Muller pede que entre."

Desconectando-se dos pensamentos ligados a essas moças e ao andar S3, Maya se dirige a uma porta grande e alta, de mogno escuro, girando a maçaneta. Curiosamente, ela nunca havia ido à sala da presidência. Ao entrar, não encontra ninguém. Tinha à sua frente uma mesa grande, também de mogno escuro, e outra mesa para reuniões, ao lado, mais ao fundo, para umas oito pessoas, confeccionada com a mesma madeira, cadeiras de couro preto e tapetes árabes tradicionais, com desenhos em tom escuro, todos tendendo ao marrom e algo em vermelho com bege. Ela é surpreendida por encontrar, ao redor das paredes da sala, a qual deveria ter uns trinta e cinco metros quadrados, aparadores de madeira mais escura ainda, quase preta, sobre os quais estava uma série de objetos de decoração, que chamaram a sua atenção, todos eram réplicas de objetos ou sítios, com mais de cinco mil anos de existência oficial. O primeiro era uma réplica do templo central de Angkor Wat, localizado no Camboja, um dos locais onde se acredita que o vril tenha sido usado com diversos fins, desde a sua construção, movendo as pedras gigantescas das estruturas e paredes com mais de cem toneladas, até seu uso para guerras.

O segundo era a réplica da cidade de Mohenjo-Daro, no Paquistão, incluindo os sítios com pessoas cristalizadas, grudadas no chão, viradas de bruços, algumas ainda de mãos dadas, como se um choque de explosão atômica as tivesse pegado de total surpresa. Mães com bebês no colo estão caídas sobre eles. Todos preservados, vitrificados, coisa que só acontece em uma explosão atômica. Esta cidade foi encontrada nos anos 20, e sua destruição pelos deuses alados é detalhada no Bhagavad Gita, um dos livros sagrados dos antigos vedas. É um dos sítios arqueológicos mais discutidos na atualidade, devido à radiação gama ainda presente no local. A réplica tinha um número de detalhes absurdos e era a maior da sala, com um metro de comprimento por sessenta centímetros de largura.

"Muralhas vitrificadas aparecem em alguns sítios encontrados no mundo: Peru, Escócia, Turquia, França, Irlanda. Há ainda desertos com imensas áreas vitrificadas na Líbia, no Rajastão

(ao lado de Mohenjo-Daro) e na Mongólia. A primeira bomba atômica, testada no deserto do Novo México, criou uma imensa área de areia vitrificada. O conjunto desses indícios prova que uma guerra nuclear aconteceu no passado perdido, pois só o calor intenso provocado por uma detonação nuclear poderia vitrificar as rochas ou a areia do deserto", pensava alto Maya, com entusiasmo, continuando a avaliação do que tinha à sua frente.

A terceira réplica interessante era de Gobekli Tepe, no sudeste da Turquia. Sua magnífica descoberta recente coloca Stonehenge em segundo plano, pois lembra o mesmo tipo de construção, entretanto, trata-se de uma cidade inteira erguida por rochas e pilares megalíticos dispostos em formações circulares. É aceito pelos acadêmicos como o sítio mais antigo encontrado, cerca de 7.000 a 8.000 a.C. , e construído pelo homem. Essa era estranhamente uma réplica mais completa que a cidade que pode ser vista hoje, parcialmente escavada, dentro de uma elevação, que anteriormente se acreditava ser um monte.

A quarta foi a maior surpresa. As pirâmides da Bósnia, totalmente já escavadas, livres da vegetação. A pirâmide do sol e da lua eram incrivelmente precisas. Estas ainda geram tanta controvérsia e se encontram perfeitas dentro da maquete. Elas devem ter a idade de Gobekli Tepe.

Em outras prateleiras, em vez de livros, Maya encontrou todas as réplicas de vimanas que já viu até hoje e, para não dizer que não havia livros, encontrou os livros vedantas das vimanas, como a descrição do vimana shastra (nave voadora), no texto de seis mil linhas chamado de Vymanika Shaastra, no qual havia a descrição de como deveriam ser construídos estes veículos aéreos, terrestres e aquáticos e que em muito facilitaram e inspiraram desenhos e projetos de famosos, como Leonardo da Vinci, Nikola Tesla e os alemães do terceiro Reich, entre muitos outros.

Tudo isto corria na cabeça de Maya quando ela foi tomada, como de um assalto, pelo chamado de Dr. Muller, acompanhado de seu irmão, Gerhardt Muller, o vice-presidente do laboratório.

"Dra. Maya, é um prazer ver o seu interesse por esses objetos. Poucas pessoas sabem o que eles são. Dada a forma como os olhava, eu poderia arriscar que sabia exatamente o que via. Se notou, nenhum deles tem nome e você não fez o típico gesto de se inclinar para ver se tinham descrição, já sabia, não é mesmo?!"

Os dois irmãos haviam aparecido de surpresa, passando pela porta que separava e ligava ao mesmo tempo a sala do presidente e do vice. Desta forma, quando entraram, encontraram-na investigando e sorrindo, sem perceber, para cada réplica, inclusive pegando as vimanas mais conhecidas em suas mãos.

"Desculpe", Maya tinha na mão direita uma réplica da famosa vimana colombiana, a mais perfeita imagem de um avião do tipo cessna atual. Ela a coloca em seu lugar.

"Eu e meu irmão nos divertimos com isso, pois noventa e nove por cento das pessoas fazem, no primeiro minuto, a típica pergunta: o que é isso tudo?! Que bom encontrar alguém assim, diferente. Sente-se, por favor." O vice-presidente pergunta: "prefere café ou chá?!". Os irmãos estavam sentados à frente, na mesa principal de trabalho, e Maya sentava do lado inverso, o da visita.

"Prefiro café, com creme, já que vejo a embalagem do sachê, vou aproveitar."

Quando Maya pegou a xícara para servir-se do café que estava atrás da mesa da presidência, ela se deu conta do quadro que tinha à frente. Sua face congelou e tudo ficou claro em sua mente. A tensão em sua nuca tornou-se insuportável, pois ela sabia que os dois homens estavam testando-a e o pior seria descobrir exatamente tudo o que estava acontecendo naquele lugar, o que provavelmente seria além da sua imaginação, a qual era bastante vasta.

"Creio que o seu rosto é bastante sincero, Dra. Maya. Também sabe o que vê. Diga-me o que vê", requer Wolfgang Muller.

Os dois homens altos, magros, de aproximadamente a mesma idade, cinquenta e cinco a sessenta anos, bem conservados, olhos incrivelmente verde-azulados e cabelos louro-esbranquiçados pela idade, ternos escuros e camisas brancas, pareciam ser gêmeos, embora ela soubesse que não eram, devido ao convívio superficial, de alguns anos.

"É a constelação de Touro... Um bonito quadro! Quem pintou?!"

Dr. Muller dá um sorriso sarcástico e continua: *"o que mais, Dra. Maya? O que mais sabe sobre o que vê? Diga..."*.

Neste momento, ocorreu a Maya olhar para a mesa, e lá estava uma réplica de um dos modelos catalogados, diferente do seu, mas conhecido, do gerador vril ou dorje.

"Bem, Dr. Muller, ao que me parece, o senhor está interessado em deixar as coisas muito claras por aqui e a investigação, pelo menos quanto ao que está dentro do meu cérebro, é a que está em andamento. Pois então, essa pintura alude exatamente à constelação de Touro, e o olho do touro é o seu ponto central, bem destacado na pintura, a estrela alfa de Aldebaran. Agora é a sua vez, pode me dizer o que ela representa para o senhor?!"

Os irmãos riem em uníssono, lembrando mesmo a atitude de gêmeos, quando fazem tudo igual. Ele então pega o gerador vril da mesa, último objeto no qual Maya havia depositado sua atenção, e, segurando-o com a mão direita fechada, levanta-o em direção a ela.

"Gostaria que o segurasse, pegue-o!", ele dá uma ordem ao velho estilo nazista e, de repente, as coisas começaram a ficar claras para ela. *"Pegue-o!"*

Maya levanta e se afasta, recusando-se a tocar no gerador com a linguagem corporal, pois sabia que, principalmente após a noite passada, ele poderia ser imediatamente ativado e ela teria que ser treinada para conter o fluxo que sai. *"David já conseguiu fazer isso, pois ontem à noite, nenhum acidente ocorreu"*, pensava ela.

"Dr. Muller, não sei bem o motivo de estar agindo desta forma, mas eu gostaria de lembrá-lo que não estou aqui para brincar com os seus interessantes estranhos objetos, mas para falarmos sobre o que aconteceu no meu laboratório, ou melhor, no laboratório da sua indústria. Podemos falar exclusivamente sobre isso?! Imagino que o seu tempo seja escasso e que tenhamos que tomar alguma atitude a respeito."

Maya responde com autoridade à altura, mas sem ser ríspida.

Os dois trocam olhares frios e continuam com o sorriso estranho.

"Sim, minha cara, diga o que tem a dizer, embora eu já tenha sido informado", diz o presidente.

"Eu recebi há pouco um relatório da equipe de segurança, o qual dizia que nada e ninguém entrou ou saiu do local, no intervalo entre sexta-feira à tarde e segunda-feira pela manhã. Cinco pastas pesadas foram roubadas, arquivos foram deletados, amostras no total de três quilos de produto sumiram, entre plantas e extratos, e não há sequer uma pista a respeito. O que devemos fazer?! Chamar a polícia? Contratar detetives?"

"Minha cara, segundo a equipe de TI, um vírus foi o causador do desaparecimento de todos os dados", responde Dr. Muller.

"OK, digamos que esta hipótese bastante aceitável seja a real. Como explicar que os documentos físicos e as amostras de materiais sumiram? Isso não tem vírus que dê conta!"

"Dra. Maya, seja lá o que ocorreu no seu laboratório, é nítido que o motivo foi a falta de controle. Se os seus dados estivessem bem guardados e protegidos, incluindo o extrato estudado, não teriam sumido. Não é sua culpa que os dados eletrônicos sumiram, mas o desaparecimento de seus documentos em papel, isso sim é da sua responsabilidade. Se ninguém entrou ou saiu do

laboratório quando ele estava vazio, é porque alguém roubou quando estavam todos lá. Eu, se eu fosse a senhorita, deixaria tudo isso de lado. Trata-se de um extrato cosmético, sem valor científico e que em nada salvaria a humanidade. Aqui fazemos pesquisas de alto nível, criamos drogas e remédios para tratamento de pessoas doentes. A linha na qual a senhorita trabalha é apenas para gerar lucro e nos ajudar a investir ainda mais em drogas farmacêuticas. Isso é o que nos interessa, e nunca um dado sequer desta área foi perdido. Portanto, eu a aconselho a voltar para os seus creminhos e sabonetinhos e deixá-los mais atraentes e cheirosos, pois é isso que o público compra. O resto, esqueça!"

Um sobressalto de raiva toma conta de Maya. O que acabara de ouvir era um absurdo e uma total falta de respeito. Ela se recordou de tudo o que tinha naquela sala e que correlacionava com a Sociedade Vril. O gerador na mesa, o quadro da constelação de Touro, salientando a estrela que consta em relatos quanto à origem do povo que teria trazido esse conhecimento para a Terra. Nitidamente, esse era um ponto de alto risco, e ela deveria cair fora, o quanto antes.

"Muito bem, o senhor é o presidente e é quem manda. Assim será. Perfumaremos tudo para melhor gerar lucros. Um bom dia aos dois!"

Maya dá meia volta e sai. Os dois irmãos conversam:

"Ela é perfeita. Deverá servir muito bem."

"Sim, creio que sim."

17.

20H. NO QUARTO DE DAVID.

Ela o abraçava, enquanto fazia graça da forma como estavam se relacionando.

"Eu acho que nossos amigos vão nos chamar de Shiva-Shakti, o casal que representava a regeneração eterna das forças do Universo, já que a gente não cansa! Estamos nos fundindo e, daqui a pouco, seremos tão unidos que o que um pensar o outro já saberá. Temos, desde o primeiro encontro, a tele-empatia, com certeza, estamos chegando perto da telepatia. O que acontece conosco quando fazemos amor é algo que eu gostaria que todas as mulheres, digo isso para benefício da minha turma, tivessem a chance de sentir com o homem que amam, o que eu sinto com você... Não haveria mulheres mal-humoradas!"

Maya e David mantinham-se ternamente abraçados, ouvindo uma linda música de um cantor, compositor, nascido em Brasília, Chandra Lacombe, que hoje faz sucesso pelo mundo todo, cantando músicas new age, com maior ênfase espiritualista. Ele canta em várias línguas, inclusive o indiano, tocando um difícil instrumento dedilhado, de origem africana, chamado kalimba. David havia descoberto sua qualidade musical indo a um local de eventos em São Paulo, onde ele fez um show.

"Já que mencionou isso, quero que ouça esta música do Chandra. É como se eu tivesse escrito para você... Minha Shakti. Chama-se Tantra."

Usando o controle remoto do iPod, ele coloca a música escolhida e abraça-a novamente, para apreciarem.

"Venho por essa lhe dizer
Que essa vida é pouca
E se quiser me compreender
Me escuta além da boca
Somente o coração
Concebe a eternidade
Vem, me dê a sua mão
Vamos unir as partes
Se Deus nos fez assim
Vamos amar sem margens
Vendo a beleza do jardim
Saber que o tantra é arte
Mergulho fundo no olhar
São navegantes mares
E através do contemplar
Eu amo além da carne
Shakti, unindo as duas partes
Arde, é o coração que arde
Shakti, eu amo além da carne

Arde, é o coração que arde”

Maya ouve a música abraçada a ele e, em meio a beijos e afagos, um novo acender da chama que nutrem se inicia.

“Meu amado Shiva, é melhor a gente sair daqui e ir tomar um banho frio, caso contrário, vamos começar tudo novamente. E isso sim é contra os ensinamentos tântricos. A dose certa mantém a energia equilibrada! Vamos seguir o que sabemos!”

Ela se levanta da cama, mas a visão de seu belo corpo nu faz com que David se projete sobre ela e agarre-a novamente. Ambos gargalham, beijam-se e abraçam um ao outro de forma calorosa. De repente, David se levanta.

“Tem razão. Eu vou começar tudo novamente. Um banho frio!” Ele repete a mesma frase várias vezes: *“manter o equilíbrio é a chave... Não desgastar é a chave! Manter o equilíbrio”*, e em dez segundos, antes de Maya tentar levantar novamente, ele retorna, rapidamente, jogando-se sobre ela e fazendo o que sabia ser, gastar energia em excesso, mas, desta vez, ele coloca o gerador vril no chão, embaixo da cama, para não sentir culpa. *“Deixa a culpa pra lá!”*

21h30.

O casal jantava na sala um delicioso prato que haviam escolhido no freezer. David sempre fazia estoque de vários pratos do J. Dee e de Golden Hind, seus prediletos.

“Prático! Isso é o que eu chamo de um homem inteligente. Está sempre preparado para fazer tudo de bom!”

Maya recebe o prato escolhido, risoto de funghi secchi acompanhado de salada verde. David também havia escolhido um risoto, de tomate seco. Ele se senta ao seu lado, servindo suco de uva para ambos, já que não tomavam bebidas alcoólicas, outro ponto em comum da infindável lista.

“Minha princesa, você me contou muito por cima, por telefone não dá para abordar um assunto desses. Desculpe... Eu te cortei por precaução. Não sabemos se estamos grampeados. E, quando você entrou aqui em casa, eu não te dei tempo para falar...”

Maya, que ensaiava uma nova garfada, interfere: *“por um muito bom motivo e totalmente aprovado!”*.

“Eu queria que comesse calmamente e fosse me dando os dados que precisamos para entender o quanto pode ser arriscado você continuar lá na National Pharmaceuticals”, diz ele com a preocupação estampada em seu rosto.

“Eu sei, eu senti hoje que tem algo rolando, e é feio. Acho que tem a ver com a Sociedade Secreta do Vril... Aqueles objetos todos... Os geradores de todos os tipos... A estrela de Aldebaran... Mas, na sala do presidente?! Assim, na cara de qualquer um?! Tão evidente?!”

“É... Você pode estar certa. Por este mesmo motivo é que eu acho que você deveria sair de lá, imediatamente. Pelo menos por um tempo, para dar chance de a gente investigar. Por acaso tem férias para pedir? Fora de lá, poderíamos nos juntar com o meu grupo e buscar mais dados.”

“Bom, eu tenho sim, trinta dias de férias recém-vencidas, com direito a tirar a partir da semana que vem, por lei. Posso programar para sair na segunda-feira que vem.” Diz Maya, dando, a seguir, a última garfada no final do delicioso risoto.

“É muito tempo. Precisa sair antes...”, David fala devagar e com pesar.

Maya projeta em seu rosto uma expressão séria e pensativa.

“Bom, se a coisa for para esse lado, eu deveria é levar em consideração uma oferta de emprego que tive recentemente de uma grande indústria de cosméticos. O melhor é sair do meio. Mas e as meninas?! Elas correm perigo por lá... Ou não? Estávamos trabalhando sem problemas até o acontecimento da semana passada.”

"Eu sei que é duro, difícil decisão. Não temos dados suficientes, só suspeitas. O meu grupo vem rastreando essa empresa e suas atividades noturnas há quase dois anos. Eu pessoalmente já estive com dois do grupo, várias noites, na escuta e utilizando visão noturna, no outro lado da rua, em cima da cobertura do prédio vizinho."

"Nossa, como é que você pôde ficar lá?! Como é que entraram?!", pergunta ela surpresa.

"É um conjunto comercial, é mais fácil. Alugamos uma sala em nome do restaurante. Fica longe para ver algo a olho nu, mas temos vários telescópios de pequeno porte e estamos filmando. Foi aí que percebemos que tudo acontece pelo terreno vazio e murado que pertence à indústria farmacêutica. É lá que, de noite, algumas vezes no mês, entram vários carros e usam uma pequena instalação, de uns vinte metros quadrados, para entrar no subsolo. Deve haver algum túnel de acesso por lá. Estamos planejando entrar em um fim de semana, quando nunca vimos nenhum movimento."

"Nossa, eles gostam de bater cartão! Só trabalham dia de semana! Tô brincando, David, isso é muito, muito perigoso. Você não tem elementos suficientes ainda para entrar lá, vai buscar o quê?!"

"Querida, embora já saibamos o amor que surgiu entre nós e que isto é pra valer, temos pouco tempo de convívio e tem muita, muita coisa que ainda não te contei, já que não deu tempo. Temos usado o tempo para algo muito bom, é verdade..."

Ele a puxa pela camisola, segurando-a perto, e beija-a de uma forma terna, mas intensa. Quando se soltam, o jeito brincalhão de Maya entra em ação e ela faz de conta que está tonta e que vai desmaiar, chacoalhando a cabeça, como se precisasse despertar. Eles riem. Em seguida, David muda a expressão facial, aparenta seriedade e adquire um ar distante, como se estivesse recordando dados, antes de falar. Ele então continua: *"o perigo a que me refiro está neste ponto: já aconteceram coisas que correlacionamos a isso tudo. Mortes, e não foram somente duas ou três, para ser preciso, se é que temos o número, umas cinco, e de jovens, lindas, louras, na maioria, adolescentes"*.

"Mas, David, isso é caso de polícia!", exclama ela com ênfase.

"A polícia tem o caso de cinco moças, entre muitas outras que sumiram, e nada mais. Temos quase certeza de que o sumiço dessas cinco está diretamente ligado ao seu prédio e que lá deve haver pistas. Mas não temos nada para provar e a história de nazistas que estão em São Paulo, junto com seus descendentes, ou somente seus descendentes, matando garotas lindas, de famílias de classe média alta, após realização de orgias sexuais, em que certamente elas devem ter sido drogadas, violentadas, antes de serem mortas para extrair o vril... Bem, essa versão, sem provas, seria ridicularizada, e eu, posto em um manicômio."

"Mas, meu amor... Por que você tem que se meter nisso? É o que eu ainda não entendi. Eu sei o que aconteceu em Curitiba, OK, mas... Por que continuar com isso?"

Maya estava falando com David um pouco exaltada. Ao perceber, ela se controla: *"desculpe, desculpe... Eu estou sendo egoísta. É o meu ego que não quer nem pensar na chance de te perder..."*.

David e Maya haviam terminado o jantar. Ela leva os pratos para a cozinha e retorna, pegando-o pela mão, carinhosamente, levando-o até o sofá. Dock, que estava lá, pois agora fazia parte da vida do casal, pula no colo de Maya. Ela o acaricia, mas o coloca no chão, recompensando-o com um ossinho especial para roer, o que o divertiria por algum tempo.

"Tenho coisas para te falar. Com elas, você poderá entender, espero que bem...", diz David.

"Ai, deu frio na barriga, mas fala..."

"Primeiro, o que eu mais gosto... Um beijo... Agora sim, posso falar." Ele se levanta e fica em frente a ela, respira fundo e melhora a rouquidão da garganta, demonstrando que o que tinha

para dizer era algo que o afetava emocionalmente.

"Maya, o grupo que eu tenho frequentado há três anos, desde que estou em São Paulo, é composto, principalmente, por ex-rosa-cruzes. Na verdade, alguns ainda são, já que esta é uma sociedade filosófica com fins de desenvolvimento espiritual que apenas faz bem às pessoas. Não tenho nenhum histórico do contrário. Estas pessoas se juntaram porque, de uma forma ou de outra, tiveram acesso a outras pessoas com o conhecimento da manipulação do vril. Aqui em São Paulo, alguns falavam em outros nomes dados a esta energia, como orgônio, ou mesmo centros para o desenvolvimento da kundaline, coisa que nós dois já temos na prática, o conhecimento de ser a mesma coisa, aplicada para o fim de ativar a nossa rede elétrica corporal e, consequentemente, o campo eletromagnético, às vezes entendido como aura. Pois bem, quando eu comecei a treinar meditação e controle do vril, logo no começo, eu recebi uma mensagem... E recebo mensagens até hoje..."

David olha para Maya, esperando para entender como seria a sua reação, já que, por falta de convivência mais ampla, não sabia como se portaria frente aos fatos que estava para revelar. Ela olha para ele, com os olhos bem abertos, apertando um lábio contra o outro e gesticulando com as mãos para que continuasse.

"OK, vamos lá... Durante uma fase de meditação, tendo o gerador em mãos, eu consegui acessar um plano mais alto e entrei em contato com seres, por assim dizer, de Aldebaran..."

"O olho do Touro... A estrela alfa da constelação de Touro... O quadro da sala do presidente! Igualzinho seria em um filme... A mocinha falando isso... OK, OK... Continua... É que quando fico nervosa, meu sarcasmo explode... Desculpe!"

David em nada se enerva, ao contrário, chega perto de Maya para dar outro beijo, pois ele estava falando de pé, andando de um lado para o outro, enquanto ela permanecia sentada no sofá. Ele volta à história.

"Durante a meditação, recebi uma mensagem e uma visualização. Ao mesmo tempo, segundo quem estava perto, o vril estalou daquele jeito que conhecemos e explodiu uma energia quente que foi aumentando aos poucos. Eu estava com ele na altura do peito, e a queimadura que você conhece aconteceu bem no final da transmissão. Eu não sei se isso foi realmente o contato com alguém de lá, daquela região da estrela Aldebaran, ou se era um aspecto de minha própria consciência superior que falava para o meu eu inferior. Seja lá o que for, tem sido constante. Essas transmissões começaram assim e não pararam nunca mais. O problema estava em controlar o vril para que eu não mais me queimasse dessa forma. Em outra tentativa, recebi uma transmissão de imagem, eu vi o seu rosto... Era você Maya, claramente. Eu apenas via, não tinha informação alguma. Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia o que fazer, parecia uma miragem, ou coisa assim..."

Maya continuava quieta, olhos abertos e quase sem respirar, esperando pelo que ele adicionaria à história. Ele percebe e continua.

"Depois do que tivemos de maravilhoso, na noite de ontem... A primeira coisa que fiz, depois que nos separamos, foi ligar para algumas pessoas do grupo e pedir que nos reuníssemos. O que fizemos logo após o almoço."

Maya pergunta exatamente o tema que tinha na cabeça, com um tom de ligeiro pesar.

"Eles ficaram bravos pela quebra dos votos?!"

"Não, quando entenderam qual foi o resultado, e na verdade, logo que eu entrei, o mestre percebeu que a minha energia e campo de vibração tinham sido, em muito, melhorados."

"Não vá encontrá-los amanhã porque hoje a gente abusou. Ai, desculpa, meu humor negro novamente. Estou nervosa... Continua."

"O mestre me disse que eu havia encontrado a minha outra polaridade. Ele meditou e foi até

você. Descreveu como você é fisicamente e suas qualidades, características. Disse que também precisa de treinamento e que, de agora em diante, temos que fazer isso juntos... Acho que você vai gostar de uma coisa que ele disse."

Maya abre bem os seus olhos cor de mel, olha para cima, pois David ainda estava de pé, falando e andando entre o sofá e a mesinha.

"O que... O que ele disse?!", pergunta ela ressabiada.

"Que com você eu poderia e deveria quebrar o meu voto, pois é você a pessoa que vai potencializar a minha capacidade de dominar a energia... E tem mais..."

"Tem mais o quê? Ai... Fala."

"Você pode fazer a mesma coisa e é possível que ainda mais facilmente que eu. Ele mencionou algo como ser uma sacerdotisa em alguma vida paralela a esta e que, por isso, tem recordação de muita coisa. Isso explica o porquê se dedica a estes estudos com facilidade, achando que é tudo mera coincidência o que te acontece."

Maya até que gostou do que ele disse.

"Sacerdotisa... Eu?!", ela sorri, fazendo graça do tema.

David agora se senta ao lado dela, tocando seus ombros com as suas mãos e falando muito próximo, olhos nos olhos.

"Você percebeu o grau de sedução e feitiço que usou ontem comigo?!"

Ela arregala os olhos novamente e faz cara de que o assunto não era com ela, comicamente, disfarçando.

"A senhorita foi a mais perfeita feiticeira que eu já vi ou ouvi falar. Usou o seu poder de sedução, manipulou-me completamente. Eu teria feito qualquer coisa que pedisse! Você fez o que uma sacerdotisa do templo faria. Sabia exatamente como ativar o vril e mais, sabia que nós dois juntos conseguiríamos. Eu percebi que parte do que você fazia, digo, quanto à manipulação, era consciente, mas parte não era, havia um profundo conhecimento dos detalhes. Tudo o que eu fiz foi ceder e acompanhar, pois claramente havia duas de você, a sua mente inferior inconsciente e a mente superior, ligada a informações akáshicas, dominando e mandando você atuar. Ao que eu muito agradeço de ter obedecido, tanto você quanto eu... Foi a melhor coisa que eu já tive na minha vida, e posso dizer que nunca, nada, nem por perto, foi igual."

Maya ainda estava parada, meio sem ar e com cara de surpresa. David percebe e pede que ela respire fundo e solte o ar para se recuperar. Assim que ela o faz, volta-se para ele e concorda.

"Sabe que eu não havia me dado conta... Até este momento. Isto não havia sido analisado por mim, mas se eu parar para pensar, eu me sentia como se estivesse hipnotizada, realmente... Eu não conseguia resistir e nem tentei, para ser sincera. Tudo o que eu sabia era que, a partir do momento em que você foi comigo até a garagem de casa, eu não poderia ficar sem... Me entregar a você e fazer o que fizemos... Aquela explosão... Eu, de fato, sabia... Mesmo sem saber!"

"Princesa, havia algo que conduzia nós dois. Não sei se isso é o que se pode chamar de amor verdadeiro, se é encontro de almas gêmeas, ou se tem algo ou alguém invisível nos empurrando para isso, a única coisa que sei é que é muito bom e forte. Forte suficiente para gerar o vril e fazê-lo brotar."

"Foi isso que o tal mestre falou?!"

"Sim."

"E sobre os comandos que tem recebido, as transmissões, recebeu alguma hoje?!"

David se senta, afasta-se um pouco dela, respira fundo e dá uma pausa, fazendo com que ela se assuste novamente.

"Ai, quando você faz isso... Lá vem bomba! O que vai soltar agora?!", exclama Maya bastante

tensa.

"Quando eu fiz o relaxamento e entrei em estado de meditação, tendo o gerador em minhas mãos e sem receio de ser queimado, pela primeira vez, eu recebi a transmissão forte, mais clara do que nunca, dizendo..."

Maya aproxima-se dele, quase saltando sobre David e, gesticulando com as mãos, faz sinais para que falasse logo.

"A mensagem que recebi era clara quanto a termos que fazer algo juntos. Dizia exatamente o que o mestre havia falado. Agora eu tinha encontrado a sacerdotisa e, por isso, teria que iniciar o processo, que não tem retorno. É para isso que nos encontramos... Novamente."

"Fazer?... Encontramos novamente?! O quê?!"

18.

TERÇA-FEIRA, 10H30. PEQUENO INTERVALO PARA O CAFÉ. LADO DE FORA DO PRÉDIO DOS LABORATÓRIOS.

Discutindo os últimos acontecimentos, Maya e suas colegas de trabalho, Ana, Lurdes e Maria, tinham opiniões diferentes.

"Eu sinceramente acho que tem muita criatividade nisso. Não estou dizendo que não seja verdade, uma parte talvez, mas tudo isso está muito aumentado, né?! Tá começando a ficar meio maluco. Quer saber?! Eu vou andar um pouquinho, isso atrapalhou os meus neurônios", dizia Maria, visivelmente alterada, apresentando-se emocionalmente diferente do habitual. Ela se afasta rapidamente.

"Acho que você não deveria ter falado sobre como foi bom com o David e a energia vril. Eu também não sabia, mas ela não está muito bem com o marido. Ele viaja muito e quando volta, bem, parece que não tem rolado nada em casa, e ela está achando que ele tem outra ou que não quer mais saber dela. Daí que anda meio afastada da gente por se sentir mal. Acho que precisa ficar um pouco sozinha. Eu aconselhei que ela conversasse com ele, tentasse entender o que está acontecendo. Eles têm uma filhinha de dois aninhos e que precisa deles", Ana faz uma avaliação baseada em seu ponto de vista e nas informações que a própria Maria havia dado.

"É, eu percebi que ela tem estado estranha. Na verdade, ela não é assim, pelo menos até agora. A Maria é só coração e, mesmo tendo problemas, só o fato de Maya estar com alguém assim como David teria feito ela vibrar de felicidade, pois ela sempre pensa primeiro nos outros e depois nela. Será que tem algo além do problema de casal?!", Lurdes expõe seus pensamentos.

"Lurdes, se ela tem algo além ou não, é obrigação nossa ajudar. Ela é nossa amiga e sempre foi muito boa conosco. Sempre que alguém tem um problema, é a primeira a ajudar", diz Maya e, em seguida, Ana se levanta para falar de forma enfática.

"Bom, seja lá o que for, temos que ajudar mesmo. Vamos fazer um grupo com foco nela, sem deixar de abrirmos os olhos para tudo que está acontecendo à nossa volta. A gente pode convidá-la para um happy hour e deixar que apenas ela seja o centro das atenções. Acho que isso fará com que perceba que nos importamos com ela e, quem sabe, fale algo a mais para que possamos ajudar. Que tal?!"

"Boa ideia, Ana. Vamos fazer isso!", diz Maya. *"Mas lembrem que temos que continuar procurando entender o que aconteceu com os nossos dados e produto! Vamos para dentro, tá na hora!"*

Assim que entraram, ficaram sabendo, pela secretária do laboratório, Helena, que Maria havia recebido um telefonema e tinha dito que era uma emergência, tendo que sair. Não sabia se voltaria ainda hoje. Maya, Ana e Lurdes se entreolham. Lurdes pega o telefone e liga para o número de celular de Maria.

"Nada, ela não atende. Está tocando até a linha cair. O que a gente faz?! Eu nunca a vi assim!"

"Não podemos ligar para o Fred, ela disse que ele estava viajando e que ficaria fora toda a semana."

"Lurdes, vamos ter que esperar até o fim do dia e tentar localizá-la novamente", diz Ana.

Maya fica pensativa e lembra-se de coisas que David havia lhe dito. Uma delas era sobre o controle da mente. A Sociedade Vril utilizava muito este padrão de energia para assumir o controle da mente de pessoas que eles usariam para fins específicos. Seriam como serviçais. Será que Maria estava com algum problema deste gênero?! Será que o Dr. Muller estava correto ao dizer que alguém de dentro do laboratório, e não de fora, havia retirado os dados e o material?

"Ana, Lurdes, chamem o pessoal da segurança. Eu quero ver os filmes da tarde da sexta-feira, antes de terminarmos o expediente. Assim que eles tiverem isso pronto para rodar, me chamem!"

16h. Na sala da segurança, José Eduardo havia separado alguns trechos de filme, os quais achava que poderiam estar relacionados com alguma movimentação possível de pessoas, de dentro do laboratório, que poderiam estar executando algum ato que chamasse a atenção. Ana e Lurdes não haviam mencionado uma provável suspeita quanto a Maria, mas haviam solicitado que todas as equipes dos laboratórios, inclusive os seus chefes, fossem checados com maior ênfase.

José Eduardo fez uma boa seleção e vários foram descartados pelas três. Após uma hora e trinta minutos, encontraram algo. Em uma imagem, Maria entrava em vários laboratórios com um carrinho de rodas, que serve de apoio para pastas, todo em inox e com dois andares, de aproximadamente um metro e vinte de altura, feito para carregar amostras para testes e pastas de dados de estudos. Nas cenas, Maria entrava, cumprimentava as pessoas, parava com o carrinho ao lado do setor de arquivos, deixava alguma pasta e pegava outra. Entrou no laboratório de Ana, que estava vazio. Provavelmente, horário de almoço. Maria deixa uma pasta e pega três, sabendo bem o que estava pegando e nada conferindo. Abaixa-se no balcão e pega duas embalagens de metal escuro, com aproximadamente um quilo, e outra embalagem plástica branca, com aparentemente o mesmo peso. Coloca as três embalagens na parte de baixo do carrinho e sai. Por sorte, a câmera interna tem um bom ângulo no carrinho. Maya pede que façam um close-up, e mais ainda, até que a imagem da placa que estava em frente ao carrinho possa ser lida. Na placa, lia-se com dificuldade *"material para descarte"*. O filme continua. No momento em que ela saía do laboratório, uma funcionária entrava, percebendo que o carrinho lhe pertencia, pois era do pessoal da área de descartes. Pergunta algo a Maria, mas não é possível saber o que, já que o filme não tem áudio, pega o carrinho e sai. Maria se afasta e desaparece de cena.

Ana, Maya e Lurdes ficam pálidas. José Eduardo percebe o problema e interage.

"Eu entendi que a Dra. Maria pode ter feito algo de errado. Aparentemente, ela queria jogar fora o que vocês procuram, se é que tem certeza de ser exatamente isso, no lixo, melhor dizendo, destruído."

Tomando a frente e com ar bastante sério e preocupado, Maya se manifesta.

"Obrigada, José Eduardo. Temos algo para investigar, e não para acusar. Pelo tipo de vídeo que temos, não há como saber se o que procuramos, o que sumiu, era exatamente o que a Dra. Maria colocou naquele carrinho. O que podemos dizer é que parece estranho que ela o estivesse carregando. Por favor, solicito manter tudo isso em sigilo, até que tenhamos condição de falar com Maria e saber o que ela estava fazendo, exatamente."

"Vocês têm 48 horas para me dar uma posição, antes que eu tenha que reportar isso."

Com uma expressão facial extremamente preocupada, Maya se levanta junto às outras duas moças.

"OK, entendemos e agradecemos."

As três tomam o elevador e voltam para a sala da diretoria científica. Maya senta-se em sua cadeira de couro preta, tendo à sua frente uma mesa de madeira clara, no lado oposto, sentam-se Lurdes e Ana. Esta última retoma o diálogo, após um período de quase coma.

"Tem algo de errado no Reino na Dinamarca, já que a gente gosta de Shakespeare. A Maria andava meio deprimida mesmo. Eu percebi tanto quanto a Lurdes, mas isso agora não pode ter sido gerado por uma crise no relacionamento. Tem algo a mais que ela não nos contou." Ana demonstra apreensão.

"Eu vou olhar o que ela pode ter colocado no meu laboratório. Se lembrarem do filme, ela entrou lá, pegou três pastas e devolveu uma. Eu não me dei conta até agora do que poderia ser. Vou dar uma olhada e já volto."

Lurdes fica com Maya e adiciona dados.

"Há duas semanas, ela me disse que tinha ido ao médico e que tinham encontrado pólipos nos ovários, que não era nada grave, mas que precisaria se ausentar para fazer uns exames a mais e tratamentos hormonais, para fazê-los diminuir, daí que achei que estas ausências eram por causa disso. Agora não tenho mais certeza!"

"É, ela me disse exatamente isso. Lurdes, vá até o ambulatório e veja com os enfermeiros se há algum médico que a conheça, converse com eles sobre a ficha médica. Se eles tiverem algum empecilho em dar informações, diga para me ligarem que liberarei os dados."

Lurdes saiu e retornou em vinte minutos. Quando voltou, encontrou Ana falando com Maya. Elas estavam surpresas com o conteúdo de uma pasta que Ana havia trazido de sua área, supostamente sendo a que Maria deixara e fora vista no filme. Por fora era uma pasta normal, contendo uma etiqueta com o nome Bidens, estudos fitoquímicos e o código certo de estudos. Dentro havia revistas femininas, presas aos plásticos e, em um dos compartimentos plásticos da pasta, havia uma reportagem sobre a Segunda Guerra Mundial e a Sociedade Vril, contendo a foto de Maria Orsic, a mais importante médium, entendida como sacerdotisa maior do vril.

Quando Lurdes entrou, a pasta que tinha em mãos ficou para segundo plano, já que a pasta que Maya e Ana avaliavam parecia mais impactante. Tendo aguardado pacientemente, Lurdes relata o que apurou no departamento médico.

"Eu não acredito... Quero dizer, não acreditava, mas agora sei que tem algo feio acontecendo com a Maria. Essa pasta certamente foi substituída por ela com coisas malucas. Este artigo de revista sobre o vril e esta pasta que eu trouxe do departamento médico... Vejam, como todas nós, uma vez por ano, temos que entregar os exames completos de saúde. Maria entregou os dela há três meses e tudo estava bem, incluso os ginecológicos, contendo ultrassom de pélvis. Ela não apresentava nada de pólipos ou coisa que se assemelhe. Está em estado perfeito de saúde. Tampouco apresentou atestado médico para as saídas que fez, dizendo que iria aos médicos e ou fazer exames, incluindo os tratamentos de terapia hormonal que mencionou."

Ana e Maya estavam brancas, pois Maria era pessoa de sua alta confiança e estima.

"Eu acho que temos que contar isso ao David. Tem tudo a ver com o que estamos pensando", ela cochicha, *"não mencionem essa palavra aqui e nada relacionado a ela, OK?! Só fora daqui"*, coordena Maya. *"O pessoal já saiu?! São quase seis horas."*

"Sim, só ficamos nós três aqui", responde Lurdes.

Maya tem uma ideia.

"Vamos entrar na sala dela. Deve haver algo que possa nos dar uma pista."

As três rastreiam tudo o que podem e Maya reinicia o computador de Maria, tendo a intenção de procurar por conversas via VoIP e IM (Instant Messaging), além de e-mails ou qualquer outro sistema de acesso externo. Sendo uma gerente e profissional considerada de alto nível de confiança, ela não tinha o mesmo padrão de restrição de acessos como outros pesquisadores, o que poderia ser um ponto positivo para localizarem informações úteis. Entretanto, assim que o computador completa o reinício, pede uma senha, a qual elas não tinham, somente Caio da TI poderia solucionar o problema, a menos que... Neste mesmo instante ela tem uma ideia. Pega o

seu próprio notebook, o mesmo modelo de Dell XPS, e coloca-o na mesa, no lugar do de Maria e sai com o dela para encontrar David e Armando, esperando que este último extraísse tudo o que poderia dar alguma pista, já que era um gênio da computação. Ana adorou a ideia, pois teria mais uma chance de se encontrar com Armando e verificar se ela gostava ou não dele e se, portanto, deveria investir. Lurdes tinha um encontro na família do noivo, ao qual não poderia faltar.

19.

19H, NA CASA DE DAVID.

Armando abre a porta, muito animado como sempre, principalmente por poder ajudar com aquilo que melhor conhece: computadores! Sua animação foi potencializada pelo fato de também haver ficado interessado em Ana. Pairava a dúvida se deveria ou não investir, já que David o havia alertado a não se envolver com ela, caso não quisesse algo sério, o que era mais comum, quando se tratava de relacionamentos, por parte dele.

Ele encontra Maya em primeiro plano, a qual lhe dá um grande abraço e um beijo na bochecha. Em seguida, Ana faz o mesmo gesto, mas desta vez, ele gosta mais e fica um tempinho maior abraçado.

"Nossa, que garotas bonitas! Wow! Vou gostar de ajudá-las! Estou preparando uma jantinha rápida e simples! Jantar estilo italiano! Segunda-feira! É minha folga, podemos ficar assim a noite toda!"

"Maravilha! Eu gosto de tudo, como você já sabe!", exclama Ana, deixando o notebook sobre a mesa de canto, na sala.

Armando percebe por quem Maya procurava e ele indica o quarto de David, com o dedo.

"Acho que ele está tomando uma ducha!"

Maya entra na suíte, a qual era bem espaçosa, e ouve o chuveiro ligado. Como ela já tinha levado para lá roupas extras, achou uma ótima ideia. Retira o que vestia e faz uma surpresa. No meio do vapor do banheiro, David leva um susto, quando esta, sorrateiramente, abraça-o por trás, enquanto ele enxaguava a cabeça de olhos fechados, ficando muito feliz por encontrar Maya assim.

Enquanto isso, Ana ajudava Armando a preparar o jantar. Estavam tão entretidos com a cozinha e a companhia deliciosa que um fazia ao outro que não notaram o fato de os outros dois ainda não terem aparecido.

"Acho que vamos ter que esperar mais ainda, pelas histórias que tenho ouvido, coisas quentes...", fala Ana em tom brejeiro. Armando traz uma taça de vinho branco para cada e se sentam no sofá.

"Bem, já que é assim, vamos aproveitar ficando mais perto um do outro. Podemos tomar um banho juntos no quarto de hóspedes", convida ele.

Ana começa a rir da safadeza de Armando, mas, no fundo, acha a ideia interessante.

"Veja bem... Eu mal sei como você beija, como quer que eu deseje a segunda parte, sem nem ter tido a primeira direito?!", exclama Ana com grande expressão corporal.

"Ah, pelo que eu percebo, vocês duas são bem parecidas, feiticeiras, fazem o sangue da gente entrar em ebulição!" Armando dirige-se a ela, engatinhando pelo sofá, até bem perto, agarrando-a, jogando-a por cima dele, de forma nada romântica, mas ela, que era diferente de Maya, em alguns aspectos, gosta deste estilo, mais selvagem, e, em meio a beijos e abraços quentes e atrevidos, surgem os outros dois, felizes, novamente. Ao entrarem na sala rindo de algo que diziam, assustam o casal do sofá, o qual estava em uma posição embaraçosa. Eles riem largamente da situação e do calor que fazia naquela noite em São Paulo!

Assim que acabaram o jantar, os dois casais se sentam nos sofás da varanda envidraçada, fecham parcialmente as persianas, de forma a impedir que fossem vistos de fora, e Armando inicia o processo de extrair dados do computador de Maria. Depois de uns dez minutos, não havia mais nada desconhecido. As duas analisam o que foi encontrado e ficam um pouco desanimadas, até que Armando faz uma pergunta para Ana: *"a Maria fala alemão?!"*.

"Não que eu saiba... Quero dizer, não, ela não fala, nem eu, nem a Maya. A empresa é de capital alemão e americano, então, foi adotado apenas o inglês como língua oficial. Tem algo aí em alemão?!"

"Tem várias mensagens que estavam protegidas, ou seja, não poderiam ser lidas sem um código, e claro, agora já podem... Adoro isso... Mas é a única coisa em que não posso ajudar, pois eu não falo essa língua, mas o meu amigo galã aqui fala, e bem... David, traduz isso pra gente!"

"Você sabia que ele falava alemão?!", pergunta Ana, cochichando.

"Não deu tempo ainda de perguntar muita coisa!", as duas riem como duas garotinhas de escola de ensino fundamental.

David percebe a brincadeira, dá um sorriso e senta-se em frente ao notebook. Com pouca dificuldade, começa a traduzir: *"tem várias coisas confusas... MEINE GELIEBTE HERRIN, minha amada amante... IHREM HEIBEN KORPER, seu corpo quente... GRUPPE ZEREMONIE, cerimônia de grupo... Fala de datas de encontro, hotéis, saudade... Novos encontros... Eu diria que já que é alguém que assina Wolf, um lobo, por assim dizer, tem estado com a chapeuzinho vermelho... Eles têm um caso. Ela o chama de GELIEBTE, amado... Ela está apaixonada por alguém... A grande maioria é sobre prazer. O que me preocupa é que há texto sobre cerimônia de grupo... Maya, sua amiga está envolvida com o pessoal do vril... há frases que mostram isso... FEUER, FOGO... ENERGIE, ENERGIA... SCHLANGE, COBRA... Cobra de fogo... Kundaline! Maya, ela está sendo usada para passar informações para eles. Se ela estava carente, essa carência foi resolvida, mas tem um preço: sua alma. Ela corre perigo. Tem uma mensagem de hoje pela manhã, marcando um encontro em um endereço no Bairro da Alto da Lapa, e diz que é cerimônia... Isso pode ser a iniciação de uma sacerdotisa. Seguindo o velho estilo nazista, farão uma orgia e ela será servida a todos!"*.

Maya e Ana estavam completamente assustadas com as informações. Elas não tinham mais vontade de brincar e fazer piadinhas.

"A que horas é o encontro?!", pergunta Maya.

"Para variar, de madrugada, horário marcado: uma hora."

"Temos tempo para preparar", diz Armando. "São nove e meia, ainda... Vamos apronta?! Podemos derrubar tudo lá, por para quebrar..."

"Ainda não. Se ela vai fazer isso é por que querem que faça algo maior... Temos que esperar. Vou ter que chamar algumas pessoas e colocá-las de sobreaviso. Claro que teremos pessoas no endereço vigiando, mas não podemos e não devemos ainda interferir", complementa David.

Maya estava triste.

"Mas a Maria... Devo deixá-la assim?! Sem proteção?!"

"Quantos anos ela tem?!", pergunta Armando.

"Tem trinta, fez há dois meses."

"Idade boa para ser sacerdotisa. Ainda é jovem e bonita", continua Armando.

"Maya e Ana, seja lá qual for o motivo pelo qual ela se meteu nisso, já é grande o suficiente para ter ideia do risco que corre. O que me preocupa não é somente ela, e sim vocês, principalmente pelas informações que ela teve e já passou, com toda certeza, para eles. Isso significa que já sabem de mim e do Armando... Pedro... E já sabem de você Maya. Vão fazer

qualquer coisa para tê-la como sacerdotisa e isso significa que poderão usar as mesmas armas que talvez tenham usado com a Maria, caso não tenha sido por vontade própria."

Ana fica nervosa e pergunta a David quais seriam exatamente estas armas.

"Drogas de domínio da mente, hipnose, sem considerar o vril. Articulando junto com o vril, a coisa fica mais potente, e a pessoa que não tem um forte autodomínio recebe tantas sugestões em sua mente que pode querer se matar. Eu tive um treinamento para me proteger disso e Maya, você vai comigo, amanhã cedo, desculpe, você não vai mais voltar a trabalhar lá no laboratório. Você vai ser treinada, pois estou certo de que o alvo será você", diz David, demonstrando estar seguro do que dizia.

Ela olha para David surpresa. Ele falava de pé com ar imperial.

20.

“Deus não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos. Fazer ou não fazer algo, só depende de nossa vontade e perseverança.”
Albert Einstein, físico.

8H.

Após o café da manhã, Maya vestiu-se informalmente, calça jeans azul-claro, camiseta regata mesclada de branco e azul, combinando com uma blusinha leve de lã, tipo Twin-Set, e sapatilhas azul-claro. Sua bolsa Prada branca combinava perfeitamente. O complemento foi feito com uma maquiagem suave, um delicioso perfume floral-frutal, Flower, de Kenzo, e um cachecol esvoaçante de seda Hermes, predominante nos tons branco, azul, amarelo e laranja. Brincos pequenos combinavam com um anel grande de prata banhada com ródio e zircônio azul. David a acompanhava no estilo, sempre esporte fino, também em tons de azul com branco. Usava uma camiseta de algodão branca que deixava perceber seus músculos delineados, sobre uma calça jeans em um tom acima ao dela. Por cima da camiseta, coloca uma jaqueta de couro em tom caramelo, estilo blazer esportivo, tendo corte reto. Quando ele se veste com esses tons, seus olhos parecem cristais de água de um incrível azul profundo.

No momento em que eles se encontram, um admira a beleza do outro e seus olhos se enchem de luz. Era um misto de amor, orgulho e algo que vinha de muito além da Terra, provavelmente de Deus, uma sensação de habitar o Paraíso. O melhor de tudo era ter a certeza de que isso nunca se extinguiria e que, ao contrário, existia há muito tempo, antes deste encontro.

David pega uma bolsa tipo carteiro de couro marrom claro, colocando dentro dela a sua carteira, óculos de sol e o gerador vril, vestindo-a transpassada.

“Precisamos levar o nosso?!”, pergunta Maya.

“Eles têm vários, mas este funciona muito bem conosco. Pode ser que seja preciso.”

Ela para na frente dele, desviando os olhos, parecendo encabulada.

“A gente não vai... Digo, na frente deles... Não vai, né?!”

David não pôde conter a gargalhada e a soltou de forma sonora. Ele realmente não esperava por essa.

“Eles não são nazistas! No máximo vão nos colocar em um convento, sem sexo para o resto das nossas vidas!”

“Nesse caso... Não sei o que é pior!”

Ele gargalha novamente, beija-a e abraça-a ternamente, direcionando-se para a porta do hall do elevador.

Menos de trinta minutos depois, chegam ao local. Era uma casa grande, com mais de dois mil metros quadrados de área construída, localizada na região dos Jardins, local de alto custo na Cidade de São Paulo. A área da casa, com terreno, ocupava um quarteirão, tinha, com isso, muito espaço, ficando isolada dentro dos muros altos e portões de ferro, que a protegiam. O carro de David é imediatamente reconhecido pelas câmeras e as portas se abrem. Ao entrar pelo caminho de piso de pedra, rodeado por árvores por todos os lados, Maya se pergunta se é possível

achar lugares ainda assim em São Paulo. Em alguns segundos, a casa aparece, imponente em seu estilo greco-romano, toda pintada de branco e apresentando várias áreas onde colunas de mármore sustentavam e decoravam a sua fachada.

"Riquinhos os seus amigos, hein?! Isso aqui custa uma fortuna! É tudo para essa sociedade?!", David faz um movimento positivo com o pescoço, enquanto estaciona.

Ele sai do carro e, como sempre, Maya já estava do lado de fora, segurando a bolsa e olhando para tudo, com ar de curiosidade.

"Nossa, que luxo! Que bonito! Dá para morar aqui também?!"

Como sempre, o senso de humor de Maya faz David rir, de imprevisto.

Ele estende a mão e a conduz pelo pórtico da fachada. Passam por uma porta de madeira enorme, que ele mesmo empurra, e chegam a um átrio, cujo teto era feito parcialmente de folhas de vidro, muito bem iluminado, o qual conduzia a um hall central e grande.

"Se eles não fossem de outro ramo, eu diria que estamos entrando em uma loja maçônica... Isto deve ter sido uma, algum dia!", diz ela, maravilhada pelo que via.

Ao chegarem ao hall, havia várias pessoas sentadas e conversando relaxadamente. Maya percebeu tratar-se de cinco homens, sendo servidos de café por dois garçons. Eles estavam sentados em dois sofás de cor vermelho-telha, de tecido aveludado, os quais foram posicionados de frente um para o outro, tendo em suas laterais duas poltronas cada, em tom mais escuro, misturado com marrom. O ambiente apresentava um pé-direito de aproximadamente oito metros de altura; da abóbada de madeira entalhada, pendiam lustres pesados de cristais. Janelas grandes, envidraçadas, ladeavam uma mesa de jantar para umas vinte pessoas. Ao redor, havia mais e mais locais para sentar e ficar à vontade. Tapetes jaipur e afegane, vasos turcos e decoração no geral, clássica, mas de muito bom gosto.

Ao serem percebidos, um homem levanta do sofá, o qual tinha uma apresentação bastante elegante, com idade aparente de cinquenta e cinco anos, trajando um estilo esportivo, mas luxuoso, com um lenço de seda amarrado ao pescoço e bem ajeitado dentro de sua camisa. Ele lembra a ela a imagem que tinha em mente de um dono de iate, proveniente de uma foto que havia visto em uma revista de cientologia.

"Acho que esse é bem rico, certo?!"

Neste momento, David não lhe dá atenção, continuando com ar sério, caminha em direção ao homem que se levantou do sofá e que ficou aguardando a aproximação de David, deixando Maya a quase dez metros de distância.

"Como vai, David? Que bom que a trouxe. Depois do que me contou, precisamos atuar rapidamente. Sabe algo da moça que sumiu?"

"Nada, a outra amiga que está no laboratório farmacêutico acabou de mandar uma mensagem dizendo que ela não foi trabalhar e tampouco avisou que faltaria."

"Nossos colegas estiveram por perto da casa e tentamos ouvir com as escutas, mas havia seguranças na rua toda e não pudemos captar nada. Não podemos deixá-los saber que estamos vigiando. Portanto, também não temos notícias da moça. Vários carros entraram, mas tinham vidros escuros e, à noite, torna-se impossível ver através deles."

A esta altura, Maya estava esperando que fosse encaminhada para onde todos estavam e, procurando passar estes segundos, começou a ver os quadros que tinha à sua frente. Logo o primeiro se revelou intrigante. Ela se aproxima para analisá-lo, tropeçando no tapete que tinha à frente. Neste exato momento, David a segura pelo braço, salvando-a de um tombo.

"Você está bem?!"

"Oh, desculpe pelo mau jeito! Eu não ia cair não, mas valeu pela ajuda. É que o quadro me chamou muito a atenção, tem o formato de várias suásticas enroscadas em um ponto central...

Suástica!" Ela faz a exclamação olhando profundamente nos olhos dele, como esperando por uma explicação.

"Dra. Maya", aproxima-se o homem que estava conversando com David.

"Olá, bom dia! É um prazer conhecê-lo! Imagino que seja o mestre."

"Mestre Germano", ele se vira para David, *"ela é cheia de energia e espirituosa. Isso é bom, muito bom. Venha, Dra. Maya, vou apresentá-la para o resto do grupo. Os nossos principais cavalheiros estão aqui".*

Ele estende o braço para que ela o segure. Neste instante, ela se vira para David, que havia ficado alguns passos para trás, e pisca, brincando com um ar de superioridade. Em um relance, ela percebe que todos eles tinham características físicas e estilos em comum. Um a um, eles se levantam, cumprimentando-a de forma coordenada, no momento em que é pronunciado o seu nome.

"Esta é a Dra. Maya. Este é o cavalheiro Uriel."

"Muito prazer", diz ela estendendo a mão e olhando-o de forma discreta, mas detalhista, como era comum à sua personalidade.

Todos eram apresentados tendo como prefixo o termo *"cavalheiro"*, o que, logo no terceiro, fez com que Maya levantasse a sua sobrancelha esquerda e não a baixasse antes de terminarem as apresentações. Uriel era um homem atraente, de aproximadamente quarenta e cinco anos, cabelos castanhos claros e olhos azuis, parecidos com os de David quanto ao tom intenso.

Rafael era um homem atraente, de aproximadamente cinquenta anos, com charmosos cabelos castanhos-grisalhos, e olhos no mesmo tom.

Gabriel tinha aproximadamente a mesma idade, cabelos muito loiros e olhos em um tom entre cinza e verde-azul, difícil de definir com precisão.

Miguel seguia o mesmo estilo de Gabriel, mas parecia um pouco mais novo e mais atlético.

Ao terminar a apresentação, o garçom ofereceu a Maya e David um cappuccino, o que aceitaram de bom grado. Sentaram-se no mesmo ambiente, tendo Maya e David escolhido as poltronas com braço, da lateral mais próxima.

"Dra. Maya...", o mestre ia iniciar uma frase, mas é interrompido por ela.

"Maya, somente Maya, por favor. Não gosto muito de formalidades e, se me permitem, também os chamarei pelos nomes apenas, ou apelidos escolhidos, suponho."

"Direta, objetiva e com um bom grau de dedução. Com muito prazer seguiremos sem formalidades", continua o mestre, "*precisamos providenciar um bom treinamento, o quanto antes, pois temos pouco tempo para ajudar a sua amiga e talvez a srta. também".*

"OK, estamos de acordo, mas acredito que, pelo que a conheço, o senhor vai precisar explicar um pouco do que temos aqui e o que fazemos", diz David, e ela adiciona: *"se me permite, eu gostaria de saber a história do seu grupo. Até agora o que eu sei é quase nada, pois David não teve... Tempo... De me esclarecer melhor. O que eu fiquei sabendo no carro, vindo para cá, foi o nome... Sociedade Thule?!".*

Mestre Germano se acomoda no sofá e pede que todos o acompanhem. Ele irá fazer um relato bem concentrado nos pontos principais e que poderão esclarecer, inicialmente, as mais iminentes dúvidas.

"A Sociedade Thule foi formada por volta de 1912. O nome correto em alemão é THULEGESELISCHAFT", ele pronuncia perfeitamente, o que a faz perceber que para estar no meio deles, esta língua é determinante. *"Como a maioria das atualmente conhecidas sociedades secretas, ela tem uma história fundamentada em princípios nobres e honrosos, entretanto, logo no final dos anos 30, sua história tomou outros rumos. Isso é o que vai lhe explicar a formação da*

Sociedade Vril e o fato de termos tornado a Sociedade Thule mais secreta ainda, para combater o que seria a polaridade oposta ao seu princípio. O termo 'thule' consta na literatura europeia clássica e em mapas relacionados como sendo uma região distante no norte do globo terrestre, atualmente referindo-se potencialmente a terras da Groenlândia ou até Islândia. Há ainda na geografia medieval o termo 'última thule', que se refere, provavelmente, à mesma região. Junto a este conceito, é conhecido e mesclado o de avalon, considerando barcos que saíssem rumo ao norte, da ilha da Bretanha, navegando por aproximadamente seis dias para chegarem a um castelo de cristal, em meio a geleiras e brumas de névoa, onde a feiticeira ou sacerdotisa Morgana estaria esperando. Há muitos relatos de navegadores que estiveram nestas regiões, todos no passado, dizendo terem encontrado este local. O mais importante a ser descrito é o mito de habitarem por lá seres altamente desenvolvidos e poderosos, física, intelectual e psiquicamente. Dizia-se que tinham o poder de manipular energia pura e com ela fazer o que queriam. Existe um livro que inspirou a criação da Sociedade Thule, seu nome é 'Oera Linda'. Trata-se de um manuscrito, escrito por volta de 2.000 a.C. e recebido por herança de família, por Cornelis Over de Linden, vindo à tona em 1867, somente 40 anos mais tarde foi traduzido para o alemão moderno. Em 1933 caiu nas garras de Himmler e seus comparsas, tornando-se a 'Bíblia Nórdica' com o nome 'Die Ura Linda Chronik'. A partir de então, foi a base inspiradora para as atividades secretas esotéricas alemãs."

"No que era fundamentado? Quero dizer, eu pensei e é o que eu sabia, até então, que o livro de 'The Coming Race' era, de fato, o livro que tinha levado os alemães nazistas ao vril", Maya pergunta e embasa a sua dúvida.

"Realmente, o livro de Lytton é um grande marco para o esclarecimento de o que deveriam usar para chegar ao poder de dominação e criar armas poderosas, mas o 'Oera Linda' lhes deu o conceito religioso, vamos dizer o plano místico suficiente para criar um credo e as bases de fundamentação de um dogma forte, o mito da superioridade da raça ariana", completa mestre Germano.

"Isso me lembra H. P. Blavatzky. Ela falava da raça ariana, das várias raças raízes (root races) que a Terra teria por vez, sendo geradas, florescendo e sendo destruídas, abrindo espaço para a nova raça. Falava de quatro, e o seu símbolo, o selo da Sociedade Teosófica, apresenta-se como uma fusão dessas quatro raças matrizes, por meio de seus símbolos isolados. Um deles é a suástica, que, para alguns, pode representar uma dessas raças, chamada ariana, ou os aryans..."

"Muito bem, muito bem, Dra. Maya! Agora merece o título de Doutora... Poucos poderiam ter colocado isso tão bem interpretado e na hora certa", exclama mestre Germano.

Maya olha com ar de desconfiança e espera que ele continue.

"Para estes alemães, o fato de o livro 'Oera Linda' ter sido escrito em uma língua germânica antiga chamada frísio ou frisian, falada entre o século VIII e XVI, tratando de temas que poderiam manipular a história, como catastrofismo, nacionalismo, uso de sacerdotisas como um certo parâmetro para o matriarquismo e mitologia, claramente representada em uniformes, bandeiras e estandartes carregados pelo exército alemão e espalhados por todo o império nazista, deu o formato de um credo, um dogma forte, uma realidade que poderia justificar os princípios mais horrorosos que estavam por trás de tudo isso... O macabro, aliado à magia negra e às forças do mal, com o foco de poder e domínio devastador. Assim, o povo alemão foi, em grande parte, conduzido como uma massa hipnotizada por uma criação de algo que se tornou maior e capaz de cegar violentamente, massacrando aqueles que se opusessem."

"Imagino que os próprios livros de Blavatsky, que conduzem as pessoas ao despertar, já que eu creio em um fundamento nobre por meio deles, foram usados para construir esse horror todo", reporta ela. Mestre Germano parecia animado em dar continuidade ao diálogo.

"Sim, perfeitamente Maya. Nosso grupo, derivado desses princípios, busca negativar o que

restou dessa sociedade do mal, a qual se chamava Thule e, depois, por um processo de cisma, passou a se chamar Vril, restando a seus descendentes salvar sua origem, honra e princípios. É por isso que precisamos de pessoas que possam manipular esta energia e que tenham a vibração no nível certo para que religuemos o poder que nos pertencia e combatamos o lado negro que ainda existe.”

“Qual a correlação da Thule com Rudolf Steiner? E como isso aconteceu?!”, pergunta ela.

“Excelente, novamente. Este é um dos pontos mais importantes para definirmos a nossa história e eu estava deixando escapar. Em 1918 um grande número de sociedades secretas, filosóficas e esotéricas estava sendo formado. Todos estes grupos eram ligados ao nome, e em teoria, a uma parte da filosofia thule. Como li certa vez em um local, fazendo um paralelo, é como falar do cristianismo e depois lembrar os católicos, protestantes, evangélicos, anglicanos e assim por diante. Todos são cristãos como fundamento de crença e regras variadas. Pois bem, estes grupos, que assim estavam ligados, em poucos anos, dividiram-se em duas facções, resumidamente, os que entendiam os perigos do ego e queriam servir a um propósito maior, acima do próprio, e os que queriam exatamente o poder para o uso pessoal. Uma facção alinhou-se a Adolf Hitler, a outra facção alinhou-se aos princípios de Rudolf Steiner e à escola goetana (Goetheanum). Assim, nasceu o símbolo do “Sol Negro” ou “Black Sun”, o que a senhorita estava apreciando com estranheza no quadro, quando tropeçou. Este símbolo é encontrado no castelo de Wewelsburg na Westphalia, onde mais tarde se tornou o local dos ritos, orgias, sacrifícios humanos e também a escola esotérica dos oficiais da SS. O símbolo do sol negro foi adotado no sentido anti-horário para simbolizar seus princípios: ariosofia (superioridade da raça ariana), autoritarismo, centralização no ego de alguns, princípios baseados em credos e forte ideologia, tornando Hitler um verdadeiro deus vivo. Ao contrário, o Sol Branco de Steiner e seguidores girava em sentido horário, representando conexão com ensinamentos que incluíam todas as religiões e raças, demonstrando uma nova consciência universal”, complementa mestre Germano, respirando profundamente e continuando com algo que pareceu faltar durante a explanação. “É importante mencionar que o que estou lhe dizendo não faz parte de informações secretas e/ou ocultas que vem dos arquivos da Sociedade Thule, ao contrário, encontra-se facilmente publicada em muitas páginas da internet, apresentadas como sínteses de textos escritos por historiadores e escritores como Nicholas Goodrick-Clarke, Peter Moon, Maximillien de Lafayette, entre outros, os quais juntaram uma ótima base de dados científicos e filosóficos em seus livros publicados, incluindo-se o profundamente esotérico.

“E vocês são um ramo ou divisão, facção, qualquer coisa assim, que se identificou com Rudolf Steiner e os goetianos? É isso que está querendo me dizer, certo? Portanto, não são ligados a cerimônias que tenham contexto ou exploração pessoal ou sexual, interesses pessoais, dominação e ao contrário, trabalham para um bem comum, um bem maior, como os bons maçons e bons rosa-cruzes dizem?!”

“Podemos definir de certa forma assim, Dra. Maya”, mestre Germano finaliza a explicação e observa a expressão pensativa dela.

“É faz sentido... Eu me recordo de um trecho que li sobre o Steiner. Isso, certamente, na época, seria o foco da busca esotérica nazista do poder supremo. Era algo assim... Ele dizia que os povos existiram na Terra desde a criação do planeta. Os seres humanos começaram como formas espirituais e progrediram por vários estágios até alcançarem a forma física densa, a de hoje. Segundo ele, a humanidade vive atualmente o período chamado pós-atlantis, que começou com o afundamento gradual da Atlântida em 7.227 a.C. O período pós-atlantis é dividido em sete épocas. Nós estamos na época europeia-americana, que durará até o ano 3573. Após esta, os seres humanos recuperarão os poderes de telepatia, telecinesia que possuíam até pouco antes da época

dos gregos antigos... E por aí vai. Juntando isso com o 'Oera Linda' e com o 'The Coming Race', a bagunça na cabeça dos egoicos buscadores de poder pessoal, começou!", conclui ela, com ênfase.

Em meio ao tipo de discussão proativa que Maya adorava estar envolvida, ela era observada pelo olhar investigativo de David, o qual pretendia antever o que se passava na cabeça dela, sabendo ao mesmo tempo que esta seria uma tarefa impossível. No meio de uma discussão, Maya se inclina, jogando o tronco do corpo para frente, cruzando os braços que foram apoiados nas pernas, depois, voltando à posição ereta, respira fundo e bate os pés de forma ritmada no chão, olhando para o teto... Pensando... E continua: *"vejam bem, dessa parte eu entendi tudo, mas tem muita coisa que a minha mente científica me diz que é estatisticamente significativo, em excesso. A primeira coisa foi eu gostar desses assuntos, estudá-los profundamente. O segundo, trabalhar em um lugar suspeito de ter envolvimento com isso tudo, terceiro, encontrar o David, que é, 'coincidentemente', e entre aspas mesmo, uma espécie de alma gêmea, especialmente conectada para fazer... Sei lá o que... Para acabar com isso tudo. Me desculpem, mas as coisas estão muito artificiais, sabe... Quem está fabricando o quê?!"*, Maya questiona com certo nível de agressividade.

David se surpreende, como ele previa, e olha para o mestre Germano.

"Fique tranquilo, David, eu já havia meditado sobre ela e sabia da sua mente rápida capaz de ligar os fatos. Muito bem, Dra. Maya. Há sim um fato que é fabricado e que deve ser dito. Nós forjamos uma situação com a senhorita e ela tem que ser aclarada para termos a sua total confiança. Eu creio que a melhor pessoa para fazer isso é David. Vá em frente, meu filho."

David parecia bastante alterado e emocionalmente comprometido ao iniciar a fala, demonstrando isso com sua voz rouca. Ele temia que ela reagisse negativamente às revelações.

"Princesa, eu quero que me deixe falar até o fim e só pergunte quando eu terminar."

Maya concorda com o movimento da cabeça e prende por alguns segundos a respiração, sua forma tradicional de mostrar-se tensa.

"Lembra que eu te disse que estava há mais de dois anos tentando encontrar alguma forma de acessar informações das operações que estávamos mapeando, via alguns informantes e nas espionagens à noite, na sala do prédio em frente ao laboratório, que alugamos, certo? Pois bem, as pessoas com que estávamos tendo contato eram de nível mais baixo, as quais sabiam e viam coisas estranhas que entravam e saiam, e mais nada, pois ninguém tinha acesso à hierarquia mais alta do laboratório e é lá que deve estar o que procuramos, os líderes disso tudo", ele para de falar por um segundo e fita o rosto de Maya, preocupado com o que poderia passar por sua cabeça. Maya, por sua vez, estava com uma expressão fria, como se esperasse por algo que acreditava poder machucá-la.

"Foi aí que resolvemos que precisávamos de alguém de hierarquia mais alta e descobrimos você, uma diretora, solteira, sem relacionamento há muito tempo, que poderia se envolver com alguém... Como eu."

O rosto dela se transforma por completo, e um ar de dor, decepção, aliado à surpresa negativa, fica claramente estampado. Seus olhos umedecem imediatamente. Ela se encosta no respaldo da cadeira, de forma a se afastar dele. Imediatamente, David se projeta para frente da poltrona de Maya, pegando suas mãos, com força, já que ela teve a intenção de puxá-las, e, ficando com um joelho apoiado no chão e a outra perna dobrada, parecia estar querendo pedir perdão. Ele continua: *"Maya, por favor, me deixe acabar, não julgue nada até lá. Foi o seu nome que um funcionário que já saiu, antigo, aposentado, me deu. Ele disse que nunca tinha visto uma mulher tão bonita e simpática ir do trabalho para casa, todos os dias. Isso nos pareceu perfeito, e eu teria que fazer você me aceitar, me aproximar de você, para sim... Ter mais informações. Mas o que*

aconteceu, após alguns dias te seguindo, é que a Ana resolveu ir ao restaurante que vocês já tinham jantado, e eu não sabia... Nunca tinha estado das vezes que foram... Isso não fui eu que fiz, foi realmente uma ação de Deus, sei lá que nome dar. Naquela noite, quando entraram, eu mal podia acreditar. Ainda mais quando sentaram ao meu lado e nem perceberam, tamanha a intensidade da conversa. No meio dela, eu ouvi o nome Bacon, isso foi demais. Parecia que era uma confirmação de que eu precisava falar com você. Foi por isso que me aproximei e as convidei para um grupo, que claro, seria exatamente este". Preocupado, ele continua segurando uma das mãos dela, que não mais tentava fugir, assim ele sai da posição desconfortável e senta novamente na poltrona a seu lado. Ele se inclina para ficar mais próximo a ela e falar com o coração aberto, olhos nos olhos.

"Nos dias e meses que se seguiram, depois do restaurante, eu fiquei olhando o meu celular de minuto em minuto e nada. Eu te segui, várias vezes, para ver se tinha algum hábito pelo qual eu pudesse criar uma nova forma de abordagem, que parecesse natural. Eu fiquei preocupado de que, se eu ligasse, sentiria medo e poderia se afastar ainda mais. Naquele dia no parque, eu estava te seguindo e não foi por coincidência que nos encontramos..."

Maya interrompe, solta a mão que David segurava e, já restituída de sua depressão emocional, interpela: *"uma coisa: por que achavam que eu saberia algo para dizer?! Eu poderia não saber nada... Como não sabia, e nem fazia ideia... Portanto, essa história de me usar para tirar dados não bate... A não ser que... A não ser que..."*, ela fica com os olhos cheios de água novamente, *"você quisesse ter um caso de amor com essa tal diretora, independentemente de quem seria, para poder usar... Seduzindo... Levando para onde quer... Como realmente fez, que horror!"*.

Ela se levanta, muito desapontada e faz menção de pegar a bolsa. Mestre Germano pede a todos que saiam e deixem David e Maya conversarem. Todos saem por uma porta, ao fundo, ao comando do mestre.

Ainda de pé, Maya estava muito brava, a ponto de explodir. Sentia-se traída profunda e duplamente, pois parte da culpa era dela, já que havia também investido nesse jogo de sedução.

"Eu caí no conto de fadas do sr. príncipe perfeito!" Ela o imita com total deboche e ele fica visivelmente bravo, com as mãos na cintura.

"E você, sabia que é uma feiticeira?! Você faz ideia do nível de sedução e encanto que jogou sobre mim?!"

Maya coloca igualmente as mãos na cintura e o enfrenta, cara a cara.

"Falso! Mentiroso! Você se prostituiu! Se vendeu! E teria feito o que fez comigo com qualquer uma! Poderia ter sido a Ana, a Lurdes! Qualquer uma que ocupasse o cargo de diretora!"

Ela caminhava de um lado para o outro, em frente a ele, de pé, muito nervosa, mas sem gritar, falava rápido e com emoção, mas não tinha força para gritar, sentia-se muito fraca. David, percebendo seu estado, abraça-a ternamente, com o seu gesto meigo e característico, toca em seus cabelos e rosto, beijando-a intensamente. Ela se entrega, pois algo dizia que poderia estar enganada.

"Maya, eu te amo! Eu sei que parece pouco tempo para dizer uma coisa dessas... Mas eu tenho certeza do que sinto. Eu nunca senti por uma mulher o que eu sinto por você... Você sabe... Ninguém finge o que eu tenho com você... Não é sexo, você sente e sabe que é muito além disso... Veja o que nos aconteceu com o gerador vril... Eu quero ficar com você... Não me deixe e me escute."

Ele a leva até o sofá. Senta-se ao seu lado e continua.

"Quando nos encontramos no parque, logo que começamos a caminhar, conversar, uma incrível identidade e forte atração começou. Obviamente a minha missão era fazer com que você caísse na minha, mas o que aconteceu foi o contrário... Fui eu quem caiu... E isso de imediato. Eu

fiquei caído de uma forma que me preocupou e, por isso mesmo, pedi para o Armando vir, fazer o jantar para a gente e estar junto, para que eu tivesse alguém que me ajudasse a me manter no propósito, para que fosse você a seduzida, e não o contrário, o que verdadeiramente ocorreu. Quando o gerador vril estalou e vibrou, alguns centímetros antes de você tocá-lo, você e eu soubemos o que um poderia ser para o outro. Só que nenhum de nós disse. O que aconteceu daí em diante foi que tanto você quanto eu ficamos receosos. Eu com muito receio de que a minha missão pusesse o nosso futuro a perder, e você me achando perigoso, coisa que eu realmente sou, de alguma forma..."

Maya estava mais calma, entretanto, ainda bem chateada e magoada. David tinha a expressão de um enorme pesar em sua face e na linguagem corporal, a qual demonstrava certo desconsolo.

"Digamos que até aqui eu entendo. Mas se ficou apaixonado e se isso não for verdade, eu estarei na frente do maior ator do mundo, ou melhor ainda, do maior ator-ardiloso-mentiroso do mundo... Falastrão... Enganador", enfatiza, *"por que veio com esta história de continuar me usando? Me treinar é continuar a querer que eu seja usada... Por que isso então? Você, digo, vocês querem me usar, e eu não aceito ser usada. Não é para minha proteção que querem me treinar, e sim para seu uso pessoal... E eu não aceito isso."*

Maya sabia ser muito dura e incisiva, certas vezes. David ficou cabisbaixo. Ela continua.

"Chame o chefinho, nome de mestre ascenso e a turma de arcanjos... Até os nomes deles são falsos! Você acha que eu não me dei conta de que esses nomes juntos fazem parte de uma encenação? Para ser perfeita tinham que ser sete arcanjos e sete mestres, parece que não conheci a turma toda, sem falar na hierarquia dos anjos, querubins, serafins e assim por diante. Desculpe, é o meu santo humor negro que toma conta de mim, quando fico nervosa. Sabe de uma coisa? Eu tenho algo pra te dizer e que até agora não disse, só demonstrei. Eu sei que tudo aconteceu em tempo recorde, que às vezes estas coisas rápidas e com esse fogo todo não dão certo, mas eu só posso te dizer que eu estou apaixonada, e muito mesmo. Devo dizer também que esta história toda me chateou e você deveria ter dito isto antes de eu vir aqui e ouvir tudo na frente da plateia."

Maya respira fundo, várias vezes para recobrar a estrutura emocional, anda de um lado para o outro, pensativa.

"Sabe qual é o maior problema? A gente não se conhece e os seus 'amigos das oitavas superiores' também não. Eu não sei se eles têm realmente alguma coisa a ensinar ou se querem mesmo é só tirar coisas, mas eu quero saber qual é o programa de treinamento, o que eles têm para 'supostamente' me ensinar. De acordo com isso, eu vou pensar... Neles e em você... Já que, pelo visto, você não vive sem eles. Desculpe, eu estou brava e me dê o direito de estar. Não estou brava só com você, estou brava comigo mesma, muito mais do que com você, tenha certeza disso! Eu sempre me culpo por tudo o que me acontece, já aprendi que somos os únicos responsáveis por gerar e atrair a realidade em que vivemos. Eu criei o príncipe encantado, rei do sexo, após um período tão longo sem ninguém, a questão é o que eu estou criando a seguir, fora o fato de ele me dizer que se aproximou de mim, como teria se aproximado de qualquer outra."

David tenta pegar a palavra, mas ela não deixa.

"Não, não, não. Neste momento, me deixe ser mulher, e saiba que isso é o tipo de coisa que uma mulher não aceita do homem que gosta!"

Ela fica alguns minutos pensativa, e ele espera.

"Vamos lá... Paremos momentaneamente com o conto de fadas. Eu quero saber o que eles têm para me ensinar e como pretendem ensinar. Pode chamá-los! Mas antes, eu preciso ir até o toalete."

21.

Mestre Germano leva Maya e David para a sala norte. Ao entrar, deparam-se com uma sala redonda, muito ampla, tendo por volta de cento e cinquenta metros quadrados. Era rodeada por janelas pequenas, o que gerava um ambiente escuro, em pleno dia. Ao centro, havia uma espécie de távola redonda desenhada no chão, com o formato de um círculo, tendo outro menor ao centro. Na marcação, em cima do círculo maior, havia seis lugares para as pessoas se posicionarem de pé, em algumas das pontas pertencentes a uma estrela. Ao olhar melhor, Maya percebe que a estrela era formada por braços de suásticas, várias interpostas no sentido horário, ao contrário do símbolo maior nazista, o qual rodava em sentido anti-horário. No centro da estrela, a sacerdotisa deveria se posicionar, e o local tinha um círculo menor demarcado. Cada um estaria distante do outro em aproximadamente dois metros, para os que ocupavam a posição lateral das pontas, e de quatro metros na posição radial, estando sempre a posição central a dois metros de cada um dos participantes dos seis sítios.

Decidida, ela logo se dirige até o centro do desenho no piso de mármore branco e observa, detalhadamente, as várias suásticas interligadas em um ponto central e contidas em um círculo, onde os raios terminavam. As suásticas sobressaíam como uma estrela radiante. Maya analisava a cena e o que se passava ao seu redor.

"O que será que eles queriam representar com isso?", pensava ela.

David se aproxima e diz: *"é o sol negro, chamado comumente de 'black sun', na sua versão em sentido horário".*

"O nome que deu à sua empresa de TI quando estava em Curitiba, que coincidência." Maya lança um olhar, novamente desconfiado, para David. Ele percebe.

Mestre Germano convida todos a se posicionar em seus pontos no círculo da estrela negra, para que se acostumassem a eles e fizessem uma conexão mental.

"Maya", diz o mestre, *"eu gostaria que colocasse a túnica branca, apenas em sinal de comunhão com o que vamos experimentar, pela primeira vez, no seu caso. Pode se trocar, abrindo aquela porta e ficando à vontade. O local está preparado para a sacerdotisa. A túnica está pendurada à sua espera. Basta vesti-la sem nada mais por baixo, e fique descalça. Retire tudo, para que não haja interferência de outros materiais condutores de eletricidade na energia que poderá ser gerada e circulada através de nossos corpos, caso tenhamos sorte".*

David avisa que estará com ela em alguns minutos. Ele fica para conversar com o mestre Germano. Quando ela entra, vê que se tratava de um quarto comum, com cama e banheiro. A túnica feminina estava pendurada ao lado da de David, na lateral de um espelho lindamente bisotado e gravado com figuras de sóis, estrelas e planetas, que iam do chão até o teto, tendo comprimento de dois metros de largura. Ela nota a constelação de Touro, sua grande conhecida, em destaque, aldebaran – O Seguidor (The Follower), e ao lado, o aglomerado M45, ou mais comumente identificado como as sete irmãs (seven sisters), representado pelas estrelas de maior magnitude das Plêiades ou Subaru, para os japoneses, embora a empresa de carros represente apenas seis das sete estrelas.

"Quantos lugares, digo, pontos há lá fora, incluindo o central?!", pergunta Maya

"Sete", responde ele, assim que chega, *"Por quê?!"*.

"Eu diria: nada não, mas típico isso..." Ele não entende bem, e desconsidera.

Após alguns minutos de avaliação das imagens que tinha à frente, Maya se volta para David, o qual já havia se despido totalmente, tomando a iniciativa de retirar as roupas dela e inesperadamente, sem resistência alguma, ela permite que ele o faça lentamente, tocando em seu corpo, deliberada e prazerosamente. Quando ele termina de retirar todas as roupas, abraça-a em estado de profundo desejo, beijando seu pescoço e colo do peito, encaixa-se nela, penetrando-a por alguns segundos, fazendo-a gemer e respirar descompassadamente, e com grande esforço, controla-se, afastando-se com um beijo suave e amoroso em seus lábios. Em seguida, pegando seus trajes, veste-a lentamente, amarrando a fita de seda branca também ao redor da cintura. Ele, então, coloca a túnica que o esperava, sendo observado por ela, a qual estava em estado de profundo desejo. Quando prontos, cruzam seus olhares e, sem pronunciar uma palavra, saem para a sala do sol negro, sentindo-se um pouco desnorteados.

Mestre Germano dirige-se até o centro do sol negro, levando-a pelo braço, acompanhado de David, o qual tinha em mãos o gerador vril. Pacientemente e com intenção positiva, o mestre explica vários detalhes do processo de geração e controle da energia, percorre os pontos principais das primeiras instruções de o que e como deveria fazer. Neste mesmo momento, dado o estado de união de corpos e almas, quando David passa o gerador para as duas mãos de Maya, ela leva um choque, um pouco mais forte que o normal, e a faísca pôde ser vista por todos. Mestre Germano fica surpreso e contente, pedindo aos participantes que imediatamente se posicionem. Todos trajavam a mesma túnica. Ele pede a Maya que rapidamente mantenha o gerador na posição horizontal, sustentado nos polegares e parte de baixo dos indicadores das duas mãos, estando todos os dedos de cada mão abertos e virados para frente. Assim que ele desse alguns comandos, ela deveria girar na ponta dos pés, no sentido horário, pelo tempo que fosse necessário, para sua ativação. Com isso, veriam qual a capacidade que ela tinha em ativar o vril e mantê-lo.

Seguiu-se um processo rápido. Alguns comandos foram dados aos seis homens presentes, os quais estavam descalços, deixando os braços caídos ao longo das túnicas brancas, buscando dissipar a corrente elétrica através de seus corpos. Eles entoam notas musicais e as mantêm em sustenido, lembrando o canto de monges do Tibete, até que um sino tibetano é tocado pelo mestre, no momento certo do padrão energético. Ao pedido de Germano, Maya começa a girar, e imediatamente uma falta de ar a acomete, acompanhada por uma forte tontura. Neste exato momento, o sino toca novamente e assim que Maya dá uma nova volta, cambaleante, o gerador estala, criando uma luz dourada intensa que dispara pelas mãos, atingindo-a e mantendo-a presa a um oval de energia radiante e cintilante. Neste momento, o campo magnético é tamanho que os pés saem do chão em quase quinze centímetros, retornando após alguns segundos, sem problemas. A energia dissipada não era do mesmo tipo a que David estava acostumado a criar no círculo, e sim muito parecida com a que ele e Maya geravam quando se amavam. Ele percebe, então, que muito provavelmente aquele seria o padrão da energia que ela criava, talvez com a ajuda dele, mas era totalmente dela. Após quarenta e cinco segundos de pura magia, Maya desaba no chão, completamente desfalecida.

22.

14H, NO QUARTO DA SACERDOTISA.

Ela começava a acordar do estado de catarse. Em uma mesinha, havia uma bandeja com frutas, mel, sucos e pães de cereais recheados com queijo cottage e geleia de mirtilo.

Ao seu lado estava apenas David. Os outros aguardavam que ela acordasse na sala central onde foram recepcionados. Maya começa a despertar. Sem abrir os olhos, chama por David. Era um estado de delírio, entre sonhar e acordar.

"David... David... Quero você!"

Ele estava apreensivo. Segurava a mão direita de Maya, sem soltar.

"Eu estou aqui... Desperte... Eu estarei sempre aqui para você... Acorde, Maya, força! Você precisa acordar e se alimentar."

Ela vai retomando a força, pouco a pouco. Ele traz um copo de suco de pêssego e a ajuda a tomar, de gole em gole. Alguns minutos após, ela já abre os olhos e sorri. A felicidade de David é enorme ao vê-la voltando ao normal. Assim que ela conseguiu comer um pouco, retoma quase toda a energia que tinha. David sugere que ela tome uma ducha, pois a água poderia revigorá-la. Ele prepara o banho e entra com ela, sustentando-a, mantendo-a o tempo todo abraçada a ele e deixando que a água caia com vigor. Assim que ela recobra mais da energia perdida, deixa-a se equilibrar, com o seu cuidado constante. Ele enxuga seus corpos e deita-se junto, debaixo dos lençóis, esperando pela total recuperação de sua amada. Meia hora depois, ela parecia quase normal, devido a um sinal clínico evidente.

"Ai, que gostoso... Os dois assim... Grudadinhos e sem nada...", exclama Maya.

Ele solta uma gostosa gargalhada de felicidade, por perceber que o humor e o calor constante que lhe eram particulares estavam de volta.

"Se você conseguir levantar e andar, eu te ajudo, claro, poderemos ir para casa. O mestre Germano vai apenas falar com você, rapidamente, e iremos descansar o resto do dia."

Eles se levantam, David se veste previamente e ajuda Maya, a qual lembrava a cena de uma pessoa de ressaca.

"Tá tudo girando", dizia ela com graça.

Eles saem do quarto e vão até a sala onde os membros do grupo aguardavam. Conseguindo andar sozinha, David apenas a amparava, segurando em sua cintura, por cuidado. Eles se sentam no sofá menor, posicionado entre dois maiores, em que os outros do grupo se sentam divididos. Mestre Germano prefere acomodar-se na poltrona que ficava de frente para o sofá do casal, como se encabeçasse uma reunião.

"Fico feliz de vê-la recobrando as energias tão rapidamente! Muito interessante! Quando David fez esse teste, dormiu o dia inteiro e não havia quem o fizesse acordar, sem falar que se queimou. O seu teste Maya foi o mais perfeito domínio que eu já vi. Você tem um controle excelente da energia vril. Com o correto treinamento, poderá ser uma grande mestra. Precisamos acelerar ao máximo este treinamento. Quero vê-los amanhã no mesmo horário."

Ele se dirige a David: *"cuide para que ela se alimente bem e descanse. Nada de contato físico mais desgastante, se me entende. Ela precisa vir aqui amanhã com toda energia vril para liberar. Vamos tentar a liberação do plasma energético através da sua união com ela e sem..."*.

Mestre Germano dá uma pausa e continua.

"Ela deverá ficar mais forte com o seu toque. Apenas juntos fisicamente, sentindo que têm esse laço. Acredito que se você estiver conectado fisicamente a ela, no momento da captura do vril, ela não desfalecerá..."

"Eu sei que não, pois já fizemos isso, durante o momento do amor, e ela não desfalece."

"Sim, você me disse isso, portanto, vamos agora tentar um contato mais simples, como um abraço e até algo... Ainda mais simples, como ambos de mãos dadas. Pode ser que isso baste para que o fluxo da luz circule e não dê o impacto forte que ela recebeu, drenando a sua própria energia vril. Entretanto, estou certo de que, em pouco tempo, ela manterá a energia de forma equilibrada e sem a sua ajuda. O corpo dela está sendo reprogramado. Precisam estar alertas e com condições físicas para canalizar o padrão do fluxo que vem do planeta, e não o que vem de vocês. Esse é o fluxo certo."

Maya ouvia, sem se manifestar.

23.

16H. NO QUARTO DO APARTAMENTO DE DAVID, MAYA DESCANSAVA.

Levando um típico cappuccino grande com chantilly, e umas bolachinhas amanteigadas, da forma como ela gostava, David a acorda. Ela abre os olhos, dá um sorriso e se espreguiça. A bandeja é colocada junto a ela, na cama, para que pudesse comer. Sentando-se ao lado de Maya, ele a admira longamente.

"Eu quero que você se restabeleça completamente e, depois, preciso conversar... Continuando o que começamos lá no grupo..."

David ainda apresentava um semblante bastante preocupado e falava com uma voz baixa e fraca, entretanto, sempre carinhoso.

Maya coloca a xícara de cappuccino na bandeja, logo após esvaziá-la. Come sem pressa uma bolachinha, esfrega os dedos, uns contra os outros, para tirar os resquícios de açúcar e coloca a bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Endireita as costas, senta-se sobre os joelhos, espreguiçando um pouco mais e mostrando o formato do corpo contra a luz, o que era bem visível usando sua provocante camisola branca de renda.

"Olha, eu estou me sentindo restaurada. Na verdade, eu estou tão bem que... É bom a gente sair daqui, da cama e ir para a sala... Ah, deixa pra lá, isso não muda nada!", ela dá uma risadinha brejeira. David acompanha o riso dela apenas com um sorriso, mas, em seguida, fica sério e com fisionomia preocupada.

"Eu preciso conversar com você, caso contrário, não conseguirei funcionar pra mais nada."

Maya tinha plena consciência do quanto tudo o que estava acontecendo em sua vida e na vida dos que a rodeavam era perigoso. Por isso mesmo, devido à sua personalidade positiva e altamente energética, encontrava escapes fazendo as suas *"tiradinhas"*, o que, de fato, desagravava o emocional de outros, em certas situações. Na verdade, ela enxergava além de tudo, através da teia básica que ofusca a mente das pessoas e as impede de ter uma visão elementar do horizonte. Ao contrário, já havia previsto, baseada em análise pura associada a muita intuição, quais poderiam ser os próximos passos e as possibilidades para David.

"Querido, pode falar... Eu estou aqui e vou ouvir sem reatividades. Prometo. Vá em frente."

Novamente ele coloca as cordas vocais em ordem, antes de falar.

"Maya, quando eu encontrei esse grupo que você conheceu, eu já tinha alguns treinamentos de controle de energias sutis. Alguns destes, feitos com monges tibetanos. Eu morei no Tibete por quase um ano. Estive em dois monastérios que trabalham com uma energia chamada Chi Kung, chamada e escrita de diversas formas, qigong, ch'gung e outras. Isso foi há mais de oito anos, na época em que eu nem conhecia o Armando... Pedro. Quando eu voltei de lá foi que decidi montar um negócio, e nós nos conhecemos. Bom, esse foi o início de como e por que comecei a atrair acontecimentos correlatos para o meu dia a dia... E..."

Ela interrompe: *"ah, eu conheço um pouco desse assunto do qigong. Mas por que procurou por isso?"*.

"Sonhos, eu tinha sonhos muito constantes, que eram perturbadores. Eu acordava no meio da noite, suado e assustado, via rostos de pessoas que não sabia quem eram, imagens diversas, algumas interessantes e outras ruins. Via imagens descritas da mesma forma que o mestre

Germano descreveu, o Castelo de Gelo em meio a nuvens e vapor gelado... E também já havia visto o seu rosto. Quando eu te vi, ao vivo e em cores, eu reconheci que era alguma coisa só para mim e que não tinha absolutamente nada a ver com o fato de terem pedido para eu entrar em contato com alguém da diretoria da indústria farmacêutica. Depois você mencionou o meu sobrenome... OK, OK, poderia ser coincidência, Bacon é um sobrenome comum na Inglaterra, mas tudo se juntava em fatos sincrônicos, parodiando uma frase que você mesma gosta de dizer, e fatos que gosta de correlacionar. Quando eu fui para o Tibete, estava muito exausto fisicamente, por não conseguir descansar direito. Várias pessoas aconselharam de tudo, homeopatia, acupuntura, medicina ayurvédica... Isso ajudava por um período e, em seguida, novamente os sonhos, os rostos, e eu não dormia. Foi por esse motivo que me dediquei, ainda mais, estudando com os rosa-cruzes. Foi a única coisa que me esclareceu, por meio do aprendizado, o que poderia ser isso e que, na verdade, eu não poderia fugir, e sim precisava desenvolver alguma capacidade mediúnica e talvez psíquica, que estava destreinada e urgia ser controlada. Aconselhado por eles, os mestres de Curitiba, fui fazer um período de imersão em informações há muito perdidas e mantidas sagradas por pequenos grupos. Depois do Tibete, vivi por três meses no Egito, no Platô de Gizé, o bairro que fica exatamente ao lado das pirâmides. Tinha vinte e oito anos e me sentia perdido e confuso. Em Gizé, convivi no meio do povo, com pessoas de idade, que adoravam contar histórias de seu passado e do passado de seus antepassados. Após dois meses por lá, conhecendo muitas pessoas, eles me aceitaram como alguém deles e foi somente a partir deste momento, que eu recebi as mais fantásticas informações. Uma noite, creio que era fevereiro ou março, parecendo haverem premeditado tudo, sete anciões da vila se reuniram em uma casa. A noite estava muito clara. A lua era tremendamente impressionante, gerando uma presença imponente, e eles apontaram para o céu, onde se destacava, em meio àquele céu cativante, auxiliado por uma nitidez indescritível, a constelação do Cão Maior e lá estava ela, Sirius... Um pouco mais acima, o cinturão de Órion e as plêiades, todos bem visíveis. Eles agradeciam aos deuses destes locais pelas suas influências sobre os homens na terra e diziam que o alinhamento das pirâmides, ocorrido nos equinócios e solstícios, era para que nos lembrássemos deles e recebêssemos sua energia cósmica. De madrugada, próximo ao nascer do sol, em meio a cerimônias e uma grande mudança na abóbada celeste, tendo a maioria das outras estrelas saído do campo visível, os anciões pediram que eu me concentrasse na linha da Via Láctea e localizasse a constelação de Cygnus, ou Cisne, e olhasse fixamente para a sua estrela alfa, Deneb. Foi o momento no qual eu senti, pela primeira vez, meu coração bater tão forte que quase parou. Eu acho que entrei em transe, ajudado talvez pelo cansaço, pelos cânticos e por algumas coisas que eles nos davam para beber. Vários temas me foram revelados... Até esse momento, eu não dava importância alguma quando via o céu, mas a partir de então e até hoje, procuro pelas estrelas o tempo todo. Foi nesse momento que fui introduzido aos segredos do Egito antigo, sua origem verdadeira, suas influências de outros povos oriundos das estrelas... Informações fantásticas... Coisa que esse povo da vila não faz com quem vem querendo dados para livros, artigos, filmes, shows de televisão ou mesmo arqueólogos. Eles só introduzem estes mistérios àqueles que consideram filhos. Meus estudos místico-esotéricos estavam valendo muito, a partir daquele dia, e nunca mais os coloquei em xeque."

Maya acomoda-se melhor, acerta os travesseiros e fica como se estivesse assistindo a um filme de cinema e este fosse o mais interessante já produzido. Durante duas horas, David descreveu como aqueles anciões o fizeram entrar nas pirâmides de Quéops, através de túneis localizados e escondidos na vila. Por estes túneis, ele chegou à Esfinge de Gizé e, por baixo dela, passou para a grande pirâmide, percorrendo túneis e câmaras, tendo revelações incríveis.

"Foram muitas noites... Eles fizeram isso e passaram para mim a maior parte dos mistérios daquela região e seus conhecimentos sagrados. Foi em uma dessas noites que, estando em uma

câmara, dentro da pirâmide, eles me fizeram relaxar e entrar em estado profundo de meditação. Neste estado, eu encontrei um ser, que eu já mencionei a você, podendo ser ou não uma representação de minha própria consciência superior ou mesmo um ser de outra dimensão e região do espaço. Eu não sei em que acreditar, tampouco questiono. Tudo o que faço é apenas seguir o que eu ouvi, pois julguei ser importante para mim. Este ser, do sexo feminino, identificando-se como Maya-Isis... É, igual ao teu nome, adicionando-se Isis, tipicamente egípcio... Tinha a pele mais branca que eu já vi, cabelos longos e louros, olhos grandes e rasgados, esverdeados, como os seus, trajava uma roupa que brilhava de um tecido metálico, colado ao corpo e desconhecido, muito bonita, fora do padrão real, queixo forte e com formato quadrado, nariz reto e pequeno. Ela me disse ser a representação superior, em um universo existente em outra dimensão, de uma pessoa que eu conheceria no que se considera o meu futuro. Disse que, na mesma dimensão onde me encontro, eu deveria procurar em realidades paralelas por alguém que eu precisava encontrar e que, tanto ela, Maya-Isis, como esta outra pessoa na Terra, quando encontrada, iriam se unir a mim, para que pudéssemos completar uma tarefa que há muito ficou sem terminar e que era o nosso destino fazê-la, antes que outras pessoas pudessem se apoderar dela e gerar uma destruição para qual a Terra não mais precisaria passar, por estar próxima à ascensão..."

Maya se abana freneticamente e sai da cama andando de um lado para outro. Quando se aquieta, senta novamente na cama, ficando ao lado dele e pedindo que continue.

"Nossa mãe do céu! Que história! Vou escrever um livro e colocar tudo isso... Maya... Outra Maya... Ou sou eu a Maya, em nível superior de consciência, em outra dimensão... O véu de Isis no Egito, é o mesmo significado do nome, Maya... A teia de Maya que ofusca as visões dos que não estão liberados para ver... Na verdade, é o mesmo nome, apenas com outra representação! Ela estava falando de mim para você ou era a minha outra 'eu' falando de mim para você! Estou toda arrepiada!" Ela demonstra estar um pouco histérica com o que fora revelado.

Ele dá um sorriso devido à forma cômica como ela estava tentando se livrar dos pensamentos confusos.

"Você entendeu quando eu falei em dimensões diferentes e universos paralelos dentro de cada dimensão?! Entende o conceito? É importante que sim, caso contrário fica difícil saber a que me refiro", diz David.

"Sim, sim, eu sei! Ou acho que sei", diz ela empolgada. *"Eu sempre tive como hobby estudar física teórica e este conceito dos universos paralelos em uma mesma dimensão, ou seja, seriam as divisões na horizontal de potenciais possibilidades, cada uma possível de ocorrer, com a expressão de um evento potencial, saindo de uma causalidade. Ou seja, em uma vida paralela, J. Kennedy não foi eleito presidente e viveu até ficar velhinho. Em outra vida, simultânea, em universo paralelo, ele se elegeu presidente e morreu... Ou o mataram... Em outra vida paralela ele virou presidente e não morreu, e assim por diante, caindo na derivativa de 'n fatoriais' de cada evento e escolhas que fez. São infinitas possibilidades, todas ligadas ao livre-arbítrio, ou seja, escolhas que fazemos e que geram novamente mais infinitas possibilidades em 'n fatoriais', e assim por diante. Assim, pelo que a tal de Maya-Isis te disse, 'ela sou eu' em outra dimensão... Verticalização de universos que derivam por frequências maiores, como tons musicais... Como as oitavas... Por isso dizem 'lá nas oitavas superiores'... E assim por diante, por assim dizer. E você precisava me achar, no universo dimensional em que estava, procurando passar de um paralelo para outro até que fizesse esta mudança total ou entrássemos, com nossos dois universos, em colisão e em um centro em comum, onde estaríamos juntos... O 'vescica pisces' permitisse a união entre duas realidades em uma só... E me achou! Ou nos achamos!"*

David demonstra surpresa, tamanha velocidade com a qual ela explica estes conceitos, tanto

no campo da física teórica mais moderna como no mundo do invisível para o visível.

“Surpreendente... Sim, creio ser isso mesmo. Foi isso que, em resumo, ela me explicou... E me pediu para buscar e cuidar dos cristais...”

Maya estava quase tendo um surto de ansiedade.

“Que cristais? Que cristais?!”

“Os cristais que Himmler, Hess, com sua turma, mandaram procurar por toda a Terra e que seus discípulos e descendentes ainda procuram. Os cristais com que o Enoch da Bíblia trabalhava para passar de uma dimensão a outra e de um universo paralelo a outro, na mesma dimensão. Felizmente, eles nunca foram encontrados.”

Maya se aquieta e fala como se estivesse em transe.

“As chaves de Enoch... Os apócrifos e os escritos de... John Dee...”

David altera o seu estado, já que ele fica tremendamente surpreso pelo que ela diz, achando que seria o único na Terra a poder correlacionar estes nomes com o que ele acabara de dizer.

“Como você sabe?! De onde tirou isso? O que mais você sabe!?”

Maya se levanta e caminha pelo quarto, parando na frente de David.

“Estou usando mais do que nunca o meu poder de correlação. Se eu sou quem eu potencialmente possa ser e se você é quem tem probabilidade de ser, bem, veja o seu nome... Bacon... O meu nome... Maya... O que eu estudei e entendo o que diz, perfeitamente... Meu maior admirado na história do mundo: Francis Bacon, junto com Walter Raleigh, filhos bastardos da Rainha Elizabeth I, os quais receberam a melhor educação deste mundo, incluindo as melhores do outro mundo, dia a dia com John Dee e outros. Os dois foram mandados pela mamãe em uma viagem de estudos, deste mundo e do outro mundo, por três anos. Nossa, agora que me dei conta, como você também. E em um destes anos, ficaram no Egito, sendo treinados pelos melhores sacerdotes. Vocês fizeram tudo igual. Lá certamente conheceram a história dos cristais. De onde tiraram os cristais eu não sei, mas o que sei é que, depois que John Dee se assustou com eles, pois eram poderosos demais para que ele os controlasse, nem ele e Kelly juntos conseguiam... Ele mandou escondê-los em algum lugar...”

“Nossa, Maya... Eu levei anos para chegar a essa conclusão e você a revela em alguns minutos?! Isso é encantador e frustrante, ao mesmo tempo!”

“Frustrante? Não sei por que considera frustrante! Eu revelei em minutos, mas demorei anos para poder saber os fatos pelos quais você me deu chance, somente agora, de juntar o quebra-cabeça e entender! Somente agora!”, exclama ela, com ênfase.

Ela cai exausta na cama. Fica deitada, com os braços e pernas abertos, imitando o homem vitruviano de Da Vinci. E continua falando como em devaneios.

“Eu agora entendi... Eu agora entendi...”

Neste momento, era David quem estava perdido.

“O que você entendeu?!”, pergunta ele, *“eu até fiquei confuso, devo confessar que eu achei que sabia, mas agora...”*.

Ela se ergue e senta na cama.

“OK, desculpe, eu falei muito rápido e coloquei para fora um amontoado de coisas que já estavam na minha cabeça, há muito tempo! O que eu queria dizer é que eu entendo que preciso aprender a gerar, manter e controlar o uso da energia vril, ou o nome que quiser dar para isso, eu gosto mais de ‘qi’, pois ela me soa mais positiva, fica sem a ‘história do mal’ por trás... E com ela, poder achar os cristais, que também terão que ser controlados... É como a arca da aliança, em que somente os sacerdotes poderiam tocar. Eu vi um vídeo do pesquisador e escritor Graham Hancock dizendo que existiam vários tipos de arcas e que a arca da aliança era provavelmente um deles. Acredito que uma dessas arcas tivesse os cristais dentro, da mesma forma que a famosa arca da

Bíblia tinha os dez mandamentos. Se alguém inadvertidamente a tocava, tomava um choque de milhões de megawatts, ou simplesmente uma descarga enorme de energia eletromagnética, e provavelmente... Sim... Provavelmente, esse é o motivo principal, a energia eletromagnética... É o poder de Deus... O mesmo poder da arca da aliança... E esse poder pode ter sido dado por seres que o trouxeram a Terra, vindos de uma dessas dimensões superiores ou paralelas, confundidos com deuses... Ou o Deus da Bíblia e de outras escrituras antigas sagradas... YHVH, Shiva, Krishna, Hórus, Gilgamesh, Enkidu, Jesus, Buddah etc. Todos eram ou tinham componentes híbridos de outras civilizações, semideuses... Filhos de Deus. Todos, de uma forma ou de outra, lidaram com o controle destas energias sagradas, e olha que ela é tão mencionada nos livros e tão representada por pinturas em sítios arqueológicos que assusta ver como as pessoas não se dão conta de sua existência! O probleminha que eu encontro está na fase anterior... Será que somos semideuses para ter o real direito de controlar isso?"

Nesse exato momento, toca o celular de Maya. Era Ana. Haviam encontrado Maria e ela estava em uma delegacia. Maya se veste e correm para o local.

24.

19H. NA DELEGACIA DO BAIRRO DA VILA MARIANA.

Ana e Armando estavam na porta da frente, esperando pelos amigos. A X5 de David estaciona na rua ao lado e, apressados, eles descem, dirigindo-se à entrada.

"O que aconteceu? Onde a encontraram", pergunta David a Ana e Armando.

"Nós passamos o dia inteiro, de delegacia em delegacia e procuramos também por vários hospitais... E nada. Daí que um policial desta delegacia nos enviou uma foto pelo celular, perguntando se era ela. Segundo ele, ela foi trazida para cá por um casal que a encontrou na rua, vagando, sem saber o nome, descalça, com uma bata tipo grega, romana, qualquer coisa assim, e sem lembrar quem era. Eles disseram que não podem liberá-la sem que alguém da família venha e comprove, por meio de algum documento, que ela é parente ou o marido, podendo se responsabilizar por ela", explica Armando, rapidamente.

"Eu estava acompanhando o problema e ontem mesmo tomei a liberdade de ligar para o marido da Maria, o Fred. Ele já chegou ao aeroporto e daqui a pouco estará aqui. Sendo advogado vai poder ajudar. Eu já expliquei a ele tudo o que devia e podia... Claro, dizendo que ela teve algum problema cerebral de perda de memória e que só isso explicaria o seu sumiço. A filha da Maria ficou com a avó materna e a irmã mais velha, que estão em um lamentável estado de nervos", detalha Ana.

Quando Ana ligou, pediu a Maya que levasse roupas para trocar Maria, antes que o marido chegasse e a visse daquela forma. Por sorte, depois de fazer a ficha e tirar fotos, a delegada entendeu o problema e deixou Maria tomar uma ducha, pois ela estava imunda, e trocar as suas roupas. Depois do banho completo, desodorante e perfume, ela ficou bem melhor, e até a água a fez amenizar o estado de dormência em que se encontrava. No banheiro, com a luz forte da iluminação, Maya percebeu as pupilas de Maria dilatadas e, fazendo-a olhar para a luz, elas não se contraíam.

"Ela está drogada", disse Maya a Ana.

"É por isso então que está assim, sem memória. Está fora de si. Mas, calma, ela está muito calma, nada de agitação. Que droga poderia ser essa?!"

"Não mencione nada aqui, contaremos para David e Armando quando sairmos. Não podemos correr riscos de alguém nos escutar. Precisamos tirar uma amostra de sangue já. Vá até a farmácia, compre seringa e usaremos o meu cinto para prender o braço. Temos que investigar o que deram a ela", completa Maya.

Enquanto o marido de Maria não chegava, para disfarçar e verdadeiramente cuidar da amiga, Ana sai com Armando buscando comprar leite achocolatado e frutas, para que ela fosse alimentada, e uma seringa descartável. Ana, por ser bióloga, retiraria uma amostra de sangue e a colocaria em um tubo. Ao retornar com as compras, ela esconde a seringa e o tubo em sua bolsa. Trinta minutos depois, Fred chega. Maria já havia se alimentando e dava sinais de melhora, minuto a minuto, entretanto, ainda não recordava quem era, mantendo-se calma e distante de tudo.

"O que é que aconteceu a ela?! A mãe dela me disse que não dormiu em casa à noite e que

havia saído para trabalhar, logo cedo, e não voltou mais." Ele se agacha para que ela o veja melhor. *"Maria, querida, sabe quem eu sou?!"*, ele tentava fazê-la recobrar a consciência, mas ela não demonstrava nenhum reflexo a respeito.

Ana e Armando se oferecem para levá-los a um bom hospital, onde Maria deveria ser internada e ficar em observação. Para disfarçar, Ana ventilou a possibilidade de um pequeno derrame, o que poderia ter gerado um distúrbio desse tipo. Acompanhados por Ana, Armando os leva em sua SUV direto para o Hospital Albert Einstein.

Maya e David seguem para casa, aguardando notícias.

25.

Era madrugada. A temperatura da sala foi fixada em 21ºC, um pouco mais elevada do que a externa. Um coro de vozes masculinas entoa sons que se assemelham aos que podem ser ouvidos nos monastérios e templos budistas. Sobre a mandala construída no chão, todos os homens. Uma mulher estava no centro de um círculo negro. Desse círculo saem formas geométricas que se assemelham a doze raios, indo ligar-se a um círculo maior. Seis homens, trajando togas brancas de linho, intercalam posições, nos terminais dos raios. Ainda faltavam mais seis cavalheiros para completar a mandala do sol negro central. Seus lugares estavam reservados.

A sacerdotisa traja uma estola ao estilo etrusco de seda branca, tendo sua cabeça coberta por um manto, similar a um pallium, atado à estola. Seu rosto não é visível, mas se nota um corpo jovem e magro. A ela é servida uma infusão de odor e gosto amargos. Seus movimentos estão lentos e cambaleantes, obedecendo a qualquer comando que lhe seja dado. Sem expressão de voz ou gestos corporais, suavemente balança como se acompanhasse uma espiral imaginária. Ao terminar de ingerir a infusão, o movimento giratório de seu corpo é intensificado. Mesmo sem sair do lugar, parecia que, a qualquer momento, iria cair. Seu corpo começa apresentar uma noção fora das regras da física de equilíbrio. Seus pés se invertem para dentro e seus olhos azuis claros, agora visíveis na tênue luz de lâmpadas amarelas e esparsas, abrem-se arregalados e miram para algo, no teto da sala, que somente ela via. Sua boca balbucia palavras quase impossíveis de entender, a não ser para aqueles que tinham sido treinados no antigo dialeto frísio. Tremores percorrem seu corpo, ela geme de forma sensual, olha com desejo para os homens presentes, sem realmente percebê-los. Estes continuam a entoar os mesmos sons, mas a intensidade e velocidade eram aumentadas ao comando de um dos sete sinos tibetanos, dispostos ao lado do círculo, tendo como responsável por seu toque sempre o mesmo homem, o qual parecia comandar o ritual. Este processo era acompanhado de uma troca de posições, a cada vez que o sino tocava, no sentido anti-horário, passando o da direita para a posição que estava imediatamente à sua esquerda.

A seguir, a infusão é servida para todos os que estão no círculo. Outra mulher, com o mesmo traje da sacerdotisa, com um leve manto dourado por cima, levava a bandeja e taças de ouro puro, que continham 50 ml da bebida que todos deveriam ingerir ao comando. A ordem é dada. Durante vários minutos, os integrantes da mandala continuam a observar a sacerdotisa. Passado algum tempo da ingestão, apresentam o mesmo oscilar, fixando instantaneamente os pés no seu ponto de força, o nó negro do encontro do braço em formato de raio, com o círculo maior, o da estrela negra.

Sete sinos havia. Sete notas foram tocadas e, enfim, a sacerdotisa recebe em suas mãos, entregue pela outra misteriosa mulher, o gerador vril, a qual estranhamente o coloca na posição vertical, na mão esquerda, segurando o tubo com o nó do gerador com o anelar e o dedo médio, deixando o dedo mínimo, o polegar e o indicador com o papel da antena e representando o sinal do mais baixo nível de vibração da energia da estrela.

Em alguns segundos, várias partículas de luz começam a ser vistas, elas se projetam pelos dois lados das coroas do gerador, dando a impressão de ter uma ordem para entrada e saída. Aos poucos, forma-se um campo magnético em torno do aparelho e o braço da moça é projetado,

automaticamente, para frente, em paralelo com o chão, começando a vibrar violentamente. Os homens param de entoar sons e começam a temer o que poderia acontecer, pois o aparelho e a força demonstravam estar se expandindo sem controle algum. De súbito, a sacerdotisa, que parecia completamente autômata, ergue bruscamente o braço sobre a cabeça, ficando o gerador na posição horizontal. O campo de força podia ser visualizado agora e ele havia construído um vórtice em formato de infinito, para a circulação das partículas e sua maior energização, indo do chão ao teto. Surpreendendo todos, o campo se estabiliza pela primeira vez e as partículas tomam o corpo da sacerdotisa da mesma forma como se expandem, fazendo similarmente com os presentes na mandala negra. A energia era tremendamente excitante e seus corpos tremiam sem parar, por um misto da eletricidade que percorria seus órgãos e as visões que tinham, cada qual à sua maneira. Alguns viam imagens horríveis e gritavam, outros viam imagens de seres angelicais, outros ainda tinham à sua frente imagens de seres sensuais, curiosamente sem impedir que tivessem a visão e a consciência do que acontecia ao redor. Vários minutos se passaram até que a intensidade das visões diminuísse drasticamente e os integrantes voltassem ao normal. A partir deste momento, por um comando dado pelo líder, a sacerdotisa retira a túnica, deitando-se sobre ela, no centro da estrela, sobre suas vestes, mantendo o gerador vril sobre o seu umbigo. Ela relaxa sobre as roupas caídas, abrindo os braços e pernas, aguardando que cada um dos presentes termine o que tem que fazer, a seguir. As visões ainda presentes para alguns imporão uma ordem. Os que ainda não estão prontos, não despertaram, irão na sequência dos que já estavam ansiando pelo momento final. Quando cada homem se deita sobre ela e o gerador, atingindo a virilidade máxima, a energia se expande, fazendo com que o vril, agora de menor intensidade, saia de seus corpos pela cabeça, retornando pelo chacra da base, circulando em sua coluna em espiral poderosa e tremendamente prazerosa, delineando uma visível serpente de luz, até que culmina em uma total realização. Um a um se serve dela, concomitantemente, sua energia vai diminuindo, assim como o campo eletromagnético do vril.

Quando a orgia acaba, verificam que a sacerdotisa está morta. Sem nenhuma surpresa.

Tal qual já havia ocorrido com suas antecessoras, seu corpo é envolvido em lençóis de linho branco e levado a um incinerador, em sala próxima. Nada restaria desta, que participou da cerimônia do vril, por várias vezes.

Apenas uma se salvou, porque foi salva...

26.

08H30, NO LABORATÓRIO DE COSMÉTICOS.

"Mandou o pessoal do laboratório instrumental analisar as amostras?! A que horas teremos o resultado?!", Maya pergunta a Ana.

"Por volta das quatro. Como é que ficou o David frente àquele pessoal da casa, quando você disse que não iria lá hoje?"

"Ele entendeu que eu precisava de mais tempo. Só ficou preocupado pelo fato de eu ter vindo. Acha que posso sumir a qualquer momento. Alguma notícia da Maria? O Fred ligou? Ou você ligou para ele, agora de manhã?", pergunta Maya.

"Eu ainda não liguei, achei que era cedo. Vou esperar algum tempo a mais. Ontem a médica que nos atendeu achou que o estado geral dela era sem explicação. Acharam, como nós, que ela parecia ter ingerido alguma droga, mas fizeram os testes e nada encontraram, digo, referente a drogas convencionais. Para uma pesquisa mais profunda, Fred teria que pagar e ele disse que não precisava. Na verdade, não queria pagar por testes caros. Sabemos muito bem que, se forem outras drogas, as desse tipo que usam nesses rituais, eles não identificariam com métodos tradicionais. Então, já que temos amostra do sangue dela, vamos achar aqui. Somos equipados para isso. O David não viu mesmo você pegar aquela garrafa?"

"Quando eu entrei no quarto para me trocar, ele demorou uns dois ou três minutos, nesse intervalo, eu vi a garrafa de água e logo imaginei que era para que, sentindo sede, antes da 'cerimônia' eu bebesse. Teria o efeito de alguma ajuda 'extra' para figurar adequadamente, seguindo os comandos do 'mestre'..."

"Mas como disfarçou ter tomado e ter tido o efeito?!" Ana estava confusa.

"Todas as cerimônias do vril eram regadas a escopolamina. Essa droga foi inventada para o domínio da mente pelos nazistas e foi usada, desde o começo, pela sociedade vril. Eles diziam que eliminava a resistência que a pessoa poderia ter a se submeter à energia, permitindo que ela fluísse. Portanto, eu já fui para lá preparada para coletar amostras. Tinha levado uns tubinhos do laboratório para líquidos, e saquinhos para pós. Como a ação dela é muito rápida, eu intuí que eles teriam que me dar isso, sem eu saber, alguns minutos antes de entrar para o fato. Antes que David entrasse, eu abri a garrafa, coloquei no copo, claro que não tomei, e coloquei no tubinho que eu te dei."

"Genial! Simplesmente genial! Mas e se não tiver nada na água?!"

"Ana, os nazistas colocavam na água e segundo as teorias de conspiração, nos Estados Unidos, em várias regiões, incluindo Nova York, é adicionado na água potável da cidade. Isso explica as reações paranoicas de jovens entrando em escolas e cinemas para matar as pessoas. Esse é um efeito colateral dessa droga, é possível dar qualquer sugestão para a pessoa que a beba, e ela fará, sem questionar. Só para lembrar, há vários remédios focados para aliviar cólicas menstruais e dores, como as de pedras nos rins, atualmente campeões de prescrição com variantes mais modernas, desta mesma cadeia química, tendo uma ligeira modificação."

"Mas será que o David sabia disso? Ele te ofereceu a água?!"

Maya fica pensativa.

"Quando ele entrou, olhou sim para a garrafa e o copo, supostamente usado, portanto, pensaria

que eu tomei. A conclusão sobre isso será baseada no fato de essa droga, ou derivados similares, estar na água. Se estiver, eu começarei a me preocupar e observar as reações dele mais de perto e farei alguns testes. Se não estiver, tudo bem, melhor assim.”

O rosto de Maya parecia apreensivo. Ela continua.

“O uso abusivo dessa droga, quero dizer, imagine que eu tivesse tomado a garrafa toda e ela realmente estivesse lá e ele soubesse. O uso abusivo, a overdose dela, provoca alucinações, batimento cardíaco acelerado, pressão arterial diminuída, pupilas dilatadas, como aconteceu com a Maria, confusão mental e até perda de memória, sem falar em ser muito tóxica, gerando torpor e paralisia. O torpor era outra característica da Maria. Nós tiramos sangue com uma agulha enorme... E...”

“Só tinha aquela na farmácia, não tinha menor!”, defende-se Ana.

“Eu não me refiro a isso, e sim ao fato de a agulha ser grande, doer, e ela nem sentir... Efeito clássico. Acredito que encontraremos essa droga no sangue da Maria.”

“Acha que ela foi usada como uma... Uma sacerdotisa?”, Ana demonstrava mais confusão e nervosismo.

“Pelas roupas, pelo estado geral do corpo e pela droga... Infelizmente, sim.”

“Maya... E o David...”

“Vamos esperar pelas análises e, portanto, evidências...”

Por volta do meio-dia receberam notícias de Maria. Ela estava recobrando a memória e até o fim da tarde, poderia ir para casa. Ana e Maya passariam na casa dela à noite, para vê-la e, se possível, ter alguma informação.

16h.

Ana e Lurdes chegam com uma pasta, na sala de Maya. As duas demonstravam tensão. Maya pede que fechem a porta e se sentem em frente à sua mesa de trabalho. A expectativa era grande. Com o silêncio, ela fita as amigas, olhando e esperando. Ao ver que não falavam, estica o braço, com a palma da mão para cima, em pleno e claro sinal de que queria a pasta.

“Deixe-me ver...”

Ana enfim se manifesta.

“Como é que você acerta essas coisas?! Eu fico boba de ver! Deu direto escopolamina no sangue da Maria e... E... Na... Amostra da água... O que vai fazer?! Bom, tem mais. Isso você não previu, no sangue da Maria havia componentes vegetais atípicos. Alcaloides diversos e, entre eles, DMT.”

Maya se surpreende.

“Sim, agora você me pegou... DMT?! Alcaloides, eu entendo a intenção de uso, aumentar as alucinações, e o DMT cria um estado de entrega, de comunhão com o próximo. Tem gente que vê anjos, tem gente que vê ninfas e deuses gregos do sexo, aumenta o apetite sexual e o predispõe, pode ser por isso, mas a mistura com a escopolamina... Nossa, que bomba! Isso mata se abusar, mas antes a pessoa vai ficar completamente desvairada.”

“Maya”, diz Ana, *“eu me recordo de um professor da universidade de Campinas, Faculdade de Engenharia de Alimentos, o Dr. Daniel, ele nos falou da Ayahuasca. Pelo que descreveu e pelos laudos da análise por HPLC, usando a biblioteca do ‘massa-massa’, eles encontraram... Veja... Ela aponta as moléculas que poderiam estar presentes na decocção mencionada, geralmente um chá. Veja aí na internet, em uma busca no Google para ser mais rápido...”*.

Maya procura e em poucos segundos lia em voz alta: “*é da Wikipédia, genérico, mas serve: Ayahuasca é uma bebida produzida a partir de duas plantas amazônicas: Banisteriopsis caapi e Psychotria viridis. O nome significa cipó dos mortos. Segundo algumas correntes de defensores do seu uso religioso e ritualístico, a hoasca não é um alucinógeno. Seus defensores preferem utilizar o*

termo enteógeno (gr. en- = dentro/interno, -theo- = deus/divindade, -genos = gerador), ou 'gerador da divindade interna' uma vez que seu uso se dá em contextos ritualísticos específicos. Para seus críticos, contudo, a opção sociocultural do usuário ou a tolerância religiosa de alguns países ao seu princípio ativo, o DMT, não altera sua classificação, uma vez que o objetivo continua sendo o de induzir visões pessoais e estados alterados por meio da ingestão de uma substância. Segundo os relatos dos usuários, a hoasca produz uma ampliação da percepção que faz com que se veja nitidamente a imaginação e acesse níveis psíquicos subconscientes e outras percepções da realidade, estando sempre consciente do que acontece – as chamadas mirações. Os adeptos consideram esse estado como supramental "desalucinado" e de "hiperlucidez" ou êxtase. Num contexto religioso, tais fenômenos são atribuídos à clarividência, projeção da consciência, acesso a registros etéreos (arquivos akáshicos) ou contatos espirituais. Noutras experiências, dependendo da formulação de cada grupo e tolerância particular, o estado alterado se dá pelas visões interiores próximas de um estado meditativo, em que o usuário consegue distinguir tais visões ou "mirações" pessoais da "realidade exterior". Cientificamente, a propriedade psicoativa da ayahuasca se deve à presença, nas folhas da chacrona, de uma substância alucinógena denominada N,N-dimetiltriptamina (DMT), produzido naturalmente (em doses menores) no organismo humano. Rick Strassman especulou que a Glândula pineal seja o seu produtor no corpo humano, contudo, não existem estudos clínicos que o comprovem de fato...".

Lurdes retoma a discussão.

"Olha, por tudo o que já ouvi de vocês, esse povo louco deve ter introduzido essa bebida no culto do vril, e a coisa deve estar mais potente, talvez, ainda mais maluca..."

Ana pensa alto.

"Eu vou fazer uma busca nas bibliotecas eletrônicas de farmacognosia, fitoquímica e farmacologia. Vou levantar tudinho e mando para vocês hoje à noite, vamos levantar os dados!"

Lembrando-se de David e do problema que poderia existir, de agora em diante, Ana pergunta novamente.

"O que você vai fazer?"

Maya reclina a poltrona preta de couro, e fica olhando para o teto da sala, pensativa. Tinha uma caneta na mão e a posiciona, de ponta, na beirada da boca, ficando assim por alguns segundos.

"Testar... E ver onde, 'quem' quer chegar, e o que 'quem' quer comigo. O mais importante ainda, quem é esse 'quem'... Afinal."

Lurdes faz uma cara de que não entendeu nada, mas Ana sim compreendeu, e muito bem.

"A que horas iremos à casa da Maria?", pergunta Lurdes, e continua: *"acho melhor vocês duas irem e eu fico aguardando notícias. Pode ser muita gente para quem esteve daquela forma, e o marido, mãe e irmã podem estar muito estressados. É bom vocês ligarem antes de saírem para lá e verificarem se devem ir hoje ou amanhã."*

"Entendo e você está correta, por um ângulo de visão, mas se ela participou do que eu creio que participou, vai ter que explicar isso direitinho e precisamos dos dados. Ao menos, eu preciso!", Maya responde.

Ana e Lurdes se olham com uma expressão de um grande problema à vista.

27.

18H30. NA CASA DE MARIA.

Recebidas carinhosamente pela mãe de Maria, Ana e Maya entram. Dona Laura é uma senhora bonita, cabelos e olhos castanhos, pele clara, de aproximadamente sessenta anos, magra e de mediana estatura. Ela estava com olheiras enormes, mostrando noites sem dormir, devido à preocupação com a filha.

"Como ela está?! Está recobrando a memória?!", pergunta Ana.

"A cada momento alguma lembrança nova aparece. Está conseguindo reconhecer as pessoas, principalmente a família, que é o principal. Os lapsos estão mais espaçados. O que ela quase não se recorda é o que aconteceu nos últimos dias. Nós todos queremos saber por onde andou e o que aconteceu que gerou esse problema. Venham, entrem, ela está no quarto, mas acordada."

As amigas encontram Maria bem melhor. Ainda não havia retornado a aparência jovem e bonita de sempre, entretanto, comparando com a pessoa que elas tinham encontrado na delegacia, esta que viam estava maravilhosa. As duas se sentam na beirada da cama, cada uma segurando uma das mãos de Maria. Estiveram por alguns minutos falando de amenidades e de assuntos que poderiam fazer com que a amiga se sentisse melhor. Ao perceberem que ela tinha o retorno da memória em estado quase perfeito, perguntaram se poderiam fazer alguns questionamentos. Maria baixa a cabeça, ficando extremamente triste, mas decide falar.

"Eu já me recordo de tudo, ou quase tudo. Eu disse à minha família que ainda não recordo apenas para postergar mais perguntas do tipo que eles têm feito, principalmente Fred. Eu vou contar para vocês...", Maya solta a sua mão, encorajando-a a falar.

"Amiga, faça o que o seu coração quiser. Se puder nos contar algo que nos ajude a entender o que aconteceu com você e que, acreditamos, tem a ver com essa história maluca que nos cerca, quem sabe, poderemos ajudar mais pessoas."

"Eu vou dizer, não aguento mais esconder isso tudo. Escondi de vocês por mais de um mês, pois achei que iriam me recriminar. Quando você começou a contar, Maya, as coisas que estava vivendo com o David, nessa última semana, eu pensei em falar, mas tive medo... E... Eles são loucos e perigosos... E..."

Maria estava lenta, calma e capaz de falar, controlando razoavelmente bem o estado emocional, que claramente, por vezes, queria aflorar. Provavelmente, ainda tinha no corpo algum resquício das drogas que havia ingerido. Ela faz uma pausa de alguns segundos, olha bem para Maya e Ana e continua.

"Eu o conheci na livraria do Shopping Morumbi. Eu estava olhando alguns livros e, nesse dia, especificamente, estava sozinha. Quando fui pegar um livro em uma prateleira mais alta, um homem o pegou e, percebendo o fato, pediu desculpas e o entregou a mim. Nós nos olhamos e começamos a conversar. Imediatamente uma grande identificação e atração dos dois lados ocorreram. Ele era tudo o que eu poderia sonhar, até que..."

Ela tenta se recompor da primeira demonstração de emoção, desde o momento em que chegaram, e continua, sem que as amigas interrompam.

"Nós tomamos um café juntos e gostamos tanto disso que conversamos até mais tarde. Quando fui dar por conta, já haviam passado quatro horas e pareciam apenas alguns minutos. Trocamos

telefones e nos encontramos no dia seguinte. Jantamos em um lugar agradável e depois... Nos envolvemos. O Fred viaja muito e eu podia fazer isso sem que ele percebesse. Eu sabia que ele também tinha outra pessoa e achei do meu direito. Minha mãe ficava com a Mariana, que, por ainda ser pequena, dorme cedo. Eu dizia que estava fazendo um curso de reciclagem. Depois de um tempo, ela começou a desconfiar e me questionar, por que de o curso não acontecer quando o Fred chegava. Eu me desculpava dizendo que poderia acertar o cronograma das aulas conforme quisesse, isso a segurou por um tempo, até ontem", Maya ouvia o relato de Maria e a confortava, ao mesmo tempo em que investigava mais a fundo.

"Eu entendo Maria, eu entendo que quando se está sozinha, estas coisas podem acontecer, ainda mais se você já tinha descoberto a traição antes. Daí é que vem a primeira pergunta, se me permite, tem o direito de não responder: você sabia que nós não iríamos te recriminar por esta parte e que faríamos tudo para ajudar a equilibrar a situação e achar uma saída, dentro do que fosse possível, você sabe que isso é verdade, portanto, por que não nos contou? Há outra parte influenciadora que inibiu o processo", diz Maya.

"Ela consegue usar linguagem científica em uma hora destas, veja só!", fala Ana, tentando quebrar a tensão. Ao mesmo tempo, Maria respira fundo e ergue os olhos para o lado esquerdo da cabeça, buscando a memória.

"Miguel começou a dominar a minha vida. Eu cedi no começo, pois achava que ele era perfeito. Aos poucos vi que ele tentava me levar para o lado que queria, conduzindo os meus pensamentos para seus objetivos. Ele disse fazer parte de uma sociedade secreta e que precisavam de mim, pois eu teria poderes especiais para dominar... Aquela mesma energia que você falou, Maya... O vril. Quando você mencionou o mesmo nome, eu gelei. Achei que estavam me espionando e, por isso, me afastei. Por outro lado, percebi que havia algo de errado, e eu quis te contar. Eu não queria que você entrasse na mesma que eu."

Maria se altera, fica muito vermelha e começa a suar. Maya e Ana se olham com expressão positiva.

"Maria, vejo que ficou nervosa, enfim, é muito bom. Significa que o seu corpo está ficando sem as drogas que te deram", diz Ana.

Maya estava muito preocupada, pois pressentia que, infelizmente, David poderia ter a mesma intenção. Até agora ela não sabia se o grupo a que Maria se referia tinha a ver com a Sociedade Thule, do mestre Germano, ou se era o tal grupo do subsolo do laboratório, se é que existia. A essa altura, ela estava ficando muito receosa. Ela pede que Maria continue e tente dar detalhes.

"O nome dele é Miguel. Tem os olhos muito claros, azul-esverdeados, junto com uma mistura de cinza com verde. Cabelos louros, bem claros, eu diria que são um tom de louro com bege."

"É, ela está definitivamente voltando ao normal!", diz Ana em tom exaltado, que refletia sua felicidade ao ver a amiga retomar a sua capacidade de observação e classificação. Típica de uma cientista. Neste momento, Maya tem em mente o mesmo Miguel que conheceu na Sociedade Thule, com David. Um frio no estômago se instala.

"Ele começou a me contar coisas intrigantes. Como era conseguir dominar as energias disponíveis na Terra. Contou-me sobre o povo Chi Kung da China: há 5.000 anos, quando havia imperadores que se chamavam de os filhos dos céus, atribuindo-se divindade na Terra, algo como os semideuses... Eles tinham o poder de dominar o chi por meio de exercícios kung. Ele foi treinado lá e, por isso, acabou encontrando algumas pessoas que falavam do vril. Achando que era a mesma coisa, foi conhecer. Miguel está com eles há alguns anos, segundo me contou, seu poder aumentou muito, mas está longe de ser a mesma coisa que os mestres chineses faziam, tanto quanto todos os outros dessa sociedade, segundo disse. Ele falou que os mestres lá da China disseram que ele não conseguiria dominar corretamente o shi, pois não aquietava a mente. Esta tem que estar

vazia para conseguir. No grupo que participa, eles usam drogas, que aquietam a mente, de certa forma, e a levam a um estado maior de conexão, forjado, mas funciona. Não é preciso fazer absolutamente nada para conseguir atingi-lo, apenas tomar as drogas."

Maya e Ana respiram fundo, já sabendo o que viria a seguir. Maya se manifesta.

"Maria, tendo a formação que tem, você é uma bióloga, Ph.D. em biologia celular e molecular, como foi que deixou que te dessem drogas?! Desculpe, eu não tenho o direito de te recriminar..."

"Tudo bem... Eu sei... Mas o que eu preciso dizer é que, na verdade, quando o Miguel começou a me contar isso, eu logo me assustei e quis cair fora. Terminei tudo com ele. O que eu não sabia é que naquele mesmo momento, ele adicionou no meu copo de bebida alguma droga. Quando eu quis ir embora, o meu corpo não respondia, eu ouvia vozes... E o pior, eu aceitava os comandos. Miguel falava comigo, mas eu via e ouvia alguém mais, de repente, tinha um monte de gente ao meu lado... As imagens estavam todas deformadas... Eram homens, todos homens mais velhos que Miguel, e eu... Eles falavam coisas... Sugeriam coisas e eu não conseguia resistir. Lembro-me de tirar a roupa e de ter feito coisas com todos eles... Eu me recordo de imagens... Várias imagens... E depois sei que apaguei. Isso aconteceu no dia em que desapareci. Quando voltei estava em uma sala enorme, muito ampla. Estranhamente, eu estava em pé, com um vestido tipo romano, sem nada por baixo. Estava descalça, suja e com frio. Eu ainda estava completamente sem saber quem era, onde estava e de repente eu vi o Miguel. Ele me trazia um chá, queria que eu tomasse, de qualquer forma. Disse que eu não tinha escolha. Olhei ao redor, não havia janelas, nada, apenas algumas lâmpadas. Eu estava em cima de um desenho bizarro, como uma estrela preta, cuja imagem aludia a relâmpagos que eram amarrados nas pontas em um círculo. Eu não conseguia me mover. Meus pés estavam travados no núcleo da estrela e um daqueles homens, o mais velho, apareceu, tocando o meu corpo todo, de forma estúpida e falando em uma língua que eu não entendia nada, mas ao comando dele, eu tomei todo o chá. Era uma coisa amarga, certamente de plantas desconhecidas do nosso paladar. Em poucos minutos, eu comecei a vomitar, muito mesmo, quando melhorou, eu comecei a ver coisas. Novamente imagens de rostos, figuras estranhas ao meu redor. Tinha um monte de coisa voando e uma rosácea, ou algo assim, se abriu à minha frente. Ela girava lentamente, parecia que iria me engolir. Foi aí que ouvi uma voz dizer: vomite, vomite, isso irá te salvar. Acho que eu devo ter vomitado, de novo."

"Certamente sim, dado o estado no qual te encontramos. A sua roupa estava toda coberta por vômito", emenda Ana ao fazer uma careta de nojo. Maya continuava ouvindo com ar sério, reconhecendo muitos dos detalhes que havia vivenciado na Sociedade Thule com David. O seu horror interno começava a surgir, pois ele também poderia estar imbuído de levá-la a isso. Maria teve um mês de convívio e caiu na armadilha. O que seria dela com apenas uma semana?! Como conhecer profundamente uma pessoa em tão pouco tempo? Maya faz uma pergunta a Maria.

"O que aconteceu em seguida e como foi que conseguiu fugir de lá?!"

"Na verdade, eu não me recordo plenamente. Só sei que, depois que vomitei, várias vezes, as visões diminuíram de intensidade. Eu consegui começar a pensar. Foi quando percebi que os homens presentes, uns seis ou sete, estavam também com roupas como as minhas, gregas, romanas ou algo assim. Alguém apareceu... Eu me recordo de uma mulher jovem, loura, magra. Não sabia se estava vendo algo da minha cabeça ou se era real. O que me recordo é que ela me deu outra coisa para beber, acho que era café, disse para beber rápido e que me tiraria de lá, tinha dado um jeito nos outros, pondo coisas no chá deles. Depois disso, me recordo de um elevador... De sair por uma garagem que levava a um terreno... Lembro de tambores, como os do estoque de matéria-prima do laboratório... Acho que eu estava em algum lugar assim, mas não conseguia ver direito e muito menos ler, minhas pupilas deviam estar muito dilatadas. Só me recordo que estava na rua,

andando a esmo e policiais me levaram até a delegacia. Acharam que eu tinha sido sequestrada, que tinha característica de quem havia sido mantida em cativeiro e drogada, pois estava sem nada, sem identificação e sem memória. Eu só lembro assim, pedaços..."

"Interessante... Mas como é que essa suposta moça loira conseguiu tirar você de lá?! Como é que ninguém resistiu?!"

Maria para de falar, fazendo um grande esforço para lembrar.

"Drogas... Ela disse que sempre tem uma mulher que assiste ao grupo na cerimônia... Ela entrega as bebidas, preparando-as. Ela disse que colocou 'a droga' para todos... Qual, eu não sei. Disse algo como não querer mais que aconteçam as mortes, desde que... Acho que ela disse... Sua irmã... Que a irmã dela tinha sido a última. Essa irmã era muito poderosa com o vril e com visões mediúnicas e ela não tinha esse mesmo dom, portanto, seria morta antes da irmã, por ter menos serventia... Que eles matam todas, com uma overdose de droga, para que ela derrame mais vril, durante as visões... Depois de algumas vezes... Para liberar o vril que ela acumulou... Maya, esse seria o meu fim e o seu também. Eles vão aumentando a dose dessas drogas, já que elas perdem a potência com o uso... Aumentam a dosagem! Qualquer mulher serve, mas se esta mulher consegue concentrar mais vril, eles a usam por mais tempo... Tempo suficiente para que carreguem..."

"Carreguem o quê, Maria?!", pergunta Maya com nervosismo evidente.

"Os cristais... Mencionaram os cristais de Enoch. Diziam que isso tudo é para precipitar o cristal que querem ter em mãos e que, depois de consegui-lo, teriam que pegar os outros, para aí sim, multiplicar por milhões a energia concentrada em um. Parece que precisam primeiro cristalizar um e, com ele, achar os outros, que já estão nesta dimensão. Me recordo de ouvir, mas eu não sei se era sonho, devaneio, ou alguém gritando isso... Era algo como um recitar de poema, só que frenético, que iriam pegar os outros e, aí sim, liberariam o grande poder..."

Maya sente-se gelar. Seu rosto fica branco e Ana se assusta, achando que ela iria desmaiar. Controlando-se, tenta se recompor, respirando fundo, mas devido ao seu grau de interesse no assunto, consegue retomar a respiração, perguntando a Maria: *"eu sei que as coisas estavam confusas, entretanto, este é um assunto muito perigoso, o dos cristais de Enoch, tão perigoso que vai além de você, de mim e da morte de algumas mulheres... Isso pode levar à morte milhares de pessoas. Portanto, faça um esforço. O que se recorda sobre o termo 'cristais de Enoch'?".*

Maria faz uma pausa. Depois de alguns segundos, diz o que se lembrava.

"Tem palavras confusas vindo à minha cabeça... Eu não sei o que são, mas ficaram gravadas..."

Maya complementa, esclarecendo: *"é um típico efeito das drogas que tomou. No estado em que estava, tudo o que foi falado ficou como uma mensagem hipnótica. Não se assuste se, do nada, palavras, sons, imagens e sensações brotarem. Elas estão gravadas no inconsciente e podem ser resgatadas facilmente, por qualquer outra palavra, som, imagem que remeta ao seu cérebro uma lembrança do incidente... Ou do ocorrido. Isso é comum em momentos de estresse profundo, geralmente ligado a dor física ou emocional, acidentes, quando a pessoa está em estado inconsciente. Tudo pode ser um comando para um resgate emocional e hipnótico. É algo que podemos tentar com você, uma sessão de audição de dianética. Isso ajuda a recordar conscientemente, tirando do inconsciente e trazendo para o consciente. Por meio disso, você se recordará e sem drogas, desipnotizando o que um dia foi hipnose, gerada com a predisposição dada pelas drogas. É o que as drogas fazem. Descapacitam, ao contrário de capacitar, como muitos pensam em tratamentos psiquiátricos. Mas, enquanto isso, feche os olhos, relaxe, vou dar alguns comandos para iniciar. Acesse o momento no qual há palavras sugestivas, contendo imagens, sons, sensações... Traga tudo à sua mente e diga do que se recorda... Não importa se não faz sentido... Percorra o fato, com o máximo de detalhes... Narre a cena".*

Maria relaxa, vai seguindo os comandos de Maya, pedindo que percorra os incidentes de que

ela tem lembrança. Com os olhos fechados e seguindo esse procedimento, Maria se recordou de inúmeros fatos e nomes que foram mencionados. Ao mesmo tempo, seu relato deixou claro para Maya que Maria esteve no subsolo da indústria farmacêutica, e não na mesma sala da casa dos Jardins, que pertencia à Sociedade Thule no Brasil. Durante a narrativa, ela fala em alguma coisa que era passada em seu corpo e se recorda da imagem de alguns passando isso no rosto. Parecia que passavam uma loção para se proteger das queimaduras. O extrato, Maria se recorda da palavra ‘’extrato’, suas visões e recordações vão ficando mais claras. Ela se lembra de haver tirado o extrato do laboratório, quando recebeu um comando por telefone. Era um comando do mestre. Ele disse o que ela tinha que fazer e conhecia o lugar exato onde as coisas estavam, isso tirou David da suspeita, parcialmente, pois ele nunca havia entrado no laboratório e somente alguém acostumado com este ambiente saberia o que dizer. Talvez David fosse inocente e o tal Miguel fosse um agente duplo. Quem sabe suas dúvidas pudessem diminuir ou sumir, entretanto, ela precisaria testá-lo para saber ao certo.

28.

21H.

David ligou várias vezes pela manhã e durante a tarde, sem conseguir uma resposta de Maya. No tempo em que esteve na casa de Maria, três vezes o seu iPhone tocou, sem que ela atendesse. Sequer havia olhado o aparelho, temendo que fosse ele.

Ao entrar em casa, Dock a recebe, como sempre, com festa. Ela cuida do cãozinho, verificando sua comida, sua água e a sujeira que sempre fazia. Após um banho, ela veste apenas uma camisola e acaricia o cãozinho, com amor. No momento em que sentou em sua escrivaninha, pensando em pesquisar em seu notebook a respeito das coisas que tinha ouvido de Maria, a campainha de sua porta toca. Era David. Ela prende a respiração, como sempre, pois estava tensa, para não dizer, receosa. Não tendo saída, abre a porta. Ele entra sem cumprimentar e mostrando muito nervosismo, passa por ela, andando pelo apartamento, parando no meio da sala, como se procurasse por alguém.

"Eu estou sozinha. Não se preocupe, caso contrário, Dock não estaria assim, calminho. Ele sentiu sua falta... Está todo feliz!"

Tentando disfarçar seus pensamentos e sentimentos conflituosos, ela caminha em direção à mesa em que estava o notebook, e David senta-se ao lado dela. A sala estava parcialmente iluminada, mantendo um ambiente sereno e agradável. Ao aproximar-se para beijá-la, ela se esquiva. Ele não entende e o seu rosto o demonstra.

"O que houve? Por que sumiu à tarde sem deixar mensagem? Eu enviei vários SMSs, liguei, fiquei extremamente preocupado! Poderia estar acontecendo qualquer coisa!"

Nesse momento, Maya começaria um jogo de percepção, para o qual não tinha exatamente um plano, apenas sua inteligência e intuição.

"O que poderia estar me acontecendo?"

"O quê?! Bem, o mesmo que aconteceu com a Maria", Maya não o deixava respirar e perguntava de forma rápida e incisiva.

"Por quê?"

"Esse pessoal que falamos, os loucos do laboratório, dos que eu estou há tempos atrás."

"Por que iriam querer a mim?"

"Porque você consegue canalizar um grande coeficiente de energia..."

"Como é que eles saberiam disso? Só o pessoal da tua turma sabe!"

David é pego de surpresa. Ele desacelera, senta-se e demonstra um grande pesar.

"É... Que... Achamos que um dos nossos possa ser um dos deles... Você está desconfiando de mim?!"

David demora em se dar conta do que estava na cabeça de Maya, mostrando profundo ar de indignação.

"Você acha que se eu tivesse outra intenção com você, estaria aqui agora?"

"David, no quarto onde troquei de roupa, lá na casa da Thule, havia uma garrafa de água. Quando você entrou no quarto, olhou para ela, com um ar estranho..."

"Sim, eu sabia que precisa tomar água antes, poderia se desidratar com o calor... Mas vi que tinha tomado, pois estava aberta e o copo usado, por que disse 'ar estranho'?"

"Eu não tomei, apenas peguei uma amostra da água e a levei comigo ao laboratório, no dia seguinte."

"Por quê?", pergunta David inocentemente.

"Não sabe?! Você toma coisas para esta cerimônia, digo, eles te dão coisinhas como chá, antes de começar ou durante?!"

"Não, apenas água, por quê? Acha que iríamos drogar você?! Eu te disse que o meu grupo não usa as drogas que a sociedade vril usava na época nazista e que provavelmente estão usando agora... Talvez adicionada de mais ainda, dado o conhecimento que existe hoje em dia..."

Maya não sabia exatamente o que pensar, mas decide continuar da mesma forma.

"Analisamos e encontramos duas coisas: escopolamina e uma mistura de ervas com alcaloides. Além da escopolamina, o mais importante e representativo foi ter encontrado DMT..."

"Encontrou isso na água?!"

"Na água, escopolamina; no sangue de Maria, tudo isso em alta concentração. Se tivessem colocado na água as ervas, se eu tomasse, sentiria o sabor. A escopolamina, na dose aplicada, não se percebe, também não é detectada por métodos analíticos tradicionais."

Maya se levanta, ficando de frente para David, e continua: *"eu estive com a Maria. Ela teve um caso tórrido... Um pouco parecido com o nosso, se tirarmos o fato de como nos aconteceu e de sermos ambos solteiros... Pelo menos, eu sei que eu sou..."*.

David estava visivelmente irritado. Levanta-se e começa a falar, passeando pela frente dela, como também lhe era peculiar, neste tipo de momento.

"Eu sou livre, solteiro e completamente, totalmente apaixonado por você! Eu estava tendo um ataque de nervos até que te vi, por imaginar que você poderia ter sido sequestrada. Eu estou aqui para te proteger!"

"OK, mas me meteu em uma fria, já que esses loucos não sabiam nada de mim e agora sabem, de uma forma ou de outra, foi você! Foi você que me levou a um lugar que tinha um traidor. Sabia que eu podia manipular o vril sem me queimar... Sabia que chamaria a atenção na tal Thule e, portanto, me usou como isca!"

Ele fica mais irritado ainda.

"Eu não sabia que tínhamos um traidor! Eu não te usei como isca! Soubemos agora à tarde e foi por isso que comecei a te procurar feito um louco! Alguém, uma mulher, deixou uma mensagem encriptada por símbolos, na caixa postal da casa onde você esteve. Um dos membros a pegou e me ligou imediatamente ao tê-la decifrado com outros da ordem. Era uma simbologia conhecida por nós e estava escrito: 'traidor na casa. Sacerdotisa foi salva por mim. Eu corro perigo. Sua sacerdotisa também. Eles vão querer usá-la. Achem os cristais antes deles'."

Maya fica pensativa e continua.

"OK, você não tinha como saber. A Maria só contou para mim, e o fato de ter sido salva... E o dado do traidor... Avisar sobre traidor... OK, estou me convencendo de que você é bonzinho!", ela faz uma analogia por hipóteses.

Ao dizer isso, David parece ficar ainda mais nervoso. Avança para ela, assustando-a. Ao chegar perto, muda a força que o havia propelido, pegando-a no colo e levando-a, parecendo que era tão leve como uma folha, para o quarto. David a deita na cama e de forma completamente apaixonada, com pressa, retira as roupas, amando-a na mais sincera demonstração de seus sentimentos. No momento certo, Maya pega o gerador vril, que estava, conveniente e propositalmente, debaixo dos travesseiros e o entrega a David, estando o casal na mesma posição que gerou a expansão da energia, da primeira vez que se amaram. Próximo ao clímax, David segura o gerador e juntos chegam à mais bela kundaline de todas. Neste momento, o aparelho canaliza e gera a máxima expansão, envolvendo-os em um mágico ovo dourado energético, com

partículas que brilhavam tão intensamente que o casal tinha que ficar com os olhos fechados. A duração e a qualidade do êxtase foram triplicadas. O vril transbordava do aparelho de uma forma tão intensa que os quadros foram deslocados de seus pregos, ficando suspensos no ar, tanto quanto os objetos do quarto, os quais flutuavam, como se as partículas eletromagnéticas presentes por toda área tivessem cancelado a gravidade do local. Um vórtice de um metro de diâmetro toma forma no teto e gira com velocidade, fazendo parecer que a constelação de Andrômeda havia sido recriada no ambiente. Do centro do vórtice, um feixe de luz se projeta como um laser, disparando e ligando-se ao chacra do plexo solar do casal, formado pela união de seus abdomens, conectando seus chacras individuais e transformando-os em um poderoso gerador unificado de um novo portal. Com esta ação realizada, tudo volta a ser como era, com uma exceção: entre o abdome de David e o de Maya, repousava um cristal de aproximadamente três centímetros de comprimento, em cada faceta, com formato piramidal. Ele apresentava uma luz própria, com filamentos dourados, muito finos e espalhados por todo o cristal, os quais pareciam, neste momento, estar vibrando e, por isso, refletindo por todo o cristal as cores do arco-íris, além de produzir um brilho delicado, o qual pouco a pouco ia se apagando. Ofegante, David pega o cristal em suas mãos, parecendo desconcertado, sem entender o que era e de onde tinha saído. Ele o olha até que Maya o toma para si.

"Você sabe o que é isto... De onde ele veio? Tem alguma ideia?", diz ela.

Ele balança a cabeça positivamente com um ar infantil, respondendo à pergunta.

"Eu acho que temos aqui um cristal de Enoch. Pode ser exatamente o que estão procurando."

"Minha Nossa Senhora! Eu estava receosa que eles tivessem um, mas ao falar com Maria hoje, fazendo-a percorrer os incidentes ocorridos, ela se lembrou de palavras sobre um cristal, algo assim: 'eles querem obter o cristal', quase conseguiram, mas no final, falharam, não geraram a energia suficiente. Nós conseguimos David, e isso me demonstra que o cristal prefere as pessoas que se amam. A sua energia hoje foi fundamental para selar o processo."

"Vai parar de duvidar de mim?!", ele faz a pergunta com um olhar sério.

"Já parei", ela sorri.

Maya sai da posição em que ainda estava, conectada a David, deitando-se e aconchegando-se ao seu lado, o qual contemplava o cristal, deixando de fazê-lo para olhar para ela.

"Eu estava louco de desespero por poder te perder. Desculpe pela forma como avancei sobre você... Eu perdi a cabeça... Mas foi amor..."

"Acho que vou passar a minha vida dizendo esta frase: por favor, perca a cabeça assim, mais vezes, eu vou sempre gostar."

Ambos riem por um segundo, mas, em seguida, ficam preocupados.

"Princesa, se este é o cristal de Enoch, temos que destruí-lo, antes que o achem."

"Pelo que minha intuição diz, isso não é possível... Quero dizer, não temos a informação de como destruí-lo e o que ocorre com isso. O que eu sei é que, pelo que eu andava lendo e ia pesquisar mais na hora que você chegou, historicamente havia sessenta e quatro. Digamos que tenhamos materializado um deles aqui. Bom, parece que fizemos isso mesmo. Eu imagino que atraímos, por universos paralelos, este lindo cristalzinho. Talvez ele estivesse perdido, não exatamente no mesmo universo que o nosso. O problema é que existem outros, aparentemente no nosso mesmo universo, e os alemães da Sociedade Vril passaram de 1930 a 45 procurando por eles. Ainda estão, na verdade, mas a questão é que, juntos, podem ser ativados, e só assim é que podem ser desativados... Acho... Só chutei essa..."

Neste exato momento, Maya sente algo pressionando suas costelas e percebe que se tratava do gerador. Sem pensar, ela se senta e o pega com a mão direita, recebendo, imediatamente, o impacto de um choque proveniente do campo magnético formado entre o aparelho e o cristal,

atirando-a contra a parede.

"Maya, você está bem?!", David corre em seu socorro e esta faz um sinal para que ele não a toque, pois temia que ele pudesse tomar uma descarga de eletricidade vindo dela. Ela sentia a eletricidade em seu corpo, pois os cabelos e pelos estavam armados, com muita estática. Estando ainda no chão, pede que ele jogue o hobby de puro algodão e uma sapatilha de couro com sola de borracha, ambos disponíveis ao lado da cama. Assim que ele joga o hobby e a sapatilha, ela os veste, levantando-se e com um trabalho de concentração e respiração, inicia alguns movimentos de chi kung. Assim que ela sente que circulou a energia estática, abaixa-se e pega o gerador. Ele brilha em suas mãos, mas não descarrega novos choques.

"David, não se aproxime. Fique longe, principalmente por estar sem roupa e descalço. Precisa usar somente algodão, sem fibras sintéticas e borracha nos pés ou couro... Nada pode ser metálico... Exatamente como acontecia aos que carregavam a arca da aliança. Aqueles que se acercavam perto dela ou, pior, a tocavam, estando despreparados, eram eletrificados... Isto é a mesma coisa. Dentro da arca... Bom, é uma hipótese... Estavam estes cristais, ou o equivalente a eles, chamados de cristais de Enoch ou Atlantes... Agora que eu melhorei o isolamento de meu corpo, vou aproximar o cristal do gerador e vamos ver o que acontece... Mas antes disso, coloque a roupa da forma como te falei. Tenho outro hobby totalmente de algodão no banheiro. Vista-o. Coloque algo nos pés... Deixe-me pensar... Seu sapato não... Tem metal... Meus chinelos são pequenos para você... Acho que tem um no armário..."

David dá uma olhada no armário de Maya, após colocar o hobby e verifica que ela tinha chinelos grandes, de um hotel, desses que são dados aos hóspedes e, como são sempre tamanho único, serviram. Eram feitos de borracha e couro. Ele os veste.

"Não olhe para mim, pois estou ridículo... Mas creio que não estarei gerando tanta estática. Nossos corpos são condutores e a eletricidade pode passar por ele, mas dificilmente sentimos, pois a eletricidade que geramos é tão fraca que é difícil de ser detectada", diz ele.

Maya mantinha o gerador nas mãos, segurando com cuidado, percebendo que de vez em quando ele aumentava a carga estática, ficando a ponto de descarregar. Ela pede que David vá com ela até a sala, afaste o sofá e a mesa de centro, dando espaço suficiente para fazer movimentos de chi kung.

"Desde quando você sabe isso?", pergunta David, fazendo ela rir.

"Bom, a gente conversa pouco, né?! E não tive chance de te contar. Eu sou faixa marrom de kung fu, ainda não passei para preta, nem vou, pois larguei quando passei a apanhar muito. Onde estudei, a gente aplicava o controle do chi. O meu mestre sempre disse que esse era o meu maior talento. É por ter estudado este controle de energia que sinto que posso controlar essa que você chama de vril e que, no final, é a mesma, com propósitos diferentes, talvez... Isso, o espaço está suficiente", ela se referia ao afastamento dos móveis.

Maya deixa o gerador sobre a mesinha de madeira, sem nada em cima além dele. Ela faz uma nova série de respirações e de lindos movimentos de chi kung. David observava.

"Sabe que isso é sensual? Você está sem calcinha... E dá para ver..."

"Dá para calar a boquinha? Eu preciso de concentração e todas as minhas calcinhas são feitas com tecidos sintéticos. Fique quieto! Agora vou ter que começar tudo novamente!"

Com um sorriso, David resolveu ficar quieto e apenas observar.

Ela executa uma parte da série terra, fogo, água e ar. Em um determinado momento, olha para o cristal, o qual estava nas mãos de David. Este entende e o passa para ela, a qual se posiciona em uma postura de conforto. David dá vários passos para trás. Coloca o cristal em sua mão esquerda e abaixa-se, mantendo o cristal afastado. Segura o gerador vril com a mão direita e o mantém na posição vertical. Instintivamente, ela alinha o cristal com o alto de uma das duas

coroas do gerador e solta a respiração completamente. No momento em que captura o ar e enche seus pulmões, seus braços começam a tremer, uma luz enorme se desprende, muito mais dourada e poderosa que a que produziam somente com o gerador. Ao usar o cristal, o ovo de luz foi mudado para uma luz intensa em forma de sabre. Ela foi se consolidando, chegando ao ponto de parecer exatamente um feixe perfeito de laser, entretanto inofensivo. Maya podia controlar o tamanho, dependendo da distância do cristal à coroa superior do gerador. Ela continua movimentando o cristal, afastando e aproximando-o da coroa e verificando que a luz era completamente estável.

"E agora? O que eu faço? Como é que eu desligo isso?", pergunta ela.

David sugere que ela vá afastando um do outro, de forma suave. Para sua surpresa, suas mãos não se movem mais, ficaram travadas e seu corpo parecia paralisado. No momento no qual o feixe de luz apresentava quase trinta centímetros de comprimento, como em um passe de mágica, o cristal se insere no nó central do eixo do gerador. Para realizar tal proeza, ele se liquefez, passando de um estado sólido para o de energia líquida, sendo então absorvido pelo nó e, em seguida, vaporizando. Ao terminar este processo, o gerador solta um estalo de luz e um som tremendamente agudo, fazendo com que Maya solte o aparelho, para instintivamente, tampar os ouvidos.

"Isso é o que eu chamo de uma coisa muito maluca de se ver! Imagine contar isso para alguém! Foi absolutamente fantástico! O cristal me mandou ficar quieta e esperar, eu pude receber a mensagem. Era como se alguém me dissesse para confiar, ao mesmo tempo em que me congelou, pois eu não conseguia, mesmo, me mexer!", diz Maya, olhando para o chão, onde o gerador vril parecia quieto e normal.

David estava confuso e surpreso pelas cenas que havia presenciado.

"Maya, posso estar enganado, mas este gerador com o cristal dentro, em uma forma de energia plasmática, transformou-se agora em... Só pode ser... Uma das chaves de Enoch. John Dee dizia ter chegado a elas, e as escondeu de todos, pela avareza das pessoas, para que fossem encontradas somente quando a humanidade estivesse pronta para tal. As chaves de Atlântida, as sessenta e quatro chaves de Enoch para a nova Atlântida!"

Maya senta-se no sofá, olhando o gerador no chão e volta seu rosto para David.

"Nova Atlântida, de Francis Bacon?! É um manuscrito em que ele descreve a criação de uma sociedade perfeita no lugar perfeito, o que se supõe ser a América do Norte... Ah, entendi! Acha que é lá que estão os outros cristais?!"

"Acho que temos que estudar um pouco o assunto, da forma como mencionou, e ao mesmo tempo, temos que sair daqui, o quanto antes. Vamos sair logo cedo, para o aeroporto! Vamos para a Nova Escócia!", diz ele, enfaticamente.

"Espera aí, espera aí! Eu fiquei perdida. O que a Nova Escócia, lá no Canadá, tem a ver com isso?! A única coisa que eu sei de lá é que o tesouro de Oak Island... Oak Island?!"

29.

Entusiasmados, David e Maya passaram parte da noite pesquisando e organizando detalhes da viagem, de forma a seguir o melhor roteiro possível. David utilizou sua rede de amizades influentes e conseguiu finalizar o roteiro, incluindo um iate à sua espera em Boston, pertencente a um grande amigo, segundo ele. Seguiriam diretamente, via marítima, a Oak Island, o que pareceu a melhor coisa a ser feita, dado o demorado acesso terrestre para a ilha. Via Boston, seriam trezentas e oitenta milhas náuticas e, considerando o iate que os levaria, a 25 nós/hora, na maioria das áreas navegáveis, estariam lá em aproximadamente quatorze horas. Pretendiam sair pela manhã e alcançar a ilha à noite, quando então agiriam.

Com as malas prontas, Maya deixa Dock com Ana, a qual foi avisada, junto com Armando, de toda a aventura. Eles ficariam acompanhando, do Brasil, os acontecimentos. Armando chega para levá-los ao aeroporto de Cumbica. Maya e Ana tinham enviado um pedido formal de demissão ao laboratório. Elas não mais poderiam entrar no local, devido ao grande risco que isso envolvia.

Armando encosta seu carro na plataforma de embarque e, depois de falar sem parar durante o trajeto de ida ao aeroporto, despede-se. Ele estava muito nervoso com o risco que essa aventura envolvia.

"Gente, eu gostaria de dizer alguma coisa a mais, mas já disse um monte, então, de agora em diante, o que eu posso dizer é... Se precisarem de mim, dos meus conhecimentos de hacker, me chamem, eu farei o que precisar para ajudar, incluindo encontrar vocês onde estiverem! Se cuidem, por favor, e não façam coisas malucas... Quero dizer, mais malucas que essas que já me contaram!"

Armando dá um abraço de urso grande em Maya e David, ao mesmo tempo.

"Fique tranquilo, meu irmão. Teremos ajuda por lá... Estaremos protegidos", diz David.

"Ajuda?! Você contou isso que aconteceu para o seu grupo?! Quando contou se eu nem vi?!", pergunta Maya, com ar de grande surpresa.

"Calma, tenho muitos conhecidos e precisei pedir ajuda a alguns amigos de lá e a outros que conheço muito bem. Podemos confiar neles, não têm nada a ver com isto, e conhecem bem o assunto. É de um deles o barco que usaremos para chegar à ilha."

"Ah, bom, então espero que sejam do bem, realmente. Armando, por favor, cuide da Ana, não a deixe sozinha, OK?! Depois de tudo isso... Posso te pedir que durma com ela todos os dias?! Quero dizer, na casa dela ou na sua?!"

Os três riem do rosto surpreso de Armando, que pergunta a seguir: *"mas ela quer que eu durma na casa dela?! Ela vai deixar?!"*.

"Sim, eu já falei com ela. Além do fato de se sentir mais segura, acho que ela gostou muito da hipótese!", completa Maya.

Armando dá um largo sorriso com um ar de malandragem associado. David se surpreende e em seguida se direciona a Maya: *"por que você tem esse dom para unir casais?! Isso é muito provocante para um homem! Imagine Armando acordando à noite, no sofá e 'sentindo' que deve dar uma espiada no quarto de Ana, para ver se ela está bem. Imagine o que quiser, de agora em*

diante". David conversa com Maya, de propósito, de forma a provocar o amigo.

Comicamente, Armando coloca as mãos na cintura, olha para o céu com um suspiro, típico de quem imaginava as melhores coisas do mundo.

No segundo seguinte, estavam todos se abraçando como irmãos e sorrindo para a situação que, certamente, estaria acontecendo logo na primeira noite. David e Maya sabiam que os dois estavam interessados um no outro e dependia de Armando querer levar um relacionamento a sério, enfim, na sua vida.

O casal se dirige ao embarque.

Assim que fizeram o check-in, seguem para passar pela imigração e, antes de entrarem, lembram-se do equipamento de raios-X, e ficam preocupados com o gerador na bolsa.

"O que devemos fazer? Embarcar isso, não poderíamos... Ele é muito valioso... Temos que arriscar. É um objeto pequeno e com bordas redondas, portanto, não corta ninguém e não dá para sequestrar um avião com esse formato", esclarece, Maya, o seu ponto de vista.

No momento desta discussão, estando em frente à entrada de imigração internacional, dois homens passam correndo e agarram as duas bolsas de Maya, a que tinha nos ombros, contendo os seus pertences e documentos, e a que estava em sua mão, uma bolsa Goyard preta de cinquenta centímetros de comprimento, contendo um casaco, blusa extra e um iPad, além do gerador em uma nécessaire. David e Maya saem em disparada atrás deles e, quando os ladrões estavam prestes a passar pela porta mais próxima, Maya recebeu uma conexão telepática, era como se alguém falasse com ela, e ela entendeu o que deveria fazer. Parando de correr, olhou para os ladrões que se afastavam e, colocando as duas mãos em forma de escudo, com as palmas viradas para frente, na altura de seu abdome, ela respira. No momento da expiração, empurra as mãos na direção dos bandidos, como se estivesse enviando algo. Em uma fração de segundos, os dois ladrões caem no chão, batendo fortemente os rostos, como se tivessem recebido um impacto propelido pelas mãos de Maya, atingindo-os violentamente nas costas. A energia plasmática enviada os fez voar pelos ares, por uns três metros, antes de baterem os rostos e ficarem desfalecidos no chão. A porta de saída abriu, devido ao local da queda de ambos e, nitidamente, alguém mais esperava como apoio. No momento da queda, as bolsas foram lançadas na mesma direção. Ao cair, um homem do grupo esperava para pegá-las. David chega neste momento e os dois iniciam uma luta com golpes marciais. Por sorte, a polícia do aeroporto acode, apitando e assustando o homem que lutava com David, o qual foge, deixando as duas bolsas em condições de Maya pegar. Dois policiais perseguem o fugitivo e um fica com os desmaiados. O casal declara ter sido assaltado. O policial coloca algemas nos que estavam no chão, chamando ajuda pelo rádio e pedindo os documentos de Maya e David, além de querer olhar dentro das bolsas dela. Não tendo visto nada de mais, pede desculpas pelo ocorrido, copia o número e nome de seus documentos e deseja boa viagem... Pelo menos, a partir de agora. Eles se voltam em direção ao portão de imigração.

"Como é que eles caíram? Eles voaram pelos ares como se tivessem sido golpeados!", exclama David, o qual, estando à frente de Maya, não havia presenciado o ato de ela enviar a energia invisível contra eles. Na verdade, ninguém se deu conta, pois os ladrões em perseguição por David chamaram mais a atenção e os gestos dela foram muito rápidos, sem nada realmente para ser visto.

"Eu não sei te explicar claramente, mas sei que fui eu. Eu recebi uma mensagem telepática e entendi que, mesmo sem entender, era para manipular uma esfera de plasma do vril. Curiosamente, eu a visualizava com perfeição, mas, pelo que disse, estava invisível para você e outros. Eu recebi a mensagem de que o gerador está conectado a mim e que ele voltará para mim, sempre que eu quiser. Assim, se alguém tentar roubá-lo, eu posso resgatá-lo, de uma forma ou de

outra. Esquisito, mas legal! A propósito, belos golpes de caratê! Você é faixa preta?"

David acena com a mão direita, tendo o dedo polegar em posição de positivo e, com a cabeça, querendo dizer "sim". Ele ajeita o casaco que carregava nos braços e sua bolsa tipo carteiro no ombro, os quais, durante a luta, tinham sido jogados ao chão.

"É emocionante conhecer você melhor a cada dia! Quem será que ganha numa luta? Meu kung fu faixa marrom ou o seu caratê faixa preta?! A gente pode tentar isso no hotel, no navio", David a olha com seriedade*, "OK, entendi, vamos avisar o Armando, ele tem que tirar a Ana da casa dela. É melhor que ela fique na dele, tem melhor esquema de segurança, certo?".*

"Sim, vamos ligar, mas de um telefone público. De agora em diante, desligue o celular e não o utilize mais."

David ajuda Maya a cuidar das bolsas, pendurando no ombro a bolsa maior e mantendo-se ao lado dela o tempo todo. Ao entrarem na área de imigração, visualizam o que ocorreria após o controle de passaporte, raios-X das bolsas. Param e pensam o que fazer antes de submeterem as bolsas ao equipamento.

De frente para o aparelho de raios-X, antes de entrar na fila: *"David, se alguém do além... Tenho que usar uma palavra para definir, então vou usar esta clássica: 'além'... Quer nos ajudar, ou deliberadamente está nos ajudando, então o gerador vai passar pelo aparelho de análise, sem sequer ser visto. Baseada no que aconteceu, eu poderia arriscar a dizer que a estrutura do material de bronze, de que era feito, mudou para uma estrutura cristalina diferente ou, melhor ainda, pode alterar-se ao comando e transformar-se em energia plasmática, estando lá, mas de forma não detectável, pois não é mais sólido cristalino e tampouco líquido".*

"Só existe uma forma de saber isso e não temos outra, coloquemos as bolsas na esteira. Caso seja detectado, tentaremos liberar com o fato de ser pequeno, apenas quinze centímetros e de bordas arredondadas e vazadas. Se perguntarem o que é, diga que é um presente, um objeto de decoração indiano, para um amigo no Canadá. Ele não tem cara de nada perigoso."

David vai na frente e coloca a sua bolsa tipo carteiro e seu casaco na esteira. Tira o cinto e passa sem problemas.

Quando Maya coloca as duas bolsas e vai passar pelo scanner de corpo, a mulher no equipamento de raios-X pergunta o que ela tem de metálico em uma delas. Ela recebe novamente uma informação telepática.

"É o meu iPad! Eu esqueci de deixar fora da bolsa. Desculpe."

A mulher fica satisfeita, dizendo que era isso mesmo e as bolsas passam sem problemas.

David abraça Maya pela cintura e descem os corredores, procurando pela sala VIP da companhia aérea.

"Eu já te disse que adoro a sua inteligência e perspicácia!?"

"Olha, sendo sincera, não fui eu quem teve essa ideia, foi esse alguém que está falando na minha cabeça. E espero que não seja mulher para você não ficar atraído por ela!"

David solta uma gargalhada, pois essas eram as típicas frases que ela costumava falar, as quais ele achava muito engraçado.

Chegaram à sala VIP.

"Nossa, vamos de executiva?! Você é rico, hein?! Tem mais alguma coisa que eu não sei, além de, com certeza, um monte delas?!"

Ele sorri novamente e eles entram na sala, para aguardar até o horário do embarque, em uma hora, aproximadamente.

30.

LATITUDE 44º 30' 44.21'' N
LONGITUDE 64º 17' 41.81'' W
15H.

Um belo e moderno iate de 60 pés se aproxima da ilha, ancorando em área segura, onde não chamaria atenção, já que a presença deste tipo de embarcação naquela região da Nova Escócia era muito comum. Havia pouquíssimos turistas observando o famoso poço, intitulado "Money pit", e quase nenhuma segurança na área. Há uns cento e cinquenta metros do local, um barco inflável leva três homens e uma mulher muito jovem e bonita do navio até a praia, sem que ninguém se dê conta. Eles caminham até o poço e verificam as condições do local. O mais jovem era um atraente homem de aproximadamente quarenta e cinco anos e os outros dois, muito parecidos, aparentavam ter por volta de sessenta anos.

"Como faremos para garantir que as caixas subam? A superfície está fechada novamente. Foi lacrada, por falta de condições. A água do mar invadiu o poço, desde a primeira escavação, mesmo usando bombas potentes e isolamento das paredes, ela volta sempre, por causa das várias entradas e saídas da água para circulação. Este gigantesco sistema hidráulico se transformou em um grande mistério ao ter sido construído aqui, fazendo com que, por métodos normais, seja impossível acessar o local. Os senhores tem certeza de que ela vai conseguir fazer isso?!"

"Pelo que nossa médium nos revelou, meu caro Miguel...", ele se refere à linda jovem, de cabelos louros, extremamente lisos e longos, ao seu lado, "a Dra. Maya e seu namorado David já resgataram a primeira chave, sendo exatamente o que precisávamos para chegar às outras, vamos deixar que eles venham e façam tudo por nós. Quando tiverem as caixas em mãos, ficaremos com o maior tesouro que o mundo jamais viu e o maior poder que poderia ser alcançado!". O homem falava português mantendo um nítido sotaque alemão. Com brutalidade, apertava o braço da jovem, a qual estava incomodada com o péssimo tratamento. Tudo o que ela queria era uma chance de fugir, antes que também morresse, da mesma forma que sua irmã.

Miguel ainda não estava convencido de tamanha facilidade, pois havia estudado o que se conhece sobre a construção cheia de armadilhas, do misterioso poço chamado localmente de Money Pit. Seis pessoas já morreram, usando as mais modernas técnicas de engenharia, sem chegar até o fundo dos previstos sessenta metros (200 pés). Segundo uma crença famosa no local, o poço somente seria conquistado quando sete pessoas morressem e quando nenhum carvalho restasse na ilha. Atualmente resta apenas um. Ele sabia que, a cada três metros (10 pés), encontrariam as camadas que não foram retiradas de pisos feitos de carvalho e fibra de coco. A fibra de coco revelava uma possível passagem de um ou mais navios, envolvidos na construção do poço, pela América do Sul ou Caribe, carregando materiais por lá comumente utilizados, o que gera uma suspeita da procedência das pessoas e objetos supostamente escondidos. Seriam os tesouros de Francis Drake e Walter Raleigh?! Para ele, isto era mais importante e palpável do que as tais chaves de Enoch.

"No fundo deste poço estão as sessenta e três partes componentes das chaves de Enoch que faltam para completarmos a esfera celeste perfeita. As 64 peças vibracionais que nos darão o poder da criação do Universo! A linguagem dos anjos, dos criadores do mundo!", diz de forma

fanática um dos dois homens mais velhos que estavam ao lado do mais jovem.

"Vamos, minha cara, vamos para o barco. Você precisa nos dizer o que os nossos amigos, que nos darão tudo isso, estão fazendo. Já que eles vão demorar bastante, vamos fazer uma cerimônia. Sirva-nos do vril que jorrar de sua carne... Enquanto ela dure!"

"Dr. Muller... Eu estou fraca... Eu não posso mais... Preciso descansar antes de eles chegarem. Não sabemos exatamente o que vou precisar fazer para obter os cristais. Minha força tem que estar preservada." A jovem, que havia se passado por filha biológica do presidente da empresa farmacêutica, por mais de cinco anos, e que era apenas uma órfã brasileira, retirada de um orfanato de Joinville, aos doze anos, juntamente com sua falecida irmã, para fins não nobres, apresentava sinais profundos de depressão, muito provavelmente gerados pelos abusos sofridos na vida que levava e pelo consumo constante e excessivo de chás de ervas fornecedoras de DMT e opiáceos variados, além da droga mais comum, a escopolamina. Ela não parecia mais capaz de expressar sua opinião com energia, sussurrando apenas frases que mais pareciam súplicas a falas. Sua extrema magreza estava começando a comprometer a beleza que lhe pertencia.

"OK, mein lieber, vamos deixá-la comer e dormir bastante. Quem sabe poderemos utilizar seus dotes especiais, logo após o sucesso do intento, para o qual, sem dúvida, precisaremos de uma Priesterin bastante forte, capaz de desviar o vril para você. Terá que ser uma ladra muito eficaz", completa Wolf Muller, com uma expressão maligna no olhar.

Após uma hora de observação do local e algumas conversas entre eles, retornam ao barco. Em poucos minutos, o iate se afasta em direção ao porto de Halifax.

31.

NO AVIÃO, LOGO APÓS A DECOLAGEM.

"Nossa que fome! Tomara que comecem a servir logo o jantar! Enquanto isso, eu tenho no iPad todas as informações que baixei dos meus arquivos, já existentes, sobre as chaves de Enoch e Oak Island. Podemos aproveitar boa parte da viagem para estudar o assunto", diz Maya visivelmente agitada. David, por sua vez, parecia meditar. Estava com sua poltrona reclinada e aparentava sono e cansaço. Ele abre os olhos e responde às perguntas dela.

"Sim, princesa. Vamos aproveitar e dar uma olhada no que temos."

"Você está bem?!"

"Eu creio que somente cansado. Não dormimos praticamente nada nesta noite. Ainda bem que esta poltrona é boa e espaçosa. Conseguiremos esticar e dormir", afirma ele com uma voz lenta e baixa. Ao ouvir isso, Maya se espreguiça e acaba entrando na mesma frequência, mais calma, modificando o seu estado originalmente mais excitado.

"É, eu sei, eu também estou cansada. É que, ao contrário da maioria das pessoas, quando eu fico cansada, fico irritada e aí tenho dificuldade de dormir até que apague, o que vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. Temos umas dez horas pela frente, então, podemos gastar umas três estudando o que eu trouxe e o resto descansando."

David se aproxima de Maya, dando um beijo carinhoso e pegando o iPad dela em sua bolsa maior, a qual estava bem à vista, na altura dos pés, no mesmo lugar da nécessaire com o gerador.

"Pode deixar que eu sei onde coloquei as informações. Coloquei tudo no Good Reader, ótima ferramenta. Vamos começar por Enoch: sacerdote-cientista, patriarca do período pré-diluviano, do ciclo anterior do tempo. Pai de Matusalém e avô de Noé. Não é interessante que a Bíblia só menciona que ele era o terceiro antes de Noé, que foi arrebatado por Deus e quase mais nada?", pergunta ela.

"É, aparentemente as revelações no livro de Enoch incomodavam demasiadamente e foram, convenientemente, consideradas pertencentes aos livros apócrifos. Por sorte, foram preservadas nos Pergaminhos do Mar Morto. De qualquer forma, Enoch é também conhecido por meio de Toth, o senhor da magia e do tempo, para os egípcios, e com o nome de Hermes, o mensageiro de Deus, para os gregos e romanos. Hermes Trismegistus, 'o três vezes grande'."

"Velho conhecido seu esse Enoch, hein?!", satiriza Maya.

"Estou certo de ser meu, tanto quanto é seu também, senhorita da magia e das surpresas!"

"Surpresas, eu? Surpresas, eu? Olha quem fala! Eu nem sei ainda quem é você!"

"Não se preocupe, você vai ter a vida toda pela frente e vai saber tão bem que não irá me aguentar contando, sempre as mesmas histórias, para os nossos filhos e netos..."

Maya olha para David, um pouco desconfiada, por cima dos óculos.

"Querido, você está me pedindo em casamento tendo apenas uma semana de relacionamento? É um pouco prematuro, não acha?!", ela fala com voz em tom de brincadeira.

"Princesa, tem uma coisa que eu sei o que é... Você e eu saímos da mesma mônada e nos encontramos, mais uma vez, portanto, são éons de relacionamento, e não apenas uma semana!"

Maya se surpreende com a frase e principalmente com a palavra "éons", repetindo-a comicamente, muitas vezes.

A aeromoça se aproxima deles para anotar as preferências do menu executivo, dando a Maya a oportunidade de fazer uma pergunta.

"Senhorita, quantos éons faltam para que cheguemos a Boston?"

"Éons?!", a aeromoça não entende.

"Sim, ah, desculpe, quanto tempo falta?"

"Ah, umas nove horas e meia. O voo é de aproximadamente dez horas."

David ria contidamente, sem poder demonstrar para a aeromoça a brincadeira que Maya fazia sobre a palavra que lhe chamou a atenção e que significava algo próximo à eternidade. Eles escolhem o que comer e continuam lendo no iPad. Ele observa pontos importantes sobre Enoch e lê para ela.

"Em Gênesis 5:21-24, ele é mencionado apenas como o pai de Matusalém e foi arrebatado por Deus, tendo vivido trezentos e sessenta e cinco anos. É interessante, pois esse é o tempo de um ano em dias. O melhor é pular para os apócrifos. Aqui diz: YHVH lhe mostra os segredos dos céus e da terra. Ele volta com pesos e medidas para toda a humanidade. Especificamente na parte das chaves, precisamos entender o princípio dos harmônicos, que eu acredito, depois de ter visto e ouvido o que ocorreu em seu apartamento, ser o ponto fundamental a ser aprendido por nós. A linguagem do som. O conhecimento sobre Enoch revela a língua-mãe como uma linguagem de ondas. Era a língua dos anjos. Conhecida pelos antigos pré-diluvianos como 'Hiburu'. Esta é a primeira semente da linguagem, introduzida no início dos tempos. Esta parte que segue é bem ligada ao nosso caso. Lembra do som que ouvimos? Siga este texto: 'o conhecimento enoquiano descreve as equações sônicas, codificadas dentro de antigos mantras e nomes de Deus, capazes de afetar diretamente o sistema nervoso e de produzir um estado profundo de cura, além de estados de consciência elevada'. É algo parecido com o que é feito com as drogas que tomam nos ritos de algumas religiões, essas que usam o DMT de cogumelos ou dessas plantas que você descobriu estarem ministrando durante a cerimônia de geração do vril", relata ele, com compenetração.

"É, mas, veja bem, com uma enorme diferença, e isso eu posso dizer, pois como farmacologista, é bem minha área. Nesses chás de ervas, como o chá da ayahuasca, estão presentes alcaloides potentes capazes de gerar efeitos tóxicos, principalmente pelo seu uso constante. As pessoas têm a mania de achar que plantas ou chá de plantinhas não causam danos, e eles podem ser tão potencialmente danosos para a saúde quanto uma droga química, ou ainda pior, levando em consideração a dose aguda e a acumulada, conjuntamente... Sem falar de substâncias desconhecidas que podem estar presentes na planta e em suas variedades fenótipas, digo substâncias tóxicas não consideradas como geradoras de efeitos desejados, e sim indesejados, como alcaloides diversos, por exemplo. Uma boa parte das pessoas que usam estes chás fica momentaneamente muito doente, vomita sem parar e nada vê de especial, ou seja, tem gente para as quais estes chás, ou substâncias, não funcionam. Agora, o DMT em si é uma molécula produzida naturalmente pela nossa glândula pineal e é facilmente absorvido pelo organismo. Creio que se for administrado, isoladamente, na dose mínima necessária, não deverá gerar danos físicos."

"Sim, doutora, quem sou eu para discutir este assunto? Bom, continuando, sem usar estas drogas para atingir este estado superior de consciência, e sim o que eles chamavam de harmônicos, o emprego de certas palavras proferidas, na língua certa, com o conhecimento da forma e na ordem como deveriam ser pronunciadas, geravam efeitos. Sendo equações sônicas, alteravam desde a fita de um DNA até seres não viventes, digo rochas, materiais inorgânicos."

"David, que interessante! Isso explica o uso da arca da aliança no ponto de derrubada das muralhas de Jericó. Eles deram várias voltas, acho que foram sete, e em determinado momento,

soaram as trombetas. A harmônica foi sedimentada em um campo magnético que foi deixado pela circulação da arca, com as chaves ou cristais de Enoch dentro, ou coisa similar, já que algo havia dentro da arca para gerar o tal campo, e talvez as tábuas da lei já tivessem tal poder... Quem sabe... E tudo foi abaixo!"

"Sim, Maya, estou de acordo. Totalmente de acordo com seu ponto de vista!"

"Na verdade, nem é meu, eu vi isso em um episódio do History Channel e em um vídeo do Graham Hancock. Meu canal predileto e um dos melhores pesquisadores do tema."

Ele não se contém novamente, e dá uma gargalhada.

"Como é que você pode querer que eu pense em ficar a minha vida longe de você? Quem é que vai conseguir me fazer rir desta forma, além de outras coisas, das quais você é a rainha."

No momento em que eles iam se beijar, a aeromoça, pedindo desculpas, deixa a bandeja do jantar na mesinha. Mesmo estando com fome e a comida da classe executiva sendo boa, alimentaram-se comedidamente. Preferiram salada, verduras cozidas e peixe. Nada de carnes vermelhas e doces. Aparentemente, sentiam que tinham que dar condições para as oitavas superiores se conectarem com seu veículo físico e, para tal, este teria que ser bem cuidado, minimizando interferências.

Depois do jantar, voltaram à leitura, antes que o sono fosse demasiado e os impedisse de avaliar os excelentes textos que tinham e que poderiam ser de muita ajuda, no momento preciso. David continua lendo em voz alta.

"Veja isto. É de um livro que eu já tive em mãos. Na época em que o li, devo confessar, não entendi, mas agora me parece claro. É de um autor muito interessante, um Ph.D. chamado J. J. Hurtak. Chama-se 'O Livro do Conhecimento: As Chaves de Enoch'. Ele faz uma correlação entre o nome de Deus dado no antigo testamento, YHVH, como sendo a chave que está por trás do código de transcrição de letras químicas que estão envolvidas no desenvolvimento do corpo humano. Em 1973, na Universidade da Califórnia, Hurtak, entre outros autores de publicações científicas, mencionou a correlação das quatro letras que compõem o nome de Deus, YHWH ou YHVH, entre números e bases nitrogenadas, componentes do DNA."

Maya exalta-se por haver lido algo parecido no livro de Gregg Braden, "O Código de Deus", o qual provavelmente deve ter conhecimento sobre o que publicaram vários pesquisadores na área de genética, entre outros, o próprio Hurtak. Ela continua o assunto: *"sim, isso está relacionado ao que se chama de códons, são os códigos genéticos que se conhecem e eles são... Interessantemente... 64 códons! Eles são obtidos pelas combinações possíveis entre Guanina (G), Citosina (C), Timina (T) e Adenina (A), e temos quatro bases, em que apenas três estão combinadas três vezes, dando a conta: quatro elevado a três, que é igual a sessenta e quatro! Isto representa todas as possíveis combinações. Cada grupo de três bases presentes é responsável pela codificação de um aminoácido."*

"Isso mesmo, adequando a sua linguagem. O que estes pesquisadores querem explicar é que a mensagem genética contida no DNA é formada por um alfabeto de quatro letras que correspondem aos ácidos nucleicos que você mencionou e que são representados pelas letras A, T, C e G. Com estas quatro letras combinadas é possível formar 'palavras'... 'O verbo bíblico'... Que atuam como aminoácidos, dando um significado. Cada um desses corresponde a uma 'frase', como "faça-se a luz!", ou 'produza a matriz celular!'. O que mais chama a atenção é que apenas quatro letras do alfabeto do DNA poderiam ser combinadas para corresponder a cada uma das vinte 'palavras', representadas pelos vinte aminoácidos distintos, que ocorrem nos seres vivos. Assim, aqui tem novamente a explicação que você deu, de forma mais simples, e é uma proposta de vários pesquisadores: cada três letras (uma trinca de bases ou trindade) do DNA corresponde a uma 'palavra', isto é, um aminoácido. Daí sai o número que você falou: $4^3 = 64$."

"Isso mesmo!", diz Maya, e ela continua: *"a correspondência entre o trio de bases do DNA, o trio de bases do RNA e os aminoácidos por eles especificados constitui uma mensagem em código que é chamada de código genético, gerando a criação... De tudo... Do universo vivo! As chaves de Enoch fazem exatamente isso em padrões sutis, apenas quânticos. Nossa!"*.

Maya e David trocam olhares de grande surpresa e apreensão.

"David, isso quer dizer que o conhecimento, ou melhor, redescobrimento desta conexão entre o DNA humano e o nome de Deus, seja YHVH ou YHWH, remonta a mais de trinta anos! O nome do Ancião dos Dias, YHVH, sendo o sopro de vida e de expansão. E o mais interessante é que, ao substituir cada base com a letra sugerida pelos cientistas, lê-se no DNA humano, o tempo todo, a frase 'Deus está em mim'."

"É, aqui diz que as chaves estão codificadas com letras ígneas contendo o 'yod' sagrado sobre cada letra, de modo que um no espectro de luz possa reespaciar bioquimicamente, ao ativar os processos químicos da mente das pessoas, a participar de muitos planos da palavra de Deus", complementa ele.

"Nossa, isso explica o porquê de certas drogas, chamadas alucinógenas, serem chamadas de conectores de Deus. Mas esse é um processo falsificado, não puro e, portanto, com consequências, pois é uma manipulação de algo que precisa ocorrer bioquimicamente. OK, eu entendo, mas por ordem de um ser maior interior, um harmônico, e não de uma substância que fabrica um atalho, se assim podemos nos referir a ela."

"Bem interpretado, Maya. Acho que podemos considerar estas suas frases, e esse é um dos motivos daquele pessoal do vril fabricar esta conexão por meio das drogas. Eles não têm um harmônico para com Deus, YHVH, ou seja lá como vamos chamar; eles só têm um harmônico com o ego, em nome de seu poder pessoal, do poder dos anjos caídos, e não das legiões de luz."

"Sim, é isso... Falou muito bonito. E falando em anjos, eu estou caindo de sono, podemos dormir um pouquinho?!", diz ela, aconchegando-se na poltrona e reclinando-a.

32.

18h. Um típico dia de março. A temperatura na região apresentava uma variação diária de 7 a 14º C. Mais fria que em São Paulo, principalmente nesta época do ano. Os três primeiros meses eram sempre os prediletos de Maya. Ela apreciava temperaturas mais altas.

Em uma marina da área portuária de Boston, ao lado da Constitution Road e Constitution Plaza, Maya e David descem de uma limusine com motorista, enviada pelo 'amigo' que ele tem na cidade. Ela fecha o sobretudo que usava, uma capa de meia estação da Burberry em tom bege. David também usava uma similar, em tom cinza chumbo, aberta, já que ele estava muito acostumado a temperaturas mais baixas. O frio imediatamente a incomodou. Com elegância, ajeita uma echarpe, da mesma marca, no pescoço.

O motorista avisa que eles não devem se preocupar com as malas, elas serão levadas até o iate, o qual estava bem à sua frente, o Aurora B. Eles deveriam esperar apenas alguns minutos, o tempo de o dono do barco chegar. Sem haver tido chance de conversar, um Mercedes CLS prata estaciona, a poucos metros, e dele desce um homem elegante, de aproximadamente quarenta anos, com óculos de sol pretos, que impediam ver claramente seus olhos. O porte físico e a aparência geral lembravam muito David. Ele vai diretamente até Maya, de maneira educada, e a cumprimenta, tirando os óculos e deixando seus olhos claros à vista.

"Então, tenho o maior prazer de ver que, enfim, uma linda mulher conseguiu acabar com o lado monge de meu irmão!"

Maya fica paralisada ao olhar para a cópia de David, alguns anos mais velho e sem avisos. O irmão de David abraça-o fortemente e fala, de maneira brincalhona: *"ela realmente tem cara de CDF, como você disse... Esses óculos! Mas eu concordo com a segunda qualidade que mencionou, ela é bem bonita, eu até me casaria com ela, considerando, claro, aqueles assuntos especiais, as coisas que ela gosta de fazer...".*

Maya olha feio para David, indignada por ele ter contado coisas íntimas do casal, pelo visto, para todo mundo que conhece.

"E depois dizem que só as mulheres é que contam essas coisas para as amigas e que os homens são mais reservados! Pelo que vejo, achei a exceção! Bom, resta apenas isto: muito prazer, sou Maya. Fiquei sabendo somente agora que ele tem um irmão, aliás, fico sabendo das coisas assim... Na surpresa! Você também é faixa preta de caratê?!"

"Ah, sim! Estudamos juntos! Na verdade, eu ensinei a ele tudo o que sabe!"

Os dois irmãos pareciam muito unidos e riam das brincadeiras de Solomon.

"Vamos até o barco, afinal ele foi comprado por nós dois, e é a primeira vez que o vê... A propósito, desculpe a falha. Meu nome é Solomon, Solomon Bacon!"

Maya sacode a cabeça, como se estivesse em um sonho e profere a sua frase mais célebre: "típico... Muito típico. Solomon... David... Bacon... E ricos... Típico!".

David abraça Maya, esquecendo os problemas por alguns minutos e parecendo que estavam com a família de férias. No caminho, Solomon explica mais uma parte que ela não sabia.

"Ah, é verdade! Meu pai era um homem muito rico na Inglaterra. Em uma viagem ao Brasil, conheceu a nossa mãe. Infelizmente, ambos são falecidos, como já sabe. Eu e o David nascemos em Curitiba e crescemos lá, só que constantemente íamos para Londres e Nova York, locais em

que nosso pai tinha vários investimentos, em diversas áreas. Aqui em Boston, temos, por herança, muitos imóveis valiosos e constantemente estamos investindo, vendendo e, assim, temos muito para valorizar e ficarmos felizes de um bom futuro pela frente. O Aurora B. foi uma compra de luxo, mas eu e o David queríamos algo especial, só nosso, para podermos viajar com a família. Eu sou casado e tenho dois filhos, uma menininha linda de seis anos e um garotão de quase nove. Eles estão adorando os passeios de barco! Você vai conhecer a minha família, logo, logo... Quando vão se casar?!"

Maya estava atordoada e entendia por que David se dava tão bem com Armando, tirando o fato de Solomon ser um homem de família, a forma de brincar e falar era exatamente a mesma. David é bem mais tranquilo e focado, *"ainda bem"*, pensava ela.

Chegando ao Aurora B., um lindo iate de 75 pés, último modelo, um RIVA MotoYachts 2012, contendo muito espaço interno, uma suíte com banheira de hidromassagem e mais três quartos para visitantes, além de duas salas, cozinha espaçosa, bar, área superior para sol. Realmente um luxo, como havia dito o próprio Solomon.

Ao subirem no barco, o capitão os esperava, juntamente com um cozinheiro.

"Estes são o capitão Blake e o auxiliar de serviços gerais e cozinheiro William. Eles são meus velhos funcionários, em quem confio cem por cento. Terão segurança e conforto para chegarem lá e voltarem... Se Deus ajudá-los... Pelo que o David me contou, aquilo não é muito simples." Solomon apresenta-os a Maya e em seguida cochicha no ouvido dela, sem que os outros ouvissem.

David apenas se divertia com seu irmão, o qual por certo amava profundamente. Seus laços pareciam ser muito fortes, provavelmente por terem perdido os pais quando ainda eram jovens e precisaram seguir em frente, cuidando dos negócios e mantendo-os sólidos. Isso esclareceu a ela a formação em Administração e Economia de David. Que outras surpresas viriam dele, mesmo tendo uma mente criativa, não conseguia imaginar.

"Como eu sei que estão com pressa de chegar a Oak Island, já está tudo certo para zarpar. Eu vou sair e peço que fiquem em contato comigo, o máximo possível. O barco tem de tudo, comunicação constante via satélite, portanto, tem telefone, internet rápida, tudo o que vão precisar", diz Solomon.

"Ah, uma perguntinha... Em um barco desses não é preciso dois pilotos, principalmente porque a viagem é longa? Desculpe a pergunta, mas eu fico imaginando o que pode acontecer se o piloto adoecer ou dormir no timão", pergunta Maya ingenuamente a David e Solomon.

"Querida, não se preocupe. Eu e o Solomon somos pilotos formados. Eu substituirei o Blake em um determinado ponto da viagem. Isso é um prazer para mim", diz David.

Maya balança a cabeça, sem palavras. *"Típico"*, pensava.

O Aurora Borealis zarpa suavemente, tendo à frente um lindo pôr do sol, refletindo um tom alaranjado sobre o verde da água. Maya observa o porto desaparecer e a brisa que tocava o seu corpo, cheia de partículas elétricas carregadas pelos choques gerados entre as gotículas de água, revigorando, fazendo-a sentir-se renovada e certa de que, desde o dia em que David entrara em sua vida, nada mais seria a mesma coisa. A incerteza seria uma constante, pelo menos, por um bom tempo. Seus pensamentos a remetiam a questionamentos de por que sempre teve essa necessidade de aprender, de buscar conhecimento, de querer o desconhecido e sentir, dentro de si mesma, que somente assim, poderia entender algo. O que exatamente era, o que precisava entender? A sensação de busca era sufocante, por vezes. O impulso, a força que sentia, eram observados e apontados por todos com quem convivia. Tornaram-se frases constantes de qualquer um para ela: *"que energia você tem... Sua energia contamina... Você levanta o ambiente quando chega... A gente se sente tão bem ao seu lado"*. Eram frases do gênero que, por muitas

vezes, assustavam-na, já que ela não fazia absolutamente nada por querer, apenas era o que tinha que ser, ela mesma, e isso parecia causar um efeito por onde passava, gerando um grande senso de responsabilidade para com o mundo, para com todos, restando a pergunta *"mas fazer o quê exatamente?"*. Quem sabe tenha chegado a hora de entender. Ela sentia que estas chaves que encontraria, que certamente encontraria e seriam ativadas, ligariam algo muito importante para o resto do mundo. Tinha que fazer isso. O que exatamente não era tão importante quanto o fato de saber que esta era sua responsabilidade e a sequência de um grande comprometimento, feito em outro lugar, em outro tempo, na frente de outras pessoas ou outros seres. *"Isso agora não importa... Seria feito!"*

David percebe a profundidade dos pensamentos de Maya, deixando-a sozinha por alguns instantes, entra para arrumar as malas no quarto. Ele a vê, de costas, fitando o mar e sorri, sentindo-se completo.

33.

"Se você deseja entender os segredos do Universo, pense sobre energia, frequência e vibração."
Nikola Tesla, cientista e inventor.

"Linhas de força magnética transmitem uma ideia muito melhor e mais pura do que a fase atual de fluxo magnético."
Michael Faraday, físico e químico.

20H.

O chef William serve o jantar que haviam escolhido. Um prato que ele costumava solicitar onde quer que fosse. Filé de robalo ao molho de tomate e frutos do mar, acompanhado de legumes ao vapor e salada. Saborearam algumas frutas de sobremesa. Por não serem apreciadores de bebidas alcoólicas, eles preferiram suco de laranja e água mineral, para acompanhar. Ao terminarem, resolveram aproveitar a vista, que era especial, na área superior do iate, sentindo a agradável brisa fresca, mais quente do que geralmente esperada para o horário. David e Maya olhavam o mar, e algumas ilhas que eram visíveis no horizonte, abraçados.

"É incrível... Não sei dizer se isso pode ser chamado de autossugestão ou se realmente é real..."

"O quê?!", pergunta David curioso, sem sair da posição carinhosa de um abraço lateral, mantendo as cabeças encostadas.

"Ley lines, isto é, de maneira mais científica, representada pelas letras EMFs, Electromagnetic Fields, as linhas de campo eletromagnético que fazem parte da teia de luz que circula o globo terrestre ou grade planetária energética. O mesmo padrão que ocorre no corpo humano, sendo manifestado por impulsos elétricos, gerando fluxos. Foram descritos pela primeira vez pelo arqueólogo Alfred Watkins, em 1921, referindo-se aos alinhamentos descobertos de sítios arqueológicos e megalíticos antigos. Os principais pontos de amarração ou nós, se assim podemos chamar, são doze, entendidos como os mais importantes vórtices energéticos da Terra. Existem muitos outros espalhados pela grade geométrica planetária. Essas correntes eletromagnéticas são as reais responsáveis pelo agrupamento da energia na forma de matéria, ou melhor, são as que sustentam a matéria agregada, em cada um de seus níveis frequenciais. Nós temos um trabalho a fazer. Com os cristais de Oak Island, deveremos gerar mudanças eletromagnéticas suficientes para ancorar a energia necessária para as transformações a nível atômico, na Terra, em todos os organismos biológicos. Nestes, elas serão orquestradas por meio das mudanças no DNA, visíveis e invisíveis, ainda por hora, em maior proporção. Estamos todos ligados nesse emaranhamento quântico... Somos todos UM."

David posiciona-se de frente, para melhor ouvir o que ela iria dizer, olhando profundamente em seus olhos e mantendo-a em seus braços. Maya continua a soltar seus pensamentos, com uma voz extremamente calma e baixa, olhos fixos, entretanto, com um olhar natural, como se

estivesse em outro lugar, restando apenas o seu corpo que remotamente, respondia a inputs.

"Estamos nos aproximando da Nova Escócia, e eu sinto... A energia do vórtice que há neste local. Eu sei que quando chegarmos mais próximos, em um determinado momento, eu estarei entre duas dimensões... E saberei... Este lugar, Oak Island, foi escolhido por Dee, Bacon e Raleigh com total conhecimento de causa. A única pergunta que me faço é... Por quê? Por que com eles?! Justamente eles?! Ao mesmo tempo, me vem parte da resposta, eu sinto que tudo tem a ver com as chaves de Enoch, os cristais... Mas são tantos os lugares que temos na Terra onde se pode medir a grande energia dos pontos de amarração, dos vórtices máximos... Eu me recordo do nome de alguns, além da Nova Escócia, a Grande Pirâmide de Gizé, as Ilhas Havaianas, as quais estão sobre o chacra cardíaco de Gaia-Terra, o Mar de Aral, Lurdes, na França, esclarecendo o motivo de a Nossa Senhora haver aparecido por lá. São tantos, por que eles vieram e colocaram aqui? Aparentemente, isso foi criado por seres além do nosso entendimento, para poder manter a Terra em condições de prover nossa evolução, mas ao mesmo tempo, eu acredito que muitos pesquisadores têm razão quando declaram que os extraterrestres usaram e usam essas ley lines, os vórtices e os alinhamentos de sítios e cidades, criados em nosso passado distante, para sua maior orientação na manipulação energética. Esses locais assim marcados geram códigos matemáticos que eles podem interpretar e nós não. Alguns desses locais são o que podemos chamar de pontos de união ou concentração das ondas de energia eletromagnética. Neles geralmente reportam-se anomalias, desde as visuais às físicas, como desaparecimentos. Esses locais estão codificados e uma das formas de interpretar é analisar sua longitude e latitude em relação aos outros sítios que apresentam os mesmos padrões. Existe um alinhamento entre vários sítios arqueológicos, inclusive entre cidades. Isso já foi tudo publicado e comprovado, não estou criando nenhuma teoria. Um conhecido alinhamento é o de Stonehenge com Teotihuacan, Planície de Gizé e Machu Picchu. Eles sabiam o que estavam fazendo quando criaram todos estes monumentos, ao mesmo tempo. Somente isso explica o porquê de estarem relacionados, ligados a uma ley line e de terem a mesma posição frente ao cinturão de estrelas de Órion, como é a representação geoespacial das Grandes Pirâmides de Gizé em relação ao de Teotihuacan. É o que acontece com as chaves, nós não conseguimos interpretar, a menos que estejamos sintonizados na frequência certa, na posição adequada e tenhamos o conhecimento para nos conectar a elas..."

David a solta, ficando a seu lado, sem tocá-la, olhando o estado de quase-transe-consciente no qual se encontrava, semiausente, séria, mas exalando uma energia límpida e poderosa, a qual se podia perceber transbordar de todo o seu corpo e, principalmente, pela luz de seus lindos olhos. David notou que ela estava plena, tendo a chance de visualizar dois mundos simultâneos, sem abrir mão do aqui e agora.

O luxuoso iate cortava o mar com total majestade. A velocidade de 25 nós produzia uma brisa que envolvia e balançava o vestido azul safira feito com uma malha ideal para meia-estação, com mangas longas e na altura dos joelhos, de onde saiam botas pretas de couro, com salto baixo. Ela usava um colete de couro preto com gola e uma linda echarpe com vários tons misturados, preto, amarelo, vermelho e azul safira, formando figuras geométricas. Se não fosse pelo nó no pescoço, teria voado. David a acompanhava no estilo, como sempre, trajando jaqueta preta de couro, por cima de camiseta polo cinza chumbo e calças jeans pretas. A combinação na roupa dava a ela um misto de figura forte com uma pitada de ar angelical, a qual David adorava admirar, principalmente enquanto dormia. Assim ele a via. Ciente da sua enorme força e, principalmente, entendia que ela não precisava esforçar-se para assim aparecer. Era inteligente, forte, linda, bem-humorada, sexy e angelical, tudo isso junto, na dose ideal, de acordo com seu ponto de vista.

A luminosidade promovida pelo barco e pela lua iluminava seus olhos, salientando o lindo tom

de mel que os impregna. Maya continua a falar, sem perceber. Ela se vira para a grade de aço, mirando o mar, segurando-se, aparentando amparar-se no guarda-corpo, estando ciente de tudo e muito mais. Assim, continua sua descrição perceptiva.

"O vórtice de Nova Escócia está conectado ao da Flórida-Bermudas. É muito forte. Existe um alinhamento da região com as cidades que estão sobre as cavernas de cristais, tudo foi iniciado na latitude 33° Norte, na cidade de Raleigh, Carolina do Norte... O nome dele..."

David dobra a cabeça para o lado, devido à surpresa, mas não pretende interromper o devaneio. Reconhece imediatamente a correlação entre o grau trinta e três maçônico e o paralelo 33° Norte que ela mencionara.

"Várias cidades importantes, historicamente, e as ainda não compreendidas quanto à sua importância, serão relacionadas nos próximos anos. Bagdá é uma delas. Ela está exatamente na longitude de 33° Norte, 29° a 36° Norte, faixa mais importante para a revelação. Trinta e três é o equilíbrio, número pelo qual Nikola Tesla era obcecado."

Maya parece despertar do estado de profunda concentração. Inspira e expira fortemente, movimentando-se para ativar a circulação. Após alguns segundos, dirige-se a David.

"Vamos precisar pegar o que for lá, na ilha, e depois teremos que levar isso para algum lugar que fica nas áreas do alinhamento de cidades ou monumentos, como o de Boston, Washington, Nova York, Baltimore e Filadélfia... Sei lá... Talvez em outro local onde encontremos um alinhamento deles. Pode ser este ou outro. É para onde temos que levar os cristais e onde eles têm que ficar..."

David se aproxima, preocupado, sem continuar no assunto que ela acabara de mencionar, e sim externando o seu sentimento, que o manteve quieto nos últimos minutos.

"Nossa... Isso te acontece sempre?!"

"Fique tranquilo, eu estava consciente o tempo todo. Essa é apenas uma capacidade que desenvolvi, a de focar em coisas que estão arquivadas em minhas memórias, e creio que acabo recebendo algumas outras que não estão gravadas na mente terrena, mas igualmente importantes. Eu me treinei com a meditação e sei que, quando faço isso, Deus está comigo, o tempo todo, portanto, confio."

"Eu gostei de ver, na verdade, fiquei surpreso pelos dados que abordou ao mesmo tempo... Mas tenho uma pergunta: consegue ver algo que ajude a compor melhor as possibilidades do local? Ou ainda, o que é que temos que levar?", questiona ele intrigado.

"Não exatamente. Só tem símbolos rodando na minha cabeça... Ainda não sei... Geometria sagrada... Símbolos matemáticos... Frequências... 528 Hz... 936 Hz... Temos que levar algo que soe ou toque nestas frequências e, quando for necessário, eu saberei... Mas temos que produzir essas frequências na ilha, no Money pit. Eu visualizei imagens do Tetragrammaton, o símbolo de YHVH relacionado com figuras geométricas, construindo uma imagem... Um poliedro de 144 faces pentagonais e triangulares em uma matriz cristalina simétrica (72 em cada parte antes dessas duas se fundirem), o pentadodecaedro, ele tem figuras de vários diamantes, triângulos ligados pelas bases que criam imagens de estrelas de David, lembrando a figura da Merkaba. Seu brilho vai mudar; de um enorme diamante holográfico, composto por pequenos idênticos a ele, fundidos, conectados, multifacetados, e se transformará em uma grande esfera, sendo visualizada ao girar em sentido horário... Esfera de fogo, como a esfera solar... E o vril jorrará... Fogo... Foi o que eu vi... E é incontrolável se mal trabalhado!"

"Como sabe o nome destes sólidos geométricos?"

"Coincidentemente, ou não...", Maya duvida se haveria alguma coincidência em tudo isso, *"eu tinha estudado os sólidos platônicos. Sou louca por geometria, isso por causa de outra loucura, os fractais. Mas esses nomes me vieram à cabeça naquele momento, e estou certa que são esses*

mesmos. Temos que procurar mais dados na internet para entender como manipular essa enorme energia."

"Acho que a resposta está na sua bolsa, lá dentro... O gerador é que deve ter algo a ver com essa figura geométrica que mencionou", diz David com convicção.

"Sim, eu creio que é isso mesmo. Você tem toda razão. Vamos entrar. Eu quero buscar alguma coisa em meu notebook. Tenho alguns arquivos que penso poderem ajudar."

Lá dentro, na sala de estar, sentam-se em uma mesa retangular, tendo uma das laterais fixas a uma janela grande, com uma bela vista para o mar. Maya abre seu MacBook Air e busca arquivos sobre Enoch e as chaves sônicas.

"*Aqui está: Pitágoras disse que a geometria é uma inteligência evoluída, a qual pode comunicar uma grande quantidade de informação. São formas que vão evoluindo, devido à construção, podendo partir de um simples círculo a formas mais complexas. Sua mistura é que transmite um entendimento. Não devemos pensar no que sejam, e sim percebê-los. Apreciá-los proporciona uma forma sutil de compreensão por meio de uma determinada frequência que os representa. Os símbolos que encontramos na terra, desde pirâmides, a formações circulares de pedras e assim por diante, estão todos conectados e trabalham entre si para construir a grade planetária, transmitindo uma faixa de frequência ao redor do planeta, a qual ativa e mantém esta frequência. Veja isto... Creio que aqui está a nossa dica: existem cristais poderosos em diversas áreas do mundo. Alguns foram ativados em específicos momentos, e outros se encontram em cavernas na forma de clusters, aglomerados de centenas a milhares, ou ainda, sendo um único gigantesco cristal. Eles estão enterrados dentro de montanhas, em cavernas, esperando para serem ativados. Esta ativação é necessária para que as pessoas e o planeta possam passar para um novo nível de percepção... Aquilo que podemos chamar, de forma mística se você prefere, de ascensão planetária, e com linguagem da física moderna, a qual eu prefiro, de mudança de densidade da realidade física e, posteriormente, de dimensão, da quarta para a quinta, considerando a dimensão de tempo incluída."*

David andava em volta da mesa onde Maya e o computador estavam, colocando as mãos na testa, alternadamente, como se os gestos o ajudassem a pensar.

"Pelo que eu estou entendendo, os cristais de Enoch precisam de uma chave, uma frequência, ou frequências, que faria com que eles liberassem outra frequência, por meio desta energia, suficiente para ativar redes de cristais sobre a Terra, que estão conectados, como seres viventes, e juntos, ativados ou despertados, elevarão a frequência do planeta, permitindo a instalação de um novo sistema computacional, para rodar um novo programa, mais evoluído, é isso?!"

"Perfeitamente, bem entendido, David! Eu não teria conseguido concluir melhor. Sem ter um bom hardware nada pode ser instalado, e pode ser isso que precisamos encontrar, as montanhas de cristais. Elas são o hardware em que o programa que temos que desenvolver ou ativar precisa ser instalado. No final, as chaves de Enoch podem ser vistas como os códigos de ativação do programa que teremos que levar para lá e terminar o processo. Com as chaves e o que mais se conformar na ilha, teremos programas para uma nova linguagem. Acho que o fato de você estar trabalhando exatamente nessa área não é à toa. Você tem algo a acrescentar na visão de como faremos isso tudo? Sei lá o que exatamente."

Maya volta à tela do computador. Após alguns minutos, lê de forma resumida o que encontrou.

"Ops... Referente às equações sônicas, preciso entender mais sobre isso. Sei que precisaria saber algumas palavras-chaves, em línguas que não faço a menor ideia. O que eu quero dizer é que estas equações sônicas que criam padrões físicos dominam a energia e as fazem gerar padrões sob comandos básicos, são... Como dizer... Mantras. Estes antigos mantras repetidos, juntamente com o que representa o nome de Deus, além de criarem padrões físicos de controle de qualquer

coisa, podem afetar diretamente o sistema nervoso central e produzirem um estado de relaxamento, atingindo a consciência elevada, a cura de doenças, ou o contrário, dependendo de quem o emprega e sob quais propósitos. Esse é o perigo, mas..."

Maya dá uma pausa. David ouvia atentamente calado, até este momento.

"Mas...", diz ele, querendo entender onde ela pretendia chegar.

"Eu não vou poder fazer grande coisa. Eu não saberei fazer o som, a pronúncia das equações sônicas! É necessário saber pronunciar e entender o significado dos harmônicos. Eles têm que ter um propósito claramente descrito na cabeça e no coração da pessoa que os pronuncia! Eu não falo essas línguas!"

"Quais línguas?", pergunta David.

"Olha o que está escrito aqui, neste trecho que salvei da internet, de uma página que aborda o assunto: as chaves são estruturas de luz em malhas piramidais coordenando as vibrações dinâmicas, as vibrações gravitacionais e os ciclos vitais de acordo com o plano divino de YHWH. Acho que pertence ao livro As Chaves de Enoch, com texto de Paul White. Aqui continua: a linguagem de Enoch era uma mistura de egípcio antigo, hebraico antigo, sânscrito tibetano e algo de chinês. São chamados de sons fiéis de luz, eles devem conter o yod sagrado. As chaves foram compostas em geometria de letras de fogo, porque são usadas para moldar a criação entre os poderes de luz e as oitavas de som. As palavras energéticas devem ser usadas para codificar o seu corpo diretamente na luz. Se estas antigas palavras energéticas fossem usadas em português ou em alguma língua indo-europeia moderna ou em qualquer outra, privaria a consciência de uma experiência direta com o poder da linguagem sagrada. Traduzir faria com que perdessem sua pulsação de energia! Viu?! Eu não tenho como fazer isso! Eu não sei essas línguas!"

Nesse exato momento, luzes fortes entram pela cabine onde eles estavam, cegando ambos. O Aurora B. diminui a velocidade até fazer uma parada total. Ouve-se o som de outro motor baixando rotação. David e Maya notam que outro barco, de tamanho similar, os alcançou, ficando em paralelo, praticamente encostando no deles. Devido às luzes fortes que vinham do outro barco, não conseguem enxergar quem era ou do que se tratava. David corre para fora da cabine, pedindo que Maya ficasse onde estava. Vozes altas de vários homens soavam claramente. O capitão Blake avisa pelo alto-falante interno que tinham uma visita a bordo. No meio das luzes e da confusão, era impossível saber o que acontecia. O iate estranho então se afasta. Poucos minutos depois, David vai até a sala onde Maya estava, acompanhado de um homem mais velho.

"Como vai, Dra. Maya?! É um prazer revê-la! Espero que não a tenha assustado. Pela sua feição, eu diria que o meu querido David não avisou que eu viria."

O homem se senta no sofá da sala principal, ao lado de David, próximo a ela, a qual estava em uma poltrona, ao lado da mesa com o notebook.

"Mestre Germano?!", pergunta Maya completamente desconcertada.

"David me pediu para vir. Ele achou, quando estavam saindo de São Paulo, que precisariam de um especialista em línguas antigas, na linguagem enoquiana. Eu sou um dos poucos que, no mundo, conhecem-na profundamente. Eu quero ajudar e sei que entenderá a minha presença."

Maya fica sem palavras por alguns segundos. Suspira profundamente e se entrega à situação, fazendo uma pergunta a David.

"Por que não me disse?! Eu gostaria que apenas tivesse me dito. Isso eu não entendo!"

"Desculpe, Maya. Quando saímos de São Paulo, você estava com uma má impressão do grupo da Thule... E...", David tenta se explicar ficando na defensiva.

"Mas é claro! Lá tem espiões ou pelo menos um! Quem me garante que não tem mais, ou pior, quem é o espião?! Quem colocou a escopolamina na água que eu deveria beber?!", exclama

Maya visivelmente irritada.

"Foi o espião, obviamente, minha querida. Nossa sociedade não utiliza nenhuma droga facilitadora de transes", afirma mestre Germano, enquanto se ajeitava no sofá.

"Quem é o espião?! Ele ainda está lá e, portanto, sabe que o senhor está conosco! Pelo que a Maria descreveu, ele pode ser o mesmo Miguel que eu conheci no prédio da Thule, já que a descrição e o nome batem", Maya continua mostrando-se irritada.

"Sim, está correta. Cremos que é ele mesmo e o que eu posso dizer é que ele sumiu. Íamos vigiá-lo constantemente para aproveitar o que sabe e ir a outras fontes, mas ele sumiu há vários dias", completa mestre Germano.

"Eu entendo", diz David, com a intenção de pacificar, *"mas de uma coisa eu tenho certeza Maya, mestre Germano é como nós. Ele quer o melhor para o mundo e não só para ele. Ele veio para cá nos ajudar, correndo os mesmos riscos que nós. Eu não conheço ninguém que saiba exatamente o que você acabou de concluir melhor do que ele. Foi incrível você ter concluído isso, exatamente neste instante. Como diz você, sincronicidade tem a ver com a mente superior, portanto, vem de Deus, e deve ser acatada imediatamente".*

Mestre Germano olhava para os dois, que francamente discutiam seus pontos de vista, de forma madura e positiva. Maya levanta da mesa, dá uma volta pela sala e retorna em direção aos dois, ainda sentados.

"Olha, eu acho isso esquisito. Aliás, está tudo muito esquisito mesmo. Como é que ele aparece, do além, exatamente no momento em que eu concluí que iria precisar de ajuda e estava a dizer isso? Como é que você sabia que eu iria dizer isso, justamente agora, e faz ele aparecer, do nada?! É tanta sincronicidade que até um anjo desconfia!"

Mestre Germano balança a cabeça positivamente, pensando e concordando que, se fosse com ele, também questionaria o fato.

David se levanta, dirige-se até ela.

"Maya, eu não sabia que você concluiria o que acabou de dizer, exatamente agora. Eu nem sabia tudo o que você informou. O que eu sei é que o mestre Germano é o maior expert no tema Enoch que eu conheço, e ele poderá nos ajudar. Até este momento, eu não tinha ideia de como faríamos para abordar o poço, mas agora, graças ao que descobriu, sabemos! Eu peço desculpas por não ter te dito nada, mas eu tinha informado tudo a ele, desde que fomos ao aeroporto. Viemos em voos diferentes para não gerar problemas ou sermos vistos juntos."

Maya assume o seu controle pessoal e aparenta estar mais calma.

"Eu só acho que não há motivo para você esconder coisas de mim. Isso eu acho estranho e vou continuar achando. Quanto a ele estar aqui, sim, preciso dele, se realmente sabe a linguagem de Enoch. Sejamos proativos." Maya senta-se ao lado deles, novamente, ficando pensativa. Eles a fitam, aguardando o que viria.

"Mestre, vamos fazer assim, por conta do meu cansaço, e creio que seja o mesmo para todos, sugiro que durmamos umas sete horas. Agora são onze e meia. Vamos tomar café às sete e meia, quando então poderemos e devemos estudar as equações sônicas. Me ensine o que talvez tenha que dizer, por que e como dizer. O David poderá levá-lo até sua cabine. O William pode lhe preparar algo para comer, caso tenha fome."

"Não, obrigado, minha filha. Eu já jantei e estou muito bem. Realmente, descansar é bom para todos. Concordo em acordar cedo. Pelos meus cálculos, alcançaremos a ilha por volta das dez da manhã e teremos que esperar terminarem as visitações do dia, para agirmos à noite. Tempo suficiente para que eu te ensine o fundamental."

Eles se levantam aliviados por terem entrado, rapidamente, em acordo. Assim, encaminham-

se para as suas respectivas acomodações.

Na espaçosa e confortável cabine, decorada com móveis de madeira em tons suaves, prevalecendo variedades de bege e azul, cama king size, mesinha para computador ao lado direito da cama, e, acima desta, destaca-se uma janela com cortinas de linho, na frente, tendo uma segunda blackout atrás, penteadeira à esquerda, acompanhada de poltrona, um sofá de dois lugares, closet para casal, terminando a esmerada decoração da cabine.

Após terem tomado uma revigorante ducha e estarem vestidos com seus estilos básicos, ele com pijama de algodão off white, com calça curta e camiseta regata, salientando seus músculos, e ela usando a sua marca registrada, mais uma linda e sensual camisola curta, com alças e enfeites de renda, na altura do busto, desta vez em tom azul celeste. David estava sentado na cama, com pernas retas e cruzadas, uma sobre a outra, lendo alguns artigos sobre as montanhas de cristal no iPad de Maya de forma muito entretida. Entretanto, ao ficar pronta e sair do banheiro, toda linda e perfumada, ele a olha com um misto de ternura e desejo. Imediatamente larga o tablet e estende o braço direito para que ela viesse até a cama. Correspondendo com um sorriso ao gesto carinhoso, ela engatinha pela cama até se sentar de frente, em seu colo, corpos rentes, com as pernas abertas e dobradas para trás, mantendo-o com as pernas estiradas, descruzadas, facilitando beijos e movimentos suaves em posição excitante e tremendamente sensual. A temperatura na cabine logo aumenta.

"Por que eu não consigo ficar brava com você por mais do que alguns segundos?!"

"Porque você sabe que vai ter que estar comigo por muuuuiiiitos anos e é melhor ter paciência. Aliás, eu estou sem muita paciência para conversar."

Ele a abraça apaixonadamente, retirando sua camiseta regata e a camisola dela. Nesse instante, percebe que ela já esperava por essa sequência, pois não usava mais nada por baixo. Eles estremecem de desejo. Em uma rápida manobra, ele a vira, jogando-a de costas na cama, retira o shorts que o atrapalhava e sem pressa, mas com muita paixão, aproveitam o que tinham de melhor, o incrível efeito do encaixe de seus corpos.

34.

7H30.

O céu estava limpo, quase sem nuvens. Um sol ascendente prometia deixar a paisagem encantadora. A temperatura era de 10º C.

Maya encontra mestre Germano para o café da manhã preparado pelo chef William, na sala principal do Aurora. Às cinco David já estava de pé, tomando o lugar do capitão Blake, de forma que este pudesse descansar. Antes de sentarem, decidem passar para ver David, o qual estava muito feliz em pilotar o iate e parecia dominar plenamente o assunto.

Ela se dirige a ele, abraçando-o por trás, para não atrapalhar na direção, sendo correspondida imediatamente, com um beijo.

"Eu estou preocupado", diz David.

"Por quê?", pergunta mestre Germano, e tem de Maya uma expressão facial de quem estava prestes a perguntar, mas não fora necessário.

"Eu liguei várias vezes para Armando, na casa dele, no celular, nos restaurantes, e ninguém o viu, desde que viemos para cá."

Maya fica com peso na consciência, pois havia tentado duas vezes falar com Ana pelo celular, e nada mais. Entretanto, não havia ficado tão preocupada, ao imaginar que ela poderia estar se divertindo.

"Eu tenho um código com Armando. De uma forma ou de outra, ele tem sempre que se comunicar comigo e vice-versa. Temos que dar um jeito de dar um sinal de vida. Uma mensagem basta. E nada até agora. Só pode ter acontecido alguma coisa!"

"David, posso ajudar. Vou ligar para o grupo da Thule, para os que mais confio, e pedirei que procurem o Armando. Vamos ver se eles o encontram. Pode ser que tenha se trancado no quarto e não queira sair desde então", diz mestre Germano.

Maya se surpreende com o senso de humor dele, já que apenas havia visto o seu lado sério. Em seguida, uma fisgada gelada percorre a sua coluna vertebral. Um mau pressentimento lhe ocorria.

"Enquanto não temos notícias, aconselho que vocês aproveitem para estudar os sônicos e a linguagem necessária para hoje à noite", diz David, o qual não tentava dissimular a sua extrema preocupação. Ele sabia que algo havia acontecido a Armando e Ana. A comunicação entre eles nunca falhava. Armando estava certamente impossibilitado de entrar em contato. Nesse momento, a esta distância, tudo o que ele poderia fazer é esperar que mestre Germano conseguisse alguma informação com os colegas.

De volta à cabine principal, logo após o café, Maya e mestre Germano estavam sentados na mesa lateral, encostada a uma janela, a qual dispunha de quatro poltronas e propiciava uma linda vista do mar. À sua frente, ela posicionou seu inseparável notebook, mestre Germano tinha outro, além de um calhamaço de papéis impressos, com os dados que precisava mostrar a Maya e prepará-la para a noite.

"Aqui temos alguns filmes de especialistas tonalizando os harmônicos. A primeira coisa que acredito que seja o ideal para você conhecer é a forma como deve ser feita esta vocalização, mas

antes, aqui está um texto que eu imprimi e gostaria que você lesse em voz alta. Precisamos que seja muito bem entendido de forma a passarmos ao aprofundamento do tema, indo ao encontro das palavras sagradas, na linguagem antiga, pronunciada desta forma, com o tom adequado, gerando em si, os harmônicos sagrados e poderosos."

"Ai, ai, ai, acho que tudo isso não vai entrar na minha cabeça somente em algumas horas, mas vamos em frente!", exclama Maya com grande preocupação. Ela respira fundo, posiciona o documento à sua frente, acerta os óculos e inicia a leitura, com bastante atenção. Sua leitura é rápida, mas com muita concentração, repetindo somente as principais partes.

"Solfeggio... Escala musical antiga usada nas músicas como cânticos e cerimônias. São frequências que podem ser usadas para diversos fins, inclusive cura física ou para os quatro corpos inferiores (físico, mental, emocional e espiritual). Cada nota da escala solfeggio antiga tem uma afinação diferente da escala musical convencional. Estes tons estimulam a mente e o sistema físico ou fisicalizado. São seis frequências ou tons... Interessante..." Maya segue a leitura parando em pontos que acha que precisa gravar e passando mais rápido por outros que já tinha um conhecimento prévio. Ela se detém na escala de tons/frequências que deveria entender e fixar na mente, para uso com conhecimento de causa, quando chegasse o momento.

1. 396 Hz / (Tom: Dó): usado para libertação do medo e da culpa. Diminui a densidade da matéria e prepara para o contato com níveis superiores.
2. 417 Hz / (Tom: Ré): facilitador de mudanças em situações difíceis. Expande a consciência.
3. 528 Hz / (Tom: Mi): frequência do amor. Usado para reparar o DNA, curas e transformações. Energia de agregação. Deve ser sempre o primeiro a ser usado, seguido da próxima que achar mais adequada.
4. 639 Hz / (Tom: Fá): frequência do chacra cardíaco. Integração, conectando estruturas e relacionamentos.
5. 741 Hz / (Tom: Sol): Despertar a intuição.
6. 852 Hz / (Tom: Lá): retornar a ordem espiritual. Conexão com a fonte.

Depois de duas horas entoando os tons das frequências na forma certa, ela descobriu que até poderia cantar, se continuasse treinando. Sentia-se uma cantora de ópera desafinada em treinamento. Sua voz era razoavelmente boa e com média potência. Particularmente identificou-se com o tom mi, na frequência de 528 Hz, a frequência do amor e da cura/transformação, acreditando ter a ver com a escolha da sua profissão: química e farmacologista.

"Estamos indo bem, agora vamos passar para a antiga linguagem de Enoch. Para este ponto, precisaremos usar a sua memória ao máximo e abertura para pronúncia de outras línguas." Mestre Germano pede que ela se sente em uma poltrona mais confortável, relaxando e prestando atenção, sem tentar entender as palavras que irá ouvir. Ela deveria apenas sentir as palavras e não esforçar-se em identificar o seu sentido. "As palavras por si só promovem uma codificação energética que deve ser recebida e nunca questionada." Somente após essa etapa é que passariam para o estudo mais profundo do significado. Ele começa a explicar, de forma randômica, pois sabia que Maya já tinha o conhecimento suficiente para bem acompanhá-lo.

"Estas palavras têm uma pulsação de energia. São sílabas-semente, formas-semente que são enviadas por um vórtice universal, sons de luz que se conectam ao sistema de inteligência ainda vigente para representar e canalizar o universo de luz e torná-lo materializado, presente na forma física. Como diz a Bíblia, o verbo que se fez carne.'"

Depois de horas de estudo, extremamente cansativas, entretanto cativantes, Maya foi introduzida a um novo mundo, o do poder da palavra falada. Várias eram as frases ou palavras que foram ensinadas, algumas pertencentes ao misticismo judaico. Estas foram as que ficaram mais fortemente fixadas em sua mente, e, entre elas, as que seguem abaixo a marcaram, sem

que pudesse realmente entender:

1. "EHYEH ASHER EHYEH" (hebraico): "Eu sou o que sou". Frase dita pelo Arcanjo Miguel a Moisés. Segundo o mestre Germano, ela provavelmente serviria para ativar a energia vril no momento de necessidade.
2. "KODOISH, KODOISH, KODOISH, ADONAI TSEBAYOTH (oração em hebraico): "Santo, Santo, Santo é o senhor das Hostes". Mestre Germano diz que serviria para ativar um estado maior de concentração e meditação, maior conexão com a fonte divina, para aplicar quando sentir necessidade de agir.
3. "AMEN-PTAH": uma das formas de representar o nome de Deus em egípcio antigo
4. "KUAN-YIN": representação da Mãe divina ou, ainda, personificação divina, em chinês.
5. "BUDDHA": representação do estado desperto da divindade em sânscrito.

Maya fica pensativa por alguns minutos e faz uma pergunta.

"Eu vou me sentir em uma igreja rezando, como sabe que estas palavras irão realmente me ajudar?! E como saber quando usá-las, qual a sequência?!"

"Maya, você saberá... Na hora certa... Saberá. Tudo o que precisa agora é conhecê-las. Elas precisam estar gravadas em você, em sua mente física. Quando chegar a hora, sua mente superior falará com sua mente física e como esta estará pronta, já que agora reconhecerá o input, poderá traduzi-lo. Ele está arquivado em você. Ele será identificado. Você então dirá as palavras e usará as frequências certas."

"Ai, ai, ai, novamente... Onde fui me meter?! Pode me explicar melhor essas palavras? Para mim, algumas eram nomes de pessoas, e não significados assim apresentados."

"Sim, Maya, eu entendo que é confuso. Elas são sílabas-semente, são chaves que ativam sequências. Por isso foram relacionadas a personalidades conhecidas, como Buddah. A pessoa que recebeu esta sílaba-semente não se chamava Buddah, chamava-se Príncipe Sidarta, ele foi chamado de "o Buddah", o desperto, o iluminado. Esta palavra é uma frequência e esta frequência ativa uma chave de forte conexão com a mente superior."

Maya respira fundo. Levanta-se da poltrona e dá uma volta pela sala, pensativa. Retorna em direção a ele.

"Pode me explicar mais, digo, por que tenho que usar um pouco de cada língua? Qual é a articulação entre elas, qual a ordem aqui implicada?!"

Mestre Germano, pacientemente, quer que ela compreenda o fato de não haver palavras ou frases para fazer entender este assunto. Trata-se de algo que deve ser compreendido interiormente, vindo direto de uma frequência superior, aquela que não pode ser traduzida em frequências mais baixas, mais densas, nessas em que habitamos. A compreensão tem que ser recebida mentalmente como por transferência, algo que Maya costumava chamar de "download dos céus". Precisamos de alguns arquivos para poder abrir o download enviado. Estes arquivos eram os estudos que ela estava fazendo e para o qual, há tempos, dedicava muitas horas por dia, motivada por algo que chamava de "intuição de ter que fazê-lo".

Ele continuou por mais algum tempo em treinamento. Pararam para comer rapidamente e continuaram. Ao se darem conta, eram cinco da tarde. Precisavam estar preparados. Em poucos minutos, a visitação a ilha terminaria e ela ficaria praticamente vazia. O iate voltaria para o lado de trás da ilha, o contrário da estrada de entrada e saída existente, a qual liga a pequena ilha à Nova Escócia e onde se localiza o poço. Provavelmente os vigias ficariam nesta entrada e eles poderiam aparecer sem grandes problemas. Assim que terminaram, mestre Germano quis abordar pontos, acreditando que poderiam ajudar a finalmente compreender a questão das palavras sagradas.

"A verdade da ordem implicada virá de dentro. A única certeza que tenho é que você saberá

quando e como fazer, na hora, confie. Eu me recordo de um trecho que estudei a respeito e ele dizia que o homem espiritual entenderá que esta rede (as ley lines) é formada pelas línguas que criam padrões de energia. Elas podem criar padrões energéticos, magnéticos horizontais, no caso das línguas chinesa e egípcia antiga, como padrões verticais, no caso da sânscrita e tibetana. Estes padrões constroem a rede e precisam de um ativador, o chamado vetor ativador, que é o hebraico. É por isso que todos os povos e religiões do mundo deveriam entender que nada são além de partes de um todo. Isso ajuda?"

Maya estava profundamente pensativa e, depois de alguns segundos, responde afirmativamente com a cabeça, continuando com a ruga na testa e com os olhos fixos em algum ponto invisível.

"Eu creio que explica sim. Creio que estou compreendendo. Pode deixar comigo. As coisas acontecerão e eu agirei."

Neste exato momento David entra. Ele havia passado o Aurora B. para o capitão Blake, agora bem descansado e disposto. Eles colocariam o barco em movimento, dando a volta em direção ao lado de trás da ilha, ficando no aguardo do momento certo.

"Maya, vamos tomar um banho relaxante, trocar nossas roupas, comer e, enfim, olhar para o céu, esperando uma dica. Aliás, enquanto eu estava lá em cima, eu percebi uma coisa, ou lembrei, sei lá, temos as principais estrelas das mais importantes constelações inspiradoras das civilizações antigas e mais marcantes da história para nos orientar. Elas estarão exatamente no centro do céu que veremos hoje, às sete. Eu sugiro que aproveitemos a luz de Aldebaran e as Híades, da constelação de Touro, relacionadas ao vril e seu gerador. As plêiades, relacionadas à iluminação de muitos povos, e o cinturão de Órion estarão nos acompanhando, da mesma forma que acompanharam e inspiraram os egípcios, maias e astecas a dar forma e alinhamento a suas maiores pirâmides, sem falar em Sirius, que estará majestosamente enorme ao lado de Capela, a qual, pelo mapa que consultei, será o ponto central para nossa orientação e localização em relação a outras estrelas e constelações. Não poderíamos ter um céu mais sugestivo e poderoso que esse. Ele estará assim até umas onze horas. A partir de então, começaremos a ter algumas energias favoráveis a menos. O que acham?"

Mestre Germano concorda imediatamente. Maya olha para o céu, saindo da sala de estar e segurando na grade externa do barco, mesmo com o sol ainda no horizonte e sem ver as estrelas. Ela retorna sem pressa, parecendo procurar uma resposta.

"David, pensando em tudo o que nos aconteceu até agora, se eu quiser ser lógica, diria: vamos embora. Sabendo que nada daqui se liga à lógica, pelo menos a conhecida por nós, e que há algo que nos enfiou nisso tudo", expira e inspira com intensidade, vagarosamente, *"após um, sei lá o que estamos fazendo por aqui...",* gesticula com os dedos das duas mãos, ao mesmo tempo, significando 'entre aspas', *acho ótima a sua sugestão. Que 'eles', 'sei lá quem'...",* gesticula da mesma forma, novamente, *"estejam presentes e nos ajudem. Vamos imaginar como se estivessem no Monte Olimpo e que assim nos vejam, inspirem e protejam. Vamos tomar um banho relaxante, bem quente, como você sugeriu!".*

O casal caminha de mãos dadas, com um perceptível ar de preocupação. Agora seria o momento pelo qual eles estavam esperando, e a total incerteza do que poderiam encontrar gerava um alto nível de ansiedade, que deveria ser controlada, para que pudessem raciocinar corretamente. Mestre Germano segue atrás, partilhando do mesmo sentimento.

35.

Próximo ao porto de Halifax, o iate dos irmãos Muller zarpava em direção a Oak Island. Dois homens, aparentando serem seguranças, entram em uma cabine, onde estavam presos um homem e uma mulher, ambos jovens. Eles estavam calmos, sem expressões faciais, colaborativos em tudo o que os homens ordenavam. São levados até a sala central do barco, onde os irmãos estavam na companhia de Miguel e da jovem sacerdotisa. Ao chegarem, andando de forma incerta e cambaleante, a sacerdotisa nota que apresentavam enormes olheiras, pupilas dilatadas e uma péssima aparência, no geral. Ela caminha até eles aparentando estar compadecida e ajuda a moça a se sentar no sofá.

"Eles não têm dormido e tampouco se alimentado, pela sua aparência. Quanto deram a eles das drogas?!", pergunta a sacerdotisa aos três homens.

"O suficiente para nos obedecerem e fazerem o que precisamos, até que sejam descartados. Segundo a lenda do poço, precisaremos que alguém morra para ter acesso aos tesouros, portanto, poderemos escolher qual deles morrerá e qual ficará por mais tempo. A mocinha é bem agradável, poderemos nos divertir com ela, antes de retirarmos todo o seu vril." Wolf Muller dá uma ampla gargalhada, acompanhado dos outros dois. A sacerdotisa contrai o rosto em sinal de nojo e em seguida olha para o casal, pensando em uma forma de poder libertá-los.

Wolf Muller se aproxima do rapaz, espalmando seu rosto, buscando despertá-lo do transe no qual se encontrava.

"Acorde, meu rapaz. Ouça o que eu vou lhe dizer e você fará tudo o que mandarmos. Precisamos de sua ajuda para obter algo muito importante."

Dr. Muller e Gerhardt dão as ordens ao velho estilo nazista. Em seguida, ele ordena que ambos comam o que lhes será servido na cabine, pois teriam que ter forças para executar os comandos.

"Mais uma coisa", diz Gerhard Muller, *"tomem banho, fiquem perfumados e com roupas limpas. Vocês estão fedendo!"*.

Eles são levados de volta para a cabine no momento em que o sol estava começando a se deitar no horizonte. A sacerdotisa olha para o céu e percebe o brilho dos primeiros astros a mostrar sua grandeza e importância. Ascendendo no horizonte, visualiza Vênus, e decide fazer um pedido de ajuda para este casal e para as pessoas do mundo, apartando-os do mal que estes loucos queriam causar. O poder que desejavam obter, o vril, não poderia ser usado para estes fins. Seu uso deve ser feito para o bem, para elevar as consciências dos seres adormecidos e diminuir o perigo das energias que devastavam o planeta, escravizando as nações pelos que declaram ter o seu domínio ou um poder bélico maior. Ela admira o brilho de Sirius, o qual, dentro de mais uma hora, teria a companhia de outras estrelas, além do planeta Júpiter. Se os grandes seres que construíram o mundo e as civilizações, antes dos tempos que nos recordamos, estivessem nos vendo, principalmente os que forneceram o conhecimento da magnífica energia vril, os mestres de Aldebaran, eles poderiam nos salvar! Ao ver a estrela, logo abaixo de Sirius e Capela, ela faria um pedido e seu próprio sacrifício pessoal, daria a vida para salvar este casal.

Antevendo as ações da moça, Wolgang Muller aproxima-se dela, agarrando-a de forma nada singela, por trás, levantando-a no ar, encaixando-a em sua pélvis, o que se traduzia em um ato

fácil, devido ao seu baixo peso proveniente de extrema magreza. Ele fala em seu ouvido: *"eu espero ver hoje um excelente trabalho. Você terá que tomar o lugar da Dra. Maya na hora certa, quando nós lhe ordenarmos, ela estará a ponto de ser morta e você deverá continuar o processo de acoplamento das chaves. Sabe o que lhe acontecerá se falhar... Mein lieber?!"*. Quase sem ar e contorcendo-se, ela responde: *"sim, eu sei. Não falharei"*. Ela se solta e caminha em direção à cabine. Ele grita de longe uma ordem.

"Vista a sua mais bela túnica, quero ver apenas cenas belas para a minha visão ser engrandecida! Hoje obterei o poder que o Fuhrer não conseguiu controlar. Eu sou maior que ele! Ele falhou e eu não falharei! A Sociedade Vril renascerá e eu serei o seu líder! Com este poder, nada e ninguém se oporá a mim!"

36.

Maya e David estavam prontos. Planejaram as roupas de forma a chamar menos atenção. Estavam vestidos com o mesmo estilo e funcionalidade, calça jeans, botas de cano médio à prova de água com solado emborrachado, do modelo tipicamente usado por pilotos de moto profissionais, camiseta de algodão de manga longa com gola, touca de lã escondendo o cabelo louro de Maya e jaqueta de couro. Tudo no tom preto. Ao se olharem, a tensão aumenta entre eles. Maya vai até sua bolsa e pega o gerador vril. No instante em que o toca, soa um solfeggio por três segundos em 528 Hz, e ela reconhece a nota mi. Segurando o aparelho na mão direita, ela olha para David e percebe haver recebido uma dica, seja de quem fosse, mas era uma grande dica.

Ela se lembra de mais um detalhe.

"David, eu trouxe um creme com o ativo da bidens para que sua pele não se queime com a luz, se ela aparecer. Passe no rosto e nas mãos, em toda área não protegida. Eu não preciso, pois a energia que jorra do gerador não me afeta, mas eu não quero deixar de ver o rosto do meu galã, assim, sempre perfeito e lindo."

Como sempre, quando ele ficava preocupado, pouco falava. Limitava-se a frases curtas e gestos faciais. Ele concorda, movimentando a cabeça em sentindo vertical e com rapidez, espalha o creme nas mãos, rosto, pescoço e orelhas ao mesmo tempo em que olhava pela janela.

"São quase sete horas. O iate está posicionado, temos que ir", exclama ele com ar sério.

"Como iremos até a ilha? De barquinho?"

"Não, chegaremos de forma mais tecnológica: com jet ski. Temos um modelo bem silencioso."

Maya sorri e expressa o que pensava.

"Além de bonito, você é sempre chique! Eu gosto disso!"

David pega uma pequena mochila e a coloca em suas costas. O gerador é guardado por Maya em um bolso lateral de sua jaqueta, com zíper.

Como ele continuava extremamente preocupado, o esforço dela em fazê-lo sorrir não funcionou exatamente da forma como desejava. Ele deu apenas o que poderia ser chamado de um esboço de sorriso.

"Vamos, Maya, chegou o momento de sabermos por que e para que estamos aqui."

Ao sair da cabine, eles descem uma escadinha. O jet ski Kawasaki Ultra 300X, preto e verde, os esperava. O capitão Blake os ajuda a subir, desejando boa sorte.

"Estarei no rádio o tempo todo e acompanhando com o binóculo infravermelho. Se algo acontecer, acionarei a marinha de Halifax. Mas espero que isso não seja necessário", diz o capitão Blake, nitidamente tenso.

Posicionados no jet ski, o casal se prepara para dar a partida. Mestre Germano ficaria no iate, pois um menor número de pessoas chamaria menos atenção. Eles acreditavam que se alguém fosse ver algo, as atenções seriam todas para o iate grande e bonito, ancorado a um quilômetro e meio do local. Como esta região apresentava normalmente passeios de iates e diversos tipos de embarcações, fora o estilo do barco, nada mais geraria desconfiança. A distância também era adequada à discrição necessária.

De cima do barco, vigiando a área da ilha escolhida para a invasão, mestre Germano usava

um binóculo potente, com visão noturna. Assegurando-se de que o caminho estava livre, acena, impulsionando os dois braços para frente, três vezes, significando que deveriam ir e, em seguida, com as duas mãos erguidas e paradas, fazendo o sinal de vitória.

Assim, o jet ski sai suavemente, deslizando por um mar praticamente sem ondas. David o pilota com baixa velocidade, fazendo menos barulho possível. Em poucos minutos chegam a uma lateral da ilha, a qual era um pouco arborizada e os camuflaria. O jet ski encalha facilmente em uma rampa de terra misturada com areia, adequada para descerem. Ele puxa o aparelho, um pouco para frente, prendendo-o, com segurança, a uma pequena coluna de concreto, destinada à amarração de embarcações. Eles descem e se introduzem no meio das árvores. Tirando o binóculo infravermelho da mochila, ele avalia o local do poço, o qual estava situado a poucas dezenas de metros do local. A noite era iluminada pelas estrelas e pela lua cheia. O céu estava completamente limpo e quase nenhuma iluminação artificial clareava o local. Havia apenas fracas lâmpadas de sinalização para a estradinha que dava a volta na ilha e levava para a ponte de ligação com o continente.

Maya repara no céu extremamente limpo, e, por alguns segundos, admira o brilho das estrelas que via. Ela reconhece a posição das principais e, pela fácil localização de Sirius, encontra o cinturão de Órion, em seguida, Aldebaran. Neste caso, ao fitá-la mais detalhadamente, ela acredita que a estrela piscou três vezes. *"Estranho. Ela falou comigo. Estou ficando maluca com esse estresse todo!"*

"Maya, vamos até o poço. Não há ninguém por aqui", diz David ao terminar de percorrer o terreno com o binóculo especial.

Eles caminham o mais rápido possível e chegam à entrada do poço. Ao lado dele, a poucos metros, ali estava o último carvalho da ilha, usado pela equipe de Francis Drake e John Dee, certamente, para descer o que quer que tenham colocado lá dentro. A árvore era frondosa, tinha uma majestosidade fora do normal, parecendo gerar uma tênue luz própria que sutilmente pairava sobre suas folhas. *"Talvez fosse apenas o efeito das luzes sobre a árvore"*, pensa Maya. Estimando o tempo de vida destas árvores, poderia ter alguns milênios e muita coisa para contar. O poço era um local fechado, tampado com tapumes de madeira, malcuidado, com muita terra jogada pelos lados, sem grama e várias cercas baixas de madeira, para manter o público fora do local escavado. Nada mais. Sem decorações, sem construções, nada além de grama, terra, pedras e um buraco coberto.

"E agora? Quero dizer, eu acho que tenho que pegar isto." Ela aponta para o bolso, sem tocá-lo. "E dizer as palavras mágicas. Me sinto como no livro do Harry Potter, eu poderia ser amiga da Hermione, com uma varinha diferente, e falando as palavras mágicas."

Ao contrário de David, o qual se calava quando em momentos tensos, Maya tinha muita vontade de falar, gerando assuntos com visões cômicas, o que fez com que ele, dado o momento, lançasse um olhar reprobatório e esperasse uma atitude mais séria dela. Ela percebe o problema, engole seco, abre o zíper esquerdo da jaqueta, pegando o gerador com a mão direita.

"OK, belezinha, vamos trabalhar", diz ao aparelho na mão direita.

No instante seguinte, olha para o céu e procura novamente a estrela que ela achava ter piscado. Encontra-a, mas não percebe nova comunicação visual. *"Acho que eles também ficaram bravos."*

Mudando a fisionomia do rosto e estampando um ar concentrado, focado no poço, ela pede a David que se afaste, ficando atrás dela, a muitos passos. Em seguida, posiciona o gerador na horizontal, mão para baixo, segurando-o na palma da mão direita, envolvido com os dedos anelar, médio e indicador. O polegar e o dedo mínimo abertos posicionam-se ao longo da coroa esquerda e direita, concomitantemente, como antenas. Ela respira fundo, abre um pouco as

pernas, relaxa os ombros, sentindo um incômodo, como se o gorro de lã impedisse a energia cósmica de tocá-la, retira a touca e a enfia no bolso da jaqueta, com a mão esquerda. Em seguida, ergue o braço direito para frente, mantendo o gerador na horizontal e pronuncia a palavra sagrada em sânscrito, own, na frequência de 396 Hz, em dó, sustentando-a por alguns segundos e repetindo três vezes. Respira fundo e pronuncia uma nova palavra com ênfase na pronúncia correta.

"LAY-OO-ESH." O gerador vibra, fazendo a mão de Maya tremer fortemente. Ela mantém a resolução de continuar, sem ser abalada, respirando profundamente, fecha os olhos e ergue a cabeça, como se estivesse escutando alguém falar com ela, e como se a voz viesse de cima. Ela pronuncia uma frase: *"KODOISH, KODOISH, KODOISH ADONAI TSEBAYOTH"*.

Um som bastante conhecido por ela, como o de um estalo, sai do gerador, o qual vibra mais suavemente, entretanto parecendo que continha algo dentro e que estava prestes a sair. De suas coroas situadas nas pontas do eixo, uma espécie de névoa eletrônica começa a se tornar visível. Maya abre os olhos e, ao ver este sinal, intui a sequência, a nota mi pronunciada em 528 Hz, ou o mais próximo dela, que ela conseguiria. Sua mente se distrai com o pensamento de agradecimento às aulas de música, particulares, que tinha tido em sua juventude. Retoma a concentração, afastando os pensamentos que a distraem. Neste mesmo instante, ela coloca o gerador na posição vertical, fechando o dedo indicador no nó do eixo central, mantendo abertos apenas os dedos mínimo e polegar, como se fizessem um sinal de ligação entre o céu e a terra. David e Maya olham para o céu e de repente uma coluna de luz azul turquesa, cercada por uma névoa eletrificada, desce em direção ao poço, atingindo antes o carvalho milenar que estava bem ao lado, com sua copa frondosa invadindo a área de passagem do raio. A árvore queima em uma chama azul que não emitia radiação infravermelha, portanto sem gerar calor, odor ou fumaça. Em menos de quinze segundos, ela desaparece por completo. Imediatamente após o carvalho desintegrar-se totalmente, o gerador vibra e, por conta própria, gera o som da mesma nota e frequência que Maya havia pronunciado, e, de tão perfeito, parecia vir direto das hostes angélicas. Agora notam que a coluna de luz azul era cercada por esta névoa de luz líquida, que começava a serpentear em torno da coluna, trazendo à mente a imagem do cajado de Hermes, o Enoch que se conheceu no Egito. *"Esta imagem não poderia vir com melhor assinatura! Certamente, era o lugar das chaves!"*, pensa Maya. Neste mesmo instante, o chão estremece, parecendo que algo abaixo de seus pés estava vindo à tona, a tampa de madeira do poço é jogada longe e, se havia terra e água ali, parecia haverem sumido. A coluna de luz serpenteada que penetrava no poço recebe uma contracoluna, com a mesma aparência, entretanto sem coloração, apresentando apenas luz cristalina. Os dois feixes de luzes se encontram e mantêm-se estáveis, a um metro acima da superfície, em que raios finos começam a desenhar formas geométricas, formando retângulos, quadrados, triângulos e estrelas de oito pontas em seu núcleo, finalmente se estabiliza na forma de um hipercubo, o qual inicia a sua rotação em sentido horário. O hipercubo parecia trazer a quarta dimensão da densidade de luz para a terceira. De repente, as imagens que se formavam, quando este rotacionava, começam a desaparecer e o cubo adquire, pouco a pouco, densidade com uma luz incrivelmente dourada, até que se apresenta com a aparência densa de uma arca dourada, com as dimensões de 1,52 m x 0,82 m x 0,82 m. Neste exato momento de solidez total, estando a um metro do solo, a luz que o sustentava desaparece bruscamente, adquirindo massa e recebendo a ação da gravidade, ele cai no chão, causando um estrondo tamanho que assustou Maya, a qual salta para trás, perto de David. Ele rapidamente a ampara para levantar, procurando pelo gerador, que ainda estava fortemente agarrado na mão dela. A arca dourada mantinha uma aura enevoada proveniente de uma indescritível luz azulada, visivelmente eletrificada e sutil.

“Tudo bem?!”, pergunta ele.

“Tudo... Nossa! O que foi isso?! Ele veio lá do fundo do poço, mas de outra dimensão. Pela imagem do hipercubo, estava em uma dimensão acima da nossa, agora entendi o porquê de usar as frequências.”

David pega uma potente lanterna em sua mochila e a focaliza na arca, tomando cuidado para não tocar nela, pois se recordava do que a Bíblia dizia sobre aqueles que tocavam a arca da aliança sem estarem preparados para isso. Ela sacode a poeira e se dirige para a arca. Tratava-se de um objeto grande, parecendo ser muito sólido e pesado. Aparentemente, ouro maciço e perfeitamente liso, polido e brilhante. Ao mesmo tempo, não apresentava nenhum local visível para abertura. David o percorre com a lanterna por todos os lados e não enxerga como poderia ser aberto.

“Parece sólido, sem aberturas. Alguma ideia?!”

“Sim, podemos derreter e ficaremos muito ricos, quero dizer, você já é rico, mas eu não.”

David olha para Maya com o mesmo olhar há pouco e ela entende novamente. Deveria conter os nervos.

37.

“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo.” Albert Einstein, físico.

A caixa dourada parecia impossível de ser aberta e, acima de tudo, pairava a dúvida sobre se isso era o que deveria acontecer.

“Talvez fosse sólida e a seguir se transformasse em algo... Nas chaves... Quem sabe no quê?!”, pensava David enquanto dava lentas voltas, agachado, procurando por uma pista ou lugar para abrir, controlando uma enorme vontade de tocá-la.

Maya observava o céu. Havia passado menos de vinte minutos desde a chegada à ilha, mas pareciam horas. Era uma estranha sensação. Ela se volta para ele, demonstrando feições de dúvida.

“Talvez eu possa...”

“Possa o quê, Dra. Maya?!”, pergunta Dr. Wolf Muller, empurrando Ana e Armando para sua frente, acompanhado do irmão e mais quatro homens armados, que correm para cercar os dois ao lado da arca dourada. Eles apareceram pelo mesmo caminho que haviam feito anteriormente e que camuflaria qualquer um que entrasse na ilha. No mesmo instante, David olha para o iate e vê que havia um segundo emparelhado ao dele.

“Eles estão bem acompanhados, não se preocupe, Sr. Bacon. Meus homens irão tratá-los bem, pelo menos, por enquanto. Eu resolvi trazer os seus amigos para a ilha, para visitá-los. Veja, eles estão bastante bem de saúde. Foram bem tratados, por enquanto...”

Wolf Muller solta uma gargalhada maligna que deixava clara as suas intenções e seu estado de loucura plena. David e Maya se entreolham. Ana e Armando pareciam desligados de si mesmos e de toda cena. Ela se preocupa com a amiga, dando alguns passos e indo até ela.

“Ana, Ana, acorde! fale comigo!”

“Eu estou acordada... Eu só estou... Sem forças... O que está acontecendo? Estou me sentindo mal, confusa”, responde vagarosamente Ana, com uma voz desanimada e sem energia.

David chama Armando, tentando verificar o seu estado geral.

“Armando?! Fale comigo!”

“Eu sei... Eu sei... Me pegaram, meu irmão... Eu não consigo reagir... Injetaram uma droga na gente! Eu não me lembro das coisas, como aconteceram, só sei que estou aqui. Estou confuso... Estou ferrado! Tá tudo rodando... Estou vendo coisas... Imagens, só coisas feias... Um monte de mulheres com cara de lagarto!”, responde Armando igualmente desanimado, tendo visões, sem força nas pernas, sentando-se no chão. Ao mesmo tempo, os dois irmãos Muller davam voltas em torno da arca dourada, examinando-a. Maya observava tudo e todos, com o gerador em suas mãos, sabendo que poderia fazer algo e intuía o que. Entretanto, ela sente que deveria esperar e que precisaria da moça, a sacerdotisa, a qual timidamente estava atrás dos homens dos Muller. Interessantemente, David recebe a mesma inspiração e entende. Vestida a caráter, trajando uma típica túnica branca para a cerimônia que teria que ocorrer na abertura da arca, a sacerdotisa

aguardava resignada.

David toma a frente da negociação inevitável.

"Olhem, vocês dois malucos querem obter alguma coisa que não sabem o que é, da mesma forma como nós. Estamos supondo o que seja, mas, na verdade, não sabemos quem colocou isso aí e, a julgar pela forma como saiu, não foram só os que a história conta como sendo os possíveis e prováveis responsáveis. Isso daqui é coisa perigosa, não é um jogo de poder. Portanto, se tem algo a ser feito, terá que ser juntando Maya e a moça lá de trás. Ela deve saber alguma coisa para ajudar."

Gerhardt Muller vai buscar a sacerdotisa e a traz forçadamente, pelo braço, com uma aparente demonstração de confrontação.

"Quer negociar, Sr. Bacon?! Aqui tem a nossa moça. Juntemos a sua e a nossa e veremos o que vai acontecer. Se vocês fizerem exatamente o que queremos, eles vão viver, caso contrário, os dois vão morrer. Tem que ver que lindo casalzinho apaixonado encontramos quando invadimos o apartamento do fortinho ali. Estavam tão entretidos na cama que nem perceberam que fizemos barulho para invadir. Que pena atrapalhar aquela cena!"

Por uma fração de segundos, Maya fica contente pela amiga. O nível de sarcasmo era enorme. Gerhardt aponta a pistola automática calibre 45 para a cabeça de Armando, ainda sentado no chão e totalmente apático em relação ao que acontecia.

"Se vocês não começarem exatamente agora, ele morre! E será apenas o primeiro, na sequência, vai a mocinha dele!"

David tem uma reação impetuosa, dá um passo à frente para avançar sobre Gerhardt, o qual nem desvia a arma de Armando e olha pra David com ar de deboche, já que havia quatro outros homens fazendo isso.

Maya o contém com um gesto e assume a liderança.

"Calma! Deixem eu e a minha amiga aqui trabalharmos. Nós precisamos de espaço. Vão todos para trás! Vários passos para trás! A energia de vocês atrapalha e muito!" Eles obedecem, inclusive David, que ampara Armando e Ana.

Ela se aproxima da sacerdotisa, já sabendo, devido à atitude que teve ao salvar Maria, que a pobre estaria do lado deles, os do bem. Ela fala baixo com a moça.

"Olhe, eu sei que você não faz parte disso por desejo próprio. Vamos juntas conseguir abrir o que tiver dentro da arca e depois veremos o que fazer para nos livrar dos malvados, OK?!"

A pálida e magra moça concorda com um movimento de cabeça e diz o que achava que deviam fazer. Elas conversam por cinco minutos, avaliando como fariam a abertura da arca, usando o conhecimento e a intuição que tinham.

"Eu recebi estas informações durante estados alterados de consciência. Foi-me dito que eu tenho que iniciar o processo e você terminar", diz a sacerdotisa.

"OK, me diga o que fazer." Maya reúne todas as suas forças e atenção ao que seria iniciado.

As moças se posicionam uma atrás da outra, caminhando vagarosamente, em volta da caixa dourada, vocalizando o solfeggio mi em 528 Hz. Ao terminar as sete voltas, elas se posicionam, cada qual em um lado da arca, sem tocá-la, e a sacerdotisa, que tinha uma boa entonação, próxima à de uma soprano, e extremamente mais potente que a de Maya, retira uma caixinha com diversos diapasões da túnica. Escolhendo um, bate-o em uma placa de madeira que trazia, entoando a nota Lá em 852 Hz. O diapasão que gerava exatamente esta frequência soou lindamente como um coral de anjos, juntando com a nota mantida pela voz dela. De repente, percebem uma modificação na aparência da parte superior da caixa. Ela parecia tentar erguer-se e um friso de luz acompanhava o que deveria ser uma fratura em formação. Tal qual uma soprano pode romper uma taça de cristal, o mesmo efeito foi conseguido no objeto à frente.

Maya abriu a boca, pela surpresa de ter sido a primeira a notar que a caixa dourada foi fraturada, como por mágica, após o surgimento de uma luz que lembrava um laser, cortando-a a vinte centímetros da superfície, perfilando o que seria uma tampa. Ao terminar o corte, a luz forte some, mas deixa uma discreta faixa iluminada, que desenhava o local da abertura da tampa. Frustrantemente, ela não se abre. Em um ímpeto, um dos quatro homens armados projeta-se até a caixa, enfiando as mãos na fissura gerada pela luz cortante, fazendo uma enorme força para abrir. Como nada acontecia, ele chama por ajuda, entretanto, em não mais que um segundo, recebe o impacto de uma energia de luz líquida, a qual entra em seu corpo pelas mãos, parecendo um emaranhado de teias iluminadas de aranha, desenhando-as na pele, incluindo seus olhos. O horror da cena é tamanho que todos se afastam. Ele fica pasmo, sem reação e sem dor, olhando para sua pele iluminada com a aparência de um circuito elétrico de luz polarizada, multicolorida. De repente, um solfeggio é ouvido, vindo de dentro da caixa. Sem tempo para reagir, Miguel desintegra-se, parecendo a explosão de uma supernova em bilhões ou trilhões de partículas de luz. Nada resta para contar a sua história. Ele simplesmente desapareceu. Todos ficam surpresos, mas a tristeza e a compaixão não fazia parte da cena. *"Um a menos"*, pensou alto David. No mesmo instante, Maya tem o impulso de posicionar o gerador com a mão direita estendida e mantém-no na posição vertical. Surpreendentemente, a luz enevoada que estava contida e estática dentro de suas coroas, desde alguns minutos atrás, escapa como se fosse fantasma sobrevoando a caixa, formatando-se em asas sólidas e douradas, cada qual com aproximadamente quarenta centímetros de largura por trinta de altura, as quais vão imediatamente se ligar à superfície da tampa, fazendo um barulho de engate ao se fundirem nela. Maya e a sacerdotisa se olham como perguntando-se o que deveriam fazer agora. Ela coloca novamente o gerador na posição vertical e diz as palavras, de sílabas-semente, que vieram à sua mente.

"AMEN-PTAH, KUAN YIN, BUDDHA, ZOHAR, ZOHAR, ZOHAR."

Como mágica, a tampa se ergue em alguns poucos centímetros, após um som de descompressão e um baque, aparentando que o que estivesse contido dentro da caixa ou arca não estava submetido ao peso implicado pela ação da força da gravidade e pela pressão atmosférica desta dimensão, até então. A tampa parecia estar totalmente ligada ao gerador, e Maya percebe que tinha o comando de seus movimentos, como se o aparelho em suas mãos fosse um controle remoto. Aparentemente, ele tinha se conectado ao sistema formado entre eles, como se estivessem utilizando um programa bluetooth. Ao tomar consciência disso, ela aponta o gerador para a tampa, mantendo-o na horizontal, e faz um movimento leve e suave para cima. A tampa ergue-se facilmente e ela a coloca no chão, sem problemas. Dentro da caixa, a luz existia, lembrando um sol central ali guardado.

"Mantenham-se de olho neles e ninguém se mova sem a minha ordem! Se o Sr. Bacon e seus amiguinhos se moverem, atirem para matar! Ninguém chega perto da arca, a não ser que eu mande! Mantenham vivas apenas estas duas!" Wolf Muller dava ordens com total histeria, a seus seguranças, apontando o dedo para Maya e a sacerdotisa.

Os dois irmãos estavam exultantes e completamente descontrolados. Eles acreditavam ter obtido o que nem por perto estaria pronto para ser entregue. Ao se aproximarem da caixa dourada, a luz de dentro se apaga por completo. Eles pedem que um dos seguranças ilumine a parte interna. Um dos homens pega uma lanterna do tipo farolete e a projeta dentro. Eles avistam duas caixas. Uma de tamanho maior, de madeira entalhada com símbolos desconhecidos por eles, medindo 40 cm x 40 cm x 50 cm de altura, aproximadamente, e outra, completamente lisa, sem nada escrito, parecendo ser de metal, algo similar a uma liga de alumínio, com um tamanho aproximado de 30 cm x 30 cm x 20 cm de altura. Eles abrem sem dificuldade a primeira e

encontram apenas papéis, deixando-a de lado. A segunda, de metal, parecia não ter forma de abrir, igualmente à arca, logo no início. Dr. Muller vira-se para Maya e ordena que ela a abra. Maya aponta o gerador na horizontal e faz um movimento para cima. A tampa se abre, mas desta vez, fica presa por uma ligação invisível, em apenas um dos lados. Dentro da caixa, havia pequenas peças de cristais piramidais extremamente cristalinas e reluzentes, igual ao que ela havia gerado com David, no quarto do apartamento. Ao contato da luz da lanterna, o reflexo era potencializado, gerando o efeito de circuitos elétricos extremamente finos, com espectro de luz fracionado mimetizando um intrincado emaranhado de arco-íris, os quais pareciam ser a massa interna destes cristais. Sessenta e três foram contados. David tinha o que completava o número sessenta e quatro, em seu bolso.

"Temos as chaves de Enoch! Temos o maior poder que um homem poderia obter na Terra!" , grita Dr. Muller a seu irmão Gerhardt. Ele se volta para as duas moças e as ameaça.

"Agora vocês vão ativar as chaves para mim. Ativem agora ou vão ver seus amiguinhos morrer!"

"Isso não é possível", diz Maya.

“Não temos como ativá-las aqui. Não é local”, afirma Maya, olhando para David de forma que ele entendesse que *“a cavalaria havia chegado”.*

“Parados! Se alguém se mover, morre!”, grita o capitão Blake, acompanhado de mestre Germano, fingindo estarem armados, empunhando pistolas acopladas a laser marcador de alvo. O laser de suas armas apontava, randomicamente, para as cabeças dos três homens armados. Os irmãos Muller, em sua ânsia pela arca, haviam deixado as armas no chão. Wolfgang se atira para pegar um dos revólveres, jogando-o para seu irmão, e, em seguida, tenta carregar a caixa com os cristais. No mesmo instante, Maya percebe que Gerhardt apontava para David, com intenção de atirar, e com um golpe de braço nas costas, derruba-o, fazendo com que o tiro acerte o chão. Um novo golpe nas costas, caindo sobre ele com força e com o auxílio do peso de seu corpo, aplicado com o cotovelo em ponta, faz ele desfalecer. Com extrema agilidade, David ataca um dos seguranças, com um golpe de caratê, colocando-o imediatamente a nocaute, virando-se para o outro e conseguindo o mesmo feito. Velozmente, retorna sua atenção para o terceiro segurança, que estava atirando nos que chegaram, e girando no ar, com um golpe de perna, lança-o ao chão, mas como este fez menção de erguer-se, aplica um novo chute na cabeça, agora sim, deixando-o completamente desfalecido. Wolfgang Muller desiste de tentar arrastar a caixa com os cristais e tem uma arma apontada para sua cabeça, por Maya. O capitão Blake e mestre Germano saem do esconderijo detrás das árvores, onde estavam e vão em direção a Maya e David, carregando a “sua potente pistola de sinalização com laser”. Blake e mestre Germano amarram os pés e mãos dos homens desfalecidos e dos dois irmãos, com fita-crepe grossa, tirada da mochila de Blake, enquanto David mantém um revólver apontado. Wolfgang Muller desferia verbalmente uma série de ameaças à vida deles, até que Blake, em estado de enorme prazer, tampa a sua boca com uma fita-crepe bem grande, dando a volta na cabeça, garantindo que ficasse bem firme.

“Cale a boca, seu velho imbecil!”, diz Blake revoltado.

“Olha, nunca pensei que estes revólveres poderiam ter outra utilidade”, diz mestre Germano, francamente em tom de sátira, já que não tinham bala alguma neste tipo de arma destinada a ativar a visualização no céu para resgate, em caso de emergência.

“Isso foi genial! Blake e Germano, muito obrigado, sem vocês, acredito que estaríamos bem mais complicados ou mortos! Chegaram na hora certa e desviaram a atenção!”, diz David.

“Complicados estão estes daqui. Veja, o barco deles deu no pé”, diz o capitão Blake. O navio dos Muller zarpou, prevendo que seriam interceptados. Talvez voltassem, mas eles teriam tempo para sair bem na frente, sem considerar o fato de que o iate de David era mais potente.

A mesma fita-crepe foi colocada em todos que ficaram deitados de bruços, na boca, nos pés e nas mãos atadas por trás das costas, sem a mínima condição de fuga.

Ana e Armando estavam no local e, da mesma forma como chegaram, ou seja, ar de perdidos, calmos e com mínimas reações.

“O que vamos fazer com esses malucos?!”, pergunta o capitão Blake, apontando para os que estavam atados, entre desmaiados e não.

"Eu darei uma série de telefonemas lá do barco e tudo ficará resolvido. Diremos que eles tentaram roubar o poço e que foram detidos durante a noite, heroicamente por um grupo anônimo." Mestre Germano parecia satisfeito em usar o poder dos seus telefonemas, os quais eram sempre bem-vindos.

"Tem algum desses caras no iate ainda?!"

"Não, David, na verdade, fomos dominados na surpresa. Dois homens vieram a bordo, do outro iate, e nos surpreenderam quando estávamos acompanhando vocês na ilha, com os binóculos. Foi no mesmo momento em que vocês foram abordados. Eles nos renderam, mas quando tivemos uma chance, consegui me soltar e pegar os dois, com a ajuda do Germano. Eles acabaram saltando no mar e nadando, eu presumo, para o barco deles. Foi nesse momento que vimos que vocês precisavam de ajuda e viemos para a ilha, usando um bote pequeno inflável, sem motor e com remos, para não sermos ouvidos. Deixamos William no barco, porque sabe dar partida e manter o barco navegando em águas mais calmas, caso necessário. Ele ficou de alerta. A partir de então, foi questão de minutos para o barco deles dar no pé... Excelente equipe!"

"OK, entendo e obrigado por tudo. A questão agora é o que faremos com as caixas e, a questão mais difícil, a arca dourada", diz David.

Neste instante, com ar provocativo, Maya olha para a arca e para o gerador vril.

"Se saiu, tem que entrar. Por outro lado, se for de ouro, podemos fazer muito dinheiro com isso. O que acham?"

"Alguma chance de esta ser a arca da aliança da Bíblia?!", pergunta mestre Germano.

Todos se olham e o silêncio impera. Maya dá sua opinião.

"Eu creio que podemos chamá-la de prima mais nova da arca da Bíblia. Eu acredito que pode ter sido feita pelos que fizeram aquela, e seguiu a mesma configuração. A melhor conclusão que posso chegar é a de que, se o povo que fez esta arca não é o mesmo que fez a descrita na Bíblia, ela usa nitidamente a mesma tecnologia. Pelo visto, o objetivo destes objetos é guardar coisas sagradas ou perigosas, dependendo do ponto de vista. Falando sério, não posso dizer que não seja, entretanto, após tê-la aberto, muitas imagens vieram até mim e uma delas é a de que Francis Bacon e Walter Raleigh tiveram a ideia de colocar as pedras nela... Que ainda não sabemos exatamente o que são... Mas são sessenta e quatro! Coincidentemente, portanto, considerando o que a história diz, John Dee, com seu conhecimento de Enoch, pode ter trazido isto do outro lado, de uma outra dimensão ou paralelo, e não conseguiu levar de volta, portanto, trouxe para cá. O motivo de ser aqui é que me intriga. Só explico pelo alinhamento e pelas energias que envolvem isso, incluindo vórtices."

"Bom, se ficar aí enterrado, não vai servir pra nada. Então vamos carregar e decidir depois o que fazer", diz mestre Germano.

"OK, combinado! Vamos levá-la." David hesita: *"Como?!"*.

"Esqueceu que eu tenho o controle remoto?!", lembra Maya, de forma alegre, chacoalhando no ar o gerador vril.

A arca é então erguida pelo campo magnético criado entre o gerador vril e ela, sendo guiada diretamente até o iate, onde foi depositada, sem problemas.

Retomando o jet ski, David levou o capitão Drake para o iate, o qual preparou rapidamente o barco de salvamento, para buscar mais pessoas. Este voltou com o barquinho motorizado, que comportava seis a sete pessoas por vez. Maya teve a carona de David com o jet ski. Ana, Armando, a sacerdotisa e mestre Germano voltaram com o capitão Blake.

2H.

O Aurora Borealis se afasta de Oak Island levando a salvo todos os seus ocupantes e acomodando as novas visitas, juntamente com o tesouro não completamente desvendado. O capitão Drake combinou com David que conduziria o Aurora B. pelas próximas horas, enquanto ele deveria descansar. Seria difícil, após tantas emoções, e mais ainda, prevendo as que ainda estavam por vir.

Na sala de estar.

Armando e Ana precisavam de cuidados especiais. Eles começavam a recobrar os sentidos e o autocontrole, devido ao tempo de ação das drogas. Entretanto, para acelerar o processo, Maya estava preparada, imaginando que em algum momento, poderia precisar da administração de fisostigmina injetável, um antídoto para alcaloides da beladona. Em alguns minutos fez efeito, trazendo os bons amigos de volta a seu controle pessoal. Foi fácil perceber quando o antídoto atingiu seu limiar. Ana começou a falar sem parar, tentando entender o que havia ocorrido. Um processo de efeito colateral foi imediatamente instalado no casal, pinicamento, ardência e coceiras por todo corpo os enlouquecia, mas não eram de alta gravidade, dado o tempo em que estariam ativas, de trinta a quarenta minutos.

Após todos terem se alimentado com sanduíches leves e algumas frutas que William preparou às pressas, novas ansiedades e dúvidas apareceram.

Retornando da cabine de comando, David se junta ao grupo.

"O que vamos fazer agora? Para onde vamos?!", pergunta Armando, nitidamente restabelecido.

"Estamos indo para a latitude 29º 16' 30'' N e longitude 94º 50' 59'' W" , responde David, aparentando ar misterioso.

"O quê?! Onde é isso?!", questiona Armando, completamente pasmo.

"São as coordenadas do Complexo Moody, no Texas, onde será o nosso ponto de ancoragem das chaves de Enoch."

"Qual local?", pergunta novamente Armando, com cara de perdido.

"Vamos falar sobre isso amanhã, após o café. Temos muitas horas pela frente até chegarmos. Portanto, fiquem tranquilos. Vamos parar novamente em Boston, no mesmo local de onde saímos, devido às facilidades de compras e serviços, para adquirir mantimentos e cuidar do barco, arranjar roupas e tudo mais. No próprio porto existe um complexo de lojas, não muito longe, em que poderemos comprar de tudo. Mas, pensando melhor, para não perder tempo, vou pedir para o meu irmão ajudar com as compras. A esposa dele poderá comprar as roupas para as moças. Apenas anotem os tamanhos e o que vão precisar, em um papel, que eu falarei com ele pelo rádio. O tamanho do Armando é fácil, dois a mais que o meu." David tinha um caderninho de anotações e o passava a Maya, neste momento.

"Tá me chamando de gordo?! É porque eu sou mais baixo que você e dois números maior. Tô gordo!", de forma hilária, Armando olhava para baixo, examinando sua barriga. Inevitavelmente, a diversão foi geral. Em seguida, cada qual anota o que precisaria. Maya

observava alegremente que a forma como ele estava falando era muito parecida com o seu próprio jeito de ser. Em seguida, ela se lembra de alguns itens importantes e os anota no caderninho.

"Ah, me dá aqui a lista novamente. Pessoal, além de roupas normais, vamos precisar das de banho, protetor solar, desodorante, produtos para banho. Estou completando a lista, se alguém lembrar algo, diga." David terminava a lista.

Neste mesmo instante, notaram que a sacerdotisa estava completamente muda, sem fala e que quase nada havia comido. Maya se levanta da mesa para sentar-se ao lado dela.

"Oi, desculpe-me, foram muitas aventuras e todos ficamos confusos, eu sei, qual o seu nome? Acho que vamos passar algum tempo juntas e é bom a gente, enfim, se apresentar."

A delicada moça dá um meio-sorriso, põe-se ereta na cadeira e respira profundamente para reunir energias.

"Meu nome é Gabriela. Eu e a minha irmã gêmea fomos adotadas pelo Dr. Muller quando éramos adolescentes. Minha irmã morreu devido ao abuso das drogas que nos davam para as cerimônias do vril e por ela não mais conseguir se alimentar, o que está começando a acontecer comigo."

Maya já sabia da história da moça, pois ela havia contado a Maria, quando a salvara.

"É, Maria nos contou, e é por isso mesmo que sabíamos poder contar com você, como ficou, mais do que nunca, comprovado. Olhe, sobre estes efeitos colaterais que mencionou, posso dizer que, a partir do momento que fica longe deste tipo de droga, o seu efeito vai se perdendo. Você não sentirá dependência. Será algo que conseguirá vencer, com toda a nossa ajuda e sempre que precisar, sentindo-se fraca e talvez deprimida, eu tenho uma grande solução: coma chocolate! Ele vai te ajudar a vencer os momentos em que se sentir esquisita. Bom, chocolate é também uma droga, mas do bem, vamos assim considerar por conveniência. O único efeito colateral que vai apresentar é aumentar o seu manequim, o que, no seu caso, será bem-vindo! Confesso que esse é o meu vício, e o David sabendo disso, encomendou para a viagem uma absurda quantidade de chocolates maravilhosos, ao leite, com castanhas. A gente pode engordar juntas!" Elas sorriem uma para outra. Maya havia conseguido fazê-la sair da tristeza em que se encontrava. *"Mas no meu caso, mudar de manequim não é uma boa, já que estou no limite, como me dizem as minhas calças! Falando sério, vou emprestar umas roupas para você e a Ana, vão ficar grandes para as duas, talvez os vestidos caiam melhor, até que consigamos comprar roupas para vocês. Coma o máximo que conseguir. Faça um esforço. Em seguida, iremos descansar. Vamos arrumar um lugar para vocês descansarem."*

Mestre Germano, que ouvia a conversa, como todos, oferece a sua cabine a ela, já que a terceira ficaria com Ana e Armando e na quarta estavam acomodados o capitão Blake e William.

"Eu ficarei muitíssimo confortável neste maravilhoso sofá. Ele é muito bom para dormir e terei o prazer de ver o mar e a paisagem com todo o seu resplendor! Faço questão!"

David agradece a gentileza de Germano, indo até ele e dando um tapinha carinhoso no braço.

"Conseguiu falar com as pessoas que conhece sobre os Muller e o tema da invasão?"

"Sim, David, eu falei o que precisava. Temos muita confiança entre nós. Meus amigos de longa data. Eu estou certo de que, se não puderem mantê-los presos por mais de vinte e quatro horas, até que paguem a fiança por invasão de propriedade alheia, tentarão criar algum problema para evitar que saiam tão cedo. Se ganharmos trinta e seis horas na frente, talvez seja o suficiente. De qualquer forma, como eles vão saber onde nos encontrar?! Sem a Gabriela, eles não têm outra pessoa sensitiva, ou têm?!" Mestre Germano demonstra, como sempre, ser um bom detalhista.

David pensa por alguns instantes e, em seguida, continua a conversa.

"Até onde sabemos, e pelo que disse a sacerdo... Digo, Gabriela, seriam ela e a irmã falecida. A irmã tinha maior capacidade mediúnica que Gabriela, dito por ela mesma. A questão é perguntarmos amanhã sobre isso. É algo importante a ser esmiuçado", responde David, com ar preocupado, *"seria bom encaixotarmos a arca. Vou pedir isso para meu irmão também. Madeira e pregos para montarmos um revestimento. Passarei as proporções"*.

"Tenho um conselho", sugere Armando a David, *"em vez de falar pelo rádio, pois a conversa é facilmente rastreável, fale pelo computador, via Skype, por exemplo. Crie uma nova conta, com um nome bem diferente, e localize seu irmão. Tudo pode ser interceptável, mas assim é mais seguro"*.

"OK, de acordo! Tem toda razão. Vou fazer isso da cabine, meu notebook está lá. Venham, vou pegar alguns lençóis, cobertores e travesseiros, para que vocês tenham bons sonhos", concorda David com ênfase.

"Meu caro David, da forma como estou, tomo um banho e me jogo neste sofá por pelo menos seis horas, não há dúvida quanto a isso!", completa o mestre Germano.

40.

"Eu diria que no meu trabalho científico e filosófico, a minha principal preocupação tem sido com a compreensão da natureza da realidade em geral e da consciência, em particular como um todo coerente, que nunca é estática ou completa, mas que é um processo interminável de movimento e desdobramento."
David Bohm, físico.

3H. NO QUARTO DO CASAL.

Após um bom banho, Maya secava com rapidez os cabelos louros e curtos. Ao mesmo tempo, David aproveitou para conversar com Solomon, seu irmão, via Skype, ouvindo o barulho do chuveiro e, agora, do secador de cabelos. Ele tomou o cuidado de não dizer nada do que aconteceu em detalhes, limitando-se à conversa vaga, sabendo que Solomon entenderia tudo muito bem e que esperaria para encontrá-lo, quando, então, seria informado dos detalhes. Assim tudo ficou acertado, e quando chegassem ao porto de Boston, em não mais do que duas horas, o iate estaria pronto para zarpar diretamente para a próxima viagem.

Maya sai do banheiro de camisola, ajeitando ao mesmo tempo os cabelos com as mãos e os óculos para poder ver o ambiente. David se levanta para tomar a sua ducha, que, como todo homem, seria bem mais rápida do que a dela. Assim que ele entra, ela aproveita a internet do notebook que estava disponível para pesquisar alguns pontos ainda vagos em sua mente.

Quando David retorna, bocejando, ela, sem olhar para trás menciona o que tinha concluído.

"É lá mesmo! Eu pensei que pudesse estar enganada. Existem vários locais possíveis para fazermos esta ativação. Eu fiquei confusa por causa de um livro que li, escrito por James Tyberonn, "A Alquimia da Ascensão", maravilhoso, e que mencionava as diversas áreas com cristais atlantes sendo ativados na Terra, uma delas é no Brasil. Pensei que pudesse estar enganada e que deveria ser lá, creio que até pode ser, mas o local é praticamente inacessível devido a tantas ONGs estrangeiras que dominam a região. Os brasileiros mesmo não têm como transitar por lá. Quem tem trânsito livre é estrangeiro. Há a extração ilegal de ouro e diamantes e isso sai do Brasil para fora, sem dar notícias. É um tráfico que não tem controle. E seria extremamente perigoso irmos lá."

David estava exausto, mesmo assim, pacientemente, senta-se na poltrona ao lado dela e espera pelo que viria.

"Então... Continue..."

"Eu me refiro a Tucumaque no Brasil, ou Serra do Tucumaque", ela aponta para a tela do computador e ele acompanha as imagens e sua narrativa. *"Pode ser chamada também de 'Tumuk Humak', fica próximo à Cordilheira do Planalto das Guianas, estendendo-se por trezentos e vinte quilômetros. Seria difícil achar o local exato do grande cristal, na linguagem dos povos aparaí e uaianas que habitam este local, Tumucumaque significa 'a pedra da montanha'. Por acaso, combina com a história. Durante os minutos que aquela luz azul veio do nada, do céu e penetrou o poço, uma série de imagens foram passadas para mim. Pareciam ser possibilidades de locais para*

ativar as chaves e eu teria que escolher o mais adequado, ou mais acessível, neste momento. É o que estou fazendo, tirando a dúvida. Logicamente, pela nossa posição atual, aqui nos Estados Unidos, seria mais fácil e rápido. Realmente, estando de barco e já a caminho, o local certo é o que estamos indo. Caso algo dê errado, ainda temos uma segunda chance: as cavernas de cristais de Naica, próximo à cidade de Chihuahua, no México. É a maior reserva de cristais gigantes a ser ainda ativada. Talvez com o que iremos fazer, consigamos atingi-la."

David se levanta e gentilmente pega Maya pela cintura, fazendo-a levantar-se. Ele a abraça ao mesmo tempo em que baixa a tela do computador, conduzindo-a para a cama.

"Vamos dormir, princesa. Eu preciso acordar em três horas para pilotar o barco. Não queremos que Blake durma enquanto faz isso."

"Claro, desculpe. Coitadinho. Vamos dormir agora mesmo!"

Eles se deitam de lado, encaixados em formato de concha, Maya na frente de David, o qual a apertava contra sua pélvis.

"Pode parar, garanhão! Você tem que dormir! Eu não quero acabar como uma tripulante do Titanic! Vai para lá! Para o outro lado da cama!"

David se vira para o lado oposto, rindo, realmente divertindo-se e esquecendo a tensão na qual estavam. Adormece imediatamente.

8H.

Um dia verdadeiramente lindo. O mar iluminado refletia uma cor verde indescritível. Maya sobe para a cabine de comando à procura de David, com uma bandeja de café com leite, suco de laranja, frutas e um sanduíche na chapa de queijo branco. Quando ele a vê, sorri e se espreguiça.

"Nossa, que sono! Acho que vou desmaiar na cama assim que o Blake vier!"

"Nem vi quando você saiu. Deve ter ido na ponta dos pés, pois eu com meu sono leve não acordei!"

Maya posiciona a bandeja em uma mesinha de apoio, ao lado, enquanto David coloca o barco em piloto automático. Ele se senta no sofá próximo ao leme, mantendo a visão do mar à sua frente, saboreando o café da manhã, enquanto ela massageia seus ombros.

"Você não acordou, pois quando saí, estava roncando e bem alto!"

Ela o belisca no meio da massagem e ele derruba um pouco do café da xícara, caindo sobre a bandeja.

"Ai!"

"Mentiroso! Eu não ronco!"

Ele dá um sorriso maroto, tira do bolso o iPhone e pressiona o aplicativo de gravação. O que foi ouvido era algo bastante parecido com o som de um roncar de mediana altura.

"Isso não vale! Uma dama não ronca!" Maya continua dando beliscadinhas sensuais em David, o qual tenta desviar, mantendo um sorriso irônico.

"Essa dama ronca. Mas na verdade, foi a primeira vez que eu percebi. Devem ter sido os cristais. Aquela energia toda deve ter reprogramado seu potencial de ronco."

Diverte-se ele com a irritação que ela demonstrava.

"Ah, é?! Então é bom os próximos encontros com os cristais consertarem, senão você terá que ficar com esses roncos por mais tempo e vai ter que dormir com tampão de orelha! Ou sempre em outro quarto!"

Ele afasta a bandeja para não causar acidentes e a faz sentar em seu colo, terminando com um beijo. Neste exato momento, Armando sobe e os encontra aos beijos, tentando não estorvar, dando passos para trás.

"Eu já te vi, Armando! Pode vir! Eu vou deixar vocês aqui, pois estou morrendo de fome, preciso do meu café da manhã! Faça companhia para o David. Ele está com muito sono. Assim o manterá entretido."

Armando parecia incomodado com a roupa apertada, uma calça jeans com camisa polo e blusa de lã, dando sinal de estar no limite do estiramento. Ele puxava as roupas de um lado para outro, na esperança de um melhor caimento.

"Calma, amigo, dentro de algumas horas você vai usar roupas do seu tamanho! Como foi a noite? Você e a Ana..."

"Olha, essa noite a gente apagou, mas logo pela manhã... Ããhhhh... Ela realmente é o meu perfil de mulher! Acho que estou me amarrando cara!"

David dá a última mordida em seu sanduíche, toma o resto do suco de laranja, pega algumas

uvas verdes, levanta e senta-se ao leme. Armando acomoda-se no sofá que tinha ao seu lado.

"Olha, Armando, eu espero que desta vez o teu pânico de relacionamento não seja um empecilho. Se a Ana for metade do que a Maya é, valerá muito a pena e... Vamos falar sério... Acho que já percebeu que ela é bonita e inteligente também. E do lado dela? O que acha que ela sente? Como ela está com você?"

"Nossa... É demais! A gente ficou sozinho no meu apartamento e no primeiro dia tudo bem, fiquei firme, na minha, fui gentil e tal. Mas no segundo dia, ela apareceu toda sexy e percebi que queríamos as mesmas coisas, ou seja, um ao outro. Então, ninguém se segurou. Foi um clima total! É, acho que ela me pegou sim, mas não vou me precipitar até ter certeza de que eu quero um relacionamento para valer!"

"OK, amigo, fique tranquilo. Deixe a coisa acontecer."

"E você e a Maya? Parece que já são até casados. Sabe, aquela coisa de dois virarem um só... É o que dá para perceber com vocês dois", Armando se expressa fazendo ginga com o corpo.

David dá um suspiro com enorme profundidade e olha para Armando.

"Eu sou o homem mais feliz do mundo! Ela é única... Nunca imaginei que encontraria alguém como ela."

Armando adquire um ar pensativo, mirando o mar à sua frente devido à frase dita pelo amigo, e o motivo era, na verdade, que estava na hora de ele mudar a forma como encarava a vida. Percebia em David uma plenitude que nunca havia dado conta de sua existência. Certamente, ele deveria dar uma chance para o seu relacionamento chegar a esse nível de completeza.

"David, o que vamos fazer agora? Quanto tempo levaremos até chegar lá em Galveston?"

"Teremos mais de três dias para discutir um bom plano. Mas... Você e a Ana vão ficar em Boston. Meu irmão vai colocar vocês dois em um avião para São Paulo, assim que forem até a embaixada para pegarem seus passaportes."

Armando se levanta do sofá ao lado da cadeira de piloto, onde David estava, de maneira um pouco alterada.

"Não, não! Nada disso! Nós viemos até aqui, a coisa rolou, me meti também e, portanto, vamos voltar todos juntos ao Brasil! Eu já pedi para pegarem o meu passaporte e um cartão de crédito, e a Ana também, e colocarem via DHL. As nossas carteiras e documentos ficaram no apartamento portanto não serei parado pela polícia. Eles vão ser entregues ao Solomon ainda hoje e ele disse que daria um jeito de recebermos nas paradas em algum ponto da Flórida ou mesmo em Galveston. Era só você informar onde será o lugar que ele enviará um portador. Vocês se falam por Skype, então vai dar certo. Não quero ser abordado pela polícia e estar sem documentos."

"Quando falou com ele?!", David fica confuso.

"Eu entrei no seu quarto, logo cedo, acompanhando a Ana, e a Maya disse que eu poderia... Então o chamei pelo Skype e pedi que me ajudasse... Somos como irmãos, nós três, certo?!"

David balança a cabeça afirmativamente, sem hesitar.

"Vocês dois têm visto válido?!"

"Eu tenho e o passaporte da Ana é da comunidade europeia. O pai dela é italiano. Deve ser por isso que é tão quente! Uau!" Armando passa as mãos pelo rosto expressando um prazer enorme. David gargalha ao ver a cena, em seguida, pega um mapa e o mostra a Armando, apoiando-o na mesinha.

"Veja, iremos descendo pela costa, faremos mais três paradas, uma no começo, na região próxima a Baltimore. Será rápida, para abastecimento e verificações de segurança no iate. Outra em Key West. E a terceira, próximo a New Orleans. Ainda estou calculando e irei definir melhor junto com o Blake. Em Key West, no Estado da Flórida, em direção ao Sul do continente e nas

proximidades da região do Triângulo das Bermudas, teremos a chance de nadar com golfinhos. É algo que eu sempre quis fazer e creio que a Maya irá apreciar. A sensibilidade dela é muito grande e este contato com estes alienígenas benignos pode ser revelador para nós."

Armando fica com cara de quem está perdido na conversa.

"Eu não entendi..."

"OK, vou tentar melhorar o que eu quero dizer e você irá entender. A Maya tem a capacidade de se conectar a novos padrões, sejam lá quais forem. Eu também tenho, mas a capacidade dela ainda é diferente e ocorre mais facilmente. Ela não precisa fazer esforço e meditar para que isso aconteça. É sutil e imediato. Vamos entender isso como sendo uma das diversas formas de expressar o Universo por meio de frequências. No mundo animal, os golfinhos são uma representação desta capacidade. Segundo muitos espiritualistas, médiuns, canais, etc. estes seres foram trazidos por extraterrestres da região onde quase tudo acontece, ou aconteceu aqui na Terra, Sirius B, e colocados aqui no planeta para nos ajudar na grade planetária, construindo frequências no universo físico aquático. Eu sei que parece confuso, mas poderá ficar mais fácil se passar pela experiência. Eu imaginava que seria muito bom nadar com os golfinhos, totalmente submerso e deixar mesmo, permitir, que essa conexão de estabeleça. Como tudo acabou virando de ponta cabeça em nossas vidas, e de repente estamos indo em direção à Flórida, contornando pela região de Key West, vamos encontrá-los e ver se eles querem falar conosco!"

"Quer dizer que os golfinhos são extraterrestres!?", questiona Armando incrédulo.

"São atualmente terrestres, pois moram aqui há muito tempo, mas alienígenas. A diferença de um alienígena e um extraterrestre é o fato de termos ou não material genético deles em nós. Nesse caso, não temos, portanto são alienígenas que vivem na Terra há milênios: terrestres, como outros cetáceos também."

Armando senta novamente.

"Às vezes, eu acho que você é doido! Mas depois de ver com os meus próprios olhos tudo o que já vivenciei com você, devo aceitar que há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a minha vã filosofia. Uma frase já meio batida, mas que sempre funciona em uma hora destas."

Os dois riem descompromissadamente e continuam conversando por várias horas, até que o capitão Blake, refeito, assume novamente o comando.

42.

18H. CONSTITUTION MARINA, BOSTON, MA.

O Aurora B. atracou convenientemente em um local onde Solomon esperava por David com três homens. Dois caminhões de pequeno porte haviam trazido tudo o que era necessário. Separaram uma mala para cada pessoa, com os pertences solicitados e adequados a cada um, incluindo várias caixas de alimentos e água mineral. Enquanto tudo subia a bordo, o pessoal da marina cuidava do iate fazendo limpeza, checagem de combustível, motor, testavam equipamentos e avaliavam o casco.

Maya e David estavam com Solomon, acompanhando as duas SUVs serem descarregadas.

"Minha esposa comprou o que pediram para as moças e separou direitinho nas malas. Tomamos a liberdade de mandar lavar as roupas novas, assim estão em estado ideal de uso. Espero que sirvam. Como eu conheço bem o Armando, não foi difícil acertar o que ele necessitava. Incluí, para todos, roupas adequadas ao calor do Texas. Bom, temos tempo. Que tal me darem o prazer de comermos juntos? Tem um restaurante bem aqui, a dois minutos a pé", convida Solomon educadamente.

David passa a mão esquerda pelos cabelos, de frente para trás, de forma pensativa e se vira para o iate, um tanto receoso.

"Eu acho que não devemos deixar as coisas que trouxemos assim, sem ninguém nosso para vigiar. O Armando saiu para dar uma volta com a Ana e comprar coisas que ela queria. Mestre Germano está lá dentro apenas com a sacerdotisa, a Gabriela, que eu te falei por cima."

"Oh, nossa! Como é que eu fui me esquecer disso! Podemos deixar os rapazes aqui de vigia, mas mesmo assim, acho que não é adequado deixá-los totalmente a sós, por mais treinados que sejam." Os dois auxiliares que ele havia trazido eram, na verdade, seguranças profissionais, armados, para manter a vigília enquanto o barco estivesse na marina. *"É melhor entrarmos, assim que terminarem a descarga do material. Conversaremos mais seguramente lá dentro, quero saber, afinal, o que é que vocês acharam!"*

Enquanto o chef William colocava os mantimentos em seus armários, geladeira e freezer, arrumando tudo, os três entraram e em não mais do que cinco minutos, Ana e Armando chegaram carregando várias pizzas e algumas sacolas de compras. Todos se sentaram na grande mesa de jantar, na sala principal, contando a completa aventura ocorrida ao irmão de David. Solomon era um homem de muita cultura e experiência. Tal qual seu irmão mais novo, teve algumas passagens de vida que poderiam ser contadas e admiradas, em outro momento. Quando terminaram de comer, Solomon pede para ver *"a arca dourada e os cristais"*, os quais estavam depositados com segurança, na área de carga do iate, um andar abaixo.

Acompanhado por David e Maya, descem as escadas até o quarto bem trancado, onde tinham deixado as caixas. Eles abrem a porta de um depósito, contendo várias prateleiras com mantimentos enlatados, ensacados, potes, água mineral, refrigerantes, sucos em embalagem longa vida, ao lado de prateleiras com material de limpeza, primeiros socorros e até de manutenção do barco, cada qual em uma seção separada. O pé-direito era baixo, com aproximadamente de dois metros em área total de quarenta metros quadrados. Ao entrar,

Solomon se depara com um vulto grande, coberto por uma lona. David o encaminha até a arca, reclinando-se e retirando a lona. Ao removê-la, a surpresa foi grande. Solomon se debruça sobre o objeto, perguntando se era seguro tocá-lo. Após a afirmativa de Maya, ele deposita as duas mãos sobre sua superfície lateral e superior, notando a fissura longitudinal que fora causada pelo raio parecido com um laser azul e que permitira a caixa ser então, aberta. Seu arrebatamento e nível de surpresa eram enormes. Ainda agachado, admirando o objeto dourado sob a luz fraca do depósito, ele se vira para o casal.

"Foi para ela que pediram as madeiras e os pregos? Devem estar lá em cima. Tenho que pedir que tragam aqui embaixo. Mas isto é... Isto é... A arca da aliança?!", questiona com a voz embargada de emoção. Por alguns instantes, o homem maduro e forte havia deixado lugar a um romântico espiritualista, até então totalmente desconhecido de Maya.

David trata de acalmar o irmão, agachando-se ao lado dele para admirar a peça.

"Nós acreditamos que seja um tipo de objeto semelhante à arca da Bíblia. Devem ser confeccionados em um universo paralelo ou em outra dimensão. Isso ficará sem resposta, por enquanto. Eles devem ser fabricados para carregar peças que gerem energia, qualquer que seja, como as chaves de Enoch, os cristais... Pelo menos, é o que concluímos. Esta arca parece ser muito próxima àquela descrita na Bíblia, mas não contém nenhuma escritura, desenho... Somente as asas que se colocaram, em um passe de mágica, sobre a tampa."

"Meu Deus! Isto deve ter um valor inestimável! Temos que protegê-la de pessoas mal-intencionadas!"

"É, meu irmão, eu não creio que possa ser revelada para o mundo. Muitos matariam, como já estão tentando, para obtê-la. No momento e da forma certa, terá que ser destruída", completa David, com ar desconsolado, gerado pela certeza de ser impossível apresentar este achado à mídia mundial.

David e Solomon se levantam, conversando frente a frente, com os braços atados, em ângulo reto, a mão de um segurando o bíceps do outro, sem perceber que Maya estava presente.

"David, eu sempre soube que você era diferente. Tive a certeza quando tudo aquilo aconteceu, e por isso mesmo, quando nossa mãe morreu e, mais tarde, nosso pai, eu entendi que tinha que cuidar de você. Que esse era o meu papel, o de te ajudar a fazer o que o destino e eles tinham preparado para você. Eu sabia que faria isso e depois viriam grandes coisas com o teu crescimento. Eu nunca duvidei!"

Maya tinha os olhos cheios de lágrimas e segurava um soluço, mesmo sem entender o porquê dos dois irmãos estarem nesse estado emocional frente àquela caixa de ouro que parecia ser uma arca. Como sempre, ela pensava no quanto não sabia nada a respeito de David, ou quase nada, e quando ela teria dele a vontade de contar. Talvez isto ocorresse, ao terminar esta fase em que estavam. Afinal, ela precisava saber a história desconhecida, se eles continuassem juntos. A dela era completamente mundana e banal, mas havia algo em David e em seus segredos, confirmado agora pelo conhecimento de seu irmão, que ela precisava entender. Sabia que não poderia se entregar totalmente sem ter sido, corretamente, apresentada ao mundo de David Bacon.

Depois de restabelecidos, David abre a segunda caixa, a que continha as sessenta e quatro peças perfeitas de cristais. Solomon nem tenta tocá-las, mas nota o brilho cintilante de partículas multicoloridas que pareciam formar um sistema elétrico dentro de cada cristal. Qualquer um poderia visualizar este efeito, entretanto, deveria deixar-se inebriar pela visão do brilho que resplandecia e somente após este contato visual, seria notado o efeito elétrico-cristalino de cada um dos perfeitos cristais.

"São magníficos! São simplesmente magníficos! Eu percebo que tem vida dentro deles." Solomon continuava emocionado.

"Tem mais uma coisa aqui. Pelo pouco que bisbilhotamos, são boa parte dos manuscritos originais de Francis Bacon, ou melhor, os manuscritos originais de William Shakespeare, os quais nunca foram encontrados. E isso explica o porquê."

Solomon agacha-se novamente e, com ar de grande surpresa, coleta as primeiras folhas que tinha à sua frente, intituladas *"Antônio e Cleópatra"*.

"Meu Deus! Pelo volume, devem estar aqui uma boa parte das peças que ele escreveu. E o mais incrível, está assinado: William Shakespeare, mas ao lado da assinatura, 'I am Francis Bacon', com exatamente a mesma letra. Essa é uma das grandes descobertas do século!"

Neste momento o capitão Blake aparece na porta da sala e avisa que partirão em não mais que vinte minutos. Os três decidem sair do almoxarifado, se assim poderia ser chamado, fechando a caixa, cobrindo a arca e trancando bem as portas com cadeado.

Na sala principal todos aguardavam Solomon para se despedir. Quando ele vai abraçar Maya, não resiste e pergunta: *"ainda temos dez minutos e eu gostaria de perguntar, por que Galveston? Por que as pirâmides de Moody, fabricadas há poucos anos, pelos homens modernos, teriam a capacidade de ajudar nesta ativação dos cristais?!"*.

Maya pede que todos se sentem nos sofás que estavam à frente, mas a resposta não seria demorada.

"A informação que eu vou dizer, como sempre, me foi dada como um download no momento do contato com o raio azul que trouxe a arca para a superfície, portanto, acredito que seja válida. Por outro lado, eu já havia lido exatamente isso em um livro de James Tyberonn, o que facilitou o reconhecimento da mensagem telepática que me foi enviada. O Complexo de Moody recebeu o que pode ser chamado de 'energias de um padrão frequencial atlante'. Esse padrão foi gerado pelo complexo que ficou afundado naquela região, próximo à ilha de Galveston, há mais de onze mil e seiscentos anos. A questão é que há portas dimensionais dentro de certas pirâmides Phi, as que seguem a razão áurea em sua construção. Isto é especialmente verdade em Galveston e Gizé, alinhadas entre 29º a 30º N, formando um padrão vesica pisces, ou seja, de encontro entre dois mundos, na Terra, extremamente importante. Cada um dos complexos fica dentro de um dos dois círculos interligados do vesica pisces. Além disso, Gizé está alinhada com o cinturão de Órion e Galveston com Sirius, o que canaliza a luz e a influência energética destas regiões estelares. Existem vários tipos de pirâmides, inclusive as não menos importantes, as etéreas, invisíveis, formadas ao redor destas pirâmides, tanto quanto existem câmaras dimensionalmente invisíveis dentro delas. Essas construções de pirâmides ou geometrias etéreas são projeções dimensionais que espelham as frequências da luz em um espectro que não pertence ao da luz visível, entretanto, alguns tons sonoros podem torná-los mais facilmente visíveis ou até mesmo trazer do etéreo, do mundo invisível, para o universo mais denso. Esse era um dos segredos da linguagem dos sônicos e a nossa querida sacerdotisa Gabriela, juntamente com o mestre Germano, tem pleno conhecimento do assunto. No Complexo de Moody, existem câmaras invisíveis, interdimensionais, que poderão ser ativadas, e é muito importante que seja feito, pois estão energeticamente ligadas às pirâmides de Gizé. A nossa missão é clara, agora para mim, e passou a ser após a experiência em Oak Island. Temos que fazer a ativação pelos sônicos-harmônicos de Enoch, aumentando a força das câmaras dimensionais, trazendo-as, pelo menos, parcialmente, à nossa realidade percebida pelos nossos órgãos básicos sensoriais. Para tal, precisamos de cada um aqui presente, de sua força, se sua coragem, conhecimento e se assim pode ser dito... Magia!"

David e Solomon estavam conectados mentalmente, ficando perdidos no tempo até que Solomon decide reagir do estado emocional em que se encontrava, dizendo o que tinha em seu coração.

"David, isso tudo que aconteceu até agora tem um sentido maior. Não existe coincidência e não

é por causa dela que vocês todos estão aqui. Isso é EMF – Electro magnetic force, aquilo que é produzido pela força de conexão. Alguns traduzem como sendo amor, eu diria que pode ser essa a energia que agrupa e mantém coeso, mas eu adicionaria a palavra 'intenção' vinda de vocês e vinda do universo, do cósmico, como dizemos nós os rosa-cruzes. Com isto, apenas se entreguem e confiem no curso que a cada instante conduzirá a surpresas ainda maiores. Como diz o Q'uran: entrega e submissão total. Eu gostaria de estar junto, o tempo todo, mas sinto que posso ajudar mais da forma como o tenho feito, amparando no momento em que precisam. Não hesitem em me chamar. Façam isso, sempre que precisarem."

O capitão Blake avisa pelo circuito interno que em cinco minutos zarpariam.

Os amigos e tripulantes se despedem. Solomon desce a rampa do Aurora B, com pesar.

43.

"O cientista não tem por objetivo um resultado imediato. Ele não espera que suas ideias avançadas sejam facilmente aceitas. Seu dever é fundar as bases para aqueles que estão para vir e mostrar o caminho."
Nikola Tesla, cientista e inventor.

Esta noite era especial. Sua mística presença contaminava quem estivesse aberto ao mundo das energias sutis. O Aurora B. navegava tranquilamente, tendo como companhia a tênue iluminação da lua, que, majestosa e enigmaticamente, acompanha o planeta há tanto tempo. *"Mas quanto? Quem colocou a lua neste lugar inverossímil? O que é a lua afinal? Um satélite artificial?!"*, pensava Maya, olhando o céu e sentindo o vento frio tocar a sua pele. Embrulhada em um casaco com capuz, apreciava e pensava: *"todas as luas de planetas conhecidos têm um tamanho menor do que dez por cento do planeta que orbita. Por que a nossa é a única que apresentava um terço do tamanho em relação ao diâmetro da Terra? A sua localização deveria ser a responsável pelo deslocamento do eixo do planeta. As teorias oficiais, que dizem que a lua foi formada pela colisão de um objeto celeste com o nosso planeta, eram inverossímeis. Parecia ser impossível que algo com o tamanho grande o suficiente para formar a lua se chocasse com a Terra e ainda sobrasse outro pedaço três vezes menor do que onde colidiu, ligada à sua força gravitacional. Essa colisão teria explodido o nosso planeta. Quem colocou a lua aí e para quê?! Que tipo de objeto artificial seria? Vários cientistas descortinam a teoria sobre a lua ser um satélite fabricado por extraterrestres... As mentiras contadas sobre a sua superfície e a insistência em falsificarem as fotos tiradas... As missões secretas dos astronautas, como ocorreu com Apolo 11, em que muita coisa vazou e pôde-se ver que os astronautas estavam até certo ponto despreparados para o que encontraram e não puderam falar... Sem mencionar a face oculta... Convenientemente oculta... Levam de encontro a estas possibilidades".*

Perdida nestes pensamentos, ela recebe a companhia da melhor amiga, Ana. As duas se olham, sorriem com os olhos, mas não se falam. Preferem ficar admirando um céu coroado de lindas estrelas e imaginar se "eles" estariam nos vendo, assim, tão facilmente, como os gregos mencionavam, os "Deuses do Olimpo" olhando para os mortais aqui de baixo, da Terra.

"Certamente existem muitas civilizações por aí afora, no céu. A história escrita pelo homem antigo deixa bem claro, eles devem ser desde o mais parecido conosco, e estes andam no meio de nós sem que saibamos, até os mais diferentes, ou ainda, os que não têm nada a ver conosco, os alienígenas mesmo. Esses que intuo, os que tendem a ser parecidos, talvez sejam de Sirius (a estrela alfa do Cão, The Dog Star), cinturão de Órion, das Plêiades, Híades, Cygnus ou, ainda, conforme se acreditou na Alemanha nazista, os do vril, sendo de Aldebaran, a estrela alfa de Touro. E o mais interessante é que, eles estão quase todos, um do lado do outro, como se não tivesse espaço no céu. Somente podem ser contemplados assim, digo, tão bem, no hemisfério norte e na proximidade do inverno, ou preferencialmente. Nesta época do ano, são o centro da abóbada celeste. É quando eles nos olham mais detalhadamente." Continuava Maya a pensar e imaginar.

O iate seguia seu caminho, parecendo estar muito devagar, mesmo em velocidade ideal. Navegavam com certa proximidade da costa, evitando os mares profundos e observando os alertas de furacões e tempestades, tão típicos desta região. Em menos de três dias estariam em Galveston. David e capitão Blake faziam cálculos da rota a seguir, e da cabine de comando, podiam ver as moças contemplando o céu e conversando. Motivado por um impulso, David deixa o mapa que tinha em mãos em cima da mesinha ao lado do leme, pede licença ao Capitão e vai encontrar Maya. Ao vê-lo, Ana o abraça da mesma forma que a um irmão e, sabendo que deveria deixá-los a sós, sai com graça e delicadeza. David apoia-se no guarda-corpo de inox, ao lado de Maya, sentindo o mesmo vento frio, fechando a jaqueta de couro e olhando para o rosto dela, esperando por alguma palavra.

"Algo me diz que enquanto eu imagino alguém que pode vir lá de cima nos visitar e que no passado da nossa história nos deram o seu material genético para nos transformar no que somos, uma raça híbrida de material biológico originário deste planeta associado ao de vários outros... De todas aquelas áreas mais visíveis lá em cima... Interdimensionais ou não... Ou ainda, de outras que já ouvimos falar... deve haver vários deles entre nós, talvez seus filhos diretos com maior componente genético vindo destes seres. É possível que alguns destes filhos saibam que são 'semideuses', enquanto os outros não têm a menor ideia".

Maya se vira para David, o qual de forma apaixonada e receptiva a abraça, enlaçando-a pela cintura e mantendo-a próxima ao seu peito. Ela olha em seus olhos e faz uma pergunta que tinha dentro de si, incomodando, há algum tempo.

"Você já teve um encontro com... Eles... Certo?! Já esteve na presença deles e isto explica por que me empurrou para isso tudo que aconteceu, nestes últimos dias. Eu tenho a nítida impressão de que, quando eu falo aquilo que acredito ser uma intuição, associada à análise de dados dos estudos que faço há mais de 20 anos, a esse respeito, você simplesmente fica quieto, esperando que eu diga aquilo que já sabe. Parece que você só poderia interferir se fosse pelo livre-arbítrio dos mais humanos, como eu." Maya olha bem nos olhos dele, carinhosamente e sem confrontação. Ele reage de forma estática, não demonstrando emoção e tampouco transparecendo algum detalhe. *"Eu tenho a impressão, e tudo pode ser apenas devaneios de minha parte, de que você sempre espera que eu diga as coisas para, a partir do que eu passo a acreditar, eu possa concordar com você, por ter tido exatamente a visão clara do que... Você já sabia!"*

Ela se solta de seus braços, toma certa distância, pega em sua mão direita e o leva caminhando para o quarto, de forma extremamente convidativa, mas sutil. Ao chegar, faz ele se sentar na cama, retira seu casaco e o cachecol e, sensualmente, mantendo o olhar fixo nos olhos dele, retira a jaqueta de couro que ele usava, sem que sequer ele tivesse um reflexo contrário ou ainda de ajuda. Ele se sentia dominado e adorava esta sensação. Ela vestia uma calça jeans em tom azul marinho e uma camiseta branca, de algodão, com três botões no peito, os quais estavam abertos e sugestivos. Ainda de pé, retira a calça jeans e as meias, deixando-as sobre um banquinho. Delicadamente, agacha retirando as botas que ele usava, suas meias e passando as mãos pelas pernas dele, de baixo para cima, chegando ao cinto e retirando-o, sem pressa. Ele se reclina para trás, com os olhos fechados, segurando-se ainda na posição sentado, pelos braços estendidos atrás de suas costas, apoiando-os. David começa a respirar de forma ofegante. Ela retira a calça, novamente passando as mãos pelas suas pernas, de cima para baixo, massageando seus músculos atléticos. Nesse momento ele geme e tenta encurtar o clima, indo direto ao assunto que se tornara irresistível.

"Calma, garanhão... Calma..."

Ela se senta sobre ele, fazendo com que se incline para frente, quando ela se joga para trás, em direção ao chão, de costas, retornando em movimento de ioga, movendo-se para frente e

para trás, não permitindo que as mãos dele retirem o resto das roupas. Encostando seu rosto no dele, ela fala em seu ouvido esquerdo, baixo, suave e vagarosamente, soltando o ar e mordendo o lóbulo da orelha.

“Quem é você. Eu quero saber. Por quem me apaixonei?!”

Sem poder mais resistir, ele geme, assume o comando retirando rapidamente a blusa de ambos, desatando o sutiã de Maya e acariciando, com total febre, seus seios fartos e perfeitos. Jogando-a de costas na cama, rasga as tiras laterais de renda, livrando-se do que o incomodava, amando-a como nunca.

44.

QUARENTA E DUAS HORAS DEPOIS. PELA MANHÃ.

Após uma prisão de doze horas, os irmãos Muller voltaram para Boston, com o mesmo iate no qual haviam ido para Oak Island. A embarcação atraca na entrada e saída marítima do Hotel Intercontinental, situado no canal abaixo do Seaport Blvd, atrás da Atlantic Avenue. Acompanhados de dois seguranças, eles descem, instalam-se em um amplo quarto, onde imediatamente iniciam o planejamento, para dar continuação à procura do que acreditavam piamente pertencer-lhes, as chaves de Enoch.

O iate segue por mais quatro minutos à frente, atracando na Birch Marine Inc, 66 Long Wharf.

Os Muller foram fichados no Canadá, com a acusação de invasão de propriedade alheia, sendo liberados sob pagamento de fiança. Os supostos heróis que prenderam os invasores da ilha foram declarados como "não identificados" pelos laudos policiais. A polícia e a guarda-costeira presumiram que tenha sido alguém ou algum grupo que tivesse passado pela área e os dominara. Por outro lado, os dois irmãos não conseguiram esclarecer o que faziam na ilha, com seguranças armados, naquela hora da noite, considerando que não havia o que ser roubado, sem o uso de equipamentos especiais de grande porte, os quais não estavam presentes. Desta forma, puderam sair da cadeia. Caso os proprietários da ilha decidam processá-los, os Muller terão que se apresentar em algum tribunal da Nova Escócia.

"Localizem o barco deles. Saibam onde atracaram. Talvez tenham ido do porto para algum aeroporto. Localizem o barco do Sr. David Bacon e a srta. Maya Angel. Rastreiem tudo, paguem o que for necessário para obter todos os dados. Eu quero saber onde eles estão! Quero o que eles roubaram de nós!" Gerhard Muller apresentava um pronunciado estado psicótico. Seus olhos estavam vidrados e com ar demoníaco, da mesma forma que seus cabelos louros, quase brancos, finos e esparsos, completamente revoltos e assim deixados pelas inúmeras vezes que ele esfregava as mãos na cabeça, demonstrando tempestuosidade. Sua respiração era audível e irregular, mantendo o ar preso, nos pulmões, por bastante tempo, antes de expirar. Seu irmão Wolf demonstrava quase as mesmas características, acompanhadas de um silêncio gélido, tendo os olhos sempre direcionados para o chão.

Em não mais que duas horas, tiveram a notícia de que o iate de nome Aurora B., pertencente a Solomon Bacon, havia chegado a Boston, em uma marina próxima da deles, entretanto, zarpara há duas noites, sem informação de destino.

"Deve haver uma forma de saber a rota deles! Eles têm que ter traçado uma rota e informado a capitania dos portos sobre a chegada, para que possam abastecer se estiverem indo longe! Descubram se informaram a alguém", grita Wolf na sala de estar de sua suíte presidencial, a qual interligava dois quartos.

"Não necessariamente, senhor. Já checamos e não há informativo prévio em nenhuma marina de portos no caminho em direção ao sul. Isso pode ser feito apenas algumas horas antes de atracarem. Já colocamos um sistema de rastreio, tanto humano quanto eletrônico. Assim que eles informarem uma parada e ela for registrada, saberemos", informa um dos auxiliares dos Muller.

Não restando mais nada além de esperar, eles decidem descansar.

"Quero que me avisem, a qualquer momento, assim que tiverem a informação." Declara Gerhardt.

Várias horas depois, um dos homens entra na sala de estar, onde estavam os dois irmãos tomando café.

"Senhores, o Aurora B. foi registrado abastecendo há uma hora, em uma marina de Lynnhaven, Virginia Beach. A informação dada dizia que o iate continuaria em direção ao sul, não sabemos para onde vai, pois não foi informado."

Os dois irmãos deixam o café na mesinha, trocaram um típico olhar gélido e mandaram arranjar um jatinho para que possam ir, o quanto antes, para aquela região, a um aeroporto próximo ao mar, podendo ser o da cidade citada. De lá esperarão por novas coordenadas.

Os dois seguranças saem rapidamente para organizar o necessário.

"Vamos dar uma olhada no mapa e tentar entender aonde pretendem ir e o que querem fazer. Eu acho que estou começando a entender", fala Wolfgang.

45.

“Se o homem pensa na totalidade como constituída de fragmentos independentes, então é assim que sua mente tenderá a operar, mas se ele incluir tudo, de forma coerente e harmoniosa de um todo global, que é indivisível, ininterrupto e sem uma fronteira, em seguida, sua mente tenderá a mover-se de uma maneira semelhante, e dela fluirá uma ação ordenada dentro do todo.” David Bohm, físico.

15H.

Sob um céu azul e límpido, o sol parecia encantador, irradiando e abençoando as águas cristalinas da região de Key West, na Flórida. A temperatura de 26º C na sombra tornava altamente atrativa a saída de todos os integrantes do Aurora B. para a área externa, apreciando a paisagem forrada de pequenas ilhas, por muitas vezes, ligadas por pontes de grande extensão. As águas rasas, na proximidade das ilhas, facilitam um multicolorido digno de fotos exemplares e pinturas à aquarela. Os corais enfeitam e salientam a beleza no local, o qual é visitado por peixes de todos os tipos. O capitão Blake diminui a velocidade e, junto com todos, apreciava a vista, sem deixar de consultar constantemente as cartas de navegação da região. Quando se aproximaram de um ponto de águas multicoloridas, mas não tão rasas, David e o capitão Blake visualizaram, com a ajuda de um binóculo, vários golfinhos. Eles diminuíram ainda mais a velocidade, para que a aproximação aos cetáceos fosse perfeita. Ao chegarem ao ponto ideal, o Aurora B. para completamente, desligando os motores.

O capitão fala entusiasticamente, pelos alto-falantes, em sua típica mistura de inglês e espanhol, o qual era plenamente compreensível. Mesmo que todos falassem inglês, ele aproveitava a chance de praticar.

“Senhoras e senhores, é impossível resistir à tentação de nadar com estes golfinhos, portanto, a quem está interessado, informo que faremos uma parada de uma hora, para que possamos aproveitar. Eu aguardarei aqui na área de comando externo. Aproveitarei o sol, o calor e a brisa, e vocês falarão com estes amistosos animais, se quiserem e souberem como, é claro.” O capitão Blake, amigo de longa data de Solomon e de David, era também um integrante da Sociedade Thule que comumente falava o que queria em mensagem subliminar, para que as pessoas que estavam prontas entendessem o “extra” que estava presente. David sorri para ele e dá um tapinha em suas costas, indo em direção à área de baixo, onde pretendia mergulhar com Maya.

“Boa sorte. Espero que eles falem com vocês dois!”

“Obrigado, amigo. Vamos ver o que receberemos de presente dos amigos de Sirius B.”, exclama animadamente David.

Quando David desce, é surpreendido por Maya, a qual já estava de biquíni e snorkel pendurado no pescoço e pés de pato em mãos.

“Você está atrasado, vamos! Eu não sou grande nadadora, mas me viro com esta coisa. Você nada bem?!”

Ele demora alguns segundos para responder, devido à surpresa.

"Sim, sim, eu treinei com mergulhadores profissionais por alguns anos. Gostei da agilidade de pegar o snorkel, mas vamos ter que ficar um tempo com eles lá em baixo, portanto, teremos que colocar cilindros pequenos e leves, para uns vinte minutos."

David abre um armário e pega dois cilindros de pequeno porte. Entrega um a Maya.

"Você já usou isso alguma vez?!"

"Para ser sincera, só uma. Não gostei não, e era por isso que já tinha o snorkel em vista. Mas não se preocupe, eu sei como lidar com o mergulho em águas como estas. Eu me viro, e sei que terei um professor por perto, certo?!"

David faz menção ao gerador vril com as mãos, e antes de falar, Maya já o colocava dentro do cinto de mergulho.

"Te peguei no pulo?! Você queria que eu levasse isso e aqui está, no cinto fechadinho, para não cair. Eu vou saber o que fazer, embora não saiba agora..."

Ela ri e recoloca o gerador vril na bolsinha emborrachada que carregava na cintura, atada a um cinturão de mergulhadores. David imediatamente retira o short e a camiseta, deixando-os sobre um sofá externo, e fica com a sunga de mergulho. Pega um par de pés de pato, que estavam separados, chamando Ana e Armando para se prepararem para mergulhar. Gabriela não sabia nadar e mestre Germano prefere ficar com ela, no Aurora B., gravando o filme do mergulho.

"Com águas assim cristalinas, poderia ser interessante ter a cena para analisar", pensava Germano.

Maya olha para Ana colocando os pés de patos.

"Tudo bem para usar estas coisas?! Eu nunca te vi fazer este tipo de mergulho..."

"Bom, eu acho que, neste tipo de água calminha, eu não me afogo. Eu só não sei me virar em mar tempestuoso, cheio de ondas. Aqui parece piscina, fica fácil! Sei nadar com o snorkel, vou com ele e sem cilindro. A gente olha vocês daqui de cima..."

Maya observa Armando, achando que o seu tipo, nada atlético, poderia ser a declaração de que não era seguro deixá-lo fazer esta modalidade de esporte. Antes mesmo que ela abrisse a boca, David segura o braço dela, avisando que nada havia para se preocupar.

"Fique tranquila e relaxe. O Armando foi à boa parte das aulas de mergulho comigo. Ele enfrentou mar aberto várias vezes e com cilindro nas costas. Eles ficarão bem. Já pedi que não fiquem muito perto de nós."

"Por quê?!", pergunta Maya, curiosa.

"Bem, se algo esquisito acontecer, às vezes, gente por perto pode atrapalhar mais que ajudar."

Ela coloca os óculos de natação e fala balançando a cabeça negativamente. David verifica o ajuste do oxigênio no cilindro que ela tinha nas costas.

"Adianta eu perguntar o que você sabe que vai acontecer?! Não, né?! Tá, então, tchau!"

Ela pula com o equipamento ajustado, jogando-se verticalmente, de pés, na água e sai nadando e afundando, tranquilamente, respirando com o cilindro, adequadamente.

Em seguida, David salta e a segue. Após cinco minutos nadando distanciados do navio, Maya retira a cabeça da água para falar com David. Eles flutuam, com grande proximidade. Armando e Ana saltam e nadam para o lado contrário do primeiro casal, mantendo, por vezes, sua atenção neles. Ana sentia que algo poderia acontecer à sua melhor amiga e estava apreensiva.

"Não tem golfinhos aqui, e vimos vários agora há pouco. Parece que sumiram. Eu acho que sei o que fazer para trazê-los." Maya retira o gerador da bolsinha, recoloca a máscara no rosto e o tubo de respiração na boca, afundando na água. Garante a atenção no gerador, deixando-se afundar lentamente, aumentando a profundidade até um ponto em que se mantém, movendo os pés de pato. Ao mesmo tempo, segura o gerador com as duas mãos em formato de antena

aberta, com o polegar e a base do indicador unidos em volta do tubo conector das coroas. Ela solta o ar dos pulmões e as bolhas sobem, chamando a atenção dos que estavam no barco. David mergulha e observa a três metros de distância. Em dois segundos, soa um solfeggio harmônico plenamente audível, apenas para quem estava debaixo da água. O tom lá sustenido ecoa em ondas de 852 Hz. De repente, atrás de Maya e David, os quais estavam virados para o mesmo lado, aparece um tubarão-boi, típico destas águas rasas e, por sorte, não tão perigoso quanto um tubarão-tigre ou cinzento. Maya se mantém na mesma posição, apenas movendo os pés vagarosamente para evitar continuar afundando. O tubarão dá a volta e vem investigar a frequência que continuava a manter-se. Em vez de se assustar, tanto ela quanto David mantêm-se calmos, respirando normalmente. Ele imita a posição das mãos dela, colocando-se frente a frente, tendo o tubarão de aproximadamente três metros de comprimento a um metro e meio de sua face e entre os dois. Neste instante o solfeggio muda para 963 Hz, nitidamente gerando um incômodo para o tubarão, o qual fica mais agitado. Em aproximadamente cinco segundos, a junção das duas frequências é ouvida, seguida da formação de uma bolha de energia líquida, entre as mãos de David e Maya, crescendo e engolfando o tubarão, explodindo em energia e em um som irritante demais para o animal, fazendo-o nadar para a superfície em desespero, junto com uma onda que se formou com a bolha, a qual todos puderam ver e sentir, devido ao movimento do barco. O tubarão se afasta deles, nadando freneticamente até que desaparece. Ana se apavora, dando impulso com o pé de pato, na intenção de ir na direção da amiga. Armando a segura com a mão direita e gesticula com a esquerda para não intervir. Maya e David em nada são afetados. No mesmo instante, como por mágica, doze golfinhos adultos os cercam. David aproxima-se da amada, gesticulando para que ela novamente fizesse a imposição de mãos com o gerador, sendo acompanhada por ele da mesma forma. Eles se posicionam. Quando soltam o ar dos pulmões, o gerador vibra e o solfeggio ré sustenido em 417 Hz é potentemente ouvido. Os golfinhos pareciam bater em retirada, mas em não mais que poucos segundos, agrupam-se em um ponto, distante em aproximadamente setenta metros. Em seguida, eles parecem formar uma fila ordenada, nadando em alta velocidade, descrevendo uma trajetória elíptica, até que a espiral começa a ser delineada. Com extrema presteza, cada golfinho faz exatamente a mesma coisa que o anterior, um quase colado ao outro. O casal passa a ser o ponto central de finalização da trajetória espiral e, ao encontrá-lo, cada golfinho toca suavemente o nariz no gerador, voltando para superfície, batendo vigorosamente as caldas e saindo da água com o corpo inteiro. Ao entrar novamente, retornam ao ponto de concentração, o do início da espiral. Sete vezes repetiram o espetáculo que levou exatamente quatro minutos. Neste instante, dentro do círculo, uma bolha se forma, idêntica à anterior, saindo do centro das mãos do casal, crescendo em frações de segundos, clareando o tom da água e permitindo que tudo fosse visto e filmado da superfície, como se estivessem dentro de uma lente de aumento. Através da bolha, Maya enxergava David claramente, como se ele estivesse nadando em um cristal, e não na água. Foi então que ela percebeu a imagem, que até então estava tão nítida, começar a desaparecer, mas antes, em torno dele, blocos de cristal se formam, criando paredes em formato triangular, que o aprisionavam. Quanto mais blocos apareciam, mais a imagem dele sumia, até que desaparece por completo. A bolha estava prestes a estourar. Ela ouve um grito e reconhece voz dele. Mas sabia que não havia sido ali. A bolha estoura, levando-a para superfície em uma onda de água eletrificada e gelificada ao mesmo tempo e arremessando-a a dois metros de altura, fora da superfície do mar. Ela cai de pé, afundando, quando então bate as nadadeiras e rapidamente volta à superfície. A onda sacode o barco novamente, mas sem gerar perigo. Maya arranca a máscara e o tubo da boca, chamando por David, freneticamente. Ele grita o nome dela de volta, aparecendo há não mais que vinte metros de distância.

Vários golfinhos se aproximam dela e fazem gracinhas para animá-la. Maya respira profundamente, de forma a acalmar-se, e acaricia a face dos que se aproximavam, falando sua língua simpática e comunicativa.

Percebendo a agitação da amada, David nada em sua direção e pergunta se tudo estava bem. Ela acena que sim com a cabeça, enquanto dois golfinhos a cutucam com o nariz.

"Agora vocês estão disfarçando que são bobinhos, certo?! É tudo um combinadinho com o David, né?! Gente esperta!" Ela se divertia, rindo, brincando, e assim ficaram, tendo a aproximação de Armando e Ana, com a mesma recepção dos golfinhos, por mais vinte minutos. Mestre Germano e a sacerdotisa descem até a saia do barco, tentando pôr a mão na cabeça dos cetáceos, o que foi plenamente possível, pois eles batiam as nadadeiras para tirar parte do corpo para fora da água, quando então, sentiam o breve contato das mãos destas duas pessoas especiais. Passado o tempo combinado, praticamente cronometrado por David, ele olha o relógio em seu pulso e sem precisar dizer nada a qualquer um, os golfinhos dão um último salto na água, parecendo dizer "até breve" e desaparecem.

Maya pensa: *"não entendi plenamente o que foi aquilo. Estou ficando com muitas dúvidas".*

46.

"É incrível que a matemática, tendo sido criada pela mente humana, consiga descrever a natureza com tanta precisão." Albert Einstein, físico.

Oito horas da noite, após o jantar, Armando entra agitado na sala principal onde todos estavam, carregando o notebook de David e conectando-o à saída HDMI da TV de LED de cinquenta polegadas. Ele se certifica de ter todos em posição para assistir.

"Pessoal, o que eu vou mostrar é algo muito interessante. Levei a tarde toda, até agora, capturando as melhores imagens, ligando para meus amigos de softwares para que me enviassem os programas certos e depois de instalados, comecei a analisar o que eu realmente imaginava... E bingo! Era isso!", gesticula comicamente, apontando para a tela da TV.

A imagem do filme ainda estava estática.

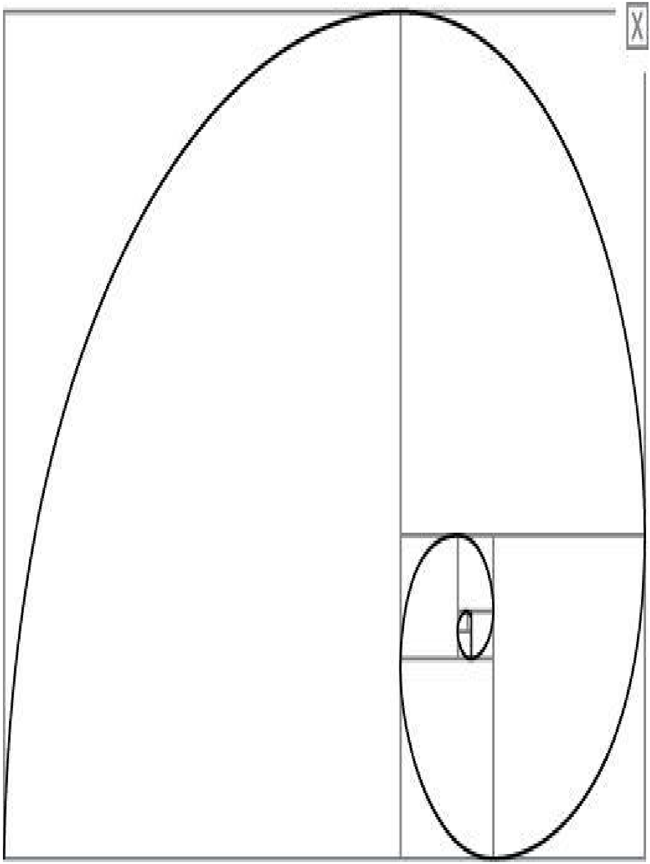
"Era isso o quê?!", pergunta Ana.

Ele nota que não havia apertado a tecla play.

"Ops... Agora vai... Vejam!", diz Armando, iniciando a explanação de suas descobertas.

"Quando o Germano me entregou a filmadora, para que eu editasse o filme, eu notei que de cima do barco, era possível perceber o que a gente lá embaixo, na água, não podia. A trajetória perfeita e idêntica que cada golfinho fazia, um atrás do outro, praticamente grudados e sem se bater ou atrapalharem uns aos outros. Vejam o filme. Eles conseguem repetir isso sete vezes. Os doze golfinhos perfazem a mesma trajetória, tendo, claramente, David e Maya como o ponto central. Agora que vocês viram a edição normal, ou seja, sem que eu saliente nada, utilizando um software especial, e mapeando cada uma das trajetórias com uma linha, que depois transporta para um gráfico o que foi feito, reproduzindo a medição das cotas", ele aponta com uma caneta os detalhes que queria que percebessem, *"vejam, cada golfinho descreve uma rota elíptica, quase criando uma espiral, no momento em que tocam o gerador vril. Colocando isso no gráfico, temos o desenho, com as doze rotas sobrepostas e todos eles percorrendo o mesmo caminho, no mesmo tempo, como se algo os guiasse ou se houvesse um fio de Ariadne para guiá-los. É evidente que algo os conduzia e talvez fosse alguma emissão de linguagem inteligente do gerador para eles ou ainda uma luz ou vibração que mostrava o caminho. Eu não sei o que era, mas ao ver isto..."*

Armando mostra um gráfico formatado, construído a partir de fórmulas matemáticas aplicadas à configuração de imagens construídas com o uso da razão áurica. O padrão da imagem seguia exatamente a configuração do retângulo áurico: 1, 1, 1/Phi, $1/Phi^3$, Phi.



As imagens e a projeção do gráfico plotado a partir do que os golfinhos desenharam eram surpreendentes. Durante vários minutos, ninguém tinha algo a acrescentar. Foi então o momento certo para Maya descrever o que havia visualizado, a título de revelação, miragem ou déjà-vu, pressionando David a esclarecer o que ela acreditava que ele sabia e mantinha em segredo.

"Eu preciso dizer uma coisa que aconteceu lá no mar e que explica o motivo de eu ter emergido gritando por David, desesperadamente, como viram. Vocês podem ter achado que isso aconteceu por que eu entrei em pânico quando aquela bolha surgiu, mas a verdade é que o pânico foi originado por uma imagem muito nítida, que pude visualizar dentro da bolha. Alguns segundos antes de ela explodir, blocos de cristais estavam sendo colocados à frente e ao redor do David, construindo uma sala piramidal, onde ele acabou sendo enclausurado e desapareceu. Foi aí que a explosão ocorreu, e como ele tinha sumido da minha vista, parecendo que havia sido transportado para outro lugar, eu gritei. Eu sei que esta região toda está sob a ação da energia de um portal potentíssimo e inclusive o mais famoso, o do Triângulo das Bermudas, e se tem algum local para vermos coisas loucas, é aqui. Mas o que eu vi não era miragem, era uma projeção de uma potencialidade futura acontecendo em Moody Gardens com o David... David?!"

Ele olha para baixo, desviando o olhar. Maya esperava, com certa calma, pela resposta, a qual, no fundo, sabia que não viria, pelo menos agora. Mestre Germano se levanta e retorna a imagem na tela do computador para a imagem do gráfico da razão áurica e a fração Phi. Ele congela a imagem, olhando-a como se estivesse tirando as últimas dúvidas e resolve apresentar a sua versão.

"Armando, isso foi fantástico! Você apresentou toda a sua genialidade neste trabalho e temos que agradecer por isso. Algumas coisas ficaram esclarecidas em minha mente. Mas antes, quero dizer uma coisa: Maya, nem eu e tampouco você podemos saber o que o David mantém para si. Eu aconselho que o deixemos seguir a missão que tem. Quando eu o conheci, começamos a trabalhar nos estudos e treinamentos, quando algumas coisas ficaram claras, tanto quanto para você agora. É evidente que isto é algo que está além do que nos é permitido e, portanto, devemos respeitar e esperar." Maya e David cruzam olhares, o dela curioso e o dele pedindo a compreensão.

"Armando, você é amigo dele de longa data, nem você sabe?!"

Armando é pego de surpresa e tem um pequeno sobressalto no sofá.

"Eu nem sabia que eu não sabia algo dele. Ainda mais uma coisa assim que a gente não tem ideia!"

A gargalhada era geral enquanto Ana o abraçava, sem que ele entendesse o porquê de ter feito todo mundo rir.

David finalmente cruza o olhar com o de Maya, sentindo-se constrangido.

"Não me olhe com esses olhos do Gato de Botas!", nem haviam terminado de rir da frase engraçada de Armando e gargalham novamente.

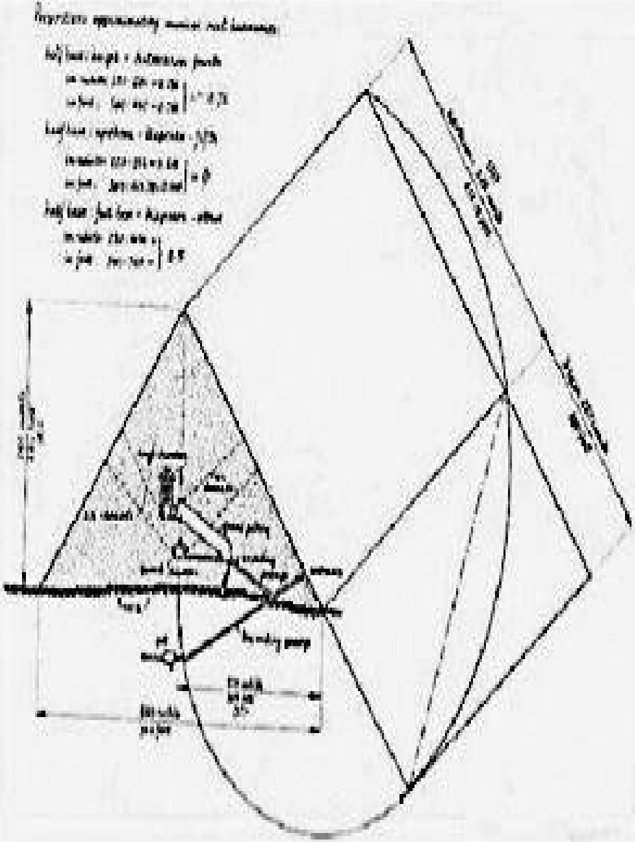
"OK, mestre, continue e desculpe a brincadeira. Era para dar uma aliviada e, felizmente, achei um amigo com o mesmo senso de humor que o meu", ela recebe de Armando o sinal de positivo com o dedo polegar para cima.

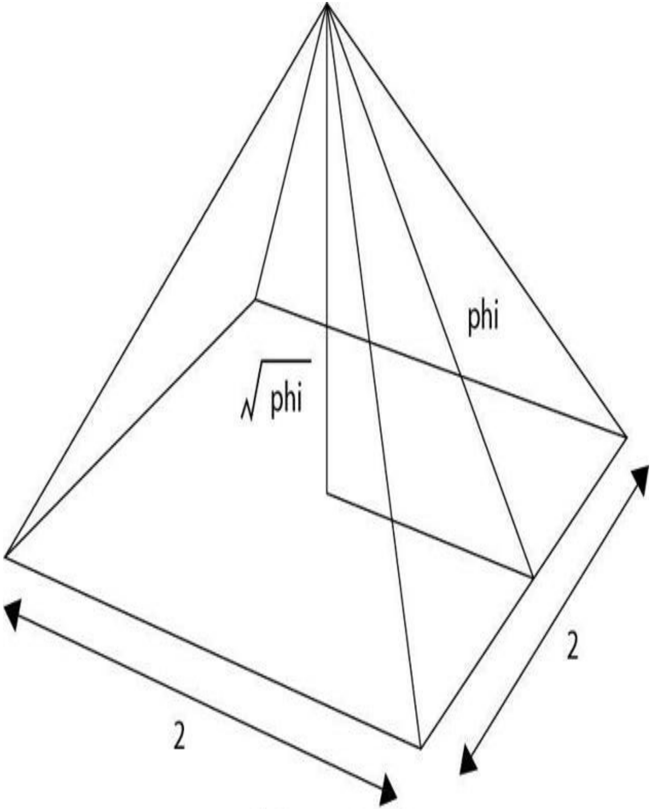
Mestre Germano assume, pela primeira vez, o mesmo ar solene e erudito que tinha apresentado na sede da Sociedade Thule de São Paulo, quando o conheceu. Ele utiliza o notebook de David acoplado à TV de LED de forma a, via internet, mostrar algumas páginas que poderiam ajudar.

"Eu acredito que todos já estejam familiarizados com a razão áurea do número Phi = 1,618033988. Ela representa a fração sagrada, a qual pode ser encontrada nas proporções do corpo humano, na relação de machos e fêmeas em colmeias do mundo todo, em conchas como a do náutilos, na formação geométrica das galáxias e em tudo, ou quase tudo."

Mestre Germano havia colocado uma página genérica do Google com o termo "golden ratio" e demonstrava o que estava baixando com o uso do touchpad.

"Este número é representativo das vibrações sonoras, crescimentos das plantas, etc. Era muito conhecido por Pitágoras, o qual descobriu que o pentagrama obedecia à proporção áurea, tornando-o o símbolo da sua irmandade, como corretamente aqui está mencionado, neste site. Os egípcios o chamavam de número sagrado. Aqui está o que eu procurava, o Papiro de Ahmes. Foi encontrado um papiro com um esboço do projeto da grande pirâmide, supostamente e academicamente aceito ser aproximadamente de 4.700 a.C."





phi (razão áurea)

“Neste desenho, é possível ver as proporções projetadas conforme o número sagrado. Medidas recentes chamam os lados da pirâmide de triângulos de ouro. Observem nesta figura, se colocarmos o valor do lado X da pirâmide dividido pelo lado Y, o valor é exatamente Phi. O mesmo ocorre na arca da aliança: 2,5 x 1,5 x 1,5 cúbitos, algo ao redor de 1,52 m x 82 cm x 82 cm. Seria a representação do retângulo Phi. Quem gosta de estudar o apocalipse está familiarizado com o número da besta, o famoso 666. Pois bem, aplicado o seno de (666) = - 0,809016994, que é a metade negativa do Phi, ou seja: sen (666)(-2)=1,61803, que tal entender que a metade negativa junto a uma outra metade chegando à totalidade da completeza=neutra. Phi é a representação da configuração deste mundo, contendo a dualidade. Estou procurando mais dados que foram escritos por James Tyberonn... Aqui, encontrei! O complexo atlante que afundou ao lado da ilha de Galveston, onde está Moody Gardens, transferiu sua energia etérea para Moody Gardens e está dedicado em honra a Sirius A e B, incluindo aos golfinhos, e tem a energia dos guardiões cetáceos golfinhos. A pirâmide azul não tem em seus aquários golfinhos, mas está cheia da sua energia, tanto quanto recebe a dos milhares que nadam ao redor do complexo, sendo possível vê-los e ouvi-los. Como Maya havia mencionado, e continua o texto do livro de Tyberonn, o complexo de Gizé e Galveston estão localizados entre a latitude 29º e 30º N, o que é muito significativo em termos de gradiente gravitacional-eletromagnético. Há portas dimensionais em Moody Gardens para Gizé. Os mestres atlantes sempre triangularam pirâmides com o objetivo de transmitir e receber energia. O local onde estão não é ao acaso e favorece os harmônicos. Existe um sônico de oitava que gera a conexão entre Galveston e Gizé. A única dúvida que impera em minha cabeça, para que possamos fazê-lo, é que tem que ser feito no equinócio ao mesmo tempo, nos dois sítios do vesica pisces. Isso ativará os portais interdimensionais e o gatilho cósmico cristalino, fundamental para a evolução planetária e concomitante, da humanidade.”*

“Quando é o equinócio?”, pergunta Armando.

“23 de março”, responde David.

“Daqui a dois dias... Típico, sincrônico, bizarro, e quase o dia do meu aniversário... Típico novamente”, exclama Maya, *“mas quem vai ativar Gizé?!”*, continua ela.

David resolve sair do estado acanhado para um pouco mais ativo, mantendo-se sentado no sofá, ao lado de Armando e próximo de Maya, que estava em uma poltrona.

“Todos os anos existe uma cerimônia oculta feita na grande pirâmide, na esperança de que alguém conecte a energia de um dos sítios que podem ser interligados, Galveston é apenas um deles. Existem pessoas que farão isso no Egito e elas estão esperando pelo nosso trabalho. Não é preciso se preocupar.”

Era inevitável que, neste momento, Maya olhasse para David com a sobrancelha levantada, nitidamente mostrando surpresa e uma grande curiosidade.

Mestre Germano ainda estava lendo na tela no notebook, procurando por uma página de um livro de James Tyberonn. Ele encontra mais dados e resolve ler, achando que poderia ajudar.

“Vejam isso: os sons Phi conectam os átomos e moléculas de objetos físicos, tanto quanto coesivamente atua em plasma etéreo e luz. Isto explica por que as pirâmides duram tanto tempo na forma física. Interessante.”

Ele dá uma pausa e olha para Gabriela, sentada.

“Querida Gabriela, você tem conhecimento sobre isso? É usando os diapasões que vamos criar estes padrões sonoros, certo?”

Gabriela, que, como sempre, timidamente se mantém apenas na escuta, após estes quatro dias

de viagem, contando a partir de Oak Island, com boa alimentação, descanso e sem as drogas que comumente lhe administravam, apresentava uma aparência bem melhor, tendo se livrado das comuns olheiras. Trajando um vestido simples de verão florido, lembrava uma garotinha de doze anos, certamente dez a menos do que tinha. Ela tenta equilibrar a voz, disfarçando o pigarro que se instalou pelo nervoso de ter que falar e dar sua opinião, o que ao longo destes anos não lhe era permitido. Sentada atrás da mesinha lateral, de forma a ficar mais discreta, ela tenta expor suas ideias e alertas, pela primeira vez em sua vida.

"Existem vários programas desenhados para criar sons baseados na geometria sagrada e na fração áurea. Eles envolvem harmônicos universais e frequências dos solfeggios sagrados, os quais estabelecem campos de ressonância interna coerentes. Eu costumava meditar usando os "Sacred Frequences Series, MP3". Se o Armando me emprestar o cartão de crédito, poderemos baixar alguns destes álbuns que demonstram isso muito bem claramente e, com eles, treinar nossas mentes aos padrões que deveremos promover. Com o uso dos meus nove diapasões, dois de cada vez, podemos chegar aos mesmos resultados, lá na Pirâmide do Aquário de Moody. Eu tenho certeza de que os golfinhos se encarregarão do resto, com suas próprias vozes."

"Como sabe? Você meditou e recebeu esta visão?!", pergunta Ana.

"Foi quase isso, mas sem meditação. Eu pude sentir o que eles estavam tentando dizer quando faziam aquela linda coreografia. Eles descreveram a geometria sagrada, mas, ao mesmo tempo, falavam, e como sou treinada em sons e frequências, percebi do que se tratava. Eles querem que trabalhemos juntos e deram a dica de como. Maya e David terão que penetrar na pirâmide azul com os cristais de Enoch. Eu ficarei no porto, com os golfinhos, e criaremos o padrão harmônico baseado na sagrada geometria da fração áurea, no equinócio, ao pôr do sol".

O silêncio do grupo mostrava o receio de todos. A única coisa audível era o suave som do motor do iate e o de golfinhos, que, por incrível que pareça, começaram a cantar de maneira bastante marcante. O capitão Blake avisa, pelo alto-falante, o surgimento da companhia dos golfinhos. Os que desejassem deveriam ir para a área externa do barco observar o grupo desses lindos cetáceos nadando lado a lado, fazendo com que Blake diminuísse a velocidade, assim permitindo a esses encantadores e misteriosos seres acompanhá-los por várias milhas. A claridade da noite permitia uma razoável visão. Em segundos, estavam próximos à saia atrás do barco, interagindo com os animais. Certamente, alguma coisa eles queriam dizer e, por isso mesmo, falavam sem parar, por vezes, parecendo gritar palavras. Gabriela observava a cena, enquanto o iate estava quase parando. Eram dezenas, talvez vinte a trinta golfinhos, uma cena fora do normal para o dia a dia desses peixes, mas de repente, eles pulam na água e desaparecem.

"Ai que pena!", diz Ana, *"eu gostaria de ter nadado com eles novamente. É uma experiência incomparável".*

Neste instante, os amigos notam que Gabriela estava em estado de meditação, como lhe era peculiar, parada com os olhos vidrados. Por isso, não foi incomodada por ninguém, devido a compreenderem o que poderia ser. Ela balbucia palavras, sem energia. Mestre Germano coloca o seu ouvido esquerdo praticamente na altura da boca dela, conseguindo entender o porquê de ter ficado petrificada e sem voz. Ele se levanta da posição reclinada, gerada por uma diferença de quase vinte centímetros de altura, informando o que entendeu.

"Muller, ela disse Muller."

Um helicóptero vermelho e branco, Augusta Westland AW 139, aparece no horizonte, vindo do continente, das proximidades de Pensacola, mostrando determinação em sua direção, projetando potentes faróis sobre a Aurora B. David grita para o capitão Blake acelerar, aumentando a velocidade ao máximo, até chegar a 32 nós. O aparelho trazia as portas de correr,

com duas janelas, abertas, tendo um homem com capacete e colete à prova de balas, preso por cinto de segurança, em cada uma delas, inclinando-se para poder alvejar com rifles de repetição semiautomáticos Barret Light fiffty, de fabricação americana, utilizando suas miras digitais de alta precisão. Mais dois homens estavam dentro do aparelho, além do piloto, conforme observou David com o binóculo. O helicóptero se aproxima e sobrevoa o iate, fazendo-se ouvir uma voz pelo alto-falante: *"este é o único aviso que faremos. Diminuam a velocidade até o desligamento total do motor. Vocês serão abordados. Nós não queremos matar ninguém. Faremos isso, se necessário. Queremos que nos entreguem o que tiraram da ilha, com tudo o que tinha dentro. Apenas isso poderá salvar suas vidas! Vocês têm três minutos para concordar".*

O helicóptero dá uma volta ao redor do navio e se afasta um pouco, planejando voltar no tempo estimado.

David junta-se ao capitão Blake, dizendo a todos que fiquem no andar de baixo, o mais escondidos possível, procurando anteparos para se proteger de tiros. Neste mesmo instante, Maya tem uma ideia. Corre até o quarto para pegar o dorje e, em seguida, desce até a despensa, onde estava a arca.

David e o capitão Blake descem para a sala de comando principal, localizada na parte de baixo, de forma a não serem um alvo tão fácil.

"David, já avisei a Guarda Costeira que estávamos sendo atacados via aérea. Eles têm uma base com helicópteros a poucos minutos de Pensacola. Com sorte, eles chegarão rápido. Não temos armas e nem como escapar do helicóptero. Temos que ganhar tempo, apenas." O capitão Blake estava pálido, mas conseguindo manter o controle sobre os nervos.

David responde ao que ele disse, olhando constantemente pelas janelas.

"Teremos que fazer manobras radicais, até onde o barco aguente! Avise a todos que vai chacoalhar e que coloquem os salva-vidas."

Enquanto isso, Maya abre o almoxarifado e retira as madeiras que cobriam a caixa de ouro.

"Olha aqui caixinha linda, se eu consigo erguer você é porque este gerador aqui fala contigo, portanto, você precisa me ajudar. Eu quero que da tua tampa saiam três pedaços, na forma de esferas de ouro maciço de oito centímetros de diâmetro, com um sol de energia vril dentro, explosivo e poderoso, somente ao meu comando. Não vamos desperdiçar demais. Agora!"

Ela coloca o gerador na horizontal e um feixe de luz que parece laser sai de cada ponta da coroa, juntando-se à frente, antes de atingir a caixa dourada, aumentando a sua potência e agindo como um buril de luz, manufaturando as bolas e o sol central. Neste momento, ela teve que fechar os olhos, tamanha era a luz que emanava das esferas, ainda abertas. Quando elas se fecharam, a luz diminuiu, voltando ao normal. Maya ajusta os óculos e visualiza a sua criação. Três esferas estavam cobertas por energia líquida, que parecia imitar a grade eletromagnética da Terra, saindo do polo norte e indo em direção ao polo sul das esferas, fazendo-as flutuar, dado o campo magnético criado. Ao ficarem prontas, caem no chão, parecendo que alguém apertou o botão de off. Maya as recolhe com facilidade. O peso esperado havia sido cancelado pelo campo magnético presente, mesmo de menor intensidade, enquanto estavam "apagadas". Ela chega à área superior no momento exato do retorno do helicóptero. Conforme esperado, seus ocupantes entenderam que não se entregariam tão facilmente. O Augusta Westland inclina e avança em sua direção. O capitão Blake inicia um zigue-zague a 32 nós, de forma a desviar os tiros dos rifles que disparavam. David, da proa, olha para a popa e visualiza Maya, tentando se segurar, devido ao movimento constante, acompanhado de curvas. Algumas balas passam ao seu lado, sendo um alvo relativamente fácil. Quando o helicóptero parece emparelhar no ar, ela age rapidamente, erguendo a primeira esfera, encostando-a no gerador na vertical. No mesmo instante, o campo magnético é ativado e a esfera dourada e reluzente sai das mãos dela, tendo a aparência

novamente eletrificada. Simulando o gesto de um jogador de tênis no momento do saque, a esfera é impulsionada pelo gerador, com incrível energia e velocidade, na direção do helicóptero. O orbe dourado e brilhante sibila, disparando um feixe de luz, acompanhado de um solfeggio dó, atingindo o objetivo que ela tinha visualizado e mantinha na mente, o vidro da frente do aparelho e o piloto. Ao atingi-lo, o vidro é estilhaçado e, pelo movimento do helicóptero, o piloto deve ter recebido o impacto. Sentindo um pesar, ela controla a sua mente para não fazer o orbe explodir. O veículo pende para uma lateral e parece estar desgovernado por alguns segundos, até que alguém liga o piloto automático e o aparelho volta a ficar estável. Um dos atiradores passa para o banco da frente e assume o controle. Reequilibrado, o helicóptero reinicia o encalço. Maya pega a segunda esfera, ativando-a da mesma forma e enviando-a direto ao peito do atirador restante. A força do campo gerado era tamanha que este, ao ser golpeado no colete à prova de balas, foi arrancado de seu cinto de segurança, atingindo violentamente um dos outros dois homens que estavam atrás, o qual teve sorte de ficar no aparelho, pois, por pouco, não foi lançado ao mar juntamente com o atirador, pela outra porta aberta. Uma queda de mais de dez metros. Um dos homens que estava sentado no banco de trás parece dar uma ordem de evacuação. Ainda emparelhados com o iate, um helicóptero da Guarda Costeira chega, ordenando que o iate desligue os motores e seguindo no encalço do outro helicóptero, o qual, sendo um aparelho bem mais potente, imediatamente leva vantagem. Um barco da Guarda Costeira alcança o iate de David. Os oficiais vão a bordo e verificam os tiros, sem que tenham danificado áreas que pudessem comprometer a viagem. Eles declaram que estavam de férias e que foram atacados pelo que parecia ser piratas que queriam ir a bordo. Enquanto os oficiais fazem uma batida no barco para checar se havia alguma carga problemática, como drogas, mestre Germano faz ligações para seus “eternos amigos”, que imediatamente entram em ação para liberá-los. Mesmo assim, os oficiais fizeram uma batida geral em todas as áreas, pedindo para abrir o almoxarifado. Maya pisca o olho para David, o qual confia no gesto. Quando entraram, verificaram que nada fora do esperado estava nas prateleiras, dirigindo-se, então, para as duas caixas de madeira fechadas. Um dos oficiais abre a maior e percebe um baú dourado. Ele faz menção de abrir a tampa e notou ser muito leve. Em seguida, pega o baú por uma das extremidades, confirmando a sua leveza. Ele se vira para Maya e David.

“Achei que tinham uma arca de ouro aqui, mas claro, pelo peso, deve ser de alumínio. O que fazem com isso?”

“Ah, eu comprei em um leilão. Era de um cara excêntrico que gostava de tudo dourado, mas não era tão rico para ser de verdade. Vou colocar em minha casa para decorar a sala. É bonito, não é?!”

“Bom, é dourado e liso. Deve ser bonito. E essa caixinha? Para que tantos cristais de quartzo com formato de pirâmide?!”

“Para decoração também! Achei bonitinhos!”

Ele nota a outra caixa, de tamanho menor, com aparência envelhecida, contendo muitos papeis escritos à pena.

“E isto, o que é?! Parece bem antigo, é valioso?!”

Por incrível que pareça, devido a toda a confusão, ao foco dos cristais de Enoch e à arca dourada encontrada, a caixa com os manuscritos originais ficou relegada a segundo plano. Maya tem um sobressalto, sem que fosse percebido.

“São cópias de textos de novelas de Shakespeare, obviamente cópias. Compramos no mesmo leilão, mas foram sinceros, venderam como cópias antigas. Têm certo valor, mas nada para quererem nos roubar, afinal, estava em um leilão público!”

O oficial da Guarda Costeira se levanta, dirigindo-se a David.

"Ela deve gastar todo o seu dinheiro, certo chefe?", diz o oficial, dando uma cotovelada de brincadeira nele.

"Você nem faz ideia. Tive que cortar o cartão de crédito para não ir à bancarrota!"

Os oficiais saem rindo do local, reportando por rádio que a área estava limpa. Após registrarem o caso como aparente tentativa de sequestro ou roubo e assinarem alguns papéis, eles estavam liberados. Enquanto isso, foram informados que as pessoas do helicóptero haviam fugido, exceto aquele que foi derrubado na água. Este seria preso sob acusação de tentativa de sequestro/assalto à mão armada e interrogado.

"É, os bandidos têm equipamentos melhores que os nossos! Tiraram o cara da água, mas parece que estava desfalecido. Ele quebrou várias costelas. Foi atingido no peito por um projétil, coisa estranha. Assim que tivermos alguma informação dele, entraremos em contato com vocês. Para onde estão indo?"

"Moody Gardens em Galveston. É o nosso ponto final. Depois disso, voltaremos para Boston. É o local de origem do barco e de lá, para São Paulo, no Brasil."

"OK, mantenhamo-nos em contato. Parece que não tem nada demais por aqui. Além do que, têm amigos quentes zelando por vocês. Deixarei com o capitão Blake a forma de me localizarem. Eu vou pedir que fiquem de olho em vocês pelo caminho, algum problema quanto a isso?! Se tentaram sequestrar o seu iate ou vocês, podem tentar novamente."

"Pelo contrário, eu agradeço, depois do que aconteceu!", diz David com total sinceridade.

"OK, então, tenham um bom divertimento em Moody!"

Os dois oficiais voltam ao seu barco e saem em média velocidade.

47.

"Nossas virtudes e nossos defeitos são inseparáveis, como a força e a matéria. Quando separadas, o homem não existe."
Nikola Tesla, cientista e inventor.

Após o ocorrido, o grupo se reúne na sala principal, não inibindo extrema preocupação e cuidados, pois sabiam que a qualquer momento voltariam a ser atacados pelos Muller e, provavelmente, de forma pior.

"Eles não vão desistir, e acredito que já saibam o nosso destino. A maldade e a inteligência são as principais características destes dois. Eles são milionários, portanto, podem comprar e pagar para obter as informações que quiserem. Quando chegarmos a Moody pela manhã, podem estar nos esperando." Curiosamente, Gabriela quebra o silêncio que lhe era tão peculiar e conversa com grande segurança, mostrando uma capacidade de avaliação de fatos e tomada de decisão que não havia aparecido até o momento. Provavelmente isto estava ocorrendo por estar mais saudável, e então conseguia assumir o seu controle pessoal. Maya e David apreciavam ver o resultado de seus cuidados sobre ela, a qual tinha demonstrado, desde o primeiro contato com Maria, ser uma pessoa de muito bom coração, mesmo tendo passado péssimos momentos em sua vida.

David retorna à mesa, deixando o capitão Blake no comando do iate durante a maior parte da noite. Faltavam seis horas para alcançarem Galveston. Ele se senta, recebendo um prato de biscoitos, servido por Maya.

Ana acomodou-se na mesa, logo à frente da amiga e estava intrigada com a esfera que ficou dentro do helicóptero e com a que restou, sem ser usada.

"Maya, o que vai acontecer com aquela esfera, a que quebrou o vidro do helicóptero?! Ela pode explodir como uma granada, a qualquer momento ou só com a ativação do gerador vril?!"

"Eu não tenho uma resposta concreta, somente uma vaga ideia, se assim posso me referir. Eu acho que aquele orbe desapareceu quando eu pedi para não explodir, na verdade, ele foi criado para tal, mas acredito que não levo jeito para sair explodindo coisas. O mesmo aconteceu com o que caiu no mar, mas não tenho certeza, já que este daqui...", ela mostra a esfera dourada que estava ao lado da mesa de jantar, *"ainda é visível. Eu só sei que este está aqui, ainda conosco porque podemos precisar usá-lo em Galveston".*

"Vamos explodir algo, digo, temos que arrombar algum lugar da pirâmide para trabalhar na ativação?!", pergunta Ana à amiga.

"Possivelmente, mas eu ainda não sei. Vamos chegar lá para ter ideia do tamanho do problema."

Mestre Germano tomava um chá e calmamente recoloca a xícara em seu pires, tomando a palavra.

"Eu andei analisando os fatos e tenho algumas considerações, as quais podem levar a possibilidades. A primeira é que, se o som do canto dos golfinhos fará parte do processo de ativação, teremos que fazer isso ainda com a luz do dia, já que é quando vamos encontrar estes

animais com facilidade. Pela manhã chegaremos a Moody Gardens e a primeira coisa a fazer é o reconhecimento de área. Teremos que ter a posição na qual os golfinhos estarão agrupados, ou ainda, até onde poderão vir, me refiro a terem que chegar perto da costa para que Gabriela use os diapasões o mais próximo possível deles. É a união destes dois padrões harmônicos que gerará o resultado que a Terra precisa. Com uma boa avaliação, a pé, pela área, acharemos o local. Não se trata apenas de um local e sim "do local" onde existe um padrão de energia que pode ser usado a nosso favor e que atrairá os golfinhos. Eles já sabem qual é o lugar, falta que nós o encontremos, ou que aqueles lindos espécimes nos mostrem onde fica. A interação entre os solfeggios e os golfinhos dará o primeiro estágio de ativação. Para tal, os cristais terão que estar na posição exata da câmera secreta, o equivalente à câmara do rei na pirâmide de Gizé, pois esta é a representação da fração áurea e também o ponto onde estaria a ponta superior da pirâmide invertida, a pirâmide etérea. Mas pode ser que não precisemos encontrar a câmera secreta, e sim ela nos encontre, pois os cristais podem dar sinais de ativação, pela proximidade do local. A pirâmide que vemos se encontra com outra pirâmide invisível, invertida, a qual penetra a de natureza física e fixa a sua conexão da pedra da cabeça, exatamente neste ponto... Supostamente... Assim, tudo o que temos que fazer é entrar na pirâmide com uma caixa ou sacola."

"Creio que o maior problema será entrar lá carregando sessenta e quatro pecinhas de cristais multifacetados, mas podemos dividir entre todos nós. Dariam quase dez para cada. Eu, Ana, Maya, David, Germano, William, acredito que o Blake tem que ficar no iate e a Gabriela no local que descobrir ideal para os golfinhos, portanto, dividido, não chama tanta atenção", explica Armando a sua ideia.

"Não podemos incluir o William nisso. É só um funcionário e não um voluntário", diz Ana a todos.

"Ele é mais do que isso. É um amigo da Thule que está aqui neste barco sabendo exatamente o que temos que fazer e por que, correndo ou não perigos. Ele sabe o que precisa e está aqui para nos ajudar, por livre e espontânea vontade!", diz David.

William, que estava no balcão de acesso à cozinha, acena um OK para eles.

"Típico", pensa Maya, sem mais ficar surpresa, a esta altura.

"Bom, se é assim, então, temos mais gente a nosso favor! Quanto mais, melhor!" Ana fica satisfeita em não envolver alguém que não tenha ideia do que acontece.

"O complexo abre somente às dez da manhã. Estaremos chegando a Moody bem antes disso, por volta das seis da manhã. O melhor seria que pudéssemos nos "esconder" com este barco enorme, em algum lugar, antes de lá atracarmos, e esperarmos pela hora certa", observa Armando.

"É verdade. Vou dar uma olhada nos mapas e tentar achar algum lugar a aproximadamente uma hora de Moody, para não ficarmos tão evidentes. Eu volto assim que achar o local", concorda David com Armando. Ambos acabaram indo juntos checar os mapas e coordenadas com o capitão Blake.

Uma hora depois, eles descem da cabine de comando, falando no local ideal de parada: Galveston Yacht Basin, onde poderiam abastecer o barco de combustível e de suprimentos.

"Como Moody só abre às dez e chegaremos muito cedo ao iate clube, poderemos cuidar das nossas necessidades pessoais, já que há uma área de compras por lá, e, ao mesmo tempo, cuidar do barco, até esse horário, e se dermos sorte, ficar mais disfarçados no meio de outros iates do mesmo nível", diz Armando para os que ainda estavam na sala. Apenas Gabriela havia se retirado para a sua suíte. Ela costumava dormir cedo e acordar antes de o sol nascer.

Maya estava relativamente quieta e pensativa, avaliando o local de parada do barco, via

internet. Quando ela encontra o que queria, esclarece seu ponto de vista.

"Eu acho que poderíamos fazer o seguinte: pelo que estou vendo aqui na descrição desta marina, existem muitos espaços cobertos para guardar pequenas embarcações e até de médio porte, como a nossa. São galpões gigantescos e, se um helicóptero vier sobrevoando, não verá o Aurora B."

Ela mal havia terminado de expor sua ideia quando já tinha aprovação geral.

"Vamos alugar carros então?!", diz Armando. *"Posso fazer algumas consultas e alugar via internet, pegando dois carros para nós. Vou ver isso já. Acho que duas SUVs diferentes em estilo e cor irão servir ao propósito. Nesse caso, não chamaremos atenção ao chegar, já que isso é impossível quando se está num iate destes. Se o Aurora vai ficar na marina, melhor que o Blake e o William fiquem para cuidar das coisas por aqui."*

William, que ouvia tudo, queria sempre ajudar, ao máximo.

"Mas como vão fazer com os cristais? Uma pessoa a mais divide melhor."

"É, eu penso que a gente pode sair e entrar da pirâmide do aquário. Isso é uma coisa normal. Um ou dois ficam lá dentro e vão juntando os cristais. Se a gente entrar duas vezes, fica discreto ter uns cinco ou seis desses na mochila, afinal, são pecinhas lindas e inofensivas de cristais. A gente pode falar que é Swarovski, se alguém perguntar, para dar de presente a amigos", reflete Ana.

"Perfeito! Ótima ideia. Então vamos até essa marina, deixaremos o Aurora lá, aos cuidados de Blake e William, e iremos em dois carros, chegando em tempos diferentes também, algo assim com meia hora de diferença", diz David, fechando o assunto.

Por volta das onze da noite eles resolvem ir para seus quartos dormir, programando acordar cedo e cuidar de cada detalhe do plano. Maya e David ainda estão na sala principal, sentados no sofá, lado a lado.

"David, você se deu conta de que não avaliamos os documentos da caixa dos manuscritos até agora? Demos apenas uma olhada e ficou de lado. Eu sempre tive o sonho de ter isso em minhas mãos e agora ficou assim, relegado a segundo plano. Eu sempre sonhei em achar o manuscrito real do soneto 33 onde ele revela ser um Tudor, William Tudor, o nome real que Francis Bacon teria, se fosse filho legítimo, falando de sua mãe. Ele usava a sua secreta codificação e soltava palavras como 'útero e mãe' nos pontos que previamente anunciava em outros sonetos. Aposto que está tudo salientado nestes manuscritos e poderemos, enfim, revelar a verdade para a humanidade."

"Sim, quero ver isto tanto quanto você. Podemos levar para o lado positivo. Precisaremos de muito tempo para examinar aquela caixa, juntamente com o mestre Germano e amigos especialistas no assunto. Creio que não é problema algum deixar isso de lado até que resolvamos o que é mais importante agora", David responde calmamente, demonstrando profunda consideração a respeito.

Maya continuava curiosa, entretanto, resignada à prioridade que tinham para o momento. Ela segue falando do que tinha em mente quanto à caixa de manuscritos.

"Quero dar uma olhada no soneto 3, quando ele fala da mãe, a falsa rainha virgem, uma mãe infeliz por não ter assumido a maternidade. O mais interessante é que, contando as linhas de versos, do soneto 1 ao 3, na quarta linha do soneto 3, a linha 33 considerando desde o primeiro soneto, temos exatamente a cifra mágica de Bacon, e ela dizia: 'trapacearias o mundo, tornando aquela mãe que o deveria ser, uma infeliz'. Ela morreu de depressão, ficou anos de cama no final da vida, provavelmente por tudo o que teve que esconder e perdeu de curtir. Quero pegar em minhas mãos o soneto 33, em que ele usou o nome 'Elizabeth Tudor' como a matriz para a codificação que seguiu este poema. Aposto novamente que a tabela das cifras com o nome de sua

mãe, referente ao soneto 33, está na caixa. Mas você tem razão, precisaremos fazer isso depois, pois além de requerer muito tempo de leitura, cálculos, anotações e estudos em geral, temos que ter cabeça para isso, e agora não temos. Portanto, vamos descansar, não preciso pressentir nada para dizer que amanhã viveremos novas emoções e temos que estar prontos, energeticamente, para elas."

Sem mais palavras, ele sorri, beija-a na testa carinhosa e prolongadamente, pegando em sua mão e indo abraçados para o quarto. Após o banho, sentados na cama, David estava recostado na cabeceira, com olhos fechados. Sua energia podia ser sentida, estava baixa e triste. Maya aproxima-se dele, cutucando-o docemente, fazendo com que olhasse para ela. Assim que ele eleva a cabeça, tirando-a do apoio de trás, abre seus lindos olhos azuis sorrindo. Maya o beija carinhosamente na testa.

"Você está preocupado com o que vai acontecer amanhã, certo? É a respeito da visão que eu tive com os golfinhos, aquela construção cristalina que encerrou você em outro universo paralelo ou coisa assim, é isso?! Pode ter sido apenas algo que vai se formar mas não que necessariamente precisa sumir com você, o que acha?!"

De uma forma ou de outra, Maya continuava sempre querendo saber o que parecia distante de ter o direito.

Ele a faz se sentar à sua frente, ambos com as pernas cruzadas, como se fossem fazer aulas de ioga juntos, segurando em suas mãos.

"Princesa, seja lá o que vá acontecer, e se acontecer, eu retornarei para ficar com você. Eu não vou embora, talvez eu suma por um tempo, mas vamos voltar a ficar juntos, pois essa é a minha determinação, meu livre-arbítrio, e nada nem ninguém pode interferir nisso."

Ela levanta a sobrancelha esquerda, abrindo a boca, querendo fazer uma pergunta, dando tempo apenas de um balbucio ser ouvido, quando ele, imediatamente, tampa a boca dela com sua mão direita, removendo-a, quando ela então desiste de perguntar, beijando-a ao início, de forma suave, e a continuação, torridamente. *"Se esta seria a última vez de um longo período, deveria então ser memorável"*, pensou Maya, e com certeza ele compartilhava do mesmo pensamento.

48.

“Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado até que seja enfrentado.”
Albert Einstein, físico.

10H.

Galveston Yacht Basin. Um dia ensolarado propiciava o anúncio do aumento da temperatura para 15º C, observado no termômetro digital localizado no painel do carro. Dois SUVs aguardavam, com o motor ligado, que cada grupo se instalasse adequadamente. Conforme o combinado, Maya, David e mestre Germano entram em um Nissan Murano preto modelo 2012, e Armando, Ana e Gabriela em uma Dodge Journey cinza-chumbo, também modelo 2012. Para maior praticidade, estavam vestidos com jeans, camisetas e jaquetas de cotton ou couro, tênis e uma bolsa esportiva ou mochila nas costas, já com as divisões de cristais para cada. Mestre Germano conseguiu com “seus amigos” três seguranças armados para vigiar o Aurora B., deixando o capitão Blake e William bem mais tranquilos. Mestre Germano disse que também providenciariam proteção para eles em Moody Gardens.

Os dois carros partem com um intervalo de vinte minutos, deixando para trás o Aurora B. a fazer reparos dos tiros que havia recebido, abastecimento e revisão geral. O capitão Blake contava com retornar calmamente para Boston, assim que tudo desse certo no complexo de Moody. Os dois carros seguem pela 275 Harbor Side, pegando a 51st, seguido da Brodway Avenue e a 61st, entrando em Steward st, localizando, neste ponto, a sinalização para a entrada de Moody Gardens e seu enorme estacionamento de veículos. Em menos de trinta minutos, haviam chegado, sem terem se perdido. Conforme combinado, eles estariam falando pelo rádio dos aparelhos Nextel que David havia solicitado a Solomon, previamente em Boston. Exatamente seis dos sete aparelhos foram levados, um ficou com o capitão Blake.

A SUV dirigida por David encaminha-se pela Hope Boulevard, passando ao lado do parque aquático e do hotel, dirigindo-se mais à frente ao grande estacionamento que se localizava exatamente ao lado da pirâmide azul. Menos de meia hora depois, chega a SUV de Armando, estacionando no mesmo local, distantes um do outro. Ao saírem dos carros, todos colocam bonés e óculos de sol, acreditando, como uma celebridade americana de Hollywood, que isto seria o necessário para não serem reconhecidos. Provavelmente, o resultado será o mesmo. Alguém os reconhecerá e chamará outros. Maya, David e Germano preferem andar por toda área perfazendo um estudo das facilidades e dificuldades de atuação, principalmente em caso de necessidade de fuga. Armando, Ana e Gabriela dirigem-se imediatamente à praia em um impulso de localizar um local ideal. Ao chegarem, concluem ser mais fácil que o pensado, pois havia dois píeres para atracamento de barcos, incluindo os de médio porte. O primeiro, estando logo à frente, parecia bastante bom, avançando baía adentro por mais de vinte metros. Armando percebe que à sua esquerda, a menos de um quilômetro visual, havia outro, mais discreto, o qual poderia ter menos gente por perto e estava protegido por uma pequena entrada no mar, ideal para que os golfinhos aparecessem. Gabriela avalia as duas possibilidades de píer e prefere ir até

cada um deles, antes de decidir, dando prioridade ao que estava localizado à esquerda. Andando rapidamente, quando estavam chegando, encontram um cartaz que faz com que concluam ser um local bastante agitado, ao contrário da ideia primária que tiveram, era o ponto de saída e chegada do barco de passeio pelo canal, o Colonel Boat. Nos horários de atracamento, um aglomerado de pessoas se formava, indo e vindo. Sem muito para falar e mais para agir, mudaram o rumo, voltando para o píer da direita, no qual estavam apenas pequenas lanchas paradas e, decididamente, haveria menor número de pessoas trafegando no final da tarde, ao pôr do sol, quando teriam que atuar. Gabriela caminha até o fim da passarela, olha para o mar, analisa e sente. Neste mesmo momento, um golfinho salta na água, como se quisesse dizer "estamos aqui". Um casal de meia-idade, com largos sorrisos nos rostos, bochechas rosadas, vestidos com shorts, camiseta polo, chapéus e óculos de proteção para o sol, estavam dentro de sua pequena lancha, bem ao lado de Gabriela, preparando-se para sair. Eles percebem a cena e falam com a jovem e delicada moça.

"Nossa, isso não é comum por aqui. Os golfinhos geralmente não entram neste canal da baía, exatamente por ter muito movimento. Você teve sorte! Ele deve ter visto algo em você que gostou. Eu sempre digo que eles são estranhos, inteligentes demais para este mundo onde vivemos e sempre dando um enorme amor para todos, não é querido?!"

"Sim, sim, eles não chegam até aqui. Há anos que visitamos Moody com nossa lancha, pois moramos aqui perto, e é a primeira vez que os vemos assim no canal! Que sorte! Vamos tirar uma foto!"

Enquanto dois golfinhos saltavam da água e pareciam querer se aproximar de Gabriela, o simpático casal fotografava.

A jovem moça apenas sorria, sem graça, e observava. Ana e Armando estavam alguns passos atrás, para não chamar atenção. Gabriela volta até onde eles aguardavam e conclui.

"Vamos ter que voltar aqui às dezoito horas. Teremos uma hora até o pôr do sol completo."

"OK, Gabriela. O parque fecha às dezoito horas. Espero que tenha o mínimo de pessoas por aí, por outro lado, talvez seja melhor chegarmos um pouco mais cedo, para garantir, antes que nos expulsem", diz Ana.

"Aqui fora não tem problema de horário, pois os restaurantes ficam abertos e tem o show de luzes à noite. Boa parte das pessoas espera para ver, portanto, não creio que vamos ter tão pouca gente assim, e isso é um problema." Olhando em direção ao hotel, a algumas centenas de metros, Armando tentava avaliar todos os pontos que poderiam contribuir ou atrapalhar, preparando-se para eles.

Neste instante, eles resolvem chamar David pelo rádio.

"David?"

"Sim, Armando, pode falar."

"Achamos o local para a Gabriela, mas ela acha que tem muita gente e os golfinhos podem se assustar, prefere, então, esperar pelo início do pôr do sol."

"Não podemos esperar", diz David, com segurança, *"temos que agir agora mesmo. Estamos sendo seguidos. Eu e a Maya acabamos de despistar dois homens que faziam o mesmo caminho que nós. Trocamos de rota e eles continuavam, até que conseguimos, momentaneamente, despistá-los. Olhe em volta e provavelmente vai perceber que também tem alguém atrás de vocês".*

Girando o corpo, de forma nada disfarçada, Armando inicia a busca visual de algum homem que não esteja acompanhado pela família e com atitude tensa, certamente este seria o primeiro ponto de identificação, seguido do tipo de roupa trajada. Ele percebe que logo atrás deles, havia dois homens que preenchiam estes requisitos, tendo os celulares em suas mãos e um blazer fechado, provavelmente escondendo armas. Quando Armando faz contato visual com eles,

dando apenas cinco passos largos, os dois homens os alcançam. Um deles remove os óculos de sol preto, mexendo na parte de dentro seu paletó.

"FBI! Você está com David Bacon? É o senhor Armando?", diz um dos homens, mostrando o distintivo.

"FBI?! Sim, sou o Armando."

"Temos ordens de acompanhá-los e impedir que a seita vril intercepte os senhores. Estamos seguindo várias conexões há anos e uma delas é a que está em seu encalço. Eles são responsáveis por tráfico de drogas em grande escala, sequestros e assassinatos em vários países, além do contrabando de armas para guerrilheiros latino-americanos."

Ana e Armando se surpreendem, pois esses alemães disfarçados de donos de indústria farmacêutica já faziam bastantes estragos, juntando com essa nova informação, explicava por que tanto empenho para capturar uma energia potente como a que eles tinham descoberto, mas nem por perto dominado. O agente continua.

"O sr. Germano está nos ajudando há muitos meses. Ele é o nosso contato principal no seu país, com o qual temos um acordo de colaboração. Vamos ficar de olho em vocês, cuidando para que nada lhes aconteça, entretanto, temos que deixar que os outros apareçam para pegá-los em ação."

"Sim, eu entendo e agradeço que nos protejam. Eu acho... Esperem... Nós precisamos que escondam esta mocinha até que chamemos por ela. Podem fazer isso? Ela é quem mais pode ser identificada pelos Muller." Armando estava inseguro e demonstrando nervosismo.

"Sim, claro, poderemos entrar em qualquer área que solicitarmos e deixá-la lá até que seja necessário, acompanhada de um agente."

"Gabriela, seu rosto é muito conhecido, acho que ficará em segurança com eles. Fique com o seu rádio. Quando estivermos no ponto, chamaremos e você deverá fazer o que bem sabe, OK?!"

Gabriela começava a tremer, temendo o que viria a seguir. Um dos dois homens de terno preto e camisa branca leva a delicada moça para dentro do prédio do Visitors Centers, onde segundo ele, tinham uma área protegida, usada por policiais, quando necessário.

Os agentes se afastam. Armando pega o rádio Nextel e chama por David.

"Cara, você ouviu tudo?! Eu deixei o botão apertado para que ouvisse!"

"Sim, ouvi. Ainda não fiz contato pessoal com nenhum agente, pois os que estavam atrás de nós não se identificaram, portanto, creio que não eram do FBI. Vamos entrar no aquário."

"David, espere! Nós entraremos com vocês!"

"Já estamos entrando. Quando estiverem dentro, tendo passado pela entrega dos tickets, avisem."

"OK."

Ana e Armando movimentam-se em direção ao caminho que levava à pirâmide azul, andando com passos rápidos.

49.

“Se os fatos não se encaixam na teoria, modifique os fatos.” Albert Einstein, físico.

David, Maya e mestre Germano passam sem problemas pela entrada do aquário. Em poucos minutos, estavam dentro de um enorme túnel, o qual tinha uma placa descritiva com o termo “Aquatunnel”. Tubarões passavam por suas cabeças e vários peixes enormes passeavam por este tanque. Uma sequência de tanques foi percorrida e, em nenhum momento, algum deles sentiu que deveria pegar os cristais, tirando-os das bolsas para depositá-los em algum local.

“Eu pensei que teríamos um sinal, mas nada até agora.” Maya anda por um corredor e para na frente do mapa da pirâmide, observando que no topo havia uma área pequena, aberta à luz, tendo os vidros de fechamento acima deles. Por essa ponta, era projetada a luz que todas as noites encantava os visitantes.

“Vamos subir e ver no que vai dar. Talvez seja lá, e não na área calculada como a câmara do rei.” Sem maiores questionamentos, eles sobem direto até último piso e se encontram em uma área extremamente iluminada, tendo guarda-corpos que protegiam contra a queda em andares abaixo, já que o núcleo dos pisos era vazado, excelente para a criação de um campo eletromagnético. Havia poucos turistas neste andar, por isso mesmo, o som do alarme de um celular ou relógio eletrônico, de alguém que passava, foi ouvido, avisando ser meio-dia. Neste exato momento, Maya nota um potente raio de sol atingindo diretamente uma espécie de anteparo de vidro, logo à frente, com uma grande cascata de água, descendo por este anteparo em formato de pirâmide, presa a um suporte metálico. O brilho associado ao reflexo do raio do sol era bastante forte e as pessoas que passavam reclamavam do incômodo aos olhos, fugindo do local. David e Maya trocam um rápido olhar e entendem que deveriam depositar os trinta e dois cristais que tinham em seu poder no prato côncavo de vidro, banhado pela luz e pela água, ao mesmo tempo. Necessitando enxergar direito, devido ao reflexo tremendamente ofuscante, colocam os óculos pretos que carregavam. Abrindo sua mochila, David foi o primeiro a depositar os onze cristais que estavam em seu poder, seguido de mestre Germano e Maya, terminando o complemento de trinta e duas peças. Para a surpresa de todos, ocorre um autoarranjamento espacial, e os cristais são encaixados tão perfeitamente que não seria possível adicionar outro. A luz gerada e refletida é aumentada até que a fusão das pequenas estruturas cristalinas piramidais foi percebida, criando um orbe dourado de pura luz líquida. A mensagem era perfeita. Maya identifica este padrão, já tão conhecido e manipulado por ela, nos últimos dias. Retirando o gerador vril da bolsa e segurando-o apenas na mão direita, tendo o dedo mínimo apoiado na coroa inferior e o polegar na coroa superior, ela o posiciona na vertical, girando-o para a direita até que fique na horizontal, quando então o orbe de luz líquida se ergue, ainda mais brilhante, fazendo com que ela e todos os que passavam não conseguissem ver absolutamente nada. Um som estranho, como de um estalo e um sibilo em 900 Hz, é ouvido, causando dor aos ouvidos dos presentes. Como não eram do grupo que entendia o que se passava, preferiam sair do local, às pressas. Em poucos segundos, o orbe penetra, dividido em dois sóis líquidos, dentro de cada uma

das coroas do gerador, e desaparece, juntamente com o reflexo da luz do ambiente. Algumas pessoas que estavam no andar acham que havia sido uma coincidência de dia e de posição do sol a refletir nos metais e vidro do local, comentando com outros o fato interessante, sem ter a mínima noção do que realmente havia acontecido. Nesse exato momento, David chama Armando pelo rádio, mandando-o buscar Gabriela e ir diretamente para o píer. Tinha certeza de que o processo estava iniciando.

"O que faço com os trinta e dois cristais que faltam?!", pergunta Armando.

"Simplesmente leve-os com você e não faça nada até que cheguemos lá!", exclama David ofegante.

Maya fica confusa, pois pensava que deveriam ficar dentro da pirâmide, e não sair, até que tudo terminasse.

"É no mar que as coisas vão acontecer Maya. Vamos!"

Puxada por David, ela corre pelas rampas de acesso aos andares de baixo, até que chegam ao térreo. Lá de fora já era possível ver a luz que era projetada da ponta da pirâmide, parecendo um jogo de reflexos do sol que penetrava versus uma fortíssima luz que era projetada para cima. Se isto ocorresse à noite, seria visto no Estado todo. Ao olharem para o topo da pirâmide, ficam certos da emergência, correndo em direção ao píer, sabendo que tinham pouco tempo. Em alguns minutos, David e Maya alcançam o local e notam que Gabriela, Ana e Armando estavam de costas, acompanhados por quatro homens, os quais julgaram ser do FBI. A urgência era tamanha que acabou prejudicando o raciocínio. Mestre Germano não os acompanhou e quando eles olharam para trás, no meio da corrida, já não o viram.

"Onde está o Germano?!", pergunta Maya, ainda correndo.

"Ele deve ter se cansado de correr e parado!", responde David, ao alcançar o local onde Armando e os outros estavam. O casal chega ofegante, praticamente ao mesmo tempo, sendo somente neste instante que se dão conta de que têm uma situação ainda mais complicada do que parecia. Ana, Armando e Gabriela estavam imóveis, agarrados pelos braços direitos e com uma arma, discretamente apontada para as costelas. Wolf Muller se vira para David e o fita nos olhos, com seu típico olhar cínico e penetrante.

"Ora, ora, ora, sr. David e Dra. Maya. Pela forma como estavam correndo, suas habilidades físicas parecem ser excelentes! Isso pode ser interessante, pois poderão levar mais tempo para se afogar, quando nós os jogarmos no mar amarrados a pesos, por outro lado, creio que estes seus amigos deverão morrer mais rápido, se é que não irão morrer antes, aqui mesmo talvez, quem sabe, agora, se não fizerem o que eu mandar."

David olha em volta à procura dos homens do FBI e não os encontra. Ele prefere negociar a correr riscos.

"Acho que você não se deu conta de que está a quinze metros de um local movimentado. Se um tiro for ouvido, muitas pessoas verão o que está acontecendo, e vocês serão presos!", diz David, tentando ganhar tempo para pensar em uma saída.

"Pode ser, mas neste caso, estarão todos mortos! De qualquer forma, se não completarem o que começaram, serão os responsáveis pela morte de muitas pessoas. A pirâmide azul explodirá como uma bomba atômica, dentro de poucos minutos, caso a energia que está canalizando não seja enviada a seu destino! Eu quero o comando desta energia vril, eu quero o gerador vril da forma como está agora, com a energia orgônica carregada em suas coroas!"

"Mas sem o gerador, a pirâmide vai explodir, como acabou de falar!", grita Maya.

"Exatamente, mas eu e meu irmão vamos sair daqui vivos! E vocês morrerão! Passe o gerador!"

Maya olha para David no intuito de fazê-lo compreender seus pensamentos.

"Já que vamos morrer... Então..." Neste mesmo instante, Gabriela entende o que os dois iriam fazer. Ela empurra o homem que a mantinha presa, e um tiro com silenciador é ouvido por eles. David salta sobre ele, quebrando o seu braço e deixando-o desfalecido com um golpe na nuca, chamando a atenção de algumas poucas pessoas que estavam a aproximadamente vinte e cinco metros do local e que não entendiam o que se passava. Imediatamente, ele gira e aplica uma sequência de golpes de caratê na altura do pescoço e peito, terminando com o desfalecimento do capanga que apontava a arma para Armando, o qual, nesse intervalo, agarra o braço do que apontava a arma para Ana, sendo então atingido por um golpe certeiro, desferido por Maya, no belo estilo garra de águia, exatamente na glote. Sem grandes dificuldades, David imobiliza Wolf Muller, deixando-o preso por uma chave de braço. Notando um grave problema, Armando vira-se para Gabriela, a qual estava sentada no chão, amparada por Ana e com o abdome coberto de sangue. Sem pensar, ele tira sua jaqueta de algodão e comprime o abdome da colega. Ana grita por socorro médico e uma multidão que observava sem entender se apavora. Wolf Muller estava sem ação, já que sua coragem dependia do número de capangas que o protegiam. Sem nenhum deles para manter a pose, sua força parecia desaparecer. Três agentes do FBI surgem ao lado de mestre Germano, dois deles apontavam os revólveres para Wolf Muller e seus capangas. Um dos agentes carregava um homem de meia-idade, o qual andava com dificuldade, aparentando muita dor. Maya e David reconhecem ser Gerhard Muller. Os dois irmãos são algemados e mantidos ao lado dos agentes. Um deles cumprimenta David pela ação.

"Desculpe a demora. Um agente foi morto, o que cuidava da moça chamada Gabriela. Estávamos pegando este aqui, ele ficou escondido em um helicóptero à espera do irmão. Parece que está com as costelas quebradas, como se tivesse sido alvejado por algum objeto com grande intensidade. Estávamos assistindo a tudo, mas precisávamos que eles fizessem algo mais grave para prendê-los, já que os crimes deles não são comprovados em seu país como tampouco no meu. Temos apenas pistas insuficientes para prendê-los e, portanto, eu precisava que fizessem algo aqui e que fossem pegos em flagrante. Eles fazem parte de uma rede criminosa que contrabandeia drogas e armas do Brasil para a América Latina, os Estados Unidos e a Europa. Desta vez, serão acusados pelo assassinato de um agente, várias tentativas de assassinato e sequestro, entre outras infrações que andaram fazendo ao longo desta semana. Se não conseguimos pegá-los pelos crimes principais, estes serão suficientes para mantê-los nas grades por um bom tempo! O sr. Germano foi um grande colaborador no processo."

A equipe médica de Moody chega prontamente, estabilizando os sinais de Gabriela e levando-a à ambulância.

"Eu vou com ela! Vocês terminem o que vieram para fazer! Rápido! Aqui estão os cristais que estavam com Gabriela, acabo de pegar de sua bolsa. Aqui estão os meus... Rápido!", diz Germano.

Os agentes do FBI não entenderam do que se tratava, mas se ocuparam de levar os capangas e os dois Muller para o carro, indo diretamente para a prisão. Ao sair, o que parecia ser o líder deseja boa sorte.

"Seja lá o que o sr. Germano quis dizer, eu desejo boa sorte e espero que não se metam em apuros novamente. Deixarei alguns agentes ainda de prontidão no local, caso necessitem, já que parece que ainda tem algo para acontecer."

Gabriela era colocada na ambulância e recobrava os sentidos, de um rápido desfalecimento, chamando por Maya. Esta já estava ao seu lado.

"Maya... Maya... Os diapasões... Minha bolsa... Diapasões..." Ela estava quase sem voz. Maya pega a bolsa, tirando o invólucro de veludo que prendia os diapasões. Entrega-a de volta para

Germano.

"Cuide dela!", imediatamente, sem mais pesar, Maya e David correm para a ponte do píer. Ao olhar para trás, lá estava a pirâmide azul, soltando pelo topo um raio tão poderoso que agora todos podiam ver. Uma sensação de pânico começa a tomar conta das pessoas no local. Armando e Ana, estando ainda no início da ponte, resolvem fazer algo.

"Vou mandar evacuar o local!", diz Armando, começando a gritar para que todos saíssem. Alguns obedeciam rapidamente e sem questionamentos, enquanto outros queriam ver o que estava acontecendo. Um dos agentes do FBI que ficou solicita aos seguranças do parque a evacuação oficial via alto-falantes. Ao final da transmissão, uma sequência de gritos e histeria foi instalada.

"Isso vai afastar os golfinhos!", exclama Maya, *"eles não virão com esta gritaria!"*.

"Eles virão sim. Sabem o que está acontecendo aqui, vá em frente! É você quem deve usar os diapasões e o gerador vril!"

David retorna para Maya com um olhar tremendamente sério e rígido, de uma maneira e intensidade que ela ainda não havia presenciado. Entre surpresa e certa de sua completa responsabilidade pelo que viria a seguir, pega dois dos garfos de tons do envelope de veludo, 528 Hz mi e 852 Hz lá, batendo um no outro. Sem mais delongas, pronuncia "EHYEH ASHER EHYEH" (eu sou o que eu sou), rodando os garfos de tom frequencial no sentido horário, no ar, sobre a cabeça, ela os bate novamente, de forma a ser percebido primariamente o tom mi e, na sequência, o dueto mi e lá. Ela estava bem na ponta do píer quando notou que a água do mar à sua frente era revirada. Vários golfinhos, dezenas, posicionam-se à sua frente, aguardando pelas instruções ou comandos sônicos. Maya troca de garfo, pegando agora o mi em 528 Hz e o fá em 639 Hz. Ao repetir três vezes a batida e a sequência de movimento, ela pronuncia *"Lay-oo-Esh"*, a frase que foi escrita em luz polarizada, o sincrônico das várias línguas antigas unificadas em uma só. Ao pronunciar este harmônico, os golfinhos se juntam em um único, raro e estridente som. Seu amontoado de sons variados e sem coerência sonora passa a ser um harmônico poderoso, extremamente coerente, sincronizado. Pressentindo o que viria a seguir, os golfinhos saltam para dentro da água e desaparecem, da mesma forma como vieram, aparentando apenas teletransportar-se de um universo paralelo a outro em frações de segundos. O chão treme. A sensação de um terremoto de escala 5.0 Richter era nítida. As pessoas que haviam insistido em ficar e estavam assistindo ao "show dos golfinhos", gritam e correm de um lado para outro. O tremor e o zigue-zague dos prédios e das árvores eram impactantes. À sua frente, distante algumas centenas de metros, Maya e David percebem um rodamoinho formar-se. Uma espiral de múltiplas cores girava violentamente e em determinado instante, a aparência da espiral muda para uma gigantesca serpente toroidal, lembrando o símbolo do infinito, circulando energia e se transformando em um incrível gerador cósmico, na tentativa de unificar em um só outros universos paralelos. O toroide se eleva das águas na mais bela forma cristalina, seu diâmetro ultrapassava cem metros. David chama a atenção de Maya, pedindo que ela olhe para o topo da pirâmide. Assustadoramente, o mesmo efeito toroidal era visto girando infinitamente, neste caso, feito de luzes magenta. Seu tamanho aumenta a cada segundo, o mesmo acontecendo com o toroide no mar. Observando as duas formações, Maya acredita ter que levar os cristais para o centro da formação na água, pois a pirâmide azul já os tinha. A eletricidade era notada entre estes dois sítios, parecendo ser cada qual a polaridade oposta do outro, gerando sensações de descargas elétricas pelas pontas dos dedos, como por qualquer extremidade.

Com muita determinação, ela pega os trinta e dois cristais restantes na bolsa e olha para a formação à sua frente, pensando em como colocar as peças lá sem ser afetada pelo campo eletromagnético gerado.

“Use o gerador! Tem que levar os cristais até lá e gerar a ativação, provavelmente com a esfera do vril no gerador! Essa é a chave que ativa o portal!”, diz David em estado frenético.

Intuindo que estivesse certo, sem questionamentos, como comumente ocorria, ela pega o gerador na bolsa que tinha a alça cruzada em seu peito, evitando perder este objeto tão importante quanto os cristais, posicionando o aparelho atrás do saco plástico em que os cristais estavam todos juntos, tornando o seu peso imediatamente negativado. Girando o gerador, levemente para direita e para a esquerda, percebe que o conteúdo estava conectado ao aparelho. Faz o mesmo movimento de arremesso que já havia feito uma vez, enviando os cristais como se fossem múltiplas bolas de tênis, em direção ao toroide esférico marinho que tinha à sua frente. As pedras entram no sistema e desaparecem imediatamente, mas nada acontece.

“O que deu errado?!”, pergunta Maya.

“Não foi ativado. Não foi ativado!” David parecia nervoso e desconsolado, com as mãos na cabeça, procurava um entendimento maior para o ocorrido. De repente, seu rosto se ilumina, seus olhos se abrem e ele se vira para Maya.

“Lá no topo da pirâmide azul, lá está a nossa resposta! O sol!”

“Como assim?!”, pergunta ela, perdida.

“Foi a energia do sol, potencializada pela formação do topo da pirâmide, que deu o início ao processo. Você tem o que foi gerado lá em cima, o orbe de energia vril. Ele está aí dentro, no gerador!”

“Eu sei, mas ele não sai! Já tentei! Não está obedecendo ao comando! A menos que...”

Maya enfia a mão novamente em sua bolsa e encontra a esfera dourada que havia feito tirando pedaços da arca. Ela sabia que o gerador a conduziria até o toroide formado na água e que poderia fazer a energia do gerador ir até ele.

“É isso! Precisávamos de um gatilho! Aqui está ele!”, enfatiza Maya.

Novamente, repetindo o movimento de arremesso, ela joga o orbe dourado para frente e acima, fazendo com que ele paire no ar, exatamente alinhado com o centro da formação do vórtice toroidal. Em um movimento de giro com a mão, Maya envia uma potente luz que saía das coroas do gerador, juntando-se ao centro, a alguns metros à frente, aumentando sua intensidade e diretamente atingindo a esfera. Uma explosão plasmática ocorre no local com a formação de uma maravilhosa tempestade de raios e partículas magnéticas, vista por toda a área onde antes havia o toroide de luz quase líquido. A intensidade das partículas aumenta exponencialmente e a formação de substâncias sólidas geométricas é facilmente percebida. Armando e Ana estavam abraçados e maravilhados pelas imagens coloridas, envolvidas por partículas e raios intensamente impregnados por energia vibrante, as quais, minuto após minuto, transformavam-se em imagens sólidas. Em não mais que oito minutos, uma cidade cristalina surgiu, onde em alguns pontos se podia ver através das paredes vitrificadas que se pareciam com rochas tremendamente polidas, não fosse a sua quase total transparência. A cidade não afetou em nada o nível de água da baía e coexista em dois universos paralelos, ao mesmo tempo. David tem o ímpeto de pisar em seu chão, podendo ver perfeitamente a água que passava por baixo. Ele dá alguns passos e testa a densidade do piso. Ao notar que seria sustentado, ele continua em frente. Maya fica aflita, lembrando-se das imagens quando nadara com os golfinhos.

“David, não entre aí! Volte!”

Parecendo estar completamente hipnotizado, ouvia uma música celestial com solfeggios, e assim, continuava andando pelos caminhos que praticamente se formavam à sua frente. Eles olhavam maravilhados construções que deveriam ter afundado em um passado muito distante, há mais de doze mil anos, quando uma civilização muito sábia deveria habitar estas áreas e ter construído uma cidade que, juntamente com outras, todas interligadas e pertencentes à mesma

época, era responsável pela manutenção da grade eletromagnética da Terra. Quando algumas áreas afundaram devido ao cataclismo gerado pelo reverso dos polos magnéticos e pelo deslizamento da crosta em aproximadamente 40 graus, esta foi uma das áreas afetadas, indo parar debaixo do oceano, por milênios, até que, enfim, passou a fazer parte de um universo paralelo.

Ao caminhar próximo a uma pirâmide, à imagem e semelhança da pirâmide do aquário, incluindo a mesma cor, ele cai de joelhos ao visualizar uma gigantesca escultura de cruz, entretanto, não era a lembrança de Jesus que o fizera cair de joelhos, e sim o reconhecimento de ser a cruz da constelação de Cygnus, ou o Cisne. Esta cruz era vista e venerada por muitos povos antigos, muito antes dos tempos que se consideram como tempos oficiais. Sua principal estrela, Deneb, identificada na época como a estrela polar, de intensa luz azul, é a décima nona em maior intensidade e uma das que mais inspirou os povos antigos, desde os conhecidos egípcios e celtas até os totalmente desconhecidos, que edificaram cidades alinhadas com esta constelação em cruz, Göbekli Tepe e Karahan Tepe, no Sudeste da Turquia. De joelhos, ele sentia como se reencontrasse a família que lhe foi tirada quando era pequeno e que agora tinha a chance de reencontrar energeticamente, mesmo sem a presença física dos seres familiares.

Tomada de coragem, ou um pouco mais, Maya entra na cidade das pirâmides à procura de David, tendo Ana e Armando pedindo que voltasse. O casal de amigos estava sem ação ao olhar para a pirâmide azul do complexo de Moody e verificar que em sua ponta, o que anteriormente havia sido uma espiral de luz, transformara-se novamente em um facho de um potente raio que parecia subir por milhares de metros, até desaparecer, tamanha a potência e intensidade que projetava. A ionosfera demonstrava estar sendo, ainda mais, ativada de partículas de polaridade negativa.

Maya continua a chamar o nome de David, sem resposta. Ela estava receosa em perder o caminho de volta, já que achava haver passado pelo mesmo lugar, pela segunda vez.

"Será que o espaço entre os objetos aqui é diferente ou tudo simplesmente se repete como em um fractal?!", perguntava-se ela. De qualquer maneira, continua em frente, tentando manter o contato visual com o caminho que percorria, observando pontos de referência.

Controlada a emoção, David chega mais próximo do monumento, a alfa de Cygnus, Deneb, tendo a enorme cruz de mais de vinte metros de altura por quase o mesmo de comprimento de seus braços à sua frente. Reconhece, à altura de seu peito, na coluna principal da cruz de Cygnus, o formato de uma mão humana esculpida, cavada na rocha semitransparente. Sem pensar e sentindo um incontrolável impulso, posiciona a sua mão direita na depressão esculpida. Para sua surpresa, a escultura cavada na rocha era exatamente a réplica de sua mão. Todos os detalhes, como linhas da vida, estavam presentes, incluindo o fato de seu dedo indicador direito ter uma inclinação em direção ao dedo médio. Em resposta ao toque, um flash de luz é emitido.

"David?! Não toque em nada!" Maya o havia encontrado, mas ele não a obedecia.

"Veja, eu já estive aqui. Eu fiz esta marca. É como se eu me lembrasse..." David mantinha a mão dentro da escultura cavada e uma luz cintilante começa a sair por baixo dela. A coluna se move para trás, abrindo um novo espaço. Nitidamente surgindo do nada, havia uma nova galeria com mais colunas, apresentando pé-direito maior que dez metros. *"Na terceira dimensão de espaço, seria impossível conceber aquela realidade"*, pensa David. Quando eles observam a nova área que apareceu à sua frente, eles entendem que estavam adentrando na quarta dimensão de espaço, ou quinta, considerando a relação espaço-tempo. A sala era retangular e eles haviam entrado por um dos lados menores. Visualmente eles constatam uma largura de quinze por trinta e cinco metros de comprimento, sendo constituída das mesmas pedras translúcidas, de luz cristalina, que faziam os ambientes iluminarem-se. As duas laterais eram preenchidas com uma

grande variedade de esculturas. As mais próximas eram parecidas com as greco-romanas. Maya e David se aproximam destas e, em seguida, visualizam uma fileira contendo as que se assemelhavam às da região da Mesopotâmia.

Andando lentamente, ela apreciava com ar surpreso as imagens que reconhecia.

"David, eu diria que este é Gilgamesh, o grande Rei que é apresentado no épico do mesmo nome, e estas tábuas cuneiformes, creio que escritas em acádio, devem ser as que contam a história de Noé e o dilúvio, pois a Gilgamesh é dada a mesma referência. Ele é Noé, mas o que tudo isto faz aqui? Temos uma mistura da história da Terra, pré e pós-diluviana, com a história do homem."

Maya vê várias imagens que somente conhecia pelos livros de Zecharia Sitchin. "Enki", reconhecia ela, e continua a reconhecer novas gravuras em pedras, "*Annunakis e a árvore que representa a mistura de DNAs dos seres 'do céu' com os da Terra... Os filhos da Terra...".*

Caminhando mais ao fundo, completamente maravilhados, eles encontram o que reconhecem ser um livro de que até hoje ninguém sabia a origem. *"O manuscrito Voynich, em pergaminhos perfeitos, como se tivesse sido feito hoje. Isso explica por que até hoje ninguém entende de onde ele veio, aliás, tudo está como se tivesse sido feito hoje!"*, exclama ela, olhando para os objetos ao redor.

"Aqui o tempo ainda existe, mas de outra maneira. Estamos na quinta dimensão de espaço e tempo, portanto, ele pouco interfere, deixa de ser observado, da forma como fazíamos", completa David.

"Bom, fazendo o uso dos estudos de física, se ficarmos aqui por muito tempo e lá fora for apenas segundos, legal, mas se for o contrário, estaremos perdidos, pode ser que já não tenha ninguém lá fora. Que tal sairmos daqui?!" Maya revela-se angustiada. Quando dá alguns passos para voltar, encontra a gravação da representação do décimo segundo planeta, também referido por Z. Sitchin em um dos seus livros, do mesmo nome.

"Acho que ele também passeou por estes lados algum dia desses!", diz Maya, ironizando, como comumente fazia em momentos de tensão.

David vai até ela, segurando em suas mãos, entretanto, sem palavras. É Maya quem acaba falando.

"Eu queria te pedir que me explique isso, começando com quem você é, ou melhor, quem pensa que é. Mas como temos que sair daqui, e eu diria que já... Sabe, não era para estarmos aqui dentro... Isto oficialmente não existe no nosso universo, portanto, veio fazer um servicinho e sair. Se ficarmos, iremos para outro universo paralelo!"

"Eu tenho que ficar, Maya. Há algo que tenho que fazer e esclarecer. Quando eu o fizer, voltarei."

Ele a olha com amor e determinação. Maya entende que, desde o começo, desde o primeiro momento em que se envolveram, não teriam um relacionamento normal, do tipo "papai e mamãe moram juntos com um monte de filhinhos...". Isso era o que ela já sabia, e mais, além de tudo, por amor, tinha que deixá-lo ir. Era a escolha dele e assim seria feito.

"OK, eu vou, e você siga o que o teu eu superior te diz. Ele, que está acima de sua personalidade aqui vivida, te guia nesta direção!"

Sem mais, em um enorme ato comprobatório de liberação do ego, ela sai correndo, o mais rápido que pode, e, ao passar pela cruz de Cygnus, tinha os olhos cobertos de lágrimas. Neste instante, tornando-se visível para os amigos que esperavam do lado de fora, eles correm até ela.

"Quanto tempo fiquei lá dentro? Para mim foram exatamente oito minutos no meu relógio... E para vocês?!"

Ana estava com cara de bronca, muito brava pelo perigo que julgavam estarem correndo.

“Tá brincando! Estamos há mais de quarenta minutos esperando vocês saírem! Como assim oito minutos!? Cadê o David?!”

“Ele quer ficar e eu respeitei isso.” Armando tem um impulso de ir buscá-lo e Maya o segura pelo braço. *“Não... Deixe-o. Há muitas coisas que não sabemos e uma delas é o que ele tem que fazer... Seja o que for... Ele precisa disso... Eu acredito que ele sabe o que faz.”*

Maya olha para a pirâmide azul e vê o raio que saía em direção ao céu tremulando, como se fosse uma bandeira sendo movimentada pelo vento.

“Vamos sair daqui! Isso vai ficar animado agora. Movam-se!”

Eles correm em direção às poucas pessoas que estavam no local, entre seguranças do parque, dois agentes do FBI e três pesquisadores da NASA, os quais haviam acabado de chegar de helicóptero, tentando entender e mapear as correntes eletromagnéticas geradas, além de filmar tudo. Assim que o efeito dos raios no topo da pirâmide começou, foram chamados pelo FBI ao local. Todos se mostravam maravilhados e apavorados, ao mesmo tempo. Muitas das pessoas que ficaram estavam, na verdade, filmando a cena. Maya rezou para que as imagens pudessem ser realmente captadas e mostradas para as pessoas do mundo, fazendo uma grande diferença no credo de todos.

Os três amigos saem da plataforma do píer, indo em direção à terra firme. Quando lá chegam, o raio intenso da pirâmide azul assume um zigue-zague, similar a um serpentear, dobrando-se em direção à pirâmide idêntica de cristal que havia surgido no mar. Com a aproximação, um raio gêmeo sai do topo da outra pirâmide, dobrando-se igualmente a aproximadamente trezentos e cinquenta metros de altura, acima do topo, encontrando a sua outra metade, no meio do caminho. O encontro gerou uma imagem que lembrava a bobina de Tesla, com um sol ao centro, sendo amparada nas laterais por dois raios matrizes. Um estrondo parecido com o som de trovões em uma terrível tempestade era o sinal da emissão de diversos outros raios provenientes do halo solar formado, os quais dispararam em várias direções pelo céu. Na velocidade da luz, os mesmos efeitos visualizados aqui foram vistos em Gizé, imediatamente sendo a primeira construção a responder no mundo, seguida de outras, que responderam quase ao mesmo tempo, como as pirâmides da Bósnia, mesmo ainda ocultas nas montanhas, as pirâmides do Japão, ainda embaixo do mar, as pirâmides da região do Xingu, no Amazonas, Teotihuacán, no México, Copan, em Honduras, Tiwanaku, na Bolívia, Shaanxi, na China, as construções submersas do Triângulo das Bermudas, a alguns quilômetros de Miami, Nakhodka, na Rússia, entre tantas outras que permitiram que o efeito da ativação energética fosse percebido por milhares de pessoas do mundo. Presenciaram os efeitos singulares das auroras boreais que se apresentaram por horas em uníssono, devido à propagação de ondas eletromagnéticas no plasma ionosférico, o qual, comportando-se como ondas sônicas, preenchia a Terra toda com o magnífico som de Deus, o solfeggio de 528 Hz. Após onze minutos do surgimento dos raios em cada pirâmide ou sítio histórico, tudo voltou a ser como antes, os raios desapareceram, restando apenas as auroras boreais, que se mantiveram por mais de duas horas. Por todo este tempo, em Galveston, a cidade que veio do mar de um universo paralelo, manteve-se, equilibrando a rede energética. Os três cientistas enviados pela NASA tentaram entrar no complexo e, incrivelmente, um campo de força os impediu, simplesmente apresentando uma barreira invisível e intransponível. Os três amigos mantinham uma vigília constante, estando todos sentados no chão, sem palavras, aguardando que tudo voltasse para o local de origem. O que aconteceria com David? Essa era a questão na mente dos três e, principalmente, na mente de Maya.

Um profundo silêncio é estabelecido. O solfeggio desaparece. Um novo terremoto, desta vez mais fraco, é sentido por alguns poucos segundos, sem repetições. A cidade do mar começa a

afundar, mantendo estática a água da baía, como se nada estivesse acontecendo. Em um processo lento, mas constante, seguido do aumento do nível de transparência e fluidez de suas estruturas, as pirâmides gêmeas desaparecem, sendo os últimos pontos da cidade a serem vistos antes do desaparecimento total. Rapidamente, nada mais restava. David havia desaparecido com as estruturas.

Sentados, imóveis, sem emoção aparente, nitidamente em choque, os três se mantêm, abraçando os seus joelhos e olhando para frente, tentando acreditar que aquilo realmente havia acontecido.

Os três cientistas da NASA se aproximam deles e perguntam se poderiam conversar com Maya. Ela se levanta e diz que estaria à disposição, desde que a conversa fosse revelada para as pessoas no mundo.

"O que aconteceu aqui e até chegar aqui será escrito em um livro, eu o publicarei. Vocês podem escolher saber agora ou dentro de alguns meses", diz ela, ainda abalada com o que aconteceu.

"Dra. Maya, nós entraremos em contato, para podermos conversar, assim que a senhorita esteja em condições. Agradecemos a ajuda." Os cientistas da NASA se afastam.

Com as mãos ainda trêmulas, Armando liga para mestre Germano procurando por notícias de Gabriela. Foram informados de que ela estava fora de perigo, mas que teria que ficar internada por mais dois ou três dias. Por sorte, a bala não havia atingido nenhuma área vital. Ela poderia voltar com eles, mesmo no barco, depois desse período. O Aurora B. seria um ótimo lugar para descansar e, até a chegada a Boston, ela estaria bem melhor, certamente. O grupo decide ficar em Galveston até Gabriela sair do hospital.

50.

"Se estou certo em dizer que o pensamento é a origem ou fonte de tudo, se não fizermos alguma coisa sobre o pensamento, não vamos chegar a lugar nenhum. Podemos momentaneamente aliviar o problema da população, o problema ecológico, e assim por diante, mas eles vão voltar de outra maneira." David Bohm, físico.

17H.

Seis dias depois, em Boston. Na casa de Solomon Bacon.

A família Bacon estava reunida em sua casa, uma linda propriedade de estilo vitoriano, avaliada em muitos milhões de dólares, situada em Back Bay, próximo às Ruas Newburry e Gloucester. Anne Cooke Bacon era uma bela americana nativa da cidade, aparentando aproximadamente trinta anos, alta e magra, de olhos azuis e cabelos louros dourados que caiam pelas costas, presos em uma trança. Seus filhos eram igualmente louros, de olhos bem azuis, como os da mãe e do pai. Elizabeth tinha seis anos e era o centro das atenções, não somente pela beleza, mas por sua delicadeza e simpatia. Walter era um típico garoto da sua idade, usando roupas de futebol americano e carregando a bola ovalada, debaixo dos braços, para onde quer que fosse. Anne falava apenas algumas poucas frases em português, treinando sempre com as crianças que estavam estudando espanhol e português. A comunicação do dia acordada com a visita era em inglês, para que todos pudessem entender o que era conversado.

Estavam sentados na mesa da sala de inverno envidraçada, tendo um lindo jardim do lado de fora e muitas flores pelo lado de dentro, uma mesa repleta de variedades de chás, bolos doces e tortas salgadas, bolachas e sucos. Inquietas, as crianças tomam o seu suco, comem rapidamente, saindo para brincar. Ana e Armando estavam preocupados com Gabriela, a qual ainda precisava de cuidados especiais. Anne Bacon oferece a ela um cadeirão de balanço, extremamente confortável, com apoio para os pés e vista espetacular do muito bem cuidado jardim. Maya mal havia tocado nas delícias à mesa, sentindo-se um pouco deprimida e nauseada, como estivera a viagem toda de volta. Gentilmente, Anne chama Maya, perguntando se gostaria de ver o quarto das crianças, o qual tinha uma decoração muito bonita, alegre e combinando com as suas personalidades. Maya concorda e é acompanhada por Ana. As três passeiam pela casa, conhecem os quartos das crianças e, de forma premeditada, Anne as leva até o seu quarto, pedindo que se sentem no sofá ao lado da cama do casal Bacon. Anne entra no banheiro, mas sai rapidamente, pegando uma caixinha e sentando-se na frente delas, na sua própria cama.

"Maya, eu já tenho dois filhos e agora estamos tentando o terceiro, por isso tenho comigo alguns kits de teste de gravidez. Eu sei reconhecer quando uma mulher está grávida e eu diria que você tem todas as chances de estar, estou certa?!"

Ana e a amiga já haviam conversado sobre esta possibilidade, pois não era comum Maya ficar quieta, calada e, muito menos, sem fome. O atraso menstrual tinha apenas uma semana, mas como não era tão precisa em seus ciclos, ainda não havia se alarmado. Entretanto, Ana também vinha insistindo nisso e, na verdade, sentindo quase as mesmas coisas, por simpatia ou

por reais motivos biológicos. Isso tudo era bem provável, já que, devido à forma como deixaram o seu país, o controle de natalidade não havia sido planejado. Havendo duas possíveis grávidas, em vez de uma, Anne oferece os dois kits que tinha em casa, de muito bom grado. Ana foi a primeira, pois estava extremamente animada com a possibilidade. O resultado foi negativo.

"Ah, que pena, mas de certa forma, é melhor. Eu acho que o Armando precisa de um tempo para se acostumar com a ideia de casar e de ser pai!"

As três riem da manifestação espontânea de Ana, revelando seus planos de casamento e de constituição de uma família com Armando.

Em seguida, Maya entra no banheiro e faz o teste: resultado positivo, sem dúvida alguma. Lá dentro, ela demora, fica chocada e sem saber o que fazer. Quando abre a porta, após as duas outras moças terem chamado seu nome e perguntado se estava bem, ela surge muito branca, parecendo que iria desmaiar. Anne e Ana, mais que prontamente, sentam-na na cama, oferecendo um suco de laranja, para voltar a energia. Ela toma alguns goles e melhora, ao respirar fundo. A imagem que se via era bonita e comovente. As três estavam sentadas na borda da cama, sem saber o que dizer, pois o pai do bebê havia desaparecido e ninguém tinha ideia se seria possível ele retornar, de onde quer que estivesse, para ficar com um filho, que, neste caso, certamente, o faria muitíssimo feliz e orgulhoso.

"Eu já volto." Anne sai para conversar com Solomon a esse respeito, tendo as melhores boas intenções para com a "quase cunhada".

Maya prefere levantar e dar uma caminhada pelos jardins, ajudava a passar o mal-estar proveniente da suspeita confirmada. Sentia-se angustiada pela falta de David e pelo bebê que não teria a chance de conhecê-lo. Ao voltar para a sala, encontram Armando conversando com mestre Germano e Gabriela, a qual, a cada dia, parecia ser uma pessoa mais aberta e feliz, travando conversas e discussões sobre assuntos diversos, dando opiniões e traçando metas para uma nova vida. Foi com estes temas que Maya e Ana encontraram todos na mesma sala. Anne já havia falado com Solomon e este tinha concordado plenamente com as ideias da esposa.

Salomon se levanta, indo buscar Maya na entrada da sala e levando-a até um conjunto de sofás, ao centro desta, onde todos poderiam se sentar.

"Maya, você é minha irmã, agora. Eu sei o que meu irmão sente por você, e independentemente de ele estar bem ou não, embora eu sinta que está tudo bem e que, uma hora dessas, teremos boas notícias, eu e a Anne queremos que fique aqui em Boston conosco. Como pôde perceber, temos dois quartos a mais, livres nesta casa e você poderia ficar. Cuidaríamos de você e do bebê. David tem muitos ganhos financeiros por aqui e, como sabe, sou eu quem administra tudo. Passarei imediatamente parte disso para você... E..."

Maya sorri amorosamente e interrompe Solomon, tocando em seu braço.

"Eu sei o quanto vocês amam David e quanto ele os ama. Percebo ao mesmo tempo a sua bondade e preocupação em cuidar desta criança e de mim. Eu obviamente fiquei sem emprego, mas tenho algum dinheiro guardado, o que não é muito, mas dará por certo tempo. Eu agradeço profundamente toda a intenção, do fundo do meu coração. Entretanto, eu creio que podemos pensar desta forma: temos a arca. Ela pertence a todos que estiveram envolvidos. Pelo que pudemos ver, ela deve pesar uns cem quilos, se dividirmos o ouro dela, entre todos, estaremos muito bem. Ela em si não é um objeto mágico, como eram os cristais ou o gerador vril. É apenas uma belíssima arca de ouro e que, portanto, tem grande valor." Maya havia interrompido o discurso de Solomon e dialogava encontrando uma forma de não se sentir dependente e de seguir normalmente em frente, como sempre fez, sozinha, já que não tinha família viva com quem pudesse contar.

"Se todos estiverem de acordo, poderemos fazer o seguinte...", continua ela, procurando uma

forma de ficarem bem financeiramente, *"Solomon, precisamos novamente de sua ajuda para podermos vender aquele objeto de ouro puro que trouxemos e conseguir uma boa soma de dinheiro. Todos os que estiveram nesta viagem ganharão com isto, e eu insisto que você esteja nesta divisão. Fez muito por nós dando roupas, mantimentos, barco e equipe."*

Solomon não a deixa terminar.

"Não, não, eu não preciso e não quero nada disso. Eu tenho muito e mais que de sobra! Por isso mesmo eu não quero nada e insisto que fique com a parte do David, isso é justo, ficará para o filho dele!"

Maya pensa e concorda, balançando a cabeça positivamente, lembrando-se de que o seu jeito desprendido deveria estar mais equilibrado, de agora em diante, pois teria alguém que precisaria eternamente de seu suporte. O caso de Ana era em partes parecido. Obviamente desempregada, a essa altura, como a amiga, nem poderia voltar para o emprego, ficando feliz com a possível fonte de renda.

"Quanto vamos conseguir por ela?!", pergunta Ana a Solomon.

"Saberemos em poucos minutos!" Solomon pega o telefone em suas mãos e procura um contato para ligar. *"Vou pedir que um amigo venha até aqui agora e verifique o quanto ela pesa e o que vale. Se for ouro vinte e quatro quilates, a cotação poderá ser muito interessante."*

Em quarenta minutos, dois amigos de Solomon estavam em sua casa, carregando uma balança industrial em uma SUV. Eles entram, medem a peça e fazem teste com o ouro. Após pesá-la, dão a cotação de sete milhões de dólares. Cada um ficaria com mais de um milhão, no caso da divisão em seis pessoas. Em uma rápida discussão, todos decidem dar cem mil dólares a Solomon, para pagar as despesas e os danos no iate, e não permitiram que ele negasse, mais cem mil para o capitão e o mesmo para William, pela coragem e determinação em ajudá-los. Os amigos de Solomon chamaram um carro forte e a peça foi retirada direto para um banco.

Às nove da noite, após terem acertado todos os detalhes, o grupo se preparava para voltar ao iate, onde passariam a última noite. No dia seguinte, se dirigiriam ao aeroporto, viajando para São Paulo. Solomon fazia questão de levá-los ao aeroporto, separando dois carros, um dos quais com motorista. Nestes últimos momentos, ele dava atenção especial a Maya e conversava com ela reservadamente, junto com Anne.

"Eu estarei em São Paulo dentro de algumas semanas. Assim que a viagem estiver certa, avisarei. Você poderia ficar no apartamento de David, lá é maior e esperaria com calma até que tivéssemos notícias... E..."

Impedindo que ele continuasse, Maya o abraça, sorri e expõe suas ideias para o momento.

"Queridos amigos, eu adorei que tenham entrado em minha vida. Independentemente de um dia o David voltar, terão um sobrinho ou sobrinha para visitar. Eu ficarei muito feliz de estarem por perto. O dinheiro que receberei me manterá confortável em meu apartamento, até que eu entenda, com o tempo, o que devo fazer. Com isso, tudo estará resolvido. Sem os Muller, a seita vril deverá ser fraca ou até se desfazer. O que precisamos saber é o que vai acontecer com eles, pois isso pode me colocar em perigo. O gerador vril está comigo e eles podem querer obtê-lo, se forem libertados ou se alguém forte do grupo ainda existir."

Solomon fica exaltado e a esposa aperta o seu braço, tentando fazer com que ele se controle. Neste instante, o resto do grupo presta atenção na conversa.

"Esse é o ponto principal de minha preocupação!", diz enfaticamente Solomon Bacon. *"Eles são loucos! Devem ter muita gente ligada e forte no meio político, envolvidos também nos contrabandos de drogas que forneciam a verba para fazer as aberrações que faziam. Certamente isso não acabou e você não pode ficar sozinha, sem ninguém e com um bebê para cuidar!"*

Mestre Germano se aproxima.

"Solomon, você está completamente certo. É por isso mesmo que a Sociedade Thule ajudará a proteger Maya. Temos vários homens de muita fortuna e influência no grupo. Eles fornecerão guarda-costas dia e noite. O gerador deverá ser guardado em local seguro, em algum cofre de banco com altíssima proteção. Eu também sou um homem de posses, não de tantas quanto a Dra. Maya havia imaginado ao princípio, mas tenho condições de extremo conforto, portanto, ajudaremos o tempo todo."

"David, linguarudo!", ela cochicha, mas todos escutam e riem. David havia contado ao mestre Germano as primeiras impressões que ela havia tido quando se conheceram.

"Posso abrir mão deste dinheiro proveniente da venda da arca e dispô-lo para o pagamento de seus seguranças e de tudo o que for preciso, até que David volte."

O grupo fica confuso, tentando extrair alguma parte que possivelmente somente ele sabia.

"Eu acredito que ele conseguirá voltar. Ele sabia o que fazia quando decidiu partir!", justifica-se Germano.

Baseada em frases como essas, banhadas do mistério que Maya, até agora, não tinha noção clara quanto à complexidade, ela mantinha certa animação e esperança.

Neste instante, Armando toma a frente e pega Ana pelas mãos, traz ela para perto de todos.

"Gente, aproveitando a reunião de meus amigos, eu queria dizer uma coisa: eu estou formalmente pedindo que esta moça maravilhosa que surgiu na minha vida aceite o meu pedido de casamento, ainda sem anel, mas vou comprar assim que ache uma boa loja aberta, uma Tiffany! Onde tem uma por aqui?! Ela merece! E depois que a gente casar... Mas antes disso também... Seremos as sombras da Maya. Estaremos o tempo todo ao lado dela. Essa é uma promessa, para as duas! Nós três podemos mudar para o prédio do David. Eu comprei um apartamento lá há um ano e estava reformando. Agora a Ana vai terminar de decidir a decoração. Maya, você tem que mudar para lá também, ficar no apartamento que seria seu, se ele estivesse aqui, não te deixaria mais voltar para o seu, da forma como ele te amava... Ama... Ele não te deixaria sequer um dia sem morar com ele. Você sabe disso."

Depois de tantas passagens difíceis em que ela havia se mantido firme, sempre com coragem e equilibrada, pela primeira vez, ela não consegue mais segurar e chora, fazendo com que Ana imediatamente a abrace, consolando a amiga.

"Nós ficaremos todos juntos! Sempre juntos! E um dia, tudo ficará bem. Eu também tenho certeza!"

"É melhor assim. Temos que estar por perto e estaremos como uma grande família. Nossos filhos todos juntos, uns três meus e da Ana e o seu, todos vão crescer juntos!"

A surpresa de Ana era tamanha, pela rapidez com a qual Armando decidira se casar, que mal podia acompanhar, embora tenha adorado o que ouvira.

"Eu nunca tive uma família. Posso considerar que tenho agora?", soa a tímida voz de Gabriela, a qual havia sido, sem intenção, esquecida ao fundo.

Deixando a sua dor e egoísmo de lado, Maya caminha até Gabriela, esticando o braço e puxando-a para o encontro de um abraço.

"Você vai morar comigo! Pronto! Eu não ficarei sozinha! Tenho, de hoje em diante, outra irmã mais nova, além da Ana, neste caso, bem mais nova!"

"Não precisava me lembrar que já passei dos trinta!", diz Ana tentando fazer as pessoas rirem e elevar as vibrações. Gabriela fica muito feliz por ter uma casa, já que não tinha mesmo para onde ir. Sua adoção oficial nunca aconteceu. Ela nunca recebeu um documento de identidade atualizado com o nome do suposto pai adotivo, pois a documentação não foi homologada. Até

hoje vivia com a certidão de nascimento constando pais desconhecidos, a qual tinha desde quando esteve na instituição onde havia sido deixada junto com a irmã falecida. Esse fato dificultou sua passagem por boas escolas, tendo que estudar em locais menos exigentes de documentação.

"Querido mestre Germano, você e seus amigos secretos terão que dar um jeito no documento de identidade dela. Gabriela tem que ir para a escola, recuperar anos perdidos. E para dar certo, vamos precisar de você!", fala Maya, já recuperada do momento emocional.

"Claro, claro. Poderemos ajudar e colocar tudo isso em ordem, rapidamente. Como ela já é maior de idade, as dificuldades serão bem pequenas. Eu cuidarei disso imediatamente após a chegada a São Paulo!", fala mestre Germano, como sempre prestativo e observador.

O rosto de Gabriela estava iluminado. Um enorme sorriso era mostrado a todos. Ela teria, enfim, uma vida normal.

"E quando quiser, vamos te ensinar a arte da culinária. Eu percebi que gostava de ajudar o chef William. Ele me disse que você poderia ser uma boa chef. Existem escolas para essa formação. Se isso for uma das coisas que puder fazer para o seu futuro, teria emprego em um dos restaurantes da rede!" Armando abre esta oportunidade para Gabriela, com todas as melhores intenções.

"Gente, calma. Ela precisa de tempo! Vai voltar a estudar e quando se achar, descobrindo quais são seus talentos, ela decidirá o que fazer. Assim que estiver certa do que quer, todas as oportunidades serão muito bem-vindas e agradecidas! Obrigada mestre Germano e Armando." Maya parecia estar assumindo a maternidade por completo, do bebê que carregava em sua barriga e da jovem Gabriela. Aparentemente, ela será o tipo de mãe que coloca a todos os filhos debaixo de suas asas.

Solomon e Anne levam o grupo até o porto, o qual ficava situado a quinze minutos de sua casa.

Ao entrar no Aurora B., Maya acena para sua nova família de Boston, olhando para o local onde esteve por duas semanas, vivendo fatos certamente inesquecíveis.

51.

“A capacidade de perceber ou pensar diferente é mais importante que o conhecimento adquirido.” David Bohm, físico.

SÃO PAULO, 7 DE DEZEMBRO DE 2012. 17H30.

A campainha toca. Gabriela e Dock apostam corrida até a porta. Olhando previamente pelo visor, ela reconhece os melhores amigos. Um abraço apertado é dado para Armando e Ana, os quais usavam aliança de casados há seis meses e moravam, convenientemente, dois andares abaixo do apartamento onde Maya e Gabriela estavam acomodadas, o de David. Ana entra fazendo estardalhaço ao ver Maya no sofá, ao lado de Lurdes e Maria, amamentando um bebê de quase um mês de idade. Uma linda menina de rostinho oval, cabelos bem castanhos, lisos e olhos muito azuis, idênticos aos do pai. Suri Angel Bacon havia nascido dia 12 de novembro de parto normal e sem complicações.

Armando espera pacientemente que Maya termine de amamentar e faça Suri arrotar, para que ele possa pegá-la no colo.

“Vou querer umas duas dessas, talvez três! Ela nem chora à noite! Se todos fossem assim, os pais teriam ainda mais!”, diz ele, completamente apaixonado pelo bebê.

“Calma que os que são quietinhos agora se transformam nos mais danados depois! E vice-versa! Eu que o diga!”, completa Maria com profundo conhecimento do assunto. Sua vida havia voltado ao normal com a família. Seu marido entendeu o que aconteceu e decidiu manter o casamento, pois existia amor entre eles, e uma filha, a quem queriam, acima de tudo, proteger e fazer feliz.

Finalmente Armando pega Suri no colo, com cuidado e carinho. Ana achava muito engraçada a mudança dele, desde quando a barriga de Maya estava crescendo. Ele mostrava ter tido pouca interação com este maravilhoso lado da vida e quando, enfim, conheceu de perto, decidiu que era o que queria. Há um mês Ana deixara de tomar pílulas e estavam tentando um bebê, seria como um “irmãozinho ou irmãzinha” de Suri.

“Sabe o que esqueci de perguntar? De onde saiu o nome Suri? Eu achei lindo. Foi por causa da Suri Cruise mesmo?!”, perguntava Lurdes.

Ana levanta a mão de forma travessa e explica.

“A ideia foi minha! Eu convenci a Maya, assim que soube que era menina. Veja bem, o David é a cara do Tom Cruise. Ele chamava... Chama... Ela de princesa, ambos adoram coisas do lado hebraico, árabe, persa, assírio, era perfeito! Suri pode ser uma variante de Sara, que é hebraico e significa ‘princesa’, por outro lado, do persa seria um som de ‘souri’, ou algo assim, e o significado é ‘rosa vermelha’. Achei perfeito e ela gostou. Serei a madrinha!”, exclama ela orgulhosamente e entusiasmada.

A gargalhada foi geral, pois uma coisa dessas só poderia vir de Ana, entretanto, todos concordam que o nome é lindo e ficou muito bom com os sobrenomes agregados.

A cada mês, ficava mais difícil para as pessoas manter verbos que se referiam a David em tempo presente. Ele parecia ter ido e sem chance de voltar. Maya era extremamente

compreensiva quanto a isso, mas somente ela sabia o que estava para dizer, por isso mesmo queria conversar com todos. A campainha toca novamente. Gabriela abre a porta para outra pessoa que gostava de abraçar, mestre Germano.

Armando passa Suri para os braços de Ana, a qual fazia questão de balançar e cuidar da menina, diariamente, o máximo de tempo possível. Tanto Ana quanto Maya, sem emprego, passavam muitas horas juntas, propiciando que seus laços de amizade estivessem ainda mais fortes do que nunca. Ana senta-se em uma poltrona, colocando Suri deitada de lado, em um bercinho especial para sala. Verificando que estava segura, ela traz o bercinho para perto do canto da mesa onde se senta. Gabriela, Lurdes e Maria haviam providenciado sucos e refrigerantes para todos, acompanhados de quiche de queijo e torta de morango. Sentados à mesa, falam de amenidades por alguns minutos, quando em uma conversa que remetia para assuntos de segurança, mestre Germano informa que os irmãos Muller haviam sido soltos. O período no qual ficaram presos foram tempos de sossego para todos, já que nada fora do normal transcorreu nestes dias, entretanto, a partir de agora, a segurança de Maya e Gabriela, especialmente, tinha que ser dobrada. Todos poderiam correr perigo, mas elas seriam alvos mais desejados, mesmo que o gerador vril estivesse muito bem trancado em um cofre de banco.

"Nós não trabalhamos mais lá no laboratório, portanto, como estamos trabalhando em outra empresa, não vejo riscos para mim e Maria", completa Lurdes.

Cabisbaixa durante o tempo no qual Germano atualizou as nada boas notícias, após uma pausa, Maya ergue o rosto, revelando uma expressão preocupada. A reação gerada pela sua expressão facial foi imediata. Unanimemente, sentiram um frio na barriga.

"Eu vou precisar da ajuda de vocês novamente. Durante o começo da gravidez eu fiquei ansiosa pelo retorno de David, mas nada acontecia. Eu não sentia ou recebia mensagem alguma. Parecia que alguma coisa me dizia que eu tinha que esperar e me esforçar em proporcionar o melhor para o meu bebê. Eu decidi que esse seria o centro de minhas atenções. Eu serenei, foi o que eu fiz, mas desde que Suri nasceu, meus sonhos têm sido recorrentes, com imagens que eu tenho tentado identificar, imagens tão nítidas, coloridas, detalhadas... Datas... Frases... Eu buscava estas imagens em vídeos do David Hatcher Childress e do Graham Hancock, entre outros autores e exploradores de sítios arqueológicos antigos, em seus livros e no YouTube. Daí que, em um desses vídeos falando de cidades antigas do Peru e Bolívia, Tiwanaku, Machu Picchu, Písac, Sacsayhuamán, Trujillo, eu tive a dica. Eu pirei de tanto procurar, pois via em sonhos as pedras megalíticas de cem toneladas sendo levantadas no ar e colocadas umas ao lado ou em cima das outras pelos sônicos-harmônicos invocados... E... E... Eu vi o David em muitas dessas vezes, nesses locais, só que eu não conseguia falar com ele. Eu o ouvia, mas ele não me escutava. Eu gritava seu nome, mas era como se ele estivesse dentro de uma caverna rochosa, com alguma saída que é a que eu tenho que encontrar."

Um silêncio profundo toma conta da sala. Até Dock e Suri dormiam profundamente, e nada interrompeu este silêncio por quase um minuto, até que mestre Germano se pronuncia.

"Maya, eu estava esperando que este momento chegasse. Se fôssemos pessoas com vidas comuns, que nunca tivéssemos vivido as aventuras que vivemos e não soubéssemos o que sabemos, que o homem, os humanos foram gerados por e com intervenção divina, sendo estes divinos seres habitantes de outras áreas do espaço, onde alguns se parecem com a gente, ou melhor, nós nos parecemos com eles, não levaríamos o que disse em consideração. Sabemos que alguns nos querem bem, tentam nos proteger, outros querem fazer experiências genéticas conosco, e somos sim seus filhos, imagem e semelhança. Estes seres nos deixaram pistas de sua existência, em um tempo antes do nosso tempo, no tempo antes do dilúvio e de outras catástrofes, naturais ou não. Estas pistas estão por todas estas maravilhosas cidades e sítios arqueológicos que apresentam

construções megalíticas, impossíveis de serem feitas por incas, maias, astecas, egípcios comuns ou sem auxílio 'divino' e assim por diante. Nós vimos coisas que homens não teriam aceitado normalmente, ao mesmo tempo, vimos que os vídeos filmados em Moody Gardens foram, na sua grande maioria, destruídos ou impugnados. Os que estão disponíveis na internet foram os filmados com celulares de baixa resolução, tremendo, falhando. E a estes o direito de postagem na internet foi dado, por exatamente gerarem dúvida e descrédito. Sendo assim, não podemos contar para qualquer um o que vivemos, mas nós vivemos e sabemos que a realidade está além do que as pessoas foram levadas a acreditar. A verdade é a que está escondida, a que um dia virá à tona, pois está ficando difícil sustentar a mentirosa história do mundo que é contada para nossos filhos na escola. Portanto, minha querida, tendo visto a tua sintonia, teu canal aberto para com estas realidades, eu posso dizer que não há por que você se sentir mal ou com receio de julgamento destas pessoas que aqui estão presentes. A maioria viu, com seus próprios olhos, e os que não viram, sabem que é verdade."

Ana olha Suri novamente e volta a cabeça para a mesa, com cara assustada, apertando a mão de Armando. Esperavam que Maya continuasse o que começou.

"Obrigada, mestre. Eu sei que você sempre estará ao meu lado e ao... Dele", referindo-se a David, *"eu acordei suada e agoniada, várias noites, eu não conseguia alcançá-lo. Até que, um dia, eu não estava dormindo, tinha acabado de dar de mamar, e eu o vi, na minha frente. Ele falou comigo, mas ele falava e não me ouvia."*

Armando não aguenta mais a tensão e pergunta bruscamente.

"Mas fala logo! O que ele disse?" Ana quase torce sua mão por de baixo da mesa.

Maya olha para frente, sem ver quem realmente estava sentado naquela posição. Ela simplesmente estava "revendo em sua própria mente" a imagem que havia sido projetada naquela noite, há uma semana.

"Ele aparecerá, ou já está, em uma caverna, mas ocupando o 'espaço' interdimensional em... Markawasi, Peru... Próximo a Lima. Eu vou para lá, dentro de dois ou três dias, pois estou confirmando a passagem aérea e um grupo de guias. Serão horas a pé e sobre burros até o topo onde está localizada."

"Querida, você ainda não está em condições físicas para tal! Não pode fazer isso antes de pelo menos 40 dias! E tem a Suri, ela está mamando!", reclama Lurdes, preocupada com a amiga e o bebê.

"A Lurdes está certa. Por melhor que tenha sido o seu parto e mesmo que sua condição física esteja muito boa, é um esforço absurdo para o qual teria que ter treinado por meses!", completa Maria.

Ana estava quieta, pois, por ter participado da aventura anterior, sabia que Maya teria que ir.

"Amiga, eu fico com a Suri. Agora eu entendi por que estava tirando leite e congelando, ao mesmo tempo já introduzindo leite em pó, entre as mamadas. Ela é como minha filha, e você sabe que vai ficar muito bem comigo. Armando vai com você, e estou certa de que o mestre Germano não vai te deixar ir sem ele!"

Mestre Germano se levanta da poltrona, demonstrando determinação e concordância com Ana.

"Você já nos conhece bem, minha filha. Eu vou e, pela expressão facial do Armando, ele está dentro!"

Armando tinha em seu rosto estampado um misto de surpresa e excitação pela possibilidade de seu melhor amigo estar vivo e de irem resgatá-lo. *"Se é isso que se pode chamar de uma nova aventura, eu estou dentro sim!"*, diz ele com grande ênfase.

Maya sorri para ambos e continua com seu plano.

"Temos dois dias para arrumar tudo. Eu já localizei um pessoal confiável, via agência, que faz a viagem com carros, de Lima até San Pedro de Casta e, de lá, teremos que ir com os burrinhos para o acampamento no platô de Markawasi".

"Eu também vou! Eu vi os vídeos que você estava assistindo à noite. Teve uma noite que acordei e vi você deixar o notebook ligado. Eu me aproximei para ver o que era que estava estudando, desta vez e como sempre, sabia que estava ligado ao David. Eu vi tudo o que você vinha estudando e também procurei por alternativas. Entendi o que foi aquele local, a cultura masma pode ser sim a ligação que estava faltando. Há um vórtice muito forte lá e o seu ponto de amarração fica no topo de uma montanha, marcado com uma cruz, a cruz de Cygnus, a mesma coisa que convenceu David a ficar. Pode ser um ponto de ligação entre dois vórtices e dentro de poucos dias será o momento do portal 12/12/12. Se há um momento no qual poderemos ter acesso a ele, é nesta data, ao meio-dia."

Gabriela parecia em transe. Todos ficam paralisados com a sequência de informações que ela acabara de dar, sem ayahuasca. Assim, percebendo o estado de surpresa dos amigos, ela esclarece.

"Quando o corpo entende como a ayahuasca atua facilitando entrarmos em estados de conexão, não é mais necessário usá-la, ou pelo menos, torna-se menos necessária. A glândula pineal já foi ativada e já sabe o que fazer. Eu consigo ver sem DMT, quase igual. Não posso dizer que seja idêntico, já que não me esforcei para tanto, mas cheguei perto. Eu também vi o David da forma como a Maya vê, só que não sabia que lugar era este. Agora que sabemos, eu quero ir, posso ajudar com a minha visão. Se necessário, usarei o chá e poderei, estando no local, encontrá-lo."

Maya sorri com enorme agradecimento para Gabriela, concordando que ela se junte ao grupo que irá ao Peru.

"Eu nunca pediria que fosse comigo, depois de tudo o que passou em sua vida. Eu queria poupá-la, mas se realmente deseja ir, eu creio que será muito bom estarmos todos juntos. Você tem um dom maravilhoso, que poderá ser fundamental. Obrigada!"

No dia seguinte a equipe se movimenta para preparar tudo, passagens, material e roupa adequada para a caminhada nas montanhas rochosas. O restante seria providenciado pela agência que era contratada para levar até o acampamento no platô de Markawasi.

Dois dias a mais foi o tempo que Ana e Maya tiveram para adaptar completamente Suri a tomar mamadeira, intercalando leite materno e em pó.

"Temos suprimento para quase duas semanas de leite materno, duas vezes ao dia, mas eu creio que este não será o problema maior, e sim os teus peitos. Eles podem encaroçar e secar. Bom, se você conseguir retirar, pelo menos, duas vezes por dia, poderá diminuir e não encaroçar. Tem que fazer o máximo para retirar com a bombinha, se encaroçar, pode dar febre... E..."

"Calma, Ana. Eu estou levando algumas coisas para retirar e tomar, impedindo que isso aconteça, mas eu terei que correr o risco. Obrigada pela ajuda. Não haveria ninguém no mundo com quem eu deixaria a Suri, a não ser você!"

Ana tira um pacotinho embrulhado em uma embalagem de papel alumínio e plástico de sua bolsa.

"Leve isto. Eu guardei logo no início. Achei que poderia precisar quando fosse a hora, lembra?!"

Maya reconhece o nome anotado na etiqueta e a embalagem.

As duas amigas se abraçam.

52.

12/12/12. 7H, TRÊS MIL E DUZENTOS METROS ACIMA DO NÍVEL DO MAR. VILAREJO DE SAN PEDRO DE CASTA, PERU.

A expedição está pronta para caminhar várias horas. Quatro mulas estão carregadas com mantimentos, artigos de necessidade geral e barracas para passarem a noite. O tempo estimado de chegada ao platô é de três a quatro horas, montanha acima. Os três amigos queriam poupar Maya ao máximo, por isso ela não carregaria peso algum, a não ser uma leve mochila nas costas, levando água para o momento, jaqueta, barras de cereais e proteicas. Vestidos de acordo com a necessidade do ambiente, prepararam-se usando botas de caminhada com proteção até os tornozelos, calças e coletes de brim, contendo vários bolsos nas laterais e camiseta de algodão com manga comprida, por baixo, pois nesta época do ano e devido à altitude, um vento frio se misturava a um sol capaz de queimar a pele facilmente. Seus bonés tinham proteção de véu que caia até os ombros, igual aos que são vistos em filmes que mostram os soldados da legião francesa no deserto, seguindo ao velho estilo safari e finalizando com fundamentais óculos de sol.

No final da primeira hora de caminhada, a paisagem desértica avermelhada trazia a lembrança, o planeta Marte. A vegetação era pouca e seca. A caminhada acompanhada destas imagens gerava pensamentos divergentes. *"Estaria David realmente naquela região?! Como fazer para encontrá-lo?!"*, eram dúvidas constantes na cabeça de todos, principalmente na de Maya. Os dois guias que levam as mulas amarradas, de forma a evitar que se percam, dão sinal para que o grupo faça uma parada, beba água e descanse um pouco.

"Tudo bem com você?! Como está se sentindo subindo a montanha?!" Gabriela checava as condições de Maya constantemente, preocupada com os riscos físicos envolvidos. *"Subiremos mais mil metros, se você precisar, iremos mais devagar."* Ana havia *"falado um monte na cabeça de Gabriela"* para que cuidasse da amiga e não permitisse um esforço exagerado. Uma hemorragia poderia ocorrer, caso Maya fosse além do possível para o seu corpo, após apenas trinta dias do parto de Suri.

Tratando de acalmar todos, Maya mostra a boa forma, dizendo que não estava cansada, sentia-se muito bem, embora os efeitos da altitude fossem reais. Queria prosseguir, após uma parada de quinze minutos.

Uma segunda hora de caminhada foi concluída, sem problemas. No caminho, encontraram um grupo de cinco pessoas, mais dois guias que também descansavam. Eram todos de uma família de espanhóis, os quais, simpaticamente, interagiram com os que chegaram, tirando fotos e contando histórias da região. Uma jovem de vinte e poucos anos, com um lenço amarrado na testa, ao estilo anos 70, magra e apresentando porte bem atlético, conta o que havia assistido em um vídeo do YouTube, o qual mostrava um suposto gigante de Markawasi. Segundo o relato do vídeo, conta a jovem, uma mãe e uma filha gravaram um grupo de pessoas no alto das montanhas que ficam na frente de sua casa e, em determinado momento, um dos que pertenciam ao grupo sai da posição de cócoras e, levantando-se, apresentava uma altura duas vezes maior do que os que já estavam em pé e em movimento, ao seu lado. Um zoom aplicado mostra que este suposto gigante trajava roupas diferentes dos acompanhantes, sendo algo mais

colado ao corpo. Os espanhóis riam da prima que acreditava na veracidade do vídeo, dizendo que seria algum truque de câmera ou algo assim. Entretanto, a moça parecia ter muitas informações a respeito e afirmava que deveriam acreditar que estas coisas existem, já que, nos últimos anos, múmias de homens ruivos, com mais de dois metros de altura, têm sido encontradas por todo mundo, contando milênios.

"Sabemos que os homens antigos eram pequenos, e gigantes como o Golias da Bíblia existiam com mais de dois metros, para época, eram enormes, mas pelo vídeo da menina e da mãe de Markawasi, comparando as pessoas que andavam ao lado dele, poderemos arriscar um gigante com mais de três metros!", fala entusiasticamente a jovem atlética catalã, de cabelos e olhos castanhos moldados em uma pele incrivelmente branca e sem imperfeições. Depois de alguns minutos de discussão, o grupo familiar cede na incredulidade, dado a histórias que os guias contam, comprovando o constante avistamento de coisas estranhas pela área. Os guias contam duas histórias especiais, uma de avistamento de OVNIs e outra de algo que se assemelha ao que a menina e a mãe do vídeo do YouTube relataram, o avistamento noturno de gigantes, tendo por volta da mesma estatura, passeando à noite, envolto em um halo de luz e flutuando sem tocar o chão. Aparentemente, amigos que estavam passando neste momento pelo local avistaram o gigante e dois deles acabaram fazendo muito barulho, dada a euforia por ver este tipo de fenômeno, fazendo com que "o ser" desaparecesse, supostamente fugindo de ser visto. Armando retira a câmera da mochila e, concordando com os espanhóis, andaria com ela a postos, o tempo todo, pois se algo assim existir por lá, ele iria querer estar preparado para filmar. O simpático grupo segue a caminhada, demonstrando querer acampar em outro local, antes de irem até o platô das pedras. Eles se despedem, sabendo que em algum momento acabariam se encontrando pelas trilhas, mais uma vez. Todos voltam a caminhar e os guias deste grupo continuavam contando histórias fabulosas de encontros inexplicáveis.

Mestre Germano emparelha com Maya, Gabriela e Armando, os quais caminhavam em passos medianos, sem esforço exagerado. Ele continua a conversa.

"Sabemos que isso que nos contaram tem um pouco de cada coisa. Um pouco de imaginação, exagero, mas, na verdade, esta área toda é um dos pontos de encontros energéticos mais famosos da Terra. Por aqui os universos se fundem. É muito semelhante ao que acontece no Triângulo das Bermudas. Podemos estar 'aqui' e 'lá', ao mesmo tempo, sem ter noção disso. Estes extraterrestres podem estar entrando e saindo com consciência ou sem ela. Da mesma forma que nós podemos estar sendo vistos, agora mesmo, por eles, aparecendo no universo deles, sem que saibamos, é uma possibilidade real. David pode estar aparecendo em algum lugar, por momentos, e isto poderá dificultar ainda mais nosso trabalho em encontrá-lo. Teremos que nos dividir para rastrear a área ao máximo!"

Maya para de andar, fazendo com que os outros façam o mesmo, incluindo os guias que levavam as mulas.

"Mestre, você acaba de me lembrar da passagem de Einstein com Heisenberg: 'Deus não joga dados com o universo'. Portanto, ele terá que aparecer e poderá aparecer com um propósito. Há sempre um propósito em tudo e uma força de atração que une as coisas em algo que parecem ser eventos sincrônicos, que podem novamente ser traduzidos como 'propósito'. Ele irá aparecer para nós, ou para mim, ele me prometeu, e sei que este é o local onde o 'evento' pode acontecer. Agora resta saber em que momento e em que pedaço do local será, temos que nos apressar. Precisamos chegar lá antes do meio-dia, caso contrário, sobrará a meia-noite, e este é um assunto que eu gostaria de evitar. Deve haver cobras, aranhas e um monte de coisinhas perigosas à noite nesta área desértica, agora, eu quero estar apenas preocupada com o David."

Voltando ao percurso, um pouco mais acelerado, os guias começam a conversar entre si,

aparentando ser uma relação de pai e filho. Acostumados a levar grupos de brasileiros, o entendimento do que os acompanhantes diziam era quase total. O mais velho dos dois resolve falar com Maya, sem parar a marcha.

"Senhora, o seu marido desapareceu, e acha que ele vai aparecer aqui. É isso, senhora?"

"Resumidamente, sim, é isso. Pode me ajudar com alguma informação?" O estado de constante abertura de Maya a tudo e a todos permitia ao universo mandar mensagens e mensageiros constantemente. Ela sabia que não deveria classificar, qualificar ou principalmente pré-julgar pessoas, locais ou eventos. A qualquer momento a mensagem ou realidade viria a seu favor, simplesmente por estar aberta a ela, aparecendo das mais diversas e improváveis formas. Era questão de estar em um estado de momento presente, prestando atenção e amando o que a rodeava, sendo positiva e permitindo que o Todo se manifestasse. A comunicação dela com o guia transcorria sem problemas de entendimento, devido ao espanhol ser quase uma língua natural para ela, já que a usava diariamente com seus pais espanhóis, enquanto eram vivos.

"Eu percorro estes caminhos há mais de vinte anos, Senhora. Eu já vi de tudo e já me contaram muita coisa. Eu já vi os homens grandes iguais aos que comentaram do filme da mocinha com a mãe. Já falei com eles. Eles são bons, só querem o nosso bem. Me mostraram a constelação da estrela ao lado de onde está o planeta deles, o nome é Cygnus, a do pássaro, o cisne. Eles não podem aparecer para todo mundo. Disseram que um dia irão, mas ainda faltam muitos anos para isso. Temos que querer vê-los e aceitar como amigos e família. Me contaram que somos filhos deles, e que no seu meio, há os que são assim grandes e os que são como nós, pequenos. Eles disseram que fizeram as rochas se parecerem com imagens que conhecemos para que nos perguntássemos se isso era possível, e assim os buscássemos. Disseram que podem aparecer e interagir com os que já estão prontos para isso. Que nossa herança genética se lembra deles e que, de vez em quando, uma criança da Terra cresce demais. É que o corpo se lembra deles e os copia. Aqui apareceram muitos desses gigantes bons, senhora, mas também aparecem outros que não eram do mesmo tipo, os que não são tão bons assim. Teve gente nossa que sumiu, foram levados. Esses que levam, parecem lagartos, são lagartos grandes. Tem também uns pequeninos de pele cinza, corpo magro, com cabeça e olhos grandes, parecem insetos. É como se tivessem feito os lagartos e os insetos ficarem inteligentes. Aqueles que sumiram nunca mais vimos. Agora, quem é essa pessoa que veio procurar? É seu namorado ou marido? Ele sumiu aqui ou a senhora acha que ele vai aparecer por aqui?"

"Eu acho que ele vai aparecer por aqui. Ele sumiu há nove meses em um local dos Estados Unidos, e acredito que ele possa aparecer hoje, José."

"A senhora veio hoje por causa do portal? Hoje é o dia do portal. Os xamãs incas estarão trabalhando por lá. A senhorita vai ver alguns, eles ajudam a abrir as portas e entendem o segredo."

"Qual segredo, José?!"

"Eles dizem que seres superiores do cosmos viveram aqui em Marcawasi e que as pedras são a prova documental que deixaram, mas há outra prova, a que ainda não foi descoberta e que tem sempre gente procurando, quando vem aqui. Cavam, cavam e nada encontram. Isso ainda não está visível, por isso não encontram. Só pode ser vista em certos momentos dos solstícios e equinócios e por pessoas especiais. A senhorita é uma pessoa especial?!"

"Eu não diria especial, talvez eu tenha sido preparada para ver, talvez não, mas vim para procurar, não exatamente o que você quer dizer que os outros procuram, mas eu vim procurar o homem que amo, o pai da minha filha."

José para de andar e olha para Maya, com profundo amor em seus olhos.

"Então vai encontrar senhora, vai encontrar..."

Eles voltam a andar. Mestre Germano e Gabriela acompanhavam de perto, sem perder uma palavra da conversa. Armando estava ocupado em ajudar o filho de José a guiar os burros com a carga.

"O que os outros procuram por aqui?!", pergunta Maya a José.

"Querem os diamantes. A maioria procura na fenda del infiernillo, onde muitos caíram e jamais voltaram. É um lugar amaldiçoado para os que vão com intenção de roubar os diamantes, mas só para eles."

Quando José pronunciou a última palavra, Armando pareceu sair do estado de devoção à carga e aos burros, caminhando mais rapidamente para alcançá-los.

"Vocês falaram diamantes?! Tem diamantes por aqui?!"

José olha para ele e comenta com Maya.

"Se este cair, não volta."

Ela gargalha e dá um tapa nas costas do grande amigo, o qual continuava a perguntar a respeito do infiernillo, sem parar.

53.

“Eu não acredito que a consciência é gerada pelo cérebro. Acredito que o cérebro é mais um receptor de consciência.”
Graham Hancock, pesquisador e escritor.

10H30. PLATÔ DE MARKAWASI.

Após quase uma hora de subida mais íngreme, caminhando por trilhas que serpenteavam em direção ao platô, chamado de “Meseta de Markawasi”, vislumbram uma vista de tirar o fôlego. A presença de rochas com formatos antro e zoomórficos, aliada a uma energia, que por momentos parecia levar à euforia, foi percebida por todos. Gabriela sente tonturas e precisa sentar-se, procurando oxigenar melhor os pulmões, devido aos quatro mil metros de altura.

“É... Eu estou tonta... Já vou me recuperar... Pode ser que, em parte, seja o oxigênio mais rarefeito em relação a São Paulo, mas eu acho que a verdade está no impacto que senti na hora que pisei no platô. É como se tivesse cruzado uma cortina densa que separa onde estávamos e onde agora estamos.”

Armando carregava algumas bombinhas de oxigênio, prontamente estendendo uma a Gabriela. Em poucos minutos ela estava recuperada. Maya também aproveitou do mesmo benefício, buscando aumentar sua energia e evitar a dor de cabeça.

“Pessoal, temos pouco tempo. Tomem água, comam seus sanduíches e vamos sair para buscar o local. Ele terá que falar conosco, nos dando uma dica!”

Maya se referia a receber algum sinal que demonstrasse onde ela teria que estar ao meio-dia, no momento de abertura do portal 12/12/12, às 12h12.

Mestre Germano pega o mapa de posição das rochas da meseta, procurando por uma pista. José se aproxima e demonstra sua ampla experiência.

“Temos que levar todo o material de acampamento para o sítio mais adequado, o anfiteatro, logo a algumas centenas de metros daqui. De lá vão poder avaliar para onde ir.”

Seguindo o conselho do experiente guia, eles caminham até uma área ampla, a qual tinha ao fundo o que parecia ser um paredão de rochas muito altas, em formato de concha, como as do teatro de Sidney. Escolheram o piso certo para armar as tendas, descarregaram as mulas e José, junto com seu filho Antônio de dezoito anos, começou a montar as barracas e preparar um almoço a partir de latarias, carne desidratada e frutas secas. Mestre Germano e Maya consultavam o relógio constantemente e estavam ficando tensos ao ver o visor: onze horas. Sentados no chão e encostados em pedras que pareciam feitas para esse fim, eles analisam o mapa com grande compenetração. Mestre Germano utilizava uma régua e um compasso, fazendo medições e riscando linhas. Maya apenas esperava pelas conclusões de sua análise, a qual aparentava levar em conta muita lógica.

“Maya, a coisa mais importante a levar em consideração em uma análise como esta é que nada do que estaremos vendo hoje é por acaso. Pode ser que certas rochas aqui de Markawasi sejam provenientes de formações acidentais, entretanto, boa parte delas não é. As configurações de seus formatos seguem uma semelhança fora das leis da probabilidade, absolutamente incrível, com

muitas ou poucas observações visuais de um leigo. No caso de algumas delas, basta olhar para saber do que se trata, tão evidente é o formato. Outras requerem que alguém dê a dica, ficando óbvio depois disso. Outras ainda demandam certo conhecimento de estátuas, esculturas, pinturas, esfinges de antigas civilizações, podendo então, por meio da comparação, colidir com a imensa semelhança. Esta é uma parte chocante, pois estaríamos falando que povos antigos, supostamente de épocas diferentes, segundo a versão acadêmica, a qual sabemos que não está correta, tiveram contato ou ainda que pertenciam a uma mesma raça ou origem matriz. Veja esta rocha, a que é chamada de face de Marte. Ela é exatamente igual à face que deixaram que víssemos no planeta Marte, localizada na área chamada de Cydonia. A maioria das imagens de Marte, chamadas de oficiais e divulgadas, têm um trabalho de adulteração feito para não identificarmos formatos reais. Isso é facilmente percebido pelo fato de toda a superfície que mostra relevos ser completamente arredondada. Mesmo com esse enorme esforço, especialistas conseguiram reconstruir, a partir destas fotos e baseando-se em imagens que foram vazadas, as que realmente representavam pirâmides e formatos de rostos, tal qual a face de Marte, a que é idêntica a esta que tenho aqui, nesta foto, a qual veremos ainda hoje. O que eu quero dizer é que teve alguém que passou por lá, fundou uma civilização e talvez tenha sido fundado em paralelo ou sequencialmente a esta na Terra, não somente aqui em Markawasi, no Peru, América do Sul ou Latina em geral, talvez sejam um só povo matriz que se dividiu em áreas de colonização e por isso estamos colidindo com os mesmos monumentos, com as mesmas características. Existem vários locais do mundo onde rochas têm formatos que contam histórias, as de Markawasi parecem mais agrupadas e em maior número."

Maya estava completamente impaciente, demonstrando o nervosismo com a pergunta que cortou o raciocínio de mestre Germano.

"Então, temos um padrão que poderá ser a nossa dica? Algum alinhamento?"

"Exatamente, minha jovem. Devido ao que foi reportado, há um local chamado Cruz do Sul. Este local apresenta um forte e alterado campo magnético. Já foi estudado por muitos cientistas, sem explicação, a não ser a que conhecemos muito bem, a do vórtice. Coincidentemente, no mesmo alinhamento, encontramos el infiernillo e continuando em direção ao leste, seguindo o alinhamento, temos uma rocha com um formato estranhamente triangular, chamada de Santa Maria. Eu creio que encontramos nosso paralelo perfeito e centro do vórtice pelo qual o portal pode ser ativado."

Gabriela e Armando estavam auxiliando na preparação das tendas e completaram as mochilas com água e barras energéticas. Ao verem Maya e mestre Germano olhando o mapa e levantando do chão com senso de urgência, eles percebem que chegaram na hora certa.

"Vamos diretamente para a área da Cruz do Sul ao lado da face de Marte e el infiernillo", comanda Maya, caminhando na direção correta da trilha a ser seguida.

Monument to Humanity – Monumento a la

Landing Site – Sitio de Aterrizaje

Humanidad

The Sphinx / The Frog – La Esfinge / La Rana

The Camel – El Camello

Daniel Ruzo´s Cabin – Cabaña de Daniel Ruzo

The Child – El Niño

Altar of the Frogs – Altear de Sapos

The Buffalo / Mayorales – (Búfalo)

The Llama – La Llama

The Orangutan – El Orangután

The Condor – El Cóndor

The Mouse – Ratón

Sibriano´s Cave – la Cueva de Sibriano

The German Helmet – El Casco Alemán

The Catholic Cross – La Cruz Católica

The Horse Head – Cabeza del Caballo

Pre Incan – Ruínas Pré Incan

The Bull – El Toro

The Turtle – La Tortuga

Bear With Hat – Oso Con

Sombrero

African Lion / Lioness – Léon/ Leona Africano

Seals – Las Focas

Sacrificial Altar – Altar Sacrificatório

Prehistoric Turtle – Tortuga Pre-historica

Seguna Turtle – Seguna Tortuga

Southern Cross – Cruz del Sur a – Inca Face – Cara de Inca

Cat Spirit of Markawasi –

Face of Mars –

Espíritu Felino de Markawasi	Cara de Mars
The Lovers – Los Amantes	The Inferno – El Infierno
The Traveler – El Viajero	The Bear – El Osow
The Seat os Soxtacuri – Asiento de Soxtacuri	The Fallen Horse – Caballo Caido
Aquatic Turtle With Broken Flipper	The Mini Theuris – El Pequeño Theuris

Earth Turtle – Tortuga de Terra	The Puma – El Puma
Amphitheater – Anfiteatro	Santa Maria
Inca Head – Cabeza del Inca	Cachu Cachu Healing Place – Lugar Curativo de Cachu Cachu
Dr. Spock	Huayayo House (Lightning God) – Casa de Huayayo (dios

	Relámpago)
Altar of the Stars – Altar de Las Estrellas	Dorre
The Prophet (Dolmen)	Separeted Lovers – Amantes Separados
Profeta (Dolmen)	Egyptian Goddess – La Diosa Theuris
The Pharaoh – El Faraón	Pampa Grande

The Alchemist – El Alquimista

Snoopy

Don Manuel´s Sore Thumb – Pulgar Dolorido de Don Manuel

Mask of the Fortress – Máscara de la Fortaleza

The Monkey – El Mono

Political King – El Rey Político

Chinese Ideogram – Ideograma Chino

Rock Cave – Cueva de la Roca

4 faces – Cuatro Caras

The Cat – El Gato

Iguana

New Rock – Roca Nueva

The Dog – El Perro

The Fortress – La Fortaleza

Altar of Kankausho

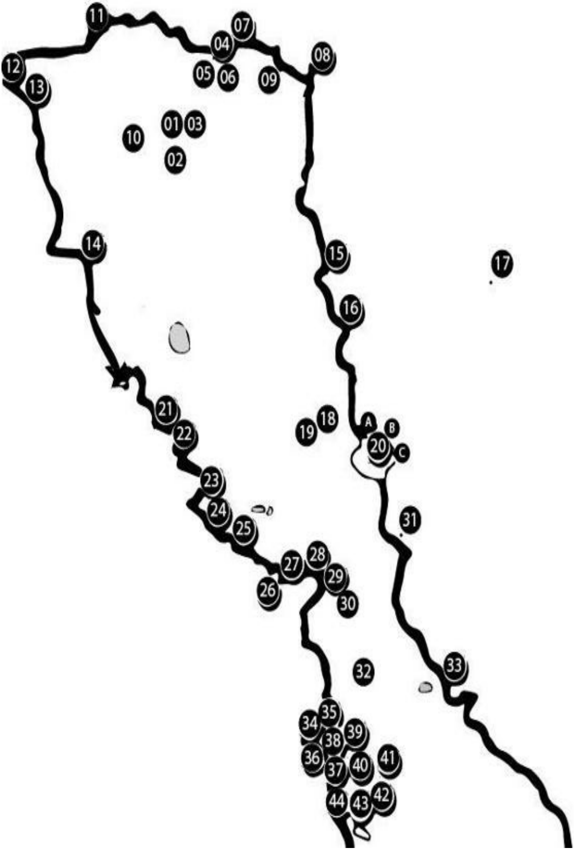
African Queen – Reina Africa.

The Crocodille – El Cocodrilo

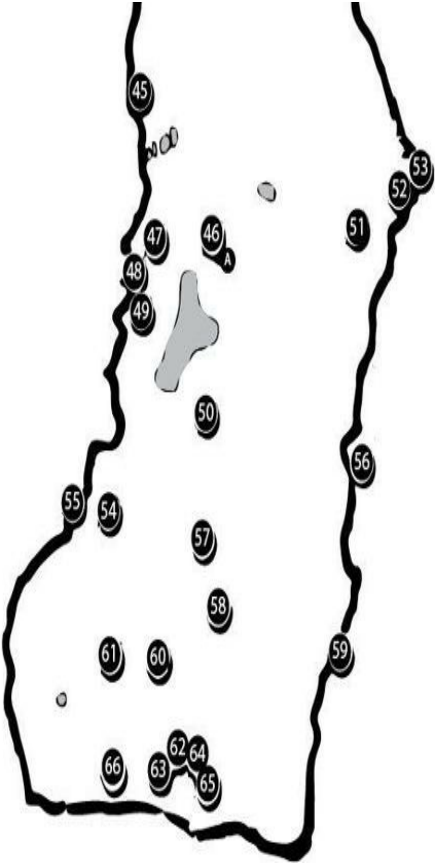
Gost Face – Cara Del Fanstasma

Thumb Rock –

Roca Pulgar



01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
A
B
C
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44



45
53
52
51
47
46
A
48
49
50
56
55
54
57
58
59
61
60
62
64
66
63
65

Fonte: http://www.alanmatthew.com/content/marcahuasi/interactivemap.html

Os quatro disparam rumo ao sul, seguindo o GPS e mapas.

José percebeu que deveria esperar no local do acampamento, pois sabia que algo fora do normal aconteceria e não queria se envolver. Se o tivessem chamado, sendo um guia responsável, teria ido, mas ficou tranquilo ao notar o nível de equipamento que tinham. Não se perderiam facilmente.

Em trinta minutos de uma marcha acelerada, em função do pouco tempo, eles chegam à Cruz do Sul. Uma rocha que no topo apresenta uma cruz demarcada, chamando a atenção de todos, pelo movimento irregular das bússolas. Eles sobem na rocha e se localizam, tendo à frente a Laguna Negra, à direita a "face de Marte" e, na sequência, el infiernillo.

Os quatro configuram instintivamente um círculo ao redor da cruz demarcada sobre a rocha.

"E agora?! Alguém sentiu algo?!", pergunta Armando.

"Eu não consigo ficar de pé... Está tudo rodando..."

Gabriela senta-se na rocha, exatamente no local da cruz.

"Maya, eu vou deitar na cruz, com os braços e pernas abertas. O guia disse que as pessoas fazem isso para receber visões."

"Isso, Gabriela, faça... Vá em frente!", Maya fala rapidamente, com energia positiva e forte.

Durante os cinco minutos que Gabriela ficou imóvel, tendo abaixado o chapéu na altura dos olhos para evitar o sol, o qual estava quase a pico, recebe algumas imagens, mas não consegue ampliar a visão. Durante esse tempo, Maya avaliava o local, tentando ter uma ideia mais clara de onde deveria ir. Quando Gabriela desiste, senta-se para dizer suas impressões.

"Eu vi imagens difíceis de consolidar. Nada estava muito evidente. Eu vi um homem, mas não parecia David. Ao mesmo tempo, ouvia a voz dele. Era um lugar muito estranho, como um edifício de arquitetura antiga, mas não consegui entender mais nada. Eu precisava do chá..."

Ao ouvir isso, Maya retira de um dos bolsos do colete o pacotinho prateado que Ana entregou, antes de viajar. Estava escrito "Ayuda", o que em espanhol é traduzido como "ajuda", entretanto, o significado real para Ana e Maya era "ayahuasca".

"Eu trouxe a ajuda. A Ana sabia que precisaríamos. Abra a boca, vou colocar uma boa quantidade na sua língua e abaixo dela, vamos dar uns trinta segundos para absorção sublingual. Pronto. Agora tome água. Vai começar a funcionar em quinze ou vinte minutos. Isso pode variar. Temos apenas quarenta minutos, tem que funcionar!"

Com plena dedicação, Gabriela ingeriu uma porção do nanoextrato seco de ayahuasca preparado por Ana, em uma das últimas vezes que tinha ido ao laboratório, tendo levado o extrato para sua casa. Ela processou o extrato e o encapsulou em nanolipossomas, no momento da etapa de secagem por congelamento, o que potencializava a sua absorção, principalmente, sublingual. A dose contida no saquinho era o equivalente à necessária para três pessoas tomarem e terem a experiência.

Plenamente acostumada ao sabor horrivelmente amargo e desagradável do chá, desta vez, Gabriela fez um leve gesto de desagrado com a face, bem menor do que ocorria normalmente, demonstrando a diminuição do impacto do sabor adstringente promovido pela nanoencapsulação, dissipando-se ao ser facilmente dissolvido na saliva e principalmente por meio da nova forma de absorção, a sublingual. O sabor do extrato seco e concentrado era um pouco melhor do que o do chá, devido ao processo de secagem por congelamento (freeze dry) utilizar cargas de pós-pertencentes a famílias de açúcares especiais, como as dextrinas e trehalose, as quais amenizam,

em parte, o amargor. Após ingerir bastante água, ela se deita e em não mais do que vinte minutos começa a ter visões. Luzes coloridas cintilantes e imagens psicodélicas invadiam o seu terceiro olho, em formações de espirais, figuras geométricas que configuravam mandalas, até que tudo isto ficou integrado a uma floresta densamente povoada por pássaros, cobras que serpenteavam à sua frente, entrando pela sua cabeça, passarinhos divinamente coloridos voavam ao seu redor, e rochas, muitas rochas, desde pequenas a grandes, que se transformavam em magníficos cristais gigantes, semelhantes aos da caverna de Naica, em Chihuahua, México. Gabriela entrou no estado de êxtase. Protegendo-a de uma insolação, Armando abre uma jaqueta e a segura contra o sol, mantendo os dois braços bem abertos, o que ajudava a proteger o rosto e tronco. Ela pouco percebia o mundo fora do qual havia adentrado. Com dificuldade, enrolando a língua, por momentos e pronunciando palavras incompreensíveis, ela narra parte do que via.

"Eu vejo um mundo diferente... Pássaros... Cachoeiras... Vegetação gigantesca... Árvores muito grandes... 'Quechua'... 'Peca Gasha'... Eles vão nos ajudar... Vão trazer David... Ele está com os... Mas... Com os... 'Masma'... Está bem... Eu o vejo... Está bem... Ele vai poder vir... Pode fazer o que quiser... É filho... 'Peca Gasha'... O está trazendo... El infiernillo... Dentro... Dentro da caverna..."

Em um ímpeto de felicidade, Maya coloca sua mochila nas costas para descer a rocha da Cruz do Sul em direção à fenda do infiernillo. Armando passa o casaco ao mestre Germano, pedindo que proteja Gabriela do sol e fique com ela até voltar ao normal. Eles se falariam pelo rádio, caso Germano ouvisse algo que acreditasse poder ajudar. Mestre Germano se agacha para ouvir o que Gabriela sussurrava, constituindo-se neste momento de menos palavras. Parecia que o efeito da droga teria tempo mais curto ou que ela já havia recebido a informação que seria necessária. Os dois amigos saltam por entre rochas e em segundos estavam no platô, correndo em direção à depressão, acompanhada por uma grande fenda, entre rochas, intitulada de infiernillo. Ao chegarem, deparam-se com duas possibilidades de acesso, uma fenda de tamanho médio tinha a abertura suficiente para um homem descer, entretanto, aparentava uma queda íngreme e tudo o que havia para ajudar a descer era uma espécie de cavalete onde cordas poderiam ser amarradas. Em outra depressão da fenda, havia uma área cavada, parecendo um caminho, no entanto, chegavam novamente a um buraco, cuja profundidade não conseguiam avaliar. Armando projeta a parte da frente de seu corpo na fenda, segurando-se com as botas em duas saliências, auxiliado por Maya, que o escorava, impedindo a queda. Em sua mão direita, tinha uma lanterna bem potente e uma segunda lanterna, cujas lâmpadas agrupadas de LED perfaziam um comprimento de vinte centímetros. Ele a prende, amarrando um gancho da alça inferior a uma cordinha mais fina e comprida, jogando-a no fosso, acreditando na possibilidade de ver onde estava o fundo. A corda tinha mais de quinze metros e mesmo assim não atinge uma área que pudesse garantir chão firme. Ele volta a sentar, ao lado de Maya, analisando a situação.

"Não dá para ver onde está o fundo, pois existem muitas pedras que aparecem no meio do caminho. Pelo que pude perceber, descer é encontrar a morte, já que o caminho é muito estreito e não se pode ver nada. Não sei como poderemos entrar aí."

Em um reflexo conjunto, ambos consultam os relógios e o horário era comprometedor: meio-dia. Maya sai da depressão onde estava a fratura que gerava o fosso e, colocando a mão direita para proteger os olhos, mesmo mantendo os óculos de sol, verifica que ele estava exatamente no centro da abóbada celeste. Armando a alcança, quando ela tirava a mochila das costas, procurando pelo gerador vril.

"Acha que isso poderá... Você sabe... Poderá levantar as coisas por aí?!", diz Armando tirando o boné e coçando a cabeça.

"Se tudo está relacionado, se realmente as civilizações antigas, dos tempos antes dos tempos,

usavam uma mesma tecnologia, eu não tenho dúvida quanto a isso. Eu diria que este gerador vril, tendo funcionado umas vezes, tem que funcionar novamente."

Ela pega o gerador e os diapasões, tirando o fá 639 Hz e o mi 528 Hz, posicionando-se na frente da maior fenda.

"Como era a frase que a Gabriela disse lá em cima... Peca... Alguma coisa... Você se lembra?!"

Armando havia repetido a frase várias vezes, achando-a interessante e sonora, quando Gabriela a pronunciara, portanto, tinha o som na memória.

"...Peca Gasha... Peca Gasha!", diz ele, com ênfase.

Ao ouvir a frase, ela endireita o corpo, respira fundo, bate o garfo do diapasão de 528 Hz, duas vezes até esgotar a vibração, espalhando-a no ar com movimentos circulares, acima da cabeça. O magnífico sônico espalha-se pela desértica paisagem, parecendo ser ampliado, ao colidir entre as rochas. Ela bate novamente o garfo de 528 Hz e, desta vez, segue a mesma ação na frequência de 639 Hz. Após uma repetição de sete vezes cada, mantendo os dois garfos vibrando, exalando o ar do fundo de seu peito, fechando os olhos, pronuncia *"Peca Gasha... Peca Gasha... Peca Gasha"*. Ao terminar a sexta vez, ela segura o gerador vril, posicionando-o na vertical e pronuncia a sétima vez *"Peca Gasha!"*, como se estivesse chamando por alguém. Nada acontece. Armando entra em pânico, andando de um lado para o outro, logo atrás de Maya, cochichando: *"ai, meu Deus! Ai, meu Deus!"*. Alguns segundos depois, uma vibração sonora, típica de um harmônico, é ouvida. O braço de Maya que continuava decidido e esticado à frente, mantendo o gerador na vertical, é tensionado com tamanha força que quando dele saiu o conhecido estalo e raio de luz de suas duas coroas, indo unir-se à frente, ele saltou de sua mão, como se tivesse sido puxado, fazendo uma elipse e entrando na fenda del infiernillo. Maya joga-se ao chão, caindo na depressão, com meio corpo dentro da fenda, segurando-se a uma pedra com saliências e tentando apanhar o gerador, achando que o estava vendo, devido a uma luz que vinha a seu encontro, extremamente forte, praticamente cegando-a. Armando mais que rapidamente se joga na beira da fenda, usando a corda que havia anteriormente prendido a um tronco de árvore, amarrando-a nas pernas de Maya e tensionando, impedindo que ela caísse. Ela estava escorregando para o fosso, continuando a fazer força para alcançar o que julgava ser o gerador, e ele não conseguia conter o arraste do peso dela para dentro do buraco. Em uma tentativa de salvamento, Armando joga-se de costas no chão mantendo uma perna apoiada em um lado de uma pedra e outra perna em outra pedra.

"Largue isso! Você vai cair e não vai adiantar nada! Volte para cá. Eu vou puxar com mais força! O que é isso?!"

A corda que ele tensionava, amarrada à sua cintura e às pernas da amiga, fica surpreendentemente frouxa, mas Maya continuava no local. Ele percebe que ela parecia estar flutuando e, na sequência, ele também começou a flutuar, subindo os quase quatro metros que havia de diferença entre o platô e o início da fenda, dentro da depressão em formato de cunha. De uma forma gentil, ambos são colocados no chão, a aproximadamente cinco metros da entrada da fenda. Um harmônico belíssimo, sustenido, é ouvido, espalhando-se em eco uniforme por todo o platô. As rochas a sua volta adquirem um cintilante aspecto luminoso, parecendo conferir a elas um circuito elétrico feito de silício, o qual, sendo multicolorido, como um arco-íris, podia-se ver dentro das pedras. Foi neste momento mágico que mestre Germano aparece amparando Gabriela cambaleante, um pouco nauseada, a qual pelo auxílio da ayahuasca enxergava o local intensamente multicolorido, bizarro e com diversos seres vivos benignos e amorosos, não pertencentes ao cenário. No meio desta realidade, ela gesticulava, acariciando-os e eles retribuíam. Mestre Germano entende que ela ainda tinha visões ligadas ao portal e a senta

no chão, sob a sombra de uma árvore. Ele fica alguns passos atrás de Maya, totalmente surpreso pelo que estava presenciando. O harmônico continuava a soar lindamente. Nesse momento, um portal em forma de vórtice começa a se formar no chão, na entrada da fenda. Um processo de metamorfose sob o formato padrão em cunha da fenda propicia a sua transformação em uma grande abertura circular, com aproximadamente três metros e meio de diâmetro, acompanhada por uma escadaria de cristal multicolorida, em direção ao fundo. Sem hesitar, Maya desce pelas escadas, acompanhada de Armando. Mestre Germano prefere ficar cuidando de Gabriela. Após descerem cento e quarenta e quatro degraus, atingem um átrio que levava a entrada de uma sala de quatrocentos e quarenta e um metros quadrados, em formato retangular, e pé-direito de doze metros. Eles ficam maravilhados ao ver a beleza do ambiente, o qual, como por magia, tinha janelas que se abriam para um impossível de ser imaginado ambiente externo. Decididamente, sabiam que haviam passado para outro universo. Ao fundo, uma luz em formato oval vinha em sua direção. Conforme se aproximava, assumia, mais e mais, o formato de um homem.

"David!" Maya corre sem pensar pelo amplo corredor. Tocado por uma surpresa ainda maior, David projeta-se na direção dela, completamente extasiado pela situação. Durante muitos minutos, um abraço interminável foi tudo o que ocorreu. O amigo, demonstrando extrema alegria, permitia ao casal que tivessem o seu momento, por tanto tempo, desejado.

David e Maya estavam completamente felizes em terem conseguido se reencontrar. Lágrimas corriam por ambas as faces. Armando o abraça com a mesma felicidade, mas diferente intensidade, quase quebrando os ossos de David, tamanha a força aplicada.

"Quanto tempo passou para vocês?! Eu estou aqui há alguns dias, talvez algumas semanas", diz ele ao amigo Armando, que perguntara se ele tinha noção do tempo em que esteve naquele lugar.

"David, para nós você está aqui há exatamente nove meses. Eu tinha até perdido as esperanças de te encontrar, meu irmão!", diz Armando, externando preocupação quanto ao desconhecimento do amigo.

"Nossa, nossa! Eu entendo que isso seja possível. É muito relatado em experiências como esta. Mas eu não acredito que tenha sido assim. Eu estava acertando para ir embora e eles tinham concordado, dizendo que eu precisaria esperar pelo portal."

"O portal de 12/12/2012, hoje!", diz Maya, mais consolada.

David demonstra um enorme pesar pelo tempo que estivera fora. Nesse instante, devido ao abraço extremamente apertado e longo, ele nota a blusa de Maya toda molhada no peito, incluindo a umidade estendida à blusa dele. Ele trajava uma calça de tecido parecido com brim bege e uma camiseta do mesmo tom, tudo liso e sem enfeites.

"Nossa, o que aconteceu? O que é isso em seu peito?", ele nota que a substância era um pouco grudenta ao esfregar os dedos.

Entendendo a delicadeza do tema, Armando dá alguns passos para trás e decide examinar o ambiente, perguntando-se quanto tempo poderiam ficar lá dentro.

"Eu calculo que teremos que sair muito em breve. Teremos algum aviso, certamente, no momento adequado", conclui sozinho Armando, observando tudo à sua volta.

David convida Maya a sentar-se em um banco de cristal, sem respaldo, próximo a uma janela com vista para um jardim extremamente encantador. Segurando as mãos dela, ele começa a deduzir o que era aquele líquido no peito, dando-se conta do aumento do volume.

Serenamente, ela pega a mochila, tirando de dentro um celular, e mostra as fotos de um bebê.

"Essa é Suri, o nosso bebê. Ela só tem um mês. Tem os olhos e cabelos iguaizinhos aos teus. É por isso que os meus peitos estão assim, cheios de leite. Ela está com a Ana, nestes dias que estivemos à tua procura. Tenho que voltar para cuidar dela, para dar de mamar. Agora nós dois

podemos voltar para ela."

Colidindo com a surpreendente realidade e sentindo haver falhado com Maya, o rosto dele se transforma em um misto de susto, surpresa, felicidade e, ao mesmo tempo, dor, por haver perdido a chance de ter visto uma filha desenvolver-se no útero da mãe e nascer. Os olhos se enchem de lágrimas. Novamente ele a abraça, deixando as lágrimas rolarem, pedindo, insistentemente, que o perdoasse.

"Ai, ai... Tudo bem... Não aperta tanto... Tá cheio de leite e isso dói... Preciso tirar...", entre lágrimas, eles riem da frase e situação dela.

Armando olha à sua volta e começa a perceber perturbações nos cristais. Voltando-se para o casal, caminha em direção a eles e fala alto, buscando despertá-los do estado emocional que os dominava.

"É hora de ir. Vamos, todos juntos. Temos que ir, o portal vai se fechar!"

Neste momento, mais do que nunca, David queria sair do universo onde estivera. Eles se apressam para subir as escadas e, sendo ele o último, olha para trás e encontra as figuras que estiveram o tempo todo a seu lado, seu pai e sua irmã, fisicamente parecidos com David. Maya estava dois passos à frente dele, conseguindo ver as pessoas. Eles acenam, ela retribui, e com um grande sorriso em suas faces, desaparecem. Ao continuar subindo as escadas, o mundo atrás deles começa a sumir, como se estivesse saindo de foco, até que finalmente some por completo, quando chegam à superfície. Ao afastarem-se do vórtice, ele se desfaz e a fenda volta a ser como sempre. Ao lado, encontram Gabriela deitada em uma sombra, dormindo de exaustão, devido aos efeitos da ayahuasca e mestre Germano sentado ao seu lado. Imediatamente, Armando e Maya vão até ela, fazendo-a recobrar os sentidos e beber bastante água. Ela estava normal, apenas nauseada, o que era um típico efeito colateral desta substância. Mestre Germano abraça David com grande emoção. Para ele, era como se fosse o seu próprio filho voltando de uma longa viagem.

Armando se levanta, recoloca o chapéu e pega a sua mochila do chão, andando na direção onde estavam David e Maya.

"Gente, eu não sei de vocês, mas eu estou morrendo de fome! Será que os guias cozinharam algo legal no acampamento?!", exclama Armando com a sinceridade de uma criança e demonstrando a melhor forma que tinha de se livrar das tensões que haviam passado. Quando ele vai ajeitar a mochila nas costas, olha para baixo e vê um brilho fora do normal. Exatamente ao lado da fenda, uma pequena abertura havia se formado, uma que não estava lá antes, ele tinha certeza. Aproximando-se e chamando a atenção dos outros, verificam do que se trata.

"Será que são daqueles cristais que vimos na sala, lá embaixo?!", diz ele, pegando um sem medo e analisando.

Mestre Germano pega outro em suas mãos e olha contra a luz do sol.

"Eu diria que alguém quis nos dar um presente, meu caro Armando. Eu desconfio que sejam diamantes perfeitos! E são muitos. Diria que querem que levemos todos. Aí dentro deve haver uns vinte com muitos quilates cada."

"Sendo assim, aqui está um saquinho para acomodá-los. Vamos levar! Sem problemas!", diz Armando, demonstrando muito entusiasmo ao analisar os diamantes em sua mão.

Armando e mestre Germano pegam os vinte e um diamantes azuis, puros e perfeitamente burilados, com aproximadamente sete quilates cada. Em uma pequena bolsa, a fortuna estava guardada.

Ao retirarem o último, a rocha negra em formato de concha que continha os diamantes desaparece.

Abraçados, David e Maya sorriem, sabendo que muito provavelmente seria um presente para

o bebê e para todos, pela coragem de terem ido buscá-lo. Sem a ajuda daqueles seres, o portal não teria sido aberto, pois é sempre necessária a ativação nos dois sítios, simultaneamente, permitindo que o “vesica pisces”, a colisão entre dois universos, se manifeste.

54.

"Acho que todos nós somos alma. Eu acho que a alma é a consciência, é a essência de tudo e acho que ela se manifesta em todas as formas." Graham Hancock, pesquisador e escritor.

17H.

No acampamento do anfiteatro. Após alimentarem-se e banharem-se nas águas da lagoa, sentiam-se bem melhor. O sol estava mais ameno e um vento bastante fresco tornava o ambiente agradável. Sentados em um círculo, tendo os guias logo atrás deles, conversavam sobre o mágico local e tudo que aconteceu.

Armando fazia piadas com as imagens das rochas que podiam ser vistas no local do anfiteatro. Utilizando um binóculo, eles olhavam os detalhes da rocha intitulada "Cabeça de Inca" e pediram para José se posicionar na frente dela, estando ele distante a muitas dezenas de metros, aproveitando a perspectiva da foto, com um enquadramento perfeito, o perfil do rosto de José era posicionado ao lado direito inferior da foto e a Cabeça de Inca, no canto superior esquerdo. Surpreendentemente, a imagem revelava uma coincidência literalmente impossível para a casualidade. O perfil de rosto inca da rocha era exatamente igual aos traços de linhagem cem por cento inca de José. Na sequência, animado com as brincadeiras, Armando fotografava a rocha que estava mais próxima, a que revelava com seu nome um rosto diferente, mas conhecido pelos seriados de televisão e cinema, o Dr. Spock, literalmente um rosto extraterrestre. Após tirar muitas fotos, ele resolve sentar-se com todos e conversar até a hora de dormir. Pretendiam partir de volta para Lima logo ao nascer do sol. Quando o grupo de amigos se acomoda no círculo, um silêncio toma conta do ambiente. O momento das revelações havia chegado e era inevitável.

"David, quem eram eles e quem é você?!" Maya faz uma pergunta direta e objetiva, consequência do tempo em que este enigma a acompanhava, capturando a atenção até mesmo dos guias.

Para esclarecer o que havia acontecido, dentro do limite que poderia revelar, para o momento, David resolve sentar-se ereto, cruzando as pernas, em posição de ioga, tirando as botas e ficando mais relaxado. Ao perceber que teriam algo de impacto para ouvir, na mesma valência, o resto do grupo procura posições relaxadas e mais próximas ao casal. David respira fundo, olhando para o céu, e inicia as revelações.

"Maya, mestre, Armando e Gabriela, alguns me conhecem há mais tempo, outros há pouco, mas a verdade é que eu também não sabia o que eu vou revelar e que pode ser difícil para alguns, embora eu creia, pelo que os conheço e pude comprovar, até o momento, que entenderão muito bem e seguirão em frente da melhor forma possível. Pois bem, a parte que sabem é que eu sou David Bacon, originalmente Daniel Bacon, um filho de um inglês chamado William Bacon, o qual veio para o Brasil quando tinha por volta de trinte e três anos e se apaixonou pela minha mãe, uma linda brasileira de vinte e poucos anos com família de origem portuguesa, italiana e alemã, como boa parte dos brasileiros do Sul do País. Eles se casaram em Curitiba, tendo nascido primeiro meu

irmão Solomon e, três anos depois, eu. Meus pais morreram há muitos anos, fruto de uma doença não diagnosticada. Uma doença que atingiu a ambos. Eu estudei finanças para poder cuidar dos negócios do meu pai, com Solomon, ampliei ainda mais o que ele nos deixou. Logo na adolescência, meu pai nos levou para viajar pelo mundo. Ele acreditava que deveríamos conhecer profundamente outras culturas, religiões, povos e suas tradições, fortemente aliado ao conhecimento e entendimento da história. Ele, como nós, acreditava que a história que nos contavam quanto à origem das civilizações não poderia ser baseada nos últimos cinco mil anos. Tínhamos certamente algum gap, usando o termo que ele gostava de aplicar. Era tão grande o seu credo quanto a isso que ele gostava de nos mostrar partes de textos antigos, principalmente dos vedas, em que se mencionava nitidamente antigas civilizações altamente desenvolvidas. Essa necessidade de meu pai nos dar este conhecimento sempre foi entendida por nós, seus filhos, como curiosidade e espírito aventureiro aberto a novas realidades. Entretanto, quando eu já tinha dezoito anos, minha mãe e meu pai resolveram me chamar para contar uma coisa, a qual acreditavam que eu estava preparado para ouvir, já que haviam trabalhado nesta preparação a minha vida toda..."

Armando não tentava disfarçar a boca aberta e a expressão de tensão pelo suspense que estava em andamento. Maya, Gabriela e mestre Germano estavam plenamente compenetrados, sequer se moviam, muito menos percebiam onde o corpo deles estava.

"Minha mãe me disse que, quando meu irmão já tinha dois anos, ela teve uma experiência de arrebatamento, termo que ela preferia ao de abdução. Ela foi levada por seres extremamente parecidos conosco e, segundo ela, não poderíamos saber a diferença sem grande poder de observação. Sua intenção era prepará-la para um trabalho em grande escala que estariam fazendo na Terra, eles, seres de um planeta pertencente à constelação do Cisne, ou Cygnus. De acordo com eles, como já havia sido feito há muitos milênios, estariam novamente interferindo no nosso desenvolvimento, ou melhor, no desenvolvimento do nosso corpo físico, para que este se tornasse mais parecido com o deles, quanto às faculdades mentais e frequenciais, além de algo relacionado à melhoria das habilidades psíquicas. Isso era necessário para que a quarta geração de humanos, ou quarta raça matriz, atingisse a convergência harmônica necessária para se transformar na quinta raça e, assim, a Terra e parte de seus habitantes poderão passar para a quinta dimensão de espaço e tempo, vivendo a nova era do ouro, tão mencionada pelos espiritualistas de maneira mais poética, como um eufemismo."

Eles começavam a intuir o que viria de agora em diante. Até mesmo os guias estavam imóveis e nenhum pássaro cantava. A quietude era tamanha que apenas as nuvens e o sol atreveram-se a mover-se, afundando no horizonte, oferecendo ao céu os tons dos raios vermelhos e dourados representados em monastérios budistas e cristãos.

"Assim, minha mãe aceitou participar do processo, juntamente com o meu pai. Eles, os de Cygnus, de um planeta orbital da estrela Deneb, quiseram que tudo corresse conforme o livre-arbítrio de meus pais e, desta forma, um ano mais tarde, quando decidiram que ela engravidaria, eles os levaram, retirando o óvulo de minha mãe e o material genético de meu pai, gerando um adequado embrião, com inserção de um novo código vindo de um deles, a partir deste novo evento genético, o embrião gerado foi inserido em minha mãe. Esse sou eu e fiquei sabendo nessa época..."

Tentando ganhar tempo para "digerir" a história de David, Maya se estica, estirando as pernas para frente, em seguida sentando em posição de ioga, novamente.

"Mas aquele homem e aquela moça, quem eram?!"

Ela explica aos amigos o que eles não viram, pois Armando, ao subir a escada na frente dela, não teve a chance de ter contato visual com as pessoas a quem Maya e David deram adeus, dentro da caverna.

"Ele é o meu pai da quinta dimensão. A ele pertence o material genético que me foi dado. Ela é minha irmã, por parte dele, apenas."

"Quer dizer que você tem mesmo dois pais e uma mãe?! Nossa, deve ser difícil de provar a paternidade em um teste, vai dar inconclusivo!", mesmo que Armando tenha dito algo muito engraçado, dada a profundidade do tema, ninguém ri.

"É, na verdade, a diferença entre eu e alguns milhares de humanos no nosso planeta é que eu sei e a maioria que foi assim alterada não sabe. Boa parte das abduções, algumas consideradas psicologicamente traumáticas, é feita para este fim, gerar uma aceleração no nosso desenvolvimento ou gerar novas entidades para outros planetas, seja neste mesmo universo paralelo, em outros ou, ainda, em outro espaço dimensional, com variantes de universos paralelos."

David nota os olhos ligeiramente assustados de alguns.

"É, eu sei que é um assunto complexo", diz ele.

"Não creio que seja a complexidade do que você disse que gera as faces de espanto, David", diz mestre Germano em tom solene, *"e sim o que tem a ver com a parte que ainda não nos disse, o motivo de terem te levado por esse tempo todo e o que querem que faça. É essa a parte que gera apreensão, pois todos sabemos que, de uma forma ou outra, estamos ligados ao teu destino".* Como sempre, mestre Germano utilizava de sua extrema sensatez e capacidade de análise, tendo a concordância de todos.

David inspira e expira com grande intensidade, preparando a energia do corpo para a continuidade.

"Pois bem, da mesma forma que o que poderemos chamar de extraterrestres positivos estão nos ajudando na Terra a aumentar nossa capacidade de ancorar frequências mais altas, outros, digamos, mais negativos e originários de universos paralelos à nossa dimensão estão aqui há muito tempo, fazendo o contrário. Eles não querem que aumentemos o nosso poder de conexão, com a finalidade de sermos cada vez mais úteis para os seus propósitos. Eles se utilizam da energia do medo, é a velha luta entre as legiões do bem e do mal, descrita em tantas escrituras antigas", explica David com enorme seriedade.

Notando o silêncio de todos, mestre Germano era o único que tinha a mente clara para fazer perguntas.

"Podemos saber o que foi que eles te disseram quanto a um propósito para nós?! Temos que fazer algo em especial?!"

"Sim, mas, segundo eles, saberemos da mesma forma como soubemos nestes últimos acontecimentos. Nós temos que ajudar a humanidade adormecida. Existem muitos de nós que já despertaram e que desenvolveram atividades psíquicas relacionadas à telecinesia, telepatia, teletransporte e assim por diante, mas não é com isso que devemos nos importar, e sim a capacidade de nos conectarmos com a nossa mente superior, a mente superior de cada um, sendo aquela que tudo vê e que é a nossa porção real, a que habita a sexta dimensão e é bem mais perceptível na quinta, do que na quarta, onde estamos. É essa nossa real porção, a nossa mente superior que condensa todas as realidades vividas pelas nossas 'diversas vidas', realidades multifacetadas por variedades de experiências"

"OK, entendido, mas ajudar como?!", pergunta Maya, novamente sendo direta e impaciente.

"Da mesma forma como já ajudamos a conectar uma porção da grade planetária, existem outros trabalhos que vamos ter que fazer, em outros lugares, com outras interações e enfrentando muitos problemas, como os Muller e outros similares a eles, os que servem a outros seres e interesses diferentes dos nossos."

Armando se anima com a explicação e interage de uma maneira que só poderia vir dele.
"Ahh, entendi, agora eu tenho um patrão extraterrestre, com pagamento e tudo! É por isso que nos dão tantas coisas valiosas, para que não percamos tempo trabalhando para subsistir e tenhamos a fonte que nos dá isso, automaticamente. Assim, poderemos fazer o que é necessário, seja o que for, quando for."
"Sim, Armando. É por isso que nos deram pequenas fortunas e continuarão a prover, sempre que necessitemos. Esse é um ponto com o qual não devemos mais nos preocupar", completa David.
Maya pega a mão direita de David.
"Solomon tem noção de tudo isso que nos informou?!"
"Sim, ele sabe tudo o que minha mãe e pai disseram. Falta agora o complemento e ele será muito importante para nos ajudar, como sempre ajudou."
"Ele também foi feito da mesma forma que você?! Digo, o corpo dele tem o mesmo material genético? Vocês perceberam alguma diferença?", pergunta mestre Germano, parecendo estar avaliando cada ponto com muita intensidade.
"Ele tem somente o material genético de meus pais terrenos. Ele não foi hibridizado mais do que a maioria da humanidade já é, se é essa a questão, e francamente, nunca consegui perceber a diferença. A única coisa que posso dizer, quanto a ser diferente, é que eu me meto nas enrascadas e ele me ajuda a sair, da mesma forma que vocês", responde David.
"Nossa, minha Suri tem um avô extraterrestre. Deve ser por isso que é tão bonita!", brinca Maya, novamente buscando a descontração do tema.
"Na verdade, princesa, ela tem dois avôs extraterrestres, pois no seu caso, a diferença está no fato de não saber o que aconteceu com a sua mãe e ela não ter tido a menor noção a respeito. Eles me falaram que você foi geneticamente preparada para que tivéssemos a conexão que temos e pudéssemos trabalhar juntos no mesmo propósito. É muito simples, basta se perguntar por que é a única que conseguiu ativar e manter a energia do gerador vril, pense nisso."
Devido à surpresa, Maya fica séria e sem palavras, procurando digerir a informação. Em seguida, lembra-se de um ponto muito importante.
"Por falar nisso... O gerador vril... Ele foi sugado pela fenda... Eu o perdi! O que aconteceu?!"
"Isso fará parte de nossas futuras missões. Ele aparecerá quando for necessário e será ativado novamente."
Gabriela sai da constante timidez e pergunta algo que a perseguia em sonhos.
"E quanto aos... Muller?! Eles saíram da cadeia... Estão livres..."
David percebe que não tinha respostas para tudo.
"Não sei, mas neste caso, algo me diz que ainda virão atrás daquilo que lhes parece pertencer. Um poder que acham que temos em nossas mãos e que pode ser tirado, mas vamos viver uma coisa de cada vez, dar tempo ao tempo. Se temos uma missão, iremos cumpri-la e nada irá impedir que cheguemos até onde fomos destinados, é a nossa responsabilidade. Teremos que procurar por outros que estejam na mesma situação e intenção. Estes outros existem e vamos encontrá-los. Juntos seremos mais fortes."
José e o filho Antônio coçavam a cabeça pela complexa informação passada e por terem perdido algumas frases em português.
Mestre Germano, Gabriela e Armando se dão as mãos em um ato de comprometimento.
"Essa mão é a da Ana, que não está aqui, mas tenho certeza de que nos daria o aperto mais forte possível!", diz Armando, usando as duas mãos no aperto de mãos.
Sentindo-se um pouco confusos pela nova realidade à qual estariam indeterminadamente

submetidos, Maya e David se levantam, andando em direção ao local das rochas chamado de "altar das estrelas", constituído de uma área circular, livre, rodeada por muitas rochas que lembram estrelas caídas do céu. Eles entram no meio do altar, tendo as primeiras estrelas do firmamento visíveis, no início do anoitecer. Um grupo de coiotes uiva uma linda canção, nada ameaçadora, e sim de boas-vindas àqueles que lá estavam destinando suas vidas a aumentar a compreensão e harmonia entre os seres humanos. Eles sabiam que a única forma de acabar com as desigualdades geradas pelo domínio do mal era a elevação do potencial de 'retornarmos à casa do Pai', reconectando de uma forma que já foi a nossa realidade, ficando no esquecimento imposto em uma amnésia de grupo, a qual estava começando a ceder e permitir que simplesmente nos lembremos de quem somos, por que e para que aqui estamos.

Maya e David estavam lado a lado, de mãos dadas, apreciando a energia do local. Ela se vira para ele, após alguns instantes de quietude.

"Sabe do que eu lembrei? Enfim poderemos abrir e ler a caixa de Francis Bacon. Acho que ele também deve ter sido preparado, como nós, para uma grande missão. O que será que ele colocou lá dentro? Deve ter algumas pistas de coisas que somente agora vamos entender, provavelmente não abrimos antes por isso mesmo."

"Eu desconfio que ele era um ser que veio para gerar a transformação e a fez, com muito sucesso, aparecendo com seu próprio nome ou escondido atrás dos nomes de outros, que nunca existiram. Assim que chegarmos, teremos esse trabalho para realizar e o Germano vai gostar muito de participar."

"Afinal, qual é o nome verdadeiro dele?! Mestre Germano não é... Vai, conta!"

"Eu sabia que um dia você faria essa pergunta! Mas considerando agora o tempo que tiveram de convívio, sem mim, pensei que você já o tivesse questionado sobre o nome dele e os apelidos do pessoal da Thule, diretamente."

"Sabe que nunca me ocorreu? Portanto, agora conta, vai!"

"OK, eu vou contar... É Francis, ou Francis Augustus Germano, daí mestre Germano. No caso dele, é um nome verdadeiro e que não precisou ser modificado, adequando-se aos propósitos da Sociedade Thule."

"Interessante, achei que seria algo assim. O nome dele só poderia ter a ver com a história toda... Típico, não acha?!", Maya pergunta, recebendo de David um sorriso como resposta.

Sentindo um momento de pleno encantamento, admiravam a paisagem iluminada pelo brilho especialmente intenso que os corpos celestes tinham nesse local. Eles olham para o céu, presenciando estrelas cadentes caindo em sua homenagem, em honra a seu comprometimento e senso de responsabilidade por todos os pertencentes à enorme comunidade universal. Segurando à frente as fotos da filha contidas no celular, o olhar deles ia dos céus à terra em profunda devoção.

EDITOR RESPONSÁVEL
Thiago da Cruz Schoba

COORDENADORA EDITORIAL
Flávia Stringa

CAPA
César França de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO
Francis Manolio

REVISÃO
Mariana Bordignon

Table of Contents